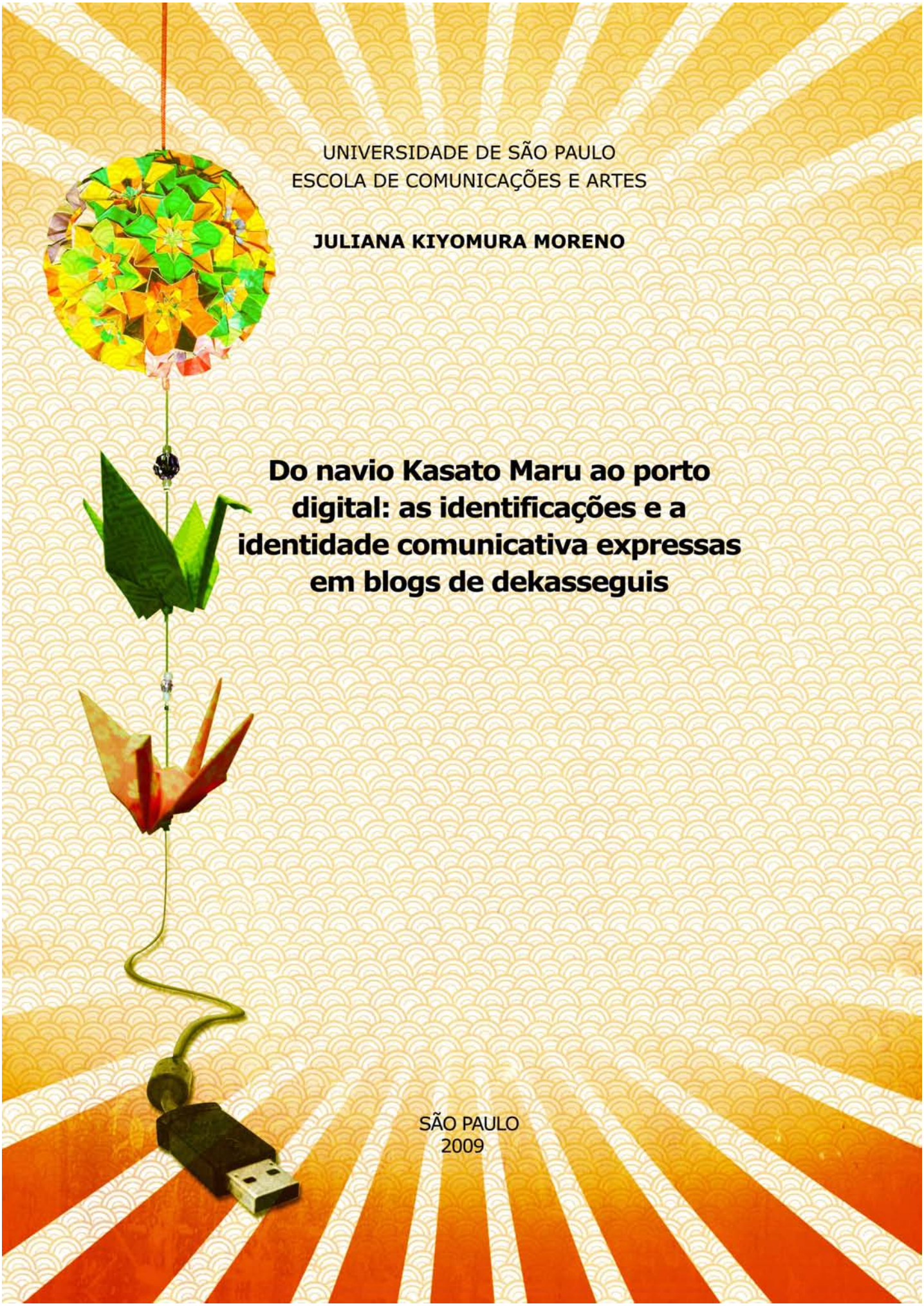


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

JULIANA KIYOMURA MORENO

Do navio Kasato Maru ao porto digital: as identificações e a identidade comunicativa expressas em blogs de dekasseguis

SÃO PAULO
2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Escola de Comunicações e Artes

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação

DO NAVIO KASATO MARU AO PORTO DIGITAL: AS IDENTIFICAÇÕES E A IDENTIDADE COMUNICATIVA EXPRESSAS EM BLOGS DE DEKASSEGUIS

Juliana Kiyomura Moreno

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Área de Concentração Interfaces Sociais da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr. Massimo Di Felice.

São Paulo, 2009

JULIANA KIYOMURA MORENO

DO NAVIO KASATO MARU AO PORTO DIGITAL

AS IDENTIFICAÇÕES E A IDENTIDADE COMUNICATIVA EXPRESSAS EM BLOGS DE DEKASSEGUIS

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Dedico este mestrado a minha mãe (Leila Yaeko Kiyomura Moreno) que, mesmo em dias de tempestade, sempre me encorajou a seguir em frente.

Agradecimentos

Se hoje, após dois anos e meio, é possível ver esta dissertação concluída, tal fato deve-se não só a mim, mas, principalmente, à colaboração de muitos. Muitos ouvidos, mentes e corações pacientes que estiveram ao meu lado. Cada um contribuindo com o melhor de si. Uma doação sem tamanho, um verdadeiro co-laborar.

Agradeço aos meus pais, Leila e Ismael, por terem aguçado minha eterna curiosidade, ao meu irmão, Eduardo, por ser meu melhor amigo sempre e por todas as boas lembranças provirem de nossas risadas conjuntas (e por ter perdido algumas/muitas horas de sono diagramando meu trabalho e, principalmente, me aconselhando para eu não enlouquecer, hehehe) e a minha cunhada-irmã Priscila por estar ao nosso lado, mostrando uma imensa coragem e alegria em todos os momentos.

Sou grata por ter uma linda *obatian* (avó), Yoshiko Sakugawa Kiyomura, que é a pessoa mais sábia e que todas as pessoas merecedoras deveriam conhecer. Agradeço aos meus tios Lilian e Paulo, Márcia e Rubens, Mieko e Kioko por serem minhas mães e meus pais também. Aos meus primos-irmãos Lin e Vini, Maurício e Ligia, Dedé e Luciana por sermos unidos e nos gostarmos tanto.

Agradeço a Kiko Masuda e sua linda família por ter me acompanhado durante esta trajetória, oferecendo sempre uma conversa profunda, complexa, inteligente, sincera, mas sempre de maneira divertida, e repartindo experiências acadêmicas também.

Aos meus amigos Aaron Litvin e Ana Paula Hirano e seus pais Sedi e Toshime Hirano, pelo exemplo dado de que um grande acadêmico é construído pelo eterno respeito ao Outro.

A Tati Sakurai, amiga de pesquisa, chocolate, cortes de cabelo malucos e irmã de coração. A Ruth Yamada Trigo por me ouvir e, muitas vezes, desanuviar meu olhar. A Bruno Giovanetti, que sempre teve paciência e carinho por mim. A Atílio Avancini, autor do livro que, indiretamente, fez suas fotos, artigos e análises sobre a relação da tradição e modernidade da cultura japonesa servirem de guia em muitas partes deste trabalho. A Lara Barbosa, que começou como “a amiga da Tati e do Kiko” e hoje nós duas temos grande respeito e admiração mútua.

A Roberto Maki, grande amigo que me acompanha há anos e seus ombros sempre estiveram a disposição em muitas madrugadas de 2007, fortalecendo nossa amizade.

A Grace Nakata, uma pessoa maravilhosa que torna a Fundação Japão um lugar mais rico e precioso e que se mostra, a cada dia, uma companheira que interpreta minhas palavras e meu silêncio.

A Erick Murakami, um menino-maluquinho admirável que me faz rir e pegar o lado bom da vida, mesmo em momentos difíceis. A Leo Costela, programador que, mesmo morando na Alemanha, pacientemente me explicou o funcionamento dos sistemas de Search Engine e provou que dá pra aprender (e direito) à distância, rs. Aos meus amigos queridos Francisco Ângelo, Pedro Biava, Fabio de Castro, Dani Senador, Thiago Mio Salla e Charles Nisz grandes jornalistas e excelentes pessoas. A Victor Kebbe, amigo e pesquisador da UFSCAR. A Mari Tavernari, amiga de pesquisa e de assaltos à geladeira.

A Cacau Freire e Hernani Dimantas, por me iniciarem no estudo de grandes autores, mostrarem o lado prazeroso da pesquisa e a beleza que existe nas redes sociais e no pulsar das multidões conectadas. A Brasilina Passareli, Drica Guzzi e toda a equipe da Escola do Futuro e Lidec, pessoas antenadas e prontas para compartilhar.

Aos pesquisadores e amigos do Centro de Pesquisa ATOPOS (ECA/USP) por todos os papo-cabeça que tivemos e ainda teremos mais.

A Christine Greiner, pela grandiosa pesquisa que há anos volta-se ao Japão e por ter me oferecido a oportunidade de participar de suas palestras e grupo de pesquisa na PUC-SP. Além de enxergar quão linda Christine Greiner é como pesquisadora, mulher, mãe, ser humano e assemelhar-se a outra grande e única pessoa, minha mãe.

Aos blogueiros-dekasseguis pelos ricos relatos e pelas conversas que continuamos após o término da dissertação.

Ao meu orientador, Massimo Di Felice, por ser um professor aberto ao diálogo e a quem devo não só a oportunidade de aprender mais, mas de me tornar uma pessoa melhor.

A USP, minha segunda casa desde 2001.

Aos meus avós (Pedro) Seitoku Kiyomura, Iraci e Emilio Moreno que me protegem todos os dias. Ao meu tio Lucio Kiyomura que me encontrou no Japão duas vezes, protegeu o meu retorno em 2005 e me deu a honra de, em 2008, acompanhá-lo em sua volta para casa, antes de estar junto aos demais que já partiram.

E Àquele que nos concedeu a vida, a D´us, a quem respeito e estou aprendendo, mesmo não sendo pertencente à cultura e comunidade judaica, falar menos o seu nome em vão.

Muito obrigada a todos, por tudo e por sempre!

RESUMO

Esta pesquisa se insere nas linhas de investigação do Centro de Pesquisa ATOPOS, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) sobre os aspectos teóricos das mídias digitais. Propõe compreender, estudar, analisar e verificar como a sociabilidade expressa nos blogs está contribuindo para ressignificação e identificação dos valores culturais entre os dekasseguis por meio da construção de uma identidade comunicativa na web. A metodologia baseia-se em uma análise de fundo qualitativo da composição da postagem de oito blogs em três períodos determinados, levando em conta critérios trazidos pela determinação da tipologia de blogs e existência de comunidades e espaços conversacionais na rede digital e por fragmentos de análise usados pela análise do discurso. Entre os resultados podemos afirmar que o termo "comunidade dekassegui" não é apropriado se for levado em conta a sociologia clássica, porém este termo pode ser aplicado no âmbito digital. Também o termo *mediascape,* de Arjun Appadurai (1996), e *situação social tecnológica* (MEYROWITZ, 1985) se mostram presentes e relidos ao serem aplicados a este grupo.

Palavras-chave: Blog, comunicação digital, sociabilidade, imigração japonesa, identidade comunicativa.

ABSTRACT

This research fits into the lines of investigation of the ATOPOS Research Center, of Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo [School of Communication and Arts of the University of São Paulo] (ECA/USP) on the theoretical aspects of digital media. It is intended to understanding, studying, analyzing and verifying how the sociability expressed in the blogs contributes to the redefinition and identification of the cultural values among the *dekasseguis* through the construction of a communicative identity in the Web. The methodology is based on the qualitative analysis of the composition of posts of eight blogs, in three determined periods, considering criteria brought by speech analysis and determination of the typology of blogs and the existence of communities and conversational spaces in the digital web. Among the results, one can state that the term "*dekassegui* community" is not appropriate, considering the classic sociology, but such term can be applied in the digital sphere. Also, the terms *mediascape*, of Arjun Appadurai (1996), and *social technologic situation* (Meyrowitz, 1985) are present and redefined when applied to this group.

Keywords: Blog, digital communication, sociability, japanese immigration, communicative identity.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - *Home* e identidade do blog *O Japão e eu* 147

Imagem 02 - *Post* sobre a preocupação com o "ibope" do blog 149

Imagem 03 - Símbolo usado como marca oficial para as Comemorações do Centenário da Imigração Japonesa 152

Imagem 04 - *Home* e Identidade do blog *Janela Dekassegui* 157

Imagem 05 - *Post* sobre a manifestação dos dekasseguis protestando contra o desemprego causado pela crise econômica, iniciada no segundo semestre de 2008 165

Imagem 06 - *Home* e identidade do blog *Bahka Girl* 168

Imagem 07 - *Home* e identidade do blog *A Viagem de ShigueS* 180

Imagem 08 - *Post* sobre a passeata em Tóquio 184

Imagem 09 - *Home* e identidade do blog *Kuratin Japan Remix* 189

Imagem 10 - *Home* e identidade do blog *Dekasegui* 195

Imagem 11 - *Post* sobre a linguagem "*dekaseguês*" e "*batyanês*" 197

Imagem 12 - *Home* e identidade do blog *Fragmentos* 202

Imagem 13 - *Home* e identidade do blog *Mundo Geek* 209

Imagem 14 - *Home* e identidade do blog *Inside Tokyo* 212

Imagem 15 - Postagem sobre as mudanças estabelecidas pela Revisão da Lei de Imigração 215

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Estrangeiros no Japão divididos por macro-região de procedência em 2006 58

Gráfico 02 - Imigrantes provindos da América do Sul, e registrados no Japão, até 2006 59

Gráfico 03 - Ranking das principais províncias com maior contingente de brasileiros no Japão (1994 a 2006) 61

Gráfico 04- Status de Permanência no Japão (1994 a 2006) 61

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Registro de estrangeiros no Japão (1997 a 2006) 52

Tabela 02 - Procedência dos estrangeiros alocados no Japão (1994 a 2006) 55

Tabela 03 - Distribuição de brasileiros por províncias japonesas (1994 a 2006) 60

Tabela 04 – Quadro mídia brasileira no Japão 127

Tabela 05 – Periódicos brasileiros estabelecidos no Japão 130

Tabela 06 - O que pretendem os brasileiros residentes no Japão 162

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14
PROBLEMA E JUSTIFICATIVA 16
OBJETIVOS: GERAIS E ESPECÍFICOS 17
METODOLOGIA 18
APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS 20

CAPÍTULO 1
O PERCURSO DAS MIGRAÇÕES: DA GEOGRAFIA PARA A COMUNICAÇÃO .. 24

1.1 As teorias da Sociologia das Imigrações: do Clássico ao Contemporâneo 24
1.2 A Globalização e sua nova forma de pensar o fluxo migratório 27
1.3 Comunidade: do modelo sociológico ao comunicativo 29
1.4 A história da imigração japonesa no Brasil 32
1.4.1 O histórico brasileiro 32
1.4.2 Os primeiros japoneses e as fases da imigração 35
1.4.3 Comunicação e sua importância na primeira fase 41
1.4.4 O Japão Novo e seus emigrantes 47
1.5 Os dekasseguis 49
1.5.1 A definição do termo 49
1.5.2 O início do movimento dekassegui 51
1.5.3 Ida ou Retorno: o dilema do dekassegui e a negociação de sua identidade 62
1.5.4 O dekassegui do século XXI 65

CAPÍTULO 2
A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL E A IMPORTÂNCIA DOS BLOGS 69

2.1 A sociedade em rede 69
2.2 Atores e Links 79
2.3 O blog 83
2.3.1 O princípio de tudo 83
2.3.2 A popularização e o surgimento dos diários virtuais 85
2.3.3 Blog e o abraço global 89
2.3.4 O atentado de 11 de setembro de 2001 e o surgimento de uma nova mídia 92
2.4 A concretização da Blogosfera 96
2.4.1 A taxonomia dos blogs: linhas de interpretação temática e de conteúdo 98
2.4.2 Blogo, logo existo 103

CAPÍTULO 3
MÍDIA: IDENTIDADES SEM LOCALIDADE 109

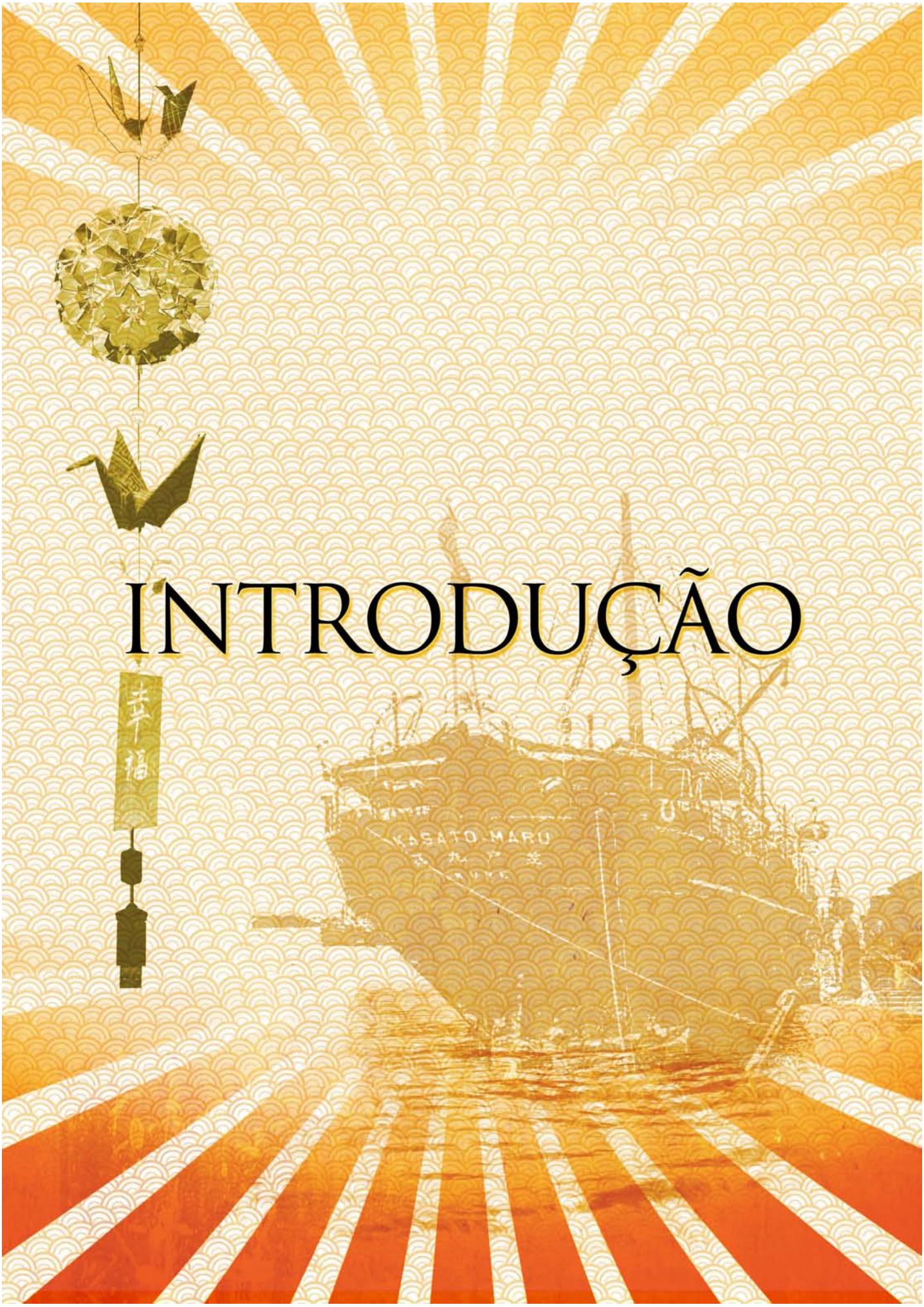
3.1 Trajetória a ser seguida 109
3.2 Hibridação X Mestiçagem 110
3.3 A união de entre-espaços e a identidade 113
3.4 A situação social tecnológica 120
3.5 As transformações dos meios de comunicação e o impacto na retratação do dekassegui .. 126
3.5.1 Presença da mídia brasileira no Japão 126
3.5.2 A internet e a sociedade em rede: o dekassegui visto e retratado por ele mesmo ... 131

CAPÍTULO 4
PESQUISA E ANÁLISE DOS BLOGS 136

4.1 Metodologia utilizada 136
4.2 Análise dos blogs selecionados de dekasseguis nipo-brasileiros 147
Blog 1. *O Japão e eu* (Ewerthon Tobace) 147
Blog 2. *Janela Dekassegui* (Ewerthon Tobace) 157
Blog 3. *Bahka Girl* (Romina Sato) 168
Blog 4: *A Viagem de Shigues* (Gabriel Fonseca Shiguemoto) 180
Blog 5: *Kuratin Japan Remix* (Leandro Kuraoka) 189
Blog 6: *Dekasegui* (Luiza Hidemi) 195
Blog 7: *Fragmentos* (Herika Miyashiro) 202
Blog 8: *Mundo Geek* (Claudio Urayama) 209
Inside Tokyo (Claudio Urayama) 215

CONSIDERAÇÕES FINAIS 220
REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS 226
FILMOGRAFIA 238
BLOGS ATIVOS DE DEKASSEGUIS 239
SITES E BLOGS CONSULTADOS 245

ANEXOS
ANEXO A - Etrevista com o Blogueiro: *Bahka Girl*
ANEXO B - Entrevista com o Blogueiro: *Fragmentos*
ANEXO C - Entrevista com o Blogueiro: *Mundo Geek*/*Inside Tokyo*
ANEXO D - Entrevista com o Blogueiro: *O Japão e Eu*/*Janela Dekassegui*
ANEXO E - Entrevista com o Blogueiro: *A Viagem de ShigueS*



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Os blogs já não são uma novidade nem na rede e muito menos na academia. Assim como, há duas décadas, o fenômeno dekassegui e a discussão em torno da identidade nipo-brasileira são temas constantes gerando, periodicamente[1], novos estudos. A inovação, no entanto, está na união de ambas temáticas em uma única pesquisa. De maneira interdisciplinar, esta dissertação trabalha com os blogs escritos por dekasseguis analisando esta prática comunicativa proporcionada pela web 2.0, assim como contextualiza o processo migratório; (primeiro do Japão para o Brasil para se deter, depois, em sua forma inversa) ao perceber seus reflexos nas relações expressas na atuação com o digital.

Investigar numa perspectiva interdisciplinar é "especializar-se em intersecções" (CANCLINI, 2006), criar uma rede relacional entre áreas de conhecimento afins para compor uma análise de Comunicação, apoiada nos estudos culturais, na sociologia da imigração e conceitos de transnacionalismo, além de referenciar-se na produção ligada à comunicação digital.

A adoção do ponto de vista interdisciplinar não nasceu somente pelo fato da temática pedir uma ótica mais ampla, mas pela própria pesquisadora compartilhar do cerne das palavras "hibridação, mestiçagem (CANCLINI, 2006), entre-espaço (BHABHA, 2005), além de *mediascape* (APPADURAI, 1996) e hiperlink (LÉVY, 2001)", em seu próprio cerne, em seu próprio ser. Aqui, neste espaço para a apresentação do tema, a narração em primeira pessoa torna-se mais coerente.

Sou jornalista e, também, bacharel em Letras. Iniciei minha profissão em uma agência de notícias digital (Agência USP) e passei por demais segmentos ligados à web em empresas privadas e não-governamentais, chegando, em minha última atuação, a ser pesquisadora do Observatório da Cultura Digital, da Escola do Futuro (USP). Sou mestiça. Descendente de japoneses e espanhóis e, portanto, sou bem brasileira. A temática ligando comunicação digital e este grupo específico faz parte de meu conhecimento teórico (assim como de muitos pesquisadores), mas principalmente está dentro de mim, se manifestando inicialmente por meio do conhecimento tácito.

---

[1] De acordo com levantamento apresentado na 4ª Edição dos Estudos Japoneses no Brasil, realizada pela Fundação Japão, 23 pessoas desenvolveram pesquisas relacionadas a este país oriental em 1984. Em 1988, mais 38 pessoas tiveram dissertações e teses centradas em temáticas ligadas ao universo japonês. Em 1998 este valor foi de 95 pesquisadores e, no último levantamento, em 2007, 132 estudos já haviam sido defendidos e publicados, sem contar os que estavam em desenvolvimento e no prelo.

Da mesma forma que os dekasseguis, trabalhei no Japão por cinco meses (trabalho de férias chamado *arubaito*) entre o final de 2004 e início de 2005. E de lá nasceu o interesse por desenvolver tal temática, iniciando minha pesquisa de campo. Viva e pulsante no dia a dia daqueles operários que enfrentavam longas jornadas de trabalho, mas repartiam seu tempo livre narrando sua trajetória ou dividindo informações que estudavam e liam de maneira generosa nas redes sociais da Internet.

No final de 2008, mais uma vez, estive no Japão. Já sabia a dimensão da crise econômica mundial e suas conseqüências em solo japonês por acompanhar os blogs aqui analisados e também demais meios de informação. A diminuição da produção das grandes montadoras destinada ao mercado externo, as demissões em massa de trabalhadores estrangeiros, o protesto dos japoneses, a comissão em trâmite julgando a readaptação das leis de imigração vigentes naquele país. Por duas semanas presenciei o drama. Inicialmente presenciado através do contato digital e depois estendido para o presencial, ao ver - de perto - as longas filas que iam se avolumando em frente do consulado de Nagoya, com dekasseguis esperando auxílio da embaixada e governo brasileiros. Minha percepção foi da rede para o público, assim como da rede se iniciou a formulação de muitas discussões ampliadas e amplificadas no formato de passeatas.

No ciberespaço o que mantém os laços de uma comunidade não é a territorialidade, nacionalidade ou demais aspectos da sociologia clássica. Porém, assim como Weber coloca na base da formação da comunidade a afetividade, estes agrupamentos virtuais se baseiam em interesses comuns que são mantidos graças a uma constante interatividade.

Além disso, a internet promove a aproximação de pessoas, de internautas em torno de interesses comuns, seja pela história de vida ou mesmo pela argumentação usada pelo blogueiro dekassegui ou ex-dekassegui. Nos blogs analisados há uma base comum mantida pela identificação que move a coletividade formada ao seu redor. São as identificações que unem não apenas blogueiros ou leitores internautas que acompanham estas páginas pessoais, mas atenuam também as diferenças que existem quando um dos fatores de diferenciação é a territorialidade.

Também, há a manutenção de uma identidade comunicativa formada através dos meios de comunicação produzidos e utilizados por determinado grupo migrante e suas gerações conseguintes. Esta característica é explicada através do conceito de *mediascape*, que Arjun Appadurai (1996) desenvolveu para os indianos e seus filhos localizados nos Estados Unidos e, aqui, é utilizado para a compreensão dos dekasseguis nipo-brasileiros residentes no Japão.

PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Com a maior incidência de descendentes de japoneses fora do arquipélago asiático, o Brasil foi um dos países que mais recebeu esta mão-de-obra oriental. Hoje, a migração inversa também é numerosa. Os nipo-brasileiros representam a terceira maior população estrangeira localizada no Japão, ficando atrás apenas dos chineses e coreanos.

A importância de recorte sobre este público de nipo-brasileiros deve-se também ao fato de quantitativamente representarem menos da metade da população de brasileiros nos Estados Unidos, mas mandarem anualmente uma remessa de capital de US$ 2.2 bilhões, superior aos US$ 1.9 bilhões enviados a cada ano pelos brasileiros em solo norte-americano, segundo os dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em 2005.

Além disso, este público dekassegui tem acesso à tecnologia muito mais imediato se comparado à população geral brasileira. Isto se deve por estarem em uma área não só consumidora, mas ao mesmo tempo produtora de novas tecnologias e bens de consumo - que é o Japão – além de terem salários mais elevados do que a média geral da população no Brasil, o que favorece a criação de novos hábitos de consumo e de contato com produtos eletrônicos impulsionados pela relação consumista de parte da população japonesa.

Ademais, os conceitos de Lúkacs de que “[...] estudar o trabalho e a tecnologia corresponde a investigar a cultura daqueles que têm acesso imediato à realidade [...]” (PINTO, 2005, v. 1, p. 7) são reforçados pelo contexto contemporâneo. Os dekasseguis, além de se adaptarem às novas realidades geográficas e político-econômicas, são inseridos em um novo contexto comunicativo presente nesta situação social tecnológica (MEYROWITZ, 1985).

OBJETIVOS

Esta pesquisa propõe compreender, estudar, analisar e verificar como a sociabilidade expressa nos blogs está contribuindo para ressignificação e identificação dos valores culturais entre os dekasseguis por meio da construção de uma identidade comunicativa na web.

Buscou-se também compreender o sujeito da ação, sua relação com o meio comunicativo (a esfera digital) e a interação que formava diante do outro (no caso o comentarista e leitor de seu blog, o qual é visto como co-autor da produção de conteúdo e semântica) gerando um processo de identificação por temática e interesses comuns. Além disso, também está entre os objetivos verificar o estabelecimento de sociabilidades e redes de simbolizações na formação de comunidades virtuais de interesses, aliadas a critérios proporcionados pela tipologia dos blogs, pela análise do discurso e pelas ligações afetivas dos dekasseguis estabelecidas em rede.

METODOLOGIA

A explicação da metodologia se divide aqui em duas partes. Uma relacionada à escolha da base teórica e a outra selecionada para a aplicação ao objeto de pesquisa (os blogs de dekasseguis). De natureza interdisciplinar, a base teórica se fundamenta em um percurso mostrando inicialmente o deslocamento territorial e a contextualização histórica dos imigrantes japoneses e seus descendentes, passando para a compreensão da mídia digital, e a base para o surgimento e evolução das páginas pessoais em seu formato atual e, portanto, sem localidade. É neste ponto que a teoria é verificada junto ao corpus dos blogs escolhidos.

Por ser uma análise de fundo qualitativo, foram selecionados oito blogs, todos de dekasseguis, em um universo por mim levantado de 121 blogs ativos produzidos por este grupo. Importante lembrar que a blogosfera está em constante crescimento e desativação de endereços, sendo este número uma estimativa baseada no critério de alimentação de conteúdo, manutenção de página, representatividade e presença em ambiente digital, além de manter-se em atividade até, pelo menos, 18 de junho de 2009, quando se finalizou o período de observação de existência e coleta destas páginas pessoais.

A quantia de 121 blogs foi tomada como universo desta pesquisa. A verificação dos critérios citados acima partiu da checagem da quantidade de itens presentes nos sistemas de busca (Search Engine) Google, Altavista, Yahoo, Opera, Bing, Cuil, UOL-Buscas, Technorati e Blogblogs. Neste sentido, foram escolhidas como palavras-chave: “blogs/dekasseguis” e variações deste mesmo universo semântico (por exemplo: “eu dekassegui”, “sou deka”, “blogs escritos por dekasseguis”, “blog de um dekassegui”, “estou no Japão”, entre outros). Importante ressaltar que as buscas, utilizando estas palavras, foram feitas em toda a web, não se restringindo apenas a presença destas palavras em sites ou páginas brasileiros (.br). Assim, houve sites de origem diversas (.jp, .us, .fr, .pt, etc.) que também integram a quantia levantada na busca bruta.

Foi analisada tanto a produção verbal quanto a não-verbal dos blogs, além da existência de interação e indicação de outras páginas pessoais semelhantes. Para o estudo do corpus, a metodologia foi propiciada por critérios estabelecidos pela Análise do Discurso segundo Eni Orlandi (2000), além da tipologia de blogs, comunidades e espaços conversacionais trazidos por Alex Primo (2006).

Sobre o perfil dos blogueiros escolhidos, a faixa etária está entre 23 e 41 anos, predominando o sexo masculino, o que se assemelha não só a idade como predominância de

gênero tanto em relação ao perfil do imigrante nipo-brasileiro que hoje está no Japão como também do perfil tido como média de autor na blogosfera.

O foco central é a análise das postagens. Os comentários gerados, por sua vez, são quantificados, mas sua análise detalhada não é feita pela questão central ser o autor e a receptividade e interatividade gerada pela informação inicial. No entanto, quando, entre os comentaristas, há a presença de blogueiros no papel de "palpiteiros" este dado é salientado para que se possa verificar a existência ou não de padrões de leitura e conversações entre os blogs (PRIMO, 2006). Também, quando o comentário gera novos palpites ou um novo post respondendo a questão levantada, essa característica também é levada em conta e tomada dentro da pesquisa.

Cada blog teve uma média de 4 a 5 *posts* analisados, sendo esta quantia um valor representativo tanto em relação ao discurso e conteúdo, quanto pela quantidade de acesso da página sobre este assunto e recomendação de outros blogueiros para a leitura do relato produzido (criação de hiperlink deste post em outros blogs). A partir disso é possível – a partir da teoria fornecida por Alex Primo (2006) - verificar a existência ou não de trilhas de memes, padrões de *linkagem* e conversação entre blogs, gerando ou não uma comunidade virtual entre estas páginas pessoais.

APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Dividida em quatro capítulos mais as considerações finais, a dissertação está estruturada de acordo com a abordagem de temáticas complementares para a compreensão do objeto como um todo. Logo na abertura do primeiro capítulo há a apresentação da posição adotada ao longo do estudo para os termos “globalização”, teoria da imigração e o conceito de “comunidade”. Este diferenciando seu sentido sociológico do sentido comunicativo. Assim, estão na base da composição deste trecho introdutório da primeira parte Ferdinand Tönnies, Émile Durkheim e Max Weber (apud LITVIN, 2007), como representantes da sociologia clássica. Para a compreensão de comunidade no sentido comunicativo são evocados Marshall McLuhan (1995), Michel Maffesoli (1987), Howard Rheingold (2002) e Raquel Recuero (2001). Portanto, no primeiro capítulo é traçado o percurso das migrações, da geografia para a comunicação, o que acaba por justificar o nome deste primeiro tópico.

Ao desembarcarem no Porto de Santos em 1908, os japoneses contribuem com a expansão do café e da economia por todo o País. A realidade deste imigrante está também presente nos jornais impressos voltados a este público. Inicialmente escritos em japonês, este veículo e os demais meios comunicativos contam a trajetória e fixação deste grupo oriental, bem como sua inserção na sociedade brasileira. Ao falarmos do dekassegui, o mesmo caminho é utilizado. Passando pelo contexto histórico-econômico da década de 80, quando se iniciou o movimento dekassegui no Brasil ao perfil destes imigrantes, a fase atual é traçada, assim como o aparecimento de um comércio étnico e a base para o surgimento de uma mídia específica, que será aprofundada no terceiro capítulo. Para a composição desta parte, o argumento apóia-se nas bases teóricas formuladas por Célia Sakurai (2007), Elisa Sassaki (apud CARIGNATO 2002), Aaron Litvin (2007), Victor Kebbe (2008) e Alejandro Portes (2001).

O segundo capítulo traz uma análise da comunicação digital, ressaltando a importância dos blogs dentre as demais novas mídias. Conceitos como sociedade em rede e fluxos informativos (CASTELLS, 2001), inteligência coletiva (LÉVY, 2003), atores em rede (LATOUR, 2005) são esmiuçados para darem espaço para a compreensão da comunicação digital, assumindo um novo papel dentro dos media. Desde o histórico com Rebecca Blood (2002), De Kerckhove (1997) e Lucia Santaella (2003), passando pela sua taxonomia com Antonio Fumero (2004) e apropriação com Fabio Malini (2007), todos os passos do blog são percorridos para a compreensão adiante mais específica que é a das páginas pessoais de dekasseguis. Também é explicitada a importância do blogueiro como irradiador de uma nova

forma de fonte de informação, apesar de assumir um público pequeno e específico. Porém, é por meio da especificidade que o blog ganha uma audiência fiel sendo indicado e *hiperlinkado* por demais blogueiros, retirando a hegemonia da mídia de massa e se inserindo na idéia de uma cauda longa, que caracteriza o ambiente digital (ANDERSON, 2006).

O terceiro capítulo trabalha com a relação mídia e identidade de populações em trânsito, hibridação e entre-espaço. Inicialmente sob o ponto de vista territorial, são abordadas as teorias de Nestor Canclini (2006) e Homi Bhabha (2005), para a problematização da identidade em sentido territorial. A adaptação à nova pátria, as gerações seguintes e a manutenção e adaptação dos costumes trazidos. De Canclini é usado o conceito de hibridação, porém a questão de conflito e domínio como se dá no caso dos mexicano-americanos, não é aqui citada porque não há proximidade deste ponto com o caso do contato dos nipo-brasileiros com os japoneses. Apenas é usado o termo de hibridação no sentido de fertilidade e assimilação cultural existente na relação entre ambas as culturas. Já de Homi Bhabha o entre-espaço se faz presente neste contato, gerando "[...] a elaboração de novas estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade [...]" (BHABHA, 2005, p. 20)

Saindo da questão da identidade baseada na mudança geográfica trazida pelo contexto da globalização e transnacionalismo, Stuart Hall (2001) é aqui citado por deter-se na análise da identidade cultural do sujeito na pós-modernidade. Com as transformações de concepção de tempo e espaço, as relações sociais são reestruturadas, propiciando o descentramento do sujeito e a geração de um processo constante de releitura e adaptação. Com isso, a base trazida por Stuart Hall (2001) dá condições para o avançar do raciocínio com Appadurai (1996), Latour (2005) e Meyrowitz (1985). Estabelecidos os imigrantes e as novas gerações ao novo território, uma mídia produzida por e para este grupo é constituída para a manutenção dos costumes trazidos e dos estabelecidos com pela troca cultural. O foco de Appadurai (1996) para a formação do mediascape são os indianos e sua geração subseqüente alocada nos Estados Unidos. Em nosso caso, a idéia é transposta aos dekasseguis. De Meyrowitz (1985) utilizamos o conceito de situação social tecnológica justificando não apenas a atenuação das barreiras entre a tecnologia e o homem como a existência dos fluxos informativos que justificam a existência de uma identidade comunicativa firmada por estes sujeitos. Sujeitos estes vistos como atores em rede, utilizando a definição de Latour (2005), apresentada no segundo capítulo e aqui retomada para fechar esta idéia antes da análise do *corpus*.

O quarto capítulo, por sua vez, é a análise do *corpus*. Inicialmente é apresentada a metodologia, usando critérios estabelecidos pela Análise do Discurso segundo Eni Orlandi (2000), além da tipologia de blogs, comunidades e espaços conversacionais trazidos por Alex Primo (2006). Os oito blogs acabam por mostrar nas postagens analisadas a concretização do embasamento teórico, além de dar subsídios para novas constatações apresentadas nas considerações finais.

Também, são apresentadas as fases que compõem a mídia brasileira no Japão. Porém, o maior interesse se encontra na relação que o dekassegui trava com a internet a partir da produção de seu próprio retrato nos blogs.

Após as considerações finais, estão entre os anexos dados que compõem todo o cenário percorrido servindo não apenas de material extra, como complementar para uma compreensão ainda mais ampla. Nesta parte está uma entrevista feita por email com cinco blogueiros responsáveis pelas páginas pessoais escolhidas. Nela os blogueiros retratam o motivo que os levaram a *blogar*, a importância do leitor (co-autor) no momento da produção inicial do conteúdo, a percepção que têm entre a importância do blog para o dekassegui e uma breve apresentação que acaba por assegurar a veracidade existente de sua identidade (e personalidade) transposta para a rede ao tornar sua subjetividade pública.

CAPÍTULO 1

O Percurso das migrações: da geografia para a comunicação

CAPÍTULO 1 - O PERCURSO DAS MIGRAÇÕES: DA GEOGRAFIA PARA A COMUNICAÇÃO

1.1 As Teorias da Sociologia das Imigrações: do Clássico ao Contemporâneo

Na globalização, a imigração é um fenômeno que não pode ser pensado de maneira isolada já que, apesar da mudança territorial, não há um processo de desligamento e ruptura cultural, mas o gradativo permear de uma nova bagagem que vem a ser agregada aos valores originários do povo em trânsito, além dos valores político-econômicos que influenciaram nesta movimentação.

Na ligação entre estes dois países aqui tomados como alvo de estudo, Brasil e Japão, muitos foram os ganhos para estas duas nações e para os que desta união provieram. Há mais de um século, as relações político-econômicas permeiam estes países tecendo um acordo que, oficialmente, se inicia em 1895. Porém, antes deste tratado, se faz necessário apresentar o pano de fundo presente na realidade destes dois países em um contexto muito mais amplo.

Ao considerarmos a *História* como uma constante construção evolutiva, é importante também ressaltar que a forma em que o próprio conceito de imigração é tomado mudou. E esta mudança ocorreu ao longo dos tempos, passando de uma abordagem de repulsão e atração à heterogeneidade e especificidades aceitas pela globalização. Por isso, apesar do objeto deste estudo ser os indivíduos que hoje habitam uma sociedade em rede (CASTELLS, 2001), em pleno século XXI, é preciso levar em conta todos os fios deste amplo tecido social. E, muitos deles, remontam o período que vai do fim do século XIX e percorre o século XX.

Desta forma, com o passar do tempo e da mudança espacial, uma nova semântica é atribuída aos termos que serão utilizados ao longo desta pesquisa, como é o caso das palavras *dekassegui*, *comunidade*, *identidade*, entre outras a serem apresentadas durante este percurso.

Originária da teoria clássica, a *Sociologia das Migrações* tem como base os valores e teorias desenvolvidos a partir dos conceitos modernos sobre industrialização, mudança social, além de tensão e equilíbrio sócio-econômico. Neste sentido, estão na base destes estudos os conceitos de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim.

Marx (1980) destaca a contradição existente entre o mundo da produção e o mundo das representações simbólicas, garantindo a manutenção das relações traçadas entre a superestrutura ideológica e a infra-estrutura produtiva[2]. Weber, por sua vez, tem como centro de sua análise o ator enquanto portador das representações e valores racionais, tradicionais e afetivos (emotivos). Já Durkheim enfatiza a ordem social e os atores compartilhando valores e representações por similitude ou por diferenças a partir da divisão social do trabalho, defendida em sua obra com este mesmo nome e publicada em 1983.

Tais idéias, baseadas na relação direta da ordem econômica com a organização social, acabam por descrever a relação da migração com a macro-conjuntura presente em uma sociedade. Neste sentido, uma das teorias migratórias que ganha extrema força, entre fins do XIX e todo o século XX, é a de *Push-Pull* (repulsão e atração). Tendo Thomas Brinley como um dos principais pensadores, esta teoria defende que áreas dinâmicas em processo de industrialização tendem a atrair populações de áreas ou regiões menos desenvolvidas devido aos contrastes sociais e dinâmicos (LITVIN, 2007, p.23). Esta visão, por sua vez, se relaciona à *perspectiva de equilíbrio* a qual equaciona os movimentos populacionais com a mobilidade geográfica dos trabalhadores em resposta aos desequilíbrios na distribuição dos fatores terra, trabalho, capital e recursos humanos.

E assim que se encaixa o início da imigração japonesa ao Brasil. Do lado do império nipônico, o Japão do início do século XX é marcado pelo aumento de população e pela adição de novas técnicas, seja no meio agrícola como também na indústria nascente, trazidos pela Era Meiji (1868-1911).

Desde os anos de 1868, o arquipélago passava por um período de modernização deixando os valores até então feudais e aristocráticos de lado para darem espaço ao modelo capitalista importado principalmente dos Estados Unidos e Europa.

> Incorporaram conhecimentos tecnológicos e filosóficos. Aprenderam a construir navios e pontes. Tomaram contato com os autores clássicos da literatura ocidental. Conheceram o marxismo e vivenciaram os liberalismos de vários países ou o sistema imperial de outros. E voltaram. Na volta, ajudaram a construir um Japão um pouco mais ocidental na tentativa frenética de colocar o país no ritmo das nações desenvolvidas num momento em que a cultura ocidentalizada aparecia como modelo de modernidade a ser seguido, porém não sem tensões e desentendimentos decorrentes dos debates como fazê-los no Japão. (SAKURAI, 2007, p. 235)

---

[2] Em relação às migrações, Marx analisa o deslocamento da mão-de-obra até então rural para as cidades em franco processo de industrialização. Visto hoje, o processo de migração internacional dos países em desenvolvimento para os desenvolvidos e industrializados segue esta tendência, apesar desta questão atualmente não se restringir apenas ao sentido clássico marxista, como será abordado mais adiante neste estudo.

Surgia, a partir do final do século XIX, uma nova forma de pensar este país oriental. Em um curto intervalo de tempo, o modelo de mão-de-obra capitalista, o qual traz uma nova relação empregatícia assim como de cobranças de impostos feitas agora exclusivamente em moeda e pelo Estado, substitui a relação de dependência que havia entre o senhor de terra e seu arrendatário. Na esteira da monetarização da economia, há o endividamento dos pequenos proprietários que passam a desmembrar suas famílias mandando seus filhos para as grandes cidades em busca de novas ocupações ligadas aos setores de serviço e industrial.

Na tentativa de conter um colapso social cada vez maior, o governo realiza a Reforma Meiji (SAKURAI, 2007, p.236) a qual realoca parte da população atingida para a ilha de Hokkaido, ocupando não só o território, e assim salvaguardando uma região estratégica entre o norte da China e próxima do império russo, como também expandindo o desenvolvimento econômico por todo o país.

Entre o fim do século XIX e início do XX, o Havaí[3], os Estados Unidos e, em menor quantidade, o Peru passam a ser o destino de muitos japoneses que não encontram postos de trabalho em seu território reforçando, mais uma vez, a idéia de "princípio de equilíbrio", presente na Teoria de *Push-Pull*. Porém, a população destas nações receptoras não aceita de bom grado estes novos habitantes. Com costumes, língua e aparência física diferentes, estes japoneses migrantes acabam sendo alvo de discriminação e críticas por ocupar terras, cargos e, também, acumular riquezas que poderiam ser de pessoas nativas.

Quando os Estados Unidos proibiram a entrada deste povo oriental, em 1924, o Brasil se torna o maior destino destes emigrantes. E, com isso, o governo japonês passa a custear a emigração na tentativa de aliviar o alto crescimento demográfico e também diminuir os protestos por melhores condições de trabalho em seu país que vinham se acumulando desde o início do século XX.

Já do lado brasileiro, havia o interesse em receber a mão-de-obra para a lavoura cafeeira, além de iniciar a exportação desse produto, apesar da bebida ser muito pouco conhecida entre os habitantes daquele solo.

Nos dias atuais, porém, os movimentos migratórios se baseiam em uma ótica transnacional, a qual carrega em sua definição, além do já abordado deslocamento territorial motivado por fatores econômicos, a também vinculação de uma nova carga identitária e

[3] É apenas a partir de 21 de agosto de 1959 que o Havaí passa a ser o 50º estado norte-americano. Antes disso, até 1898 era tido como uma república independente. Neste ano de 1898, o Havaí é anexado aos EUA e oficialmente se torna um estado em 1959.

cultural. Essa abordagem cria uma nova linha teórica que parte do princípio, como diz Roger Rouse (1991, v. 1, p. 18) em sua análise da migração dos mexicanos para os Estados Unidos, de que os:

> "[...] migrantes freqüentemente interagem e se identificam com múltiplos estados, nações e/ou comunidades e que as suas identificações e práticas contribuem ao desenvolvimento de comunidades transnacionais ou um novo tipo de espaço social transnacional."

Por meio desta abordagem contemporânea, essa nova corrente dentro da Sociologia das Imigrações busca entender como o imigrante reconstrói o seu universo no novo país, sem deixar de manter laços com o país de origem. Assim, entende-se por transnacionalidade "os processos nos quais os imigrantes constroem campos sociais que ligam seu país de origem e seu novo país de fixação" (SCHILLER, 1992 apud SAKURAI, 1995, p. 34)

É esta nova vinculação cultural que possibilita uma troca, tanto aos povos migrantes quanto para a sociedade que os recebem. São estes aspectos que Canclini defende como *hibridação cultural* e que se aplica ao novo modelo de imigração contemporânea.

1.2 A Globalização e sua nova forma de pensar o fluxo migratório

A partir de 1973, o capital se torna flutuante, diversificando seu investimento não apenas em vários segmentos de negócios, como também em várias regiões do mundo. Com isso, a Teoria de Pull-Push acaba sendo relida ganhando novos contornos para explicar migrantes como os dekasseguis.

O cientista político Peter C. Meilander, em *Toward a Theory of Immigration*, afirma que no quadro de migração internacional a realidade se torna mais complexa do que os processos sugeridos pelas teorias clássicas. Como diz Meilander (LITVIN, 2007, p. 26), "[...] normalmente combinações complexas de fatores estão presentes, variando de acordo com o tempo e o lugar, necessitando estudos mais detalhados de eventos históricos particulares e não a simples inserção no modelo prefabricado de 'Push-Pull'".

Com isso, os imigrantes dos primeiros tempos diferem-se destes novos representantes porque as economias atuais se encontram interdependentes compartilhando o mesmo modelo econômico, no qual os reflexos passam a ser sentidos em cadeia e simultaneamente.

A interligação de regiões distintas do globo com suas áreas de desenvolvimento de bens de produção, bem como a própria criação de novas tecnologias, ganham contornos mais multicoloridos e multilingüísticos.

De acordo com François Chesnais (1997), professor titular de Ciências Econômicas na Universidade Paris XIII (Villetaneuse), o estudo dessa nova fase só pode ser possível se for levado em conta aspectos como interdependência, multinacionalização e a estrutura competitiva que ela origina, além dos impactos trazidos com esta globalização. A partir deste momento, não se pode mais falar em hegemonia do Estado- Nacional já que as regras são ditadas de acordo com o histórico construído pelas relações com o mercado e não só segundo o poder, os interesses e a voz ativa deste Estado.

As regras econômicas de um país começam a necessitar a constante troca, o diálogo e a receptividade com acordos e normas internacionais para se manter ativo e atuante enquanto país e mercado de investimento interessante aos olhos do grande investidor, aos olhos do grande parceiro para a manutenção de sua economia doméstica e externa.

Segundo Chesnais (1998), a globalização pode ser dividida em dois períodos. O primeiro denominado *period of classic globalization* corresponde à fase em que o comércio internacional cresceu tão rápido quanto os investimentos estrangeiros diretos (do inglês *Found Direct Investment*, FDI). Esta fase está ligada às vantagens comparativas, marcadas pelas capacidades do país interessado na recepção de uma multinacional em seu solo oferecer isenções ou pequenas taxas fiscais, terrenos para sua instalação e facilidade na obtenção de mão-de-obra, entre outros benefícios.

Neste sentido, a migração clássica desenvolvida por Marx volta a se encaixar, já que o habitante de uma região se desloca para outra na tentativa de sanar o processo de desequilíbrio promovido pela relação entre a infra-estrutura produtiva e a superestrutura ideológica.

O segundo período é marcado pelas *networks firms*. A partir desse momento, a base tecnológica passa a se concentrar nas mãos dos oligopólios e o distanciamento social existente entre as nações, o que é visto pelo autor como *virtuous and vicious cycles of technological accumulation*. E, aí, o migrante acaba assumindo um novo papel, já que ao se deslocar de seu país de origem a uma nova nação, contribui para o desenvolvimento de um mesmo processo econômico de uma mesma cadeia produtiva, independentemente da territorialidade.

Esta idéia é também defendida pelo francês Jean Chesneaux, ao ver este fenômeno como sendo qualitativamente diferente ao ser analisado em um contexto globalizante. Desta forma, “[...] com a situação de interconexão generalizada que seria duplamente global – ao mesmo tempo pela extensão planetária de sua influência espacial e pela interdependência

estreita dos diferentes setores da atividade econômica" (CHESNEAUX, 1995, p. 66) – o migrante passa a ter não só seu território de maneira móvel e fluida como também a sua identidade se torna negociável.

Fazendo uma ponte com Manuel Castells, a sociedade contemporânea reflete esta nova estrutura sócio-econômica flexível e não enraizada em um único território. Essas abordagens políticas possíveis diante da globalização (em seus mais variados estilos) fazem com que não só o migrante, mas o sujeito como um todo sofra mudanças nas relações trabalhistas bem como alterações em seu próprio reconhecer, já que o "sujeito sociológico" de Stuart Hall passa a não existir e não ser mais calcado a partir de conceitos fixos criados por meio do reconhecimento do "Outro".

Afinal, o "Outro" está em trânsito e é marcado pelas relações entre um "Estado" que não é mais hegemônico, entre multinacionais adaptáveis às regiões em que se encontram e, até mesmo, entre um sujeito fragmentado que assume cargas culturais de diferentes territorialidades.

1.3 Comunidade: do modelo sociológico ao comunicativo

O estudo da imigração japonesa no Brasil e a ida (ou o retorno) de seus descendentes para o arquipélago possibilita também o repensar do conceito de comunidade e a evolução dos significados que a ele está sujeita. Como a palavra "comunidade" é usada ao longo deste estudo, se faz necessária explicar que o viés aqui utilizado parte de um modelo sociológico (ao se referir aos primeiros japoneses estabelecidos no Brasil e o porquê desta denominação não ter aplicação conveniente em se tratando dos dekasseguis nipo-brasileiros localizados no Japão), ao modelo comunicativo (forma usada para explicar os deslocamentos e laços mantidos em um ambiente virtual através da web).

Vem da sociologia clássica autores como Tönies, Durkheim e Weber. Ferdinand Tönies parte da idéia que a comunidade se opõe à sociedade. Para ele, o conceito de comunidade vincula-se à tradição, ao hábito familiar e que remontava ao coletivo compartilhado em uma aldeia e cidade baseado em uma relação orgânica. A sociedade, por outro lado, é regida por relações supralocais e controladas por meio do estabelecimento de leis que independe o regional já que sua abrangência deve ser aplicável a um contexto sempre objetivo e ligado à metrópole, à nação e às relações entre outros países. Já Durkheim e Weber partem do pressuposto de que tanto a comunidade quanto a sociedade são regidas por relações orgânicas e a sociedade é um "fim derivado" da comunidade e, portanto, os indivíduos

compartilham de uma mesma territorialidade que os aproximam por possuírem uma ação e relação social em comum.

"Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal- baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes." (WEBER, 1987, p. 77)

Assim, a visão clássica de comunidade está atribuída os conceitos de territorialidade, proximidade física, pertencimento e emergência de um projeto coletivo a um grupo social que divide interesses comuns, sejam eles culturais, religiosos, políticos, entre outros. E, neste sentido, bem se encaixa aos primeiros tempos da imigração japonesa no Brasil, já que ela segue o modelo de formação de colônias apoiada em uma mesma crença de valores, compartilhamento territorial e trabalhista.

Porém, com o crescimento das metrópoles e o avançar do projeto de modernidade, o sentido de união graças a um coletivo fez também com que este conceito fosse repensado. Em partes, isso deve também a industrialização a qual trouxe uma sociedade de massa que passava a ser vista em série, assim como a produção de conhecimento a ela dirigida através do consumo e dos meios de comunicação de massa que neste período se avolumam.

> Com o advento da modernidade e da urbanização, principalmente, as comunidades rurais passaram a desaparecer, cedendo espaço para as grandes cidades. Com isso, a idéia de *comunidade* como a sociologia clássica a concebia, como um tipo rural, ligado por laços de parentesco em oposição à idéia de sociedade, parece desaparecer, não da teoria, mas da prática. Ray Oldenburg, citado por Hamman (1998, online) e Rheingold (1994:61), afirma, em sua obra **The great good place**, que as comunidades estariam desaparecendo da vida moderna devido à falta dos lugares que ele chamava *great good places*. Segundo ele, haveriam três tipos importantes de lugar em nossa vida cotidiana: o lar, o trabalho e os *terceiros lugares*, referentes àqueles onde os laços sociais fomentadores das comunidades seriam formados, como a igreja, o bar, a praça e etc. Esses lugares seriam mais propícios para a relação social que ele julga necessária para o *sentimento de comunidade*, porque seriam aqueles onde existe o *lazer*, onde as pessoas encontram-se de modo desinteressado para se divertirem (lugares de vida pública *informal* nas palavras do autor). (RECUERO, 2001)

Com as alterações trazidas pelas mudanças econômicas aceleradas pelas transformações do capitalismo, as noções de tempo e espaço são também colocadas em xeque. Ao ressaltar a importância dos meios de comunicação na alteração destas noções, Marshall McLuhan defende que os meios colaboram para a transformação da própria idéia de comunidade. Neste sentido, consolida-se a teoria de Marshall McLuhan já que "[...] os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas

relações entre os sentidos e nas estruturas de percepções, num passo firme e sem qualquer resistência.” (MCLUHAN, 1995, p. 35)

Desta forma, os meios de comunicação mostram-se importantes para a compreensão não só da relação da sociedade, como também da própria noção de tempo e espaço. Com isso, podemos passar para uma abordagem comunicativa sobre o conceito de comunidade.

Um fator que diferencia as comunidades virtuais das comunidades tradicionais é a ausência de um território e de uma localização geográfica. No ciberespaço, a existência de uma base territorial fixa não é mais necessária, embora se apresente como um espaço público fundamental para a existência de comunidades virtuais. Porém, assim como Weber define, as relações que conectam diferentes pessoas em um ambiente de rede online é a afetividade.

Como conseqüência dessa situação, a constituição de comunidades virtuais é impulsionada, tendo como principal peculiaridade o fato de surgir de forma espontânea, quando se estabelecem agrupamentos sociais com base em afinidades. As pessoas conversam por prazer e não são obrigadas a integrar determinada comunidade, já que a motivação é eletiva e subjetiva. No interior de tais comunidades devem existir elementos como solidariedade, emoção, conflito, imaginação e memória coletiva, união, identificação, comunhão, interesses comuns, interação.

Michel Maffesoli (1987, p. 18) relaciona esta mudança na forma de tratamento das noções ligadas ao pertencimento à análise sócio-histórica que Max Weber faz da *comunidade emocional*. Para ele, a categoria *comunidade emocional* se refere a “[...] algo que nunca existiu de verdade, mas que pode servir como revelador de situações presentes.” Isso porque as grandes características atribuídas a essas comunidades são seu aspecto efêmero, “a composição cambiante”, “a ausência de organização e estrutura cotidiana”. Ou seja, “[...] trata-se de uma modulação permanente que, tal como o fio condutor, percorre todo o corpo social. Permanência e instabilidade, estes serão os dois pólos em torno do qual se articulará o emocional.”

De acordo com Rheingold, podemos definir comunidades virtuais como sendo:

> [...] agregados sociais que surgem da rede [internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimentos humanos, para formar redes de relações pessoais no espaço cibernético [ciberespaço]. (RHEINGOLD, 2002, p. 20, tradução nossa)

No ciberespaço o que mantém os laços de uma comunidade não é a territorialidade ou nacionalidade ou demais aspectos da sociologia clássica. Porém, assim como Weber coloca na

base da formação da comunidade a afetividade, estes agrupamentos virtuais se baseiam em interesses comuns que são mantidos graças a uma constante interatividade. Portanto, ao longo desta pesquisa podemos usar o termo “comunidades virtuais” em casos como o presente nos blogs porque ele parte do pressuposto de que sua existência é determinada pelo interesse do autor (blogueiro) que mantém um diálogo apoiado em um interesse coletivo que é assegurado graças à interatividade dos demais participantes que mantém viva a discussão existente neste blog.

Portanto, podemos falar que existe uma “comunidade virtual de dekasseguis” expressa nos blogs, e, conseqüentemente, em um ambiente digital. Porém, o termo *comunidade dekassegui* se mostra inadequado ao falarmos dos nipo-brasileiros que moram no Japão tendo como pressuposto a territorialidade. Isso porque, ao partir de uma perspectiva de análise migratória transnacional e globalizante, apesar destes nipo-brasileiros terem a mesma nacionalidade, co-habitarem muitas vezes o mesmo espaço físico de trabalho ou cidade, a bagagem sócio-cultural que levam do Brasil é diferente, o que faz com que se diminua a probabilidade de formação de órgãos ou entidades comunitários aos moldes weberianos.

1.4 A história da imigração japonesa no Brasil

1.4.1 O histórico brasileiro

Nesta terra, em se plantando, tudo dá

Pero Vaz de Caminha

Enfatizada desde seu primeiro registro, na Carta de Pero Vaz de Caminha, a fertilidade do solo brasileiro é um tópico presente desde o início de seus tempos. Séculos mais tarde, quando o Brasil necessitava de mão-de-obra para garantir a expansão de sua cafeicultura, este discurso ganha uma nova roupagem. O período era final do século XIX e início do XX e tal ênfase pautava os acordos internacionais brasileiros ao promover uma política migratória.

Enquanto nações européias passavam por anos de crise interna, o Brasil tinha urgência em substituir o déficit deixado pela mão-de-obra escrava recém-liberta. Desde os anos de 1850, a região sudeste do País, mais especificamente o Estado de São Paulo, tinha sua cafeicultura em processo de franca expansão e já se notabilizava como um dos grandes exportadores deste produto no cenário internacional. Neste sentido, de acordo com Celso Furtado (1982) em sua obra *Formação Econômica do Brasil*, o imigrante além de ser uma

mão-de-obra potencial é visto na época, pelos intelectuais brasileiros defensores da formação da idéia de nação baseada na raça, como uma forma de branquear sua população mestiça.

Em voga na Europa e ecoando em solo norte-americano e brasileiro, este "darwinismo social" tinha como objetivo fundamentar a idéia de desenvolvimento econômico baseado na hegemonia nacional e uniformidade racial. Nesta lógica, os homens brancos indo-europeus se encontravam nada mais, nada menos do que no topo da hierarquia racial, seguidos pelas *raças médias*, representadas pelos asiáticos, e pelos "inferiores", nos quais se enquadravam os negros africanos.

> O Brasil do século XIX estava em busca de um tipo nacional capaz de conciliar não só essa vontade de criação de uma "raça brasileira" como também capaz de trazer a "civilização", esta possível apenas com a entrada do imigrante europeu branco, preferencialmente camponês e resignado. (SILVA, 2008, p.18, grifo do autor)

Neste sentido, tal teoria caía como uma luva para a elite local brasileira já que buscava novas mãos para segurar a enxada abandonada pelos negros. Visto como a nova riqueza nacional, o café não só simbolizava o fruto da prosperidade da região sudeste como também a ascensão de sua elite branca que ansiava pelo progresso e desenvolvimento econômico aos moldes europeus.

Assim, em 1858, surge a Inspetoria Geral de Terras e Colonização do Governo Imperial. Com o intuito de elaborar as primeiras políticas de imigração para o País, o órgão vinha de encontro aos interesses locais, como também se estabelecia condizente com fatores organizacionais da política externa, que impulsionava a Teoria de Push-Pull. Por meio de repulsão e atração, estes mesmos países que forneciam uma mão-de-obra imigrante para o Brasil, conseguiam, a partir deste mecanismo, aliviar as tensões internas existentes em seus territórios nacionais. Segundo explica Sedi Hirano (2005, p. 77), em *Formação da sociedade moderna no Brasil*, "[...] empiricamente, os setores socioeconômicos e geográfico-políticos dominantes no capitalismo liberal atraem massas populacionais, enquanto os setores economicamente em decadência ou em processo de pauperização expelem força de trabalho."

A prioridade fora dada aos tratados imigratórios com os países europeus, pelos motivos raciais já explicitados. Porém, a fim de alargar as relações comerciais com outras nações, vem ao Brasil, em 1894, Sho Nemoto, enviado pelo governo japonês para abrir portas aos produtos japoneses e sua população que não encontrava espaço em território nipônico com as alterações trazidas pela Era Meiji (1868-1911). Considerado o "branco da Ásia", a

mão-de-obra japonesa era oferecida, por Sho Nemoto, às elites da cafeicultura paulista como sendo cordial, pacífica e extremamente trabalhadora.

> [...] calcando-se no notável crescimento econômico que seu país [Japão] vinha apresentando nas últimas décadas do século XIX, Nemoto vendeu a imagem dos imigrantes japoneses como sendo tudo o que os europeus não eram: quietos, trabalhadores e ansiosos por se tornarem brasileiros. (LESSER 2000, p. 154 apud SILVA, 2008, p. 22)

Em 1895 é assinado o *Tratado de Amizade, Comércio e Navegação*, visando à troca de produtos e a diversificação de mercados para ambos os lados. Porém, apesar de sua existência e do governo brasileiro implantar uma delegação em Tokyo e um consulado em Yokohama em 1897, este acordo acaba não sendo utilizado até 1908.

No Brasil, havia o incentivo da vinda familiar e inicialmente européia. Com isso, os primeiros europeus a chegarem em grande quantidade às lavouras de café foram os italianos. E a realidade encontrada não fora das melhores. Com habitações precárias, as primeiras colônias imigrantes se encontravam dentro das fazendas e eram compostas por grupos de pequenas casas construídas nos antigos galpões dos negros. Em relação ao tratamento destinado a este novo trabalhador, muita queixa era registrada nas instâncias locais. E isso era motivado por serem comuns os mesmos maus tratos antes destinados aos escravos e o acúmulo de cobranças indevidas, na medida em que a compra de material de consumo básico muitas vezes era feita dentro da própria fazenda. Isso fez com que se gerasse um grande descontentamento por parte desta mão-de-obra, aumentando a quantidade de revoltas e fugas em massa destas famílias para as cidades, as quais posteriormente formariam a camada operária. E essa realidade da população italiana enquanto operária será retratada em romances como *Anarquistas, Graças a Deus*[4], de Zélia Gattai.

Em 1902, após o acúmulo de denúncias de maus-tratos, o governo italiano promulga o *Decreto Prinetti* no qual fica terminantemente proibida a migração italiana para o Brasil. Com a sensível diminuição da vinda européia com o cessar da mão-de-obra italiana, surge a necessidade de se pensar uma nova população imigrante para as lavouras de café. Com isso, o momento se mostra adequado para ativar o Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, firmado em 1895 entre o governo japonês e o brasileiro.

---

[4] Publicado em 1979, *Anarquistas, Graças a Deus* é o livro de estréia de Zélia Gattai e conta, por meio de um romance literário, a realidade dos imigrantes italianos, entre os anos de 1910 e 1920, enquanto trabalhadores na cidade de São Paulo e suas incursões como organizadores dos primeiros movimentos operários e greves registrados no Brasil.

Enquanto para o Brasil a ativação deste tratado era um alívio para a continuidade do progresso da cafeicultura principalmente do sudeste, o período também se mostrava propício para o Japão. Em 1908 não apenas se iniciaria a vinda dos primeiros 781 imigrantes japoneses ao País, como também seria, para o governo nipônico, uma válvula de escape para a animosidade criada entre o seu lado e o governo dos Estados Unidos.

Neste mesmo ano, o Império do Sol Nascente assina com a nação norte-americana o *Gentlemen´s Agreement*, o qual oficializava o cessar do fluxo migratório oriental para aquela região. Tal atitude fora motivada pela grande quantidade de japoneses na região do Havaí e Califórnia, fazendo com que a população local se mostrasse contrária a presença destes migrantes baseados em um discurso predominantemente darwinista social. Porém, será apenas em 1924 que os Estados Unidos realmente vão cortar pela raiz as relações com o Japão visando conter o "perigo amarelo" (LESSER, 2003) que começa a pulular os discursos políticos das regiões nas quais se encontravam estes imigrantes.

> As famílias de origem japonesa fixadas nos Estados Unidos passam a sofrer perseguições contínuas, como ataques a suas casas e negócios, sempre com justificativas raciais que esgrimem o argumento do "perigo amarelo". A expressão "*japs, go home!*" ("'japas', voltem pra casa!") é usada com freqüência por manifestantes nas ruas. A preocupação de Washington com as conquistas japonesas na Ásia, por sua vez, também se reflete no antagonismo com relação aos imigrantes. (SAKURAI, 2007, p. 240, grifo do autor)

Apesar da preferência pelos europeus, a elite cafeicultora brasileira não tinha muitas escolhas e decide investir na migração de uma população mais "pacífica", como disse Sho Nemoto. Iniciava-se, então, a vinda dos "brancos da Ásia".

1.4.2 Os primeiros japoneses e as fases da imigração

Partiam do porto de Kobe, em 27 de abril de 1908, os primeiros japoneses com a esperança de atravessarem o oceano em busca de riqueza. E era plantando e colhendo o café de uma terra longínqua que estes orientais, em uma média de cinco anos, sonhavam regressar para sua terra natal.

A bordo do navio Kasato Maru, um antigo navio de guerra russo herdado com a vitória do exército japonês[5], se encontravam os primeiros 781 imigrantes. A maioria era proveniente das regiões de Okinawa e Kagoshima. (SILVA, 2008, p.26)

O desembarque se daria em 18 de junho daquele mesmo ano. Trajando vestimentas à ocidental, as mulheres portavam sombrinhas, luvas e vestidos. Já os homens, de calças alinhadas e coletes, carregavam as malas com passos decididos e firmes em seu destino. Afinal, seria esta a terra que semeariam a sua riqueza, além de estarem sendo recebidos com fogos de artifício. Mal sabiam eles que estes fogos não eram para saudar boas-vindas, mas faziam parte da comemoração de festas típicas brasileiras. Era período de festa junina e se aproximava o Dia de São João.

A primeira parada destes recém-chegados era a Hospedaria dos Imigrantes[6], localizada no bairro paulistano da Mooca, onde ficava a linha férrea que os transportaria para proximidades de suas novas regiões. Lá permaneciam oito dias (ou quarenta se tivessem adquirido alguma enfermidade ao longo da viagem) e neste período tomavam contato com os hábitos alimentares brasileiros, além de terem seus contratos de trabalho oficialmente registrados.

Seus primeiros locais de fixação ficavam na Zona Oeste Paulista, Baixada Santista e Vale do Ribeira. A presença nipônica se torna de tal forma um catalisador para a plantação cafeeira que, entre 1921 e 1929, 86% dos japoneses que chegavam ao Brasil passavam a habitar estas regiões.

Porém, a partir de 1910, começam a se registrar também atritos e desvinculamentos destes japoneses das regiões para quais foram destinados. Se para os italianos e demais europeus latinos já era difícil conviver com a dura realidade imposta por uma sociedade ex-escravocrata e interessada em uma rápida inserção na idéia de progresso, tal dificuldade se

---

[5] A Guerra Russo-Japonesa (1904/1905) ocorrera pelo domínio das regiões da Coréia e Manchúria entre estes dois povos. Foi esta guerra que marcou o reconhecimento do Japão como potência imperialista, pelas diversas nações da Europa, enquanto a derrota russa, por sua vez, patenteou a fraqueza do regime czarista e iniciou a sua queda, concretizada na Revolução de 1917. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45), o discurso sobre a vitória em cima do Império Russo fora reavivado inflamando o exército e orgulho oriental. A crença nos "2600 anos de vitória japonesa" era tão grande que, após sua derrota em 1945, se desencadearam movimentos de não-aceitação da perda do Japão na 2ª Guerra Mundial entre os imigrantes orientais no Brasil ("kachigumi", vitoristas). Tal movimento foi incitado pela Shindo-Renmei e tem como um dos fatores-chave para a sua ocorrência a debilidade da veracidade das informações articuladas pelos meios de comunicação que estes imigrantes tinham acesso, além da má compreensão da língua portuguesa.

[6] A Hospedaria de Imigrantes funciona atualmente como sendo o "Memorial do Imigrante". Lá se encontra o registro dos japoneses e das demais etnias que ajudaram a construir a nação brasileira. Hoje, o Governo do Estado de São Paulo detém a manutenção do "Memorial do Imigrante" e é um local aberto a visita de todos, assim como a consulta dos arquivos de suas bibliotecas.

mostrava ainda mais vultuosa em se tratando de japoneses, cujas raízes lingüísticas e culturais nada tinham a ver com a desta nova região.

Também, a fuga da mão-de-obra italiana do interior paulista para as cidades havia causado uma série de problemas para os cafeicultores de São Paulo. Por isso, a condição para a vinda dos japoneses é a de um contrato de trabalho de no mínimo dois anos nos cafezais da zona oeste paulista e a vinda de famílias compostas por no mínimo três pessoas em condições de trabalhar nos cafezais, estipulando cotas de pés de café a serem plantadas por cada uma delas. (SAKURAI, 1995). Na tentativa de criar vínculos e evitar a fuga destes trabalhadores, como aconteceu no caso com os italianos, parte da viagem para o Brasil era subsidiada pelos fazendeiros, até 1925, o que possibilitava o cumprimento do contrato de trabalho pelo menos até o pagamento desta dívida.

Na década de 1910, diante dos impasses encontrados pelos primeiros imigrantes japoneses nas lavouras de café, Japão e Brasil decidem optar por estratégias alternativas de assentamento de novos imigrantes, uma vez que ambos os países concordavam com a necessidade do escoamento desta mão-de-obra em solo brasileiro, dando continuidade à Teoria de *Push-Pull*. Através de iniciativas dirigidas, o Japão decide comprar pequenos lotes de terra no Brasil com o intuito de assentar estes imigrantes sem enfrentar a intransigência dos fazendeiros de café (LESSER, 2000) que não abriam mão nem de aumentar os salários mensais dos colonos como também não cediam porções de terra para a venda, sendo necessária a intervenção indireta do Estado brasileiro em conseguir terras pouco produtivas para tal função. É a partir deste momento que se começa a pensar no estabelecimento agrupamentos de imigrantes que, futuramente, seriam as “colônias japonesas”. (SILVA, 2008).

A partir de 1924, se inicia a segunda fase deste processo imigratório e será conhecido como “migração tutelada” (SAKURAI, 1999 apud SILVA, 2008) Neste novo processo, os imigrantes não precisavam necessariamente vir para trabalharem nas lavouras e terras de cafeicultores paulistas, mas tinham como opção se estabelecerem em terras compradas por empresas japonesas destinadas a diferentes tipos de culturas que, mais tarde, seria a base para a formação dos cinturões verdes localizados próximos às grandes cidades. Assim, enquanto a primeira leva de japoneses, entre 1908 e os primeiros anos da década de 1920, estava vinculada à manutenção da cafeicultura; a partir da segunda fase o destino destes imigrantes passa a ser mais diversificado.

A empresa mais importante em adquirir pequenos lotes de terra no Brasil, para estabelecer assentamentos de japoneses provindos de uma mesma região, fora a *Kookoku*

Shokumin Kaisha, também conhecida como *Companhia Imperial de Imigração* (SILVA, 2008). Posteriormente, esta empresa se fundirá com outras do mesmo gênero em um projeto ousado do governo japonês em solo brasileiro e conhecido como *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha* (KKKK), traduzido como *Companhia de Desenvolvimento Exterior de Kaiko*.

> É neste período que a propaganda sobre o Brasil enquanto nação de riquezas e lugar ideal para escoar a mão-de-obra agrícola japonesa adquire maior força, com cartazes chamativos, noticiários cinematográficos exibidos regularmente no Japão, entre outros, delineando uma política japonesa de imigração voltada com grande força para o Brasil (LESSER, 2000; SAKURAI, 1999 apud SILVA, 2008, p. 31)

Outra corporação destinada a acolher a mão-de-obra emigrada oriental, era a *Brasil Takushoku Kumiai*, também conhecida como Bratac. Juntas (Bratac e KKKK), estas corporações eram donas de 100mil alqueires entre as regiões de São Paulo e Paraná (MORAIS, 2000), o que comprovava a idéia de expansão do império japonês além-mar e preocupava algumas camadas do governo brasileiro com o iminente "perigo amarelo", postura também adotada pela sociedade civil e de magistrados nos Estados Unidos para justificar o preconceito racial em seu território.

Porém, era inegável até mesmo naquela época de manutenção de darwinismo social que, tanto em solo norte-americano como brasileiro, a presença oriental trouxe benefícios para ambas as agriculturas com o cultivo de novas culturas. Nos Estados Unidos, os japoneses foram os responsáveis pela introdução de novas espécies de arroz no Vale do Rio Grande, no Texas. Já na região da Califórnia, pelo cultivo de flores e de frutas, como o morango (SAKURAI, 2007). O mesmo se deu no Brasil. O estabelecimento destas colônias trouxe para o País a possibilidade do aumento e diversidade da produção agrícola em setores até então desconsiderados na economia brasileira, como o cultivo de arroz que, em pouco tempo, passaria a ser exportado para o Japão.

Com o crescimento de uma diversificação agrícola por parte destes imigrantes, a organização destes trabalhadores se torna baseada especificamente aos moldes de produção japoneses. Ou seja, apesar de estarem no Brasil, as técnicas adotadas dentro destas colônias eram as mesmas das aplicadas por eles em sua terra natal. Tal característica contribuía não apenas para o aumento da produção e diversificação econômica conseguida por estes imigrantes mas, principalmente, fazia com que cada vez mais houvesse uma manutenção de valores e cultura pré-migratória entre estes trabalhadores e seus filhos nascidos em solo brasileiro.

Este é um dos pontos mais importantes para se compreender a manutenção da identidade de uma "etnia nipo-brasileira" (LESSER, 2000 apud SILVA, 2008). De acordo com Victor Kebbe da Silva (2008, p. 32, grifo do autor), "Esta vontade de manutenção estaria fundamentada em várias iniciativas destas colônias como na implantação das 'associações japonesas' que até hoje são extremamente importantes para se pensar na 'comunidade nikkei'"[7]

A manutenção de valores pré-migratórios também se deve ao fato de que, na cultura oriental como um todo, há na base familiar a transmissão de valores milenares com a preservação do culto aos antepassados. No caso japonês, isso se chama *yamatodamashii* (que passa a ser conhecido no período pós-guerra como *nihonjiron)* e que pode ser traduzido como culto ao "espírito japonês"[8]. Desta forma, a concepção de laços familiares, tradição, assim como o próprio conceito de nacionalidade e coletivo se diferencie dos existentes na cultura ocidental. Portanto, a idéia de formação de uma raça nacional una e coesa, inicialmente defendida como um dos pontos-chave para a existência de imigração pelos magistrados brasileiros no início do século, cai por terra.

É esse "espírito japonês" que faz também com que estes imigrantes construam escolas e associações na tentativa de manter viva a cultura para que seus filhos nascidos no Brasil soubessem como se portar ao voltarem para o Japão. Afinal, se manteria viva a idéia de regresso na maioria dos japoneses antes da Segunda Guerra (1939-45). Chamadas de *nihonjin-kai*, estas associações[9] procuraram manter, assim como a Igreja Católica fazia com outros grupos migratórios europeus, a educação tradicional japonesa, o idioma, e os valores familiares de culto aos antepassados. Destas associações surgiriam ainda as *nihon gakko*, escolas voltadas aos filhos destes imigrantes estavam espalhadas pelas regiões com maiores concentrações de imigrantes e descendentes orientais e, em sua maioria, utilizavam métodos didáticos importados do Japão. Tal preservação cultural pré-migratória também era vista na

---

[7] É importante ressaltar que, entre os anos de 1910 e 1930, seria possível a utilização do termo "comunidade Nikkei" já que se enquadraria aos moldes weberianos. Porém, este termo não poderá ser utilizado para tratar do fenômeno dekassegui segundo os padrões adotados pela sociologia clássica já que, após os anos de 1930, há uma desarticulação destas colônias bem como uma pulverização não só territorial, mas cultural dos novos nipo-brasileiros. Com isso, o termo "comunidade" será utilizado de acordo com os valores comunicacionais para se referir à nova realidade da sociedade em rede, formada com a internet.

[8] O termo *yamatodamashii* apesar de hoje ser considerado um arcaísmo e substituído no pós-guerra por *nihonjiron*, ainda se mostra presente na "alma" de cada jovem japonês. É importante lembrar que o termo foi criado no Período Heian, século XI, considerado o auge da produção artística japonesa, assim como das relações harmoniosas com a China, com a adoção do confucionismo no Japão. É esse espírito de riqueza de produção nacional japonesa que é incitado na Segunda Guerra e em períodos de recessão do país e de seus emigrados.

[9] Atualmente divididas em inúmeras outras como as *kaikans*, *Kenren* e as *kenjinkais*.

colônia alemã[10] no sul do País e pode ser encontrada até hoje em localidades bilíngües, existente entre o Paraná e Rio Grande do Sul.

No caso dos descendentes do Império do Sol, a valorização da educação transmitida nas *nihon gakko* contribuía para que o sentimento de "espírito japonês" se tornasse extremamente presente e atrelado à própria noção de indivíduo entre estes sujeitos. Isso também acaba sendo um valor de extrema importância ao notar que, até os dias atuais, ainda persiste a utilização de termos como "comunidade dekassegui" e "colônia japonesa" em veículos de comunicação voltados a este público, apesar de ser algo cientificamente discutível.

Depois de 1929, há uma variedade de fixação territorial dos japoneses, não mais se restringindo a região interiorana do sudeste e do sul brasileiro. E os anos de 1930 passam, então, a serem marcados pela ascensão social dos imigrantes japoneses. De lavradores, os imigrantes elevam-se a condição de donos de terras ou pequenos comércios nas cidades. Graças à grande quantidade de terra, os japoneses seguiram e se instalaram nas proximidades do progresso trazido com as estradas de ferro.

E, assim, a história do povoamento do Estado de São Paulo até os seus limites com Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná está relacionada com a necessidade da expansão das áreas de cultivo do café e das ferrovias. Produção cafeeira e povoamento se tornam ligados a um elo para o desenvolvimento e expansão desta etnia oriental por novos territórios.

Porém, esta expansão dos japoneses já residentes no Brasil e a chegada de novos conterrâneos cessam entre os anos de 1937 e 1947. Iniciava-se a Segunda Guerra (1939-45) e ambos os países se encontravam em posicionamentos distintos. Do lado da Itália e Alemanha, o Japão compunha o grupo conhecido como Países do Eixo.

Em 7 de janeiro de 1942, o então presidente Getúlio Vargas oficializa, em pronunciamento radiofônico de cadeia nacional, o apoio brasileiro aos Países Aliados (Reino Unido, França e Estados Unidos), e a promessa de envio da Força Expedicionária Brasileira

---

[10] "Em 1824 chegam os primeiros colonos alemães ao Rio Grande do Sul, sendo assentados na atual cidade de São Leopoldo. Os alemães chegavam em pequeno número todos os anos, porém eram em número suficiente para se organizar e expandir pela região. Nos primeiros cinqüenta anos de imigração, foram introduzidos entre 20 e 28 mil alemães ao Rio Grande, a quase totalidade deles destinados à colonização agrícola. Outras colônias foram criadas na seqüência, como Três Forquilhas, Nova Petrópolis, Teutônia, Santa Cruz, São Lourenço, Colônia Santo Ângelo e Colônia de Santa Maria do Mundo Novo. Ao contrário do que sucedeu no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina a colonização alemã não foi promovida através do governo, mas por iniciativas privadas. As colônias alemãs mais importantes foram criadas a partir de grupos como Hermann Blumenau e Ferdinand Hackradt (em 1850 a Colônia Blumenau) e pela Sociedade Hamburguesa (em 1851, a Colônia Dona Francisca, atual Joinville), ao norte do litoral do estado". (FONTE: IMIGRAÇÃO alemã no Brasil. **Wikipedia**: a enciclopédia livre. Diponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imigra%C3%A7%C3%A3o_alem%C3%A3_no_Brasil>. Acesso em: 08 nov. 2008)

(conhecida pela sigla FEB) à Itália Fascista. Seria neste mesmo dia, 07 de janeiro de 1942, que brasileiros temerosos com o "perigo amarelo" iriam à desforra na região de Bastos, Marília e Tupã.

> A notícia não poderia chegar de forma mais brutal à colônia japonesa assentada em São Paulo. Naquela mesma noite, em uma vila nas imediações da idade de Marília, a mil quilômetros do palácio onde Getúlio falara, o lavrador Itiro Tamura entrou no armazém Hirata, e pediu ao patrício do outro lado do balcão dois galões de querosene. Como sempre, pediu em japonês, a única língua que conseguia falar. Um soldado da Força Pública à paisana, que bebia solitário num canto, ouviu a conversa e rosnou:
> "Fala em português, ô bode [...] Agora é proibido falar japonês em público".
> O dono da venda tentou sair em defesa do freguês:
> "Mas ele só sabe falar japonês."
> O soldado não pestanejou. Agarrou Itiro pelo braço e anunciou:
> "Então tá preso. Por ordem do dr. Getúlio." (MORAIS, 2000, p. 41)

1.4.3 Comunicação e sua importância na primeira fase

Entre os anos de 1939 e 1945, os japoneses passaram a ser vistos como inimigos dentro do território brasileiro e norte-americano. Isso fez com que se acentuasse ainda mais o sentimento de coletivismo entre os patrícios de uma mesma colônia, como uma forma de auto-preservação e defesa. Um dos motivos era que, enquanto italianos e alemães, também descendentes de países do Eixo, podiam passar despercebidos no meio da multidão, o mesmo não se dava entre os japoneses. Afinal a diferença era evidente. Estava na cara.

Os ânimos no Brasil não eram dos melhores, porém situação pior se deu nos Estados Unidos, já que estes orientais estavam na "toca do lobo". Em 1941, quando houve o ataque japonês a Pearl Harbor, a situação destes descendentes se torna insustentável, pois começam a ser vistos como "inimigos corporificados" (SAKURAI, 2007). Por isso, a fim de evitar qualquer tentativa de aproximação dos militares japoneses com seus leais súditos localizados fora do arquipélago, o governo dos Estados Unidos decide evacuar todos os seus territórios costeiros em que se encontravam esta população. Também, líderes das comunidades nipo-americanas são encarcerados em prisões especiais a fim de evitar qualquer articulação ou influência junto aos demais conterrâneos. Assim, a partir de fevereiro de 1942, famílias inteiras de japoneses residentes, de pescadores a empresários, são levados a "campos de

internação" localizados em estados como Washington, Oregon, Califórnia, Arkansas, Wyoming e Arizona.

> Os prisioneiros são obrigados a se desfazer de todos os seus pertences e portar apenas aquilo que podia ser "carregado com as duas mãos" [...] Cerca de 120 mil nipo-americanos são encarcerados nos EUA até 1944. Os campos de internação ficam em lugares ermos, cercados de arame farpado e sob vigilância permanente. As pessoas são instaladas em galpões, onde tentam criar o mínimo de organização interna para conseguir viver. (SAKURAI, 2007, p. 240)

Tal realidade é retratada mais tarde pela *nissei* Jeanne Wakatsuki Houston, em 1972, com a publicação do romance *Farewell to Manzanar*, o qual traz o registro de sua vivência nestes locais quando criança.

No Brasil, Getúlio Vargas não ordenaria a criação de campos de internação. Porém, a partir do momento que oficializara o apoio aos Aliados, tornava-se também expressa a proibição de diálogos em lugares públicos em alemão, italiano e japonês, assim como deveriam ser fechadas as associações de encontro destes imigrantes a fim de evitar conspirações e a movimentação destas pessoas também se tornava controlada. O mesmo se dava com escolas e demais centros de ensino que louvavam a preservação de uma cultura pré-migratória, fundados por estes imigrantes.

Na época da Revolução de 1932 - a mesma que tentaria derrubar Getúlio Vargas e acabaria por simbolizar a derrota política dos paulistas e a confirmação de Getúlio e seu Estado Novo (1937-45) como representante dos novos tempos de progresso brasileiro - descendentes e imigrantes de japoneses, alemães e italianos combateram lado-a-lado com os demais brasileiros na tentativa de afirmar seu patriotismo. Porém, este feito já estava distante do presente. Os tempos eram outros e os anos de 1940 eram de Guerra.

> Assim, jornais e demais informativos em línguas que não a portuguesa só poderiam circular se viessem em edição bilíngüe e isso fez com que muitas publicações imigrantes se extinguissem. Tal feito impossibilitava não só o acesso às informações sobre os países de origem, como também o acesso às informações locais de uma grande maioria que não dominava o português (SILVA, 2008, p. 44).

Em *A negociação da identidade nacional*, Jeffrey Lesser (2000) salienta a relevância preponderante dos jornais das colônias japonesas como meio de promover a integração entre os primeiros imigrantes, além de serem irradiadores da divulgação de informações sobre o

Japão e sua cultura, estabelecendo deste modo uma ponte entre a nova identidade local e a cultura pré-migratória agora em transformação.

> Os jornais em língua japonesa sediados no Brasil, em geral impressos em gráficas bastante sofisticadas, foram de importância crítica para o estabelecimento de uma identidade local, principalmente pelo fato de haver, entre os imigrantes, jornalistas experientes. De fato, tornou-se comum dizer que 'dois japoneses formam uma associação, e três fundam um jornal'. O *Shukan Nambei* (Semanário Sul-Americano), fundado em janeiro de 1916, foi o primeiro de três jornais publicados para 80% a 90% de todos os japoneses e nipo-brasileiros vivendo em áreas rurais. O *Nippak Shimbun* (Notícias Nipo-Brasileiras), fundado seis meses mais tarde, tinha sua sede no bairro da Liberdade, em São Paulo, e, por volta de 1920, era publicado três vezes por semana, afirmando ter uma tiragem de trinta mil exemplares. (LESSER, 2000 apud SILVA, 2008, p. 167)

Entre 1917 e 1920, a quantidade de veículos impressos voltados para este público supera o número proporcionalmente existente em relação à população brasileira. Com isso, as colônias japonesas são abastecidas não só por muitos semanários como podem escolher a narrativa que mais lhe agrada já que há uma diversidade editorial oferecida em grande escala. De acordo com a Kiyoshi Harada (2008), em 1917 foi fundado o *Brasil Johô,* além dos jornais *Seisho Shimpo, Nambei Shimpo* e *Nippak Kiyodo Shimbun,* os quais circulavam no interior paulista e também no estado do Paraná.

Desta forma, apesar da maioria destes semanários serem escritos em japonês, era por meio destes veículos que também se iniciava a integração com a cultura local e a formação de uma identidade "nipo-brasileira". Isso porque, nas páginas destes veículos, assuntos regionais eram tratados com a mesma relevância destinada aos fatos que aconteciam em suas terras de origem.

O *Nippak Shimbun* se diferencia dos demais informativos por se mostrar reacionário e por exprimir uma posição contrária à política migratória exercida pelo governo brasileiro. Tal posicionamento fez com que em 1939, durante o governo getulista, os fundadores fossem perseguidos e buscando exílio na Argentina.

"Com tantos imigrantes chegando, ocorreu um *boom*: em 1933, havia 20 publicações periódicas, 5 jornais e 15 revistas, lidas por 90% das famílias orientais". (HARADA, 2008, p. 57)

Com a proibição da impressão em língua japonesa diminuía a quantidade de veículos na praça como também, e principalmente, restringia o acesso à informação confiável de

muitos imigrantes que viviam em regiões rurais e distantes dos grandes centros, sejam eles de comércio, sejam eles de conhecimento.

Ao percorrer o mundo através das ondas do rádio, a voz rouca e arrastada não poderia trazer pior mensagem. Diferentemente do que se havia cultuado desde o início dos tempos e fora transmitido entre seu povo por milênios, o imperador do Japão não era e nunca fora o descendente direto da *Amaterasu Omikami*, a deusa do Sol. A mesma que fazia com que o país fosse conhecido como a Terra do Sol Nascente. (MORAIS, 2000)

Da Porta Sakurada, localizada no Palácio Imperial de Tóquio, ao bairro de Coim, nos arredores da cidade de Tupã, a 550 km de São Paulo, a atenção e indignação causada pelo discurso transmitido ao vivo era a mesma. Em 1º de janeiro de 1946, o imperador do Japão declarava, em pessoa e em uma transmissão radiofônica ouvida em todos os rincões do mundo, não apenas a condição humana e mortal sua e de toda a família imperial, como também confirmava o apoio ao General Douglas MacArthur neste período que naquele momento se iniciava.

Tal pronunciamento fora fundamental já que se tratava de uma das imposições aceitas pelo imperador Hiroíto (em 15 de agosto de 1945) dos termos firmados pela *Declaração de Potsdam* e que propiciaria a reestruturação do Japão após sua derrota na 2ª Guerra Mundial. Para os habitantes do arquipélago aquele era um momento de resignação e foco para reconstruir a economia interna e, até mesmo, a confiança de cada um na esperança do retorno à glória de sua nação.

Porém, tal resignação e clareza da real condição japonesa naquele fim de 1945 e início de 1946 não era tão compreensível aos olhos dos emigrados. Após a proibição dos semanários escritos só em japonês bem como a baixa compreensão das notícias veiculadas nas demais mídias brasileiras, muitos orientais tomaram o fato como sendo falso e forjado. Afinal, o exército japonês era invencível e ganhara até mesmo dos russos na histórica batalha de 1905-1906. Assim, a má compreensão da língua portuguesa misturada à baixa circulação de veículos de imprensa entre os imigrantes e à pequena quantia de “japoneses esclarecidos”, tornava o ambiente propício à deturpação da realidade. Estavam dadas as condições para o surgimento da *Shindo Renmei*, também conhecida como “Liga do Caminho dos Súditos”.

Sob o comando do ex-coronel do exército japonês e também emigrado Junji Kikawa, a *Shindo Renmei* se mostrou uma facção atuante entre os anos de 1945 e idos de 1946, realizando uma série de palestras freqüentadas por leais súditos do imperador pregando a vitória do Japão, além de reacender a importância de se manter fiel ao império japonês. Afinal, mesmo estando em outro país, era vital cultivar o *yamatodamashii*.

Além de palestras, a *Shindo Renmei* era a responsável pela distribuição de boletins e fotos nas principais cidades e regiões brasileiras de colonização japonesa, mostrando a falsa vitória nipônica sobre os Aliados (MORAIS, 2000). É neste meio tempo que a veiculação de jornais e transmissões radiofônicas de ondas curtas começou a circular nos pólos das colônias orientais no Brasil. E o foco destas notícias ia de um extremo a outro, de um Japão vencedor (na versão dos boletins da *Shindo Renmei*) a um perdedor e resignado (como era retratado pelos veículos brasileiros e, portanto, "*gaijins*"). Isso fez com que a colônia japonesa se dividisse no Brasil entre os *kachigumi* (imigrantes que acreditavam na vitória do Japão na 2ª Guerra) e *makegumi* (derrotistas).

Em seus treze meses de atuação, tal seita trouxe o terror de muitas cidades até ser percebida pelo DOPS - Departamento de Ordem Política e Social. Ao final e com o seu desmantelamento foram contabilizadas 23 mortes e 147 feridos, além da inevitável certeza de que, apesar de muitos terem nascido aqui, o "espírito japonês" era cultuado com o mesmo vigor entre os imigrantes e seus filhos, já nascidos em território brasileiro.

> Percebe-se claramente que os primeiros imigrantes e os seus descendentes nascidos no Brasil se viam como "súditos" do Império Japonês, ponto que deve ser considerado para se pensar em "japonesidade", "cultura japonesa" ou mesmo na "identidade hifenizada" deste grupo não-europeu daquele período e que influenciou as gerações posteriores. (SILVA, 2008, p. 36, grifo do autor)

Fatos como o da *Shindo Renmei* mostram a importância da comunicação não apenas enquanto transmissora de informações e de credibilidade perante o receptor da notícia, mas também sob a forma de um instrumento de vital importância na formação e manutenção de uma identidade, seja ela coletiva ou nacional.

De acordo com Lucia Santaella (2003), seis "eras culturais" compõem a História: a era oral, escrita, impressa, das massas, das mídias e digital. A oral e a escrita remontam suas raízes desde a antiguidade clássica ocidental. A imprensa tem seu início a partir de Gutemberg. De 1920 a 1950, a Era do Rádio delineia uma sociedade de massa homogeneizada, cujos anseios e medos eram coletivizados e explorados através de uma indústria cultural. E é esta indústria cultural que vai se fortalecer ainda mais através da popularização da televisão.

Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), importantes membros da Escola de Frankfurt (1930-1960), são figuras representativas da crítica à indústria cultural e, por conseguinte à sociedade de massa. É por meio da formulação da Teoria Crítica que a

cultura é vista como objeto passível de padronização segundo os interesses de corporações comunicativas ou da propagação de ideais totalitárias do Estado em jogo.

> The culture industry claims to serve the consumers' needs for entertainment, but conceals the way that it standardises these needs, manipulating the consumers to desire what it produces. **The outcome is that mass production feeds a mass market that minimizes the identity and tastes of the individual consumers who are as interchangeable as the products they consume.** The rationale of the theory is to promote the emancipation of the consumer from the producers by inducing the consumer to question beliefs and ideologies. (WIGGERSHAUS, 1994, p. 137, grifo nosso)

Assim como a arte imita a vida, Aldous Huxley e George Orwell representaram, em *Admirável Mundo Novo* e *1984*, o extremo a que esta sociedade (e cada indivíduo que a compõe) poderia ser levada com a proliferação do controle midiático e da indústria cultural da época.

De acordo com Bauman (2001, p. 37), o que ambas as obras compartilhavam era:

> [...] o pressentimento de um mundo "estritamente controlado", da liberdade individual não apenas reduzida a nada ou quase nada, mas agudamente rejeitada por pessoas treinadas a obedecer ordens e seguir rotinas estabelecidas; de uma pequena elite que manejava a todos os cordões – de tal modo que o resto da humanidade poderia passar toda sua vida movendo-se como marionetes; de um mundo dividido entre administradores e administrados, projetistas e seguidores de projetos – os primeiros guardando os projetos grudados no peito e os outros nem querendo nem sendo capazes de espiar os desenhos para captar seu sentido; de um mundo que fazia de qualquer alternativa algo inimaginável.

Com o fortalecimento da figura do Estado, a partir da expansão do uso de ferramentas midiáticas, há a afirmação do conceito de identidade nacional, alicerce fundamental para a soberania da idéia de nação uniforme. Com isso, não fora por acaso a escolha do rádio como veículo de comunicação utilizado por Getúlio Vargas para transmitir seu apoio aos Aliados e para decretar a proibição da livre-circulação dos imigrantes provindos dos países do Eixo.

E também fora o rádio, a mídia usada pelo Imperador Hiroíto para comunicar sua condição humana e o pedido de união a todos os seus súditos para a reconstrução do país. E, mais uma vez, não por coincidência, fora este mesmo meio de comunicação o também escolhido, em ondas curtas, pelos integrantes da *Shindo Renmei* para transmitirem seus falsos boletins, além da mensagem ser reforçada pela divulgação articulada nos panfletos e jornais produzidos pela facção. Logo, além da transmissão da notícia em si, o objetivo para o uso nestes três casos era o mesmo: a conquista de um público e de uma massa fiel.

> A idéia de “identidade”, e particularmente de “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana. [...] O Estado buscava a obediência de seus indivíduos representando-se como a concretização do futuro da nação e a garantia de sua continuidade. (BAUMAN, 2001, p. 27, grifo do autor)

Portanto, manejar e controlar por meio da mídia foi uma prática adotada tantos por Estados Totalitários, como o almejado por Getúlio Vargas durante o Estado Novo, como também por pequenas minorias que se interessavam em conquistar o maior número possível de seguidores, fato que ocorrera na colônia japonesa no sul e sudeste com a atuação da *Shindo Renmei*.

1.4.4 O Japão Novo e seus emigrantes

Finalizada a guerra, o Japão pós-45 inicia um novo período de transformação político organizacional e muito se deve ao “espírito japonês” guiado pelo Confucionismo. Isso porque, em se tratando de Japão, não se pode ignorar a orientação confucionista que permeia toda a moral pública, os valores sociais e individuais, o direcionamento político e religioso não só daquele povo como das demais nações do leste asiático ainda até hoje. Durante o período de Restauração Meiji (1866-69), uma nova reestruturação educacional fora realizada do ensino primário ao universitário como forma de acelerar as condições básicas para a modernização do país. Naquele instante, os princípios do Confucionismo eram incorporados à Educação e à cultura coletiva propiciando o enraizamento de valores como o trabalho coletivo, a lealdade à família, a dedicação à nação e a manutenção da harmonia social.

> Lead the people with administrative injunctions and put them in their place with penal law, and they will avoid punishments but will be without a sense of shame. Lead them with excellence and put them in their place through roles and ritual practices, and in addition to developing a sense of shame, they will order themselves harmoniously. (CONFUCIO: Analects II, 2002, p. 3)

Tal anedota é fundamental ao analisar a eficácia do discurso do imperador Hiroito (em 15 de agosto de 1945) ao acatar a Declaração de Potsdam e solicitar o mesmo na tentativa de uma união pacífica e coletiva para alçar o projeto de reestruturação do Japão após sua derrota na 2ª Guerra Mundial.

Assim, sob a orientação do Estado e guiados por valores coletivos enraizados nas mais diversas classes sociais - do trabalhador ao cientista e empresariado – o Japão reconstrói-se a partir de planos de orientação político-econômicos bem traçados e definidos entre 1949 e 1970, quando começa a se mostrar na ponteira das maiores economias mundiais[11].

De maneira semelhante ao ocorrido durante a Era Meiji (1868-1911), o Japão pós-guerra desencadeia um processo emigratório das regiões agrícolas e menos desenvolvidas novamente explicado por meio da Teoria de *Push-Pull*. Isso porque, apesar da retomada do crescimento japonês e da rápida reestruturação econômica nesta fase, a imigração oriental para o Brasil volta a ser vista como uma forma de aliviar as tensões criadas pela impossibilidade de utilização da mão-de-obra excedente no arquipélago.

Deste modo, o Brasil atrai uma nova leva de japoneses iniciando uma nova imigração oriental entre os anos de 1953 e 1973. No entanto, o perfil destes emigrados já é outro e se mostra totalmente diferente dos primeiros japoneses vindos para o Brasil. Enquanto os primeiros japoneses que aqui aportaram não possuíam qualificação, o que os obrigava a trabalhar no setor agrícola nas difíceis condições que lhes eram impostas pelos fazendeiros de café no Brasil, os imigrantes dos anos de 1950 "[...] eram jovens rapazes educados e especialistas qualificados na área agrícola e também em alguns setores da indústria." (SASAKI apud CARIGNATO, 2002, p. 104), constituindo assim os imigrantes do "Japão Novo[12]", como passa a ser conhecido o Império do Sol Nascente no período de reconstrução do país e que logo sucede ao término da 2ª Guerra Mundial.

Em relação à mídia, os japoneses ganham espaços no rádio e na TV brasileiros. No final da década de 1950, a Rádio Bandeirantes dedica um programa voltado a estes imigrantes

---

[11] Até mesmo em relatórios qüinqüenais como o *Japan Perspective: the role of scientific information in society*, publicado em 2002 pelo *Science Council of Japan*, os ideais confucionistas estão presentes reforçando a peculiaridade do estudo da reconstrução e remanejamento político e científico do Japão a partir do pós-guerra: *"The modernization of Japan, however, was based on education. Beginning in the Meiji era and extended after World War II, a compulsory schools system educated the entire population. (…) Even today in modern, westernized Japan, the Confucian precepts that arose in East Asia and the Buddhist precepts that arose in South Asia deeply influence Japanese culture, and the value of harmony and the unique aesthetics of "wabi/sabi" still remain. (SCIENCE COUNCIL OF JAPAN: 21)*

[12] Após a assinatura da rendição do Japão, em 2 de setembro de 1945, admitindo sua perda na 2ª Guerra Mundial, a reconstrução do país galgou sob comando dos Estados Unidos e ficou conhecido como o "Japão Novo". Em janeiro de 1946, as forças de ocupação aportavam em território nipônico, trazendo consigo Harry Kelly, diretor do laboratório de projetos de radiação do MIT. Kelly seria o responsável pelos primeiros direcionamentos científicos e tecnológicos que marcariam a etapa pós-guerra.

O estudo das fases posteriores à guerra é dividido em quatro grandes períodos, marcados por mudanças políticas e resultados econômicos das pesquisas resultantes em cada uma delas, sendo:

1. Ocupação e Recuperação: fim dos anos 40 e início dos anos 50.
2. Alto Crescimento: fim dos anos 50 e início dos anos 60.
3. Reestruturação: fim dos 60 e anos 1970.
4. Nacionalismo e Internacionalização: anos 1980 em diante.

tocando músicas japonesas. Já a partir de outubro de 1970, a TV Tupi lança o programa *Imagens do Japão*, o qual era conduzido pela apresentadora Rosa Miyake. Em 1973, a TV Bandeirantes inaugura um novo quadro em sua programação chamado de *Japan Pop Show*, dessa vez dedicado a gerações nipo-brasileiras mais jovens. Neste momento se inicia um período de novos tempos de integração entre a cultura oriental e a brasileira (HARADA, 2008, p. 55)

Depois de 1973, a imigração japonesa deixa de ser registrada em grandes números o que se deve a uma estabilidade econômica dos residentes no arquipélago e também ao pequeno deslocamento de seus habitantes para novas nações. Neste momento, passado mais de meio século da presença japonesa em território brasileiro, um novo movimento começa a ser notado a partir das gerações provenientes dos viajantes do Kasato Maru e das demais embarcações daquele país. Por meio das novas gerações, chamados de nipo-brasileiros, inicia-se o "Movimento Dekassegui".

1.5 Os dekasseguis

1.5.1 A definição do termo

"Migrantes contemporâneos desenvolvem identidades transnacionais que desafiam a noção de migração como populações que atravessam fronteiras políticas para estabelecer uma casa nova num Estado-Nação novo." (SORENSEN; OLWIG, 2002 apud LITVIN, 2007, p. 127)

A complexidade do fenômeno dekassegui não reside simplesmente na adaptação social dos nipo-brasileiros no Japão. Trata-se, em muitos casos, de uma adequação por parte dos migrantes a uma vida transnacional.

Ao termo "dekassegui" estão atribuídas muitas conotações e implicações, o que colabora para a criação de estigmas, se o sentido a que se quer adotar não for bem contextualizado. De acordo com a origem etimológica da palavra japonesa, o termo faz referência às pessoas que migram – normalmente provenientes de zonas pobres e rurais - para trabalhar, realçando a condição humilde dos migrantes e o fato da migração provir de uma necessidade. Para os brasileiros - segundo Maria Edileuza Fontenelle Reis (2001), em seu estudo *Brasileiros no Japão* e Aaron Litvin (2004), autor do *paper Brazilian Okazaki:* A case study of the Brazilian "return migrant" community in Japan - a palavra se tornou um apelido para os nipo-brasileiros que vão para o Japão. Porém, a percepção da necessidade econômica destes nipo-brasileiros de migrar na condição de trabalhador braçal faz com que, mesmo entre

nikkeis no Brasil, a palavra de origem japonesa recupere uma parte de seu estigma etimológico e original. (LITVIN, 2004)

Portanto, o termo “dekassegui” será aqui utilizado pelo fato de haver uma implicação sobre a identidade transnacional, já que o apelido descreve a condição e a experiência da pessoa, e não simplesmente a sua etnicidade ou sua localização geográfica. Desta forma, um dekassegui continua sendo chamado de dekassegui mesmo após seu retorno ao Brasil.

Esta continuidade reflete a importância da experiência migratória e ajuda na hora de conceber e organizar uma comunidade, seja em espaços físicos (LITVIN, 2004, p. 16) - como a Associação Brasileira de Dekasseguis, no Paraná, ou o Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE), em São Paulo, ou o Centro de Brasileiros no Japão, em Nagoya, seja no espaço digital.

A importância de recorte sobre este público de nipo-brasileiros deve-se também ao fato de quantitativamente representarem menos da metade da população de brasileiros nos Estados Unidos, mas mandarem anualmente uma remessa de capital de US$ 2.2 bilhões, superior aos US$ 1.9 bilhões enviados a cada ano pelos brasileiros em solo norte-americano, segundo os dados do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em 2005.

Além disso, este público dekassegui tem acesso à tecnologia muito mais imediato se comparado à população geral brasileira. Isto não se deve somente por este público estar em uma área não só consumidora, mas ao mesmo tempo produtora de novas tecnologias e bens de consumo,como também por terem salários mais elevados[13] do que a média geral da população no Brasil. E isso favorece a criação de novos hábitos de consumo e de contato com produtos eletrônicos impulsionados pela relação consumista de parte da população japonesa.

Ademais, os conceitos de Lúkacs de que “[...] estudar o trabalho e a tecnologia corresponde a investigar a cultura daqueles que têm acesso imediato à realidade [...]” (PINTO, 2005, v. 1, p. 7) são reforçados pela situação contemporânea. Os dekasseguis, além de se adaptarem às novas realidades geográficas e político-econômicas, são inseridos em um novo ambiente tecnológico que reorganiza seus (novos) hábitos sociais e culturais. Dito os principais conceitos preliminares, se fez necessário discutir a formação histórica deste movimento.

[13] De acordo com levantamento feito, em 2004, pela Associação Brasileira de Dekasseguis, os salários mensais de trabalhadores nipo-brasileiros no Japão giram em torno de US$ 2.500 e 3.500, porém não se pode deixar de considerar que o custo de vida das cidades japonesas ainda está entre os mais elevados de todo o mundo.

1.5.2 O início do movimento dekassegui

Desde o início da reconstrução do Japão, houve a priorização das pesquisas aplicadas, fato explicável pela tentativa de frear os altos índices de inflação atingidos pelo país após a derrota na guerra. Seguindo este pensamento, a maior contribuição de Harry Kelly (enviado pelos EUA como colaborador científico para este período) foi a criação do *Science Council of Japan*. Este órgão existe até hoje e é o responsável pelo direcionamento das pesquisas aplicadas feitas em parceria entre o governo (Ministério da Ciência e Tecnologia) e a iniciativa privada. O direcionamento trazido com a iniciativa de Kelly contribuiu para que, após o período de reestruturação do Japão (anos 1970), se iniciasse um processo de nacionalismo que se estende durante os anos de 1980 consolidando uma política tecno-nacionalista.

O resultado das braçadas do governo japonês contra a maré da orientação ocidental e contra a crença no estudo de Vannevar Bush (defensor da pesquisa pura) foi sentido nos anos 1970 e principalmente na década de 1980, quando a experiência nipônica passa a ser adotada e o sistema *just-in-time* de suas fábricas é implantado como inovação por empresas de outras nações, ressaltando o caráter das *networks firms* que se iniciaria nesta década:

> The adoption of new forms of corporate organization has been hastened by Japanese competition and the demonstration provided by Japanese Keiretsu that a new approach could be taken to the management and control of manufacturing production with the extensive use of subcontracting and “just-in-time” delivery. (CHESNAIS, 1997, p. 283)

A adoção do sistema *just-in-time* acaba por ser extremamente simbólica ao mostrar a afirmação do Japão como uma nação forte e um player de peso dentre os demais países líderes da economia mundial. Assim, enquanto em anos anteriores o arquipélago fora marcado pelo fluxo emigratório, a partir dos anos 1970 inicia-se uma inversão fazendo com que o país atraísse mão-de-obra para suas indústrias em franca expansão.

Tabela 01: Registro de estrangeiros no Japão (1997 a 2006)

Total de Estrangeiros Registrados no Japão (1977 a 2006)

Ano no Calendário Gregoriano	Ano no Calendário Japonês	Total de Estrangeiros	Taxa de Crescimento Anual (%)	Índice de Crescimento	% em relação à População Total do Japão	População Total do Japão (x 1.000)
1977	Sh wa 52	762.050		100	0,67	114.165
1978	Sh wa 53	766.894	0,6	101	0,67	115.190
1979	Sh wa 54	774.505	1,0	102	0,67	116.155
1980	Sh wa 55	782.910	1,1	103	0,67	117.060
1981	Sh wa 56	792.946	1,3	104	0,67	117.902
1982	Sh wa 57	802.477	1,2	105	0,68	118.728
1983	Sh wa 58	817.129	1,8	107	0,68	119.536
1984	Sh wa 59	840.885	2,9	110	0,70	120.305
1985	Sh wa 60	850.612	1,2	112	0,70	121.049
1986	Sh wa 61	867.237	2,0	114	0,71	121.660
1987	Sh wa 62	884.025	1,9	116	0,72	122.239
1988	Sh wa 63	941.005	6,4	123	0,77	122.745
1989	Heisei 1	984.455	4,6	129	0,80	123.205
1990	Heisei 2	1.075.317	9,2	141	0,87	123.611
1991	Heisei 3	1.218.891	13,4	160	0,98	124.101
1992	Heisei 4	1.281.644	5,1	168	1,03	124.567
1993	Heisei 5	1.320.748	3,1	173	1,06	124.938
1994	Heisei 6	1.354.011	2,5	178	1,08	125.265
1995	Heisei 7	1.362.371	0,6	179	1,08	125.570
1996	Heisei 8	1.415.136	3,9	186	1,12	125.864
1997	Heisei 9	1.482.707	4,8	195	1,18	126.166
1998	Heisei 10	1.512.116	2,0	198	1,20	126.486
1999	Heisei 11	1.556.113	2,9	204	1,23	126.686
2000	Heisei 12	1.686.444	8,4	221	1,33	126.926
2001	Heisei 13	1.778.462	5,5	233	1,40	127.291
2002	Heisei 14	1.851.758	4,1	243	1,45	127.435
2003	Heisei 15	1.915.030	3,4	251	1,50	127.619
2004	Heisei 16	1.973.747	3,1	259	1,55	127.687
2005	Heisei 17	2.011.555	1,9	264	1,57	127.756
2006	Heisei 18	2.084.919	3,6	274	1,63	127.770

Fonte: Japan Immigration Association (1995 a 2006)

De acordo com Lisa Bornstein (1992), o Japão possui, no pós-guerra, uma larga quantidade de imigrantes ilegais e esta fase pode ser dividida em três períodos antes de ordenar-se pela promulgação da Reforma da Lei de Controle de Imigração, de 1990. Assim, esta reforma representaria um quarto e último período registrado até então. O primeiro período corresponde aos anos de 1950 até meados de 1970 e é marcado pela entrada de homens coreanos que passam a ser explorados por outros imigrantes coreanos já legalmente residentes no país. O segundo período vai até o início de 1980 e caracteriza-se desta vez pela entrada de mulheres coreanas, tailandesas e filipinas como esposas, *entertainers* ou garotas de programa.

Após 1985 se inicia o terceiro período, quando homens da Tailândia, Coréia, Paquistão e Bangladesh vão ao Japão para trabalharem na construção civil e também nas pequenas fábricas terceirizadas pelos grandes oligopólios. Já o quarto período começa em 1990, quando entra em vigor a Reforma da Lei de Controle de Imigração como uma forma de barrar a entrada ilegal de outras etnias ao país.

> Na Reforma da Lei de Controle de Imigração do Japão, promulgada em junho de 1990, foram tomadas medidas para evitar a entrada de imigrantes ilegais potenciais, com severas sanções aos empregadores do Japão, como multas caras e penas criminais de mais de três anos. [...] Com a nova medida, os imigrantes legais passariam a ser os que mantivessem laços de consangüinidade com o território japonês. (SASAKI apud CARIGNATO, 2002, p. 35)

> A falta de mão-de-obra é ainda relacionada ao envelhecimento da população. [...] O Japão também apresenta baixa natalidade, em torno de 1,2 crianças por família, o que leva à diminuição de jovens no mercado. Esta situação é intensificada pela alta taxa de permanência deles nas escolas; mais de 90% dos jovens de 16 a 18 anos de idade estão matriculados no colegial (Ishizaka, 1982), sendo também significativa a proporção dos que buscam cursos de pós-graduação ou de especialização, inclusive no exterior. (KAWAMURA apud CARIGNATO, 2002, p. 65)

Tal feito fez com que os empregadores - principalmente das grandes indústrias automobilísticas e de eletroeletrônicos - recorressem aos descendentes de japoneses (também chamados de *nikkeis*) localizados em outros territórios. Com isso, os *nikkeis* cujos pais migraram para regiões como Peru, Coréia, Bolívia e Brasil, poderiam agora fazer o caminho inverso voltando para a terra de seus antepassados.

Enquanto o Japão passava por um período de crescimento econômico, tal realidade era apenas sonhada pelo povo brasileiro. Do outro lado do mundo, o Brasil registrava uma alta taxa inflacionária, além, de naquele momento, estar regressando às atividades e exercícios democráticos. Afinal, entre os anos de 1964 e 1985, o País esteve sob as rédeas de uma rigorosa ditadura militar e isso deixara cicatrizes no próprio desenvolvimento político-econômico e nas relações com demais países.

Tabela 02: Procedência dos estrangeiros alocados no Japão (1994 a 2006)

Estrangeiros no Japão por Macrorregião de Procedência (1994 a 2006)

Região		1994 Heisei 6	1995 H. 7	1996 H. 8	1997 H. 9	1998 H. 10	1999 H. 11	2000 H. 12	2001 H.13	2002 H. 14	2003 H.15	2004 H.16	2005 H.17	2006 H.18
Ásia	N	1.050.211	1.039.149	1.060.081	1.086.390	1.123.409	1.160.643	1.244.629	1.311.449	1.371.171	1.422.979	1.464.360	1.483.985	1.540.764
	%	77,6%	76,3%	74,9%	73,3%	74,3%	74,6%	73,8%	73,7%	74,0%	74,3%	74,2%	73,8%	73,9%
América do Sul	N	203.840	222.865	248.780	284.691	274.442	278.209	312.921	329.510	334.602	343.635	358.211	376.348	388.643
	%	15,1%	16,4%	17,6%	19,2%	18,2%	17,8%	18,6%	18,6%	18,1%	17,9%	18,1%	18,7%	18,6%
América do Norte	N	52.317	52.681	54.668	55.312	54.700	54.882	58.100	60.492	63.201	63.271	64.471	65.029	67.035
	%	3,9%	3,9%	3,9%	3,7%	3,6%	3,5%	3,4%	3,4%	3,4%	3,3%	3,3%	3,2%	3,2%
Europa	N	32.529	33.283	35.136	38.200	39.925	41.659	47.730	51.497	55.288	57.163	58.429	58.351	59.995
	%	2,4%	2,4%	2,5%	2,6%	2,6%	2,7%	2,8%	2,9%	3,0%	3,0%	3,0%	2,9%	2,9%
Oceania	N	8.571	8.365	8.753	9.645	10.514	11.159	12.839	14.697	15.898	16.076	16.131	15.606	15.763
	%	0,6%	0,6%	0,6%	0,7%	0,7%	0,7%	0,8%	0,8%	0,9%	0,8%	0,8%	0,8%	0,8%
África	N	4.909	5.202	5.609	6.275	6.940	7.458	8.214	8.876	9.694	10.060	10.319	10.471	11.002
	%	0,3%	0,3%	0,4%	0,4%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%	0,5%
Não sabe	N	1.634	1.826	2.109	2.194	2.186	2.103	2.011	1.941	1.904	1.846	1.826	1.765	1.717
	%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,2%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%	0,1%
Total	N	1.354.011	1.362.371	1.415.136	1.482.707	1.512.116	1.556.113	1.686.444	1.778.462	1.851.758	1.915.030	1.973.747	2.011.555	2.084.919
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Japan Immigration Association (1995 a 2007)

Com a promulgação da Reforma da Lei de Controle de Imigração do Japão se populariza ainda mais entre os descendentes que aqui residiam, contribuindo para que o movimento dekassegui consolidasse.

Hoje, mais de vinte anos após seu início, este movimento se encontra dividido em três fases[14] (SASAKI apud CARIGNATO, 2002), as quais explicam não só a emigração destes nipo-brasileiros como também traça um panorama da realidade brasileira vivida em cada momento.

A fase inicial é de meados da década de 1980. Nesta época, o Brasil passava por um duro período de recessão econômica, reflexo das mudanças trazidas com a redemocratização do País. Com isso, muitos trabalhadores nipo-brasileiros que buscavam por condições melhores acabaram migrando para o Japão, já que este país vivia um *boom* em sua economia aquecida e que duraria até 1991.

Na primeira fase, o migrante se caracterizava pela faixa etária entre 40 e 50 anos, falar o idioma e ir sozinho, com a pretensão de um rápido retorno. O termo "dekassegui" começa a ser utilizado segundo uma perspectiva pejorativa já que a ida ao Japão era, em sua maioria, para trabalhar em empregos subalternos caracterizados pelos 3K (*Kiken, Kitanai, Kitsui*, que significavam respectivamente perigoso, sujo e penoso).

Seu segundo momento se inicia no final da década de 80 e início de 90, quando o então presidente Fernando Collor, através de medidas econômicas conhecidas como Plano Collor, passa a confiscar a poupança e abrir o mercado interno para a competição de livre mercado, contribuindo para a falência de pequenas e médias empresas que não conseguiam competir com as novas multinacionais. É neste momento que o movimento dekassegui se

---

[14] É importante salientar que a divisão do movimento dekassegui em três fases defendidas, em 2002, por Elisa Massae Sasaki (e aqui utilizada para fundamentação teórica) se ampara também em pesquisas anteriores o que faz com que esta autora seja utilizada como a autora mais adequada e completa para este quesito. Em 1994, a Fundação Toyota financiara um extenso projeto que resultou em publicações organizadas em Tóquio por Masato Watanabe. Dividido em dois extensos volumes, o nome dado era *A realidade e a influência dos dekasseguis nikkeis brasileiros*, e fora publicado pela editora Akashi. Outros estudos que também amparam esta divisão em três períodos foram:

KAWAMURA, Lili. **Trabalhadores brasileiros no Japão:** estratégias de formação cultural. Campinas, Tese (Livre-Docência), Faculdade de Educação, Unicamp, 1997.

MORITA, Kiriro; SASSEN, Saskia.The new illegal immigration in Japan, 1980-1992. **International Migration Review**, v. 28, n. 1, p.153-163, 1992.

SAFRAN, Willianm. Diasporas in modern societies: Myths of homeland and return. **Diaspora,** v. 1, n. 1, p 83-99. 1991.

SALES, Teresa. O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais. In: PATARRA, Neide Lopes. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo.** Campinas: [s.i.], 1995. p. 402-408.

populariza, resultando uma das maiores taxas de crescimento da população brasileira registrada no Japão, segundo fontes do Ministério da Justiça daquele país.

Enquanto em um primeiro momento, o dekassegui nipo-brasileiro era mais velho e entendia a língua, agora o perfil era composto por uma faixa etária mais jovem, muitos “novos casados” tornando a migração familiar e não mais individual, além de baixo conhecimento do idioma.

Ainda baseado na classificação apresentada por Elisa Sasaki (apud CARIGNATO, 2002), a última fase categorizada por ele se refere ao dekassegui que para lá se dirigiu em meados da década de 90. Passados mais de dez anos do início desse movimento migratório, o dekassegui deixa de ser visto como o nipo-brasileiro que vai àquele país para submeter-se a serviços subalternos. Deste período em diante, ao termo é agregado apenas o caráter de busca por uma vida melhor, equiparando-se a definição contemporânea e geral dada ao emigrante brasileiro com destino para outros países quaisquer.

O dekassegui enquadrado neste período é amparado pela promulgação do visto de reentrada, o que lhe garante, por Lei, o direito de ir e vir do Japão por vezes indeterminadas, bastando a renovação do visto. Tal fato faz com que o perfil deste migrante seja ainda mais heterogêneo que os demais, além de aumentar o tempo de permanência no Japão e também, em grande parte dos casos, a uma maior freqüência de casos de família em caráter transitório entre estes dois países, o que leva a problemas de identidade. Não só do indivíduo como também dos filhos nascidos e deslocados que os acompanham nesta eterna busca.

A partir daqui, com a finalização da descrição de Sasaki (apud CARIGNATO, 2002) da terceira fase, hoje se nota que um novo período se delineia fazendo com que seja possível a descrição de uma nova e quarta fase que poderia ser caracterizada entre os anos de 2001 até hoje.

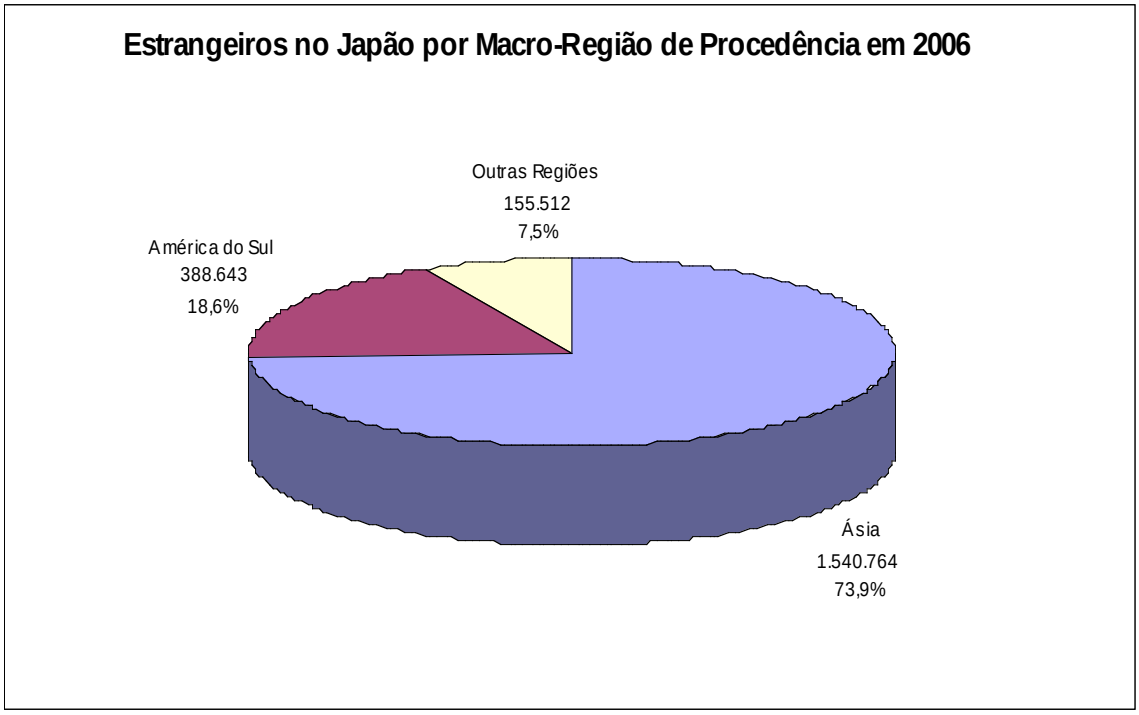
Em relação à distribuição geográfica destes nipo-brasileiros, ela não é feita de forma homogênea dentro do território japonês concentrando-se principalmente nas áreas industriais, onde estão as fábricas e centros de produção. E isso faz com que seja alta a concentração populacional de brasileiros e demais estrangeiros na região central do Japão, locais caracterizados historicamente pela maior quantidade de fábricas de autopeças e de componentes e produtos eletrônicos. Portanto, na região central do Japão (entre Tokyo e Kyoto, especialmente nas províncias de Aichi e Shizuoka) e ao norte de Tokyo (especialmente a província de Gunma) existe uma alta concentração de brasileiros. (LITVIN, 2007, p. 37)

Segundo a medição do Ministério da Justiça japonês feita em 2007, a província de Aichi (que inclui as cidades de Nagoya, Toyota e Toyohashi) tem a maior população brasileira. Logo após vem a província de Shizuoka.

> Em 2007, tinha 76.297 brasileiros em Aichi, 51.250 em Shizuoka, e entre 15 e 21 mil em mais quatro províncias: Mie, Gifu, Gunma e Nagano, nesta ordem. A província de Gunma – apesar de ter uma população brasileira muito menor do que algumas outras províncias – é uma das províncias mais conhecidas pela sua população brasileira. A fama de Gunma como "província de brasileiros" é principalmente pela cidade de Oizumi, conhecida como a cidade japonesa com a maior proporção de residentes brasileiros – em alguns bairros de Oizumi, a proporção de brasileiros chega a ser mais de 20% da população local. (LITVIN, 2007, p. 38).

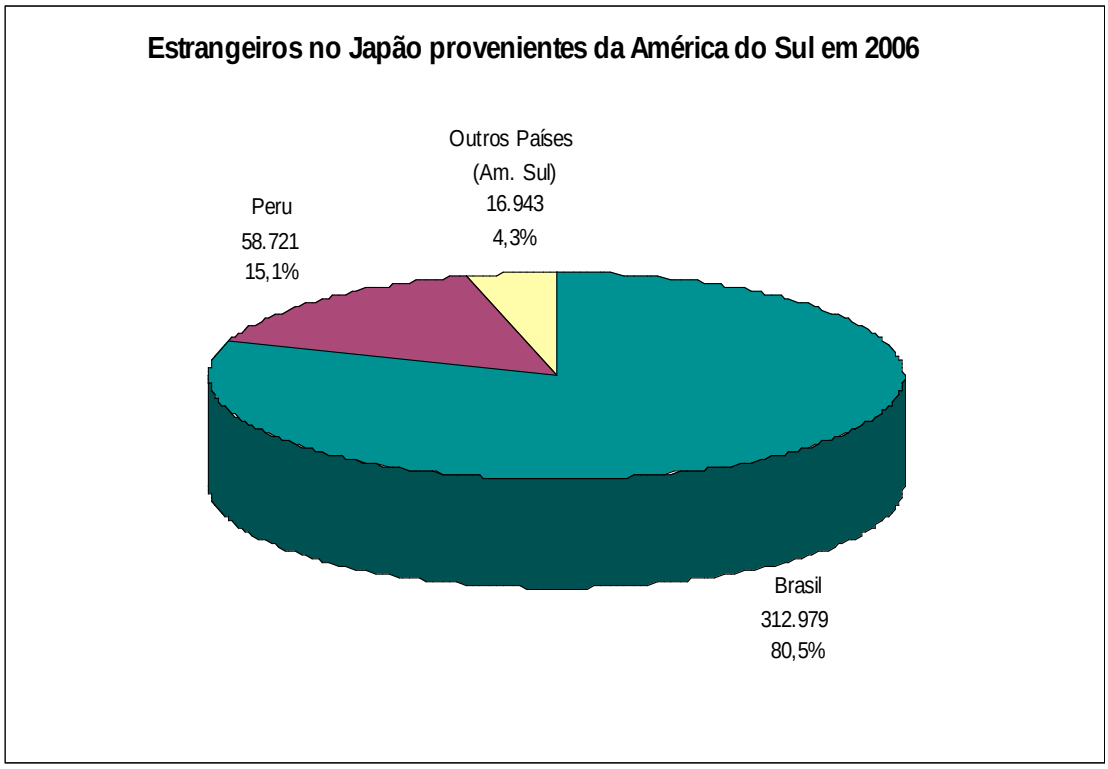
Segue abaixo tabelas com os últimos dados de distribuição geográfica dos brasileiros em solo japonês, de 1995 a 2007, fornecida pela Associação Japonesa de Imigração. Tabelas cedidas e traduzidas por Elisa Massae Sasaki.

Gráfico 01: Estrangeiros no Japão divididos por macro-região de procedência em 2006



Fonte: Japan Immigration Association (2007)

Gráfico 02: Imigrantes provindos da América do Sul, e registrados no Japão, até 2006



Fonte: Japan Immigration Association (2007)

Tabela 03: Distribuição de brasileiros por províncias japonesas (1994 a 2006)

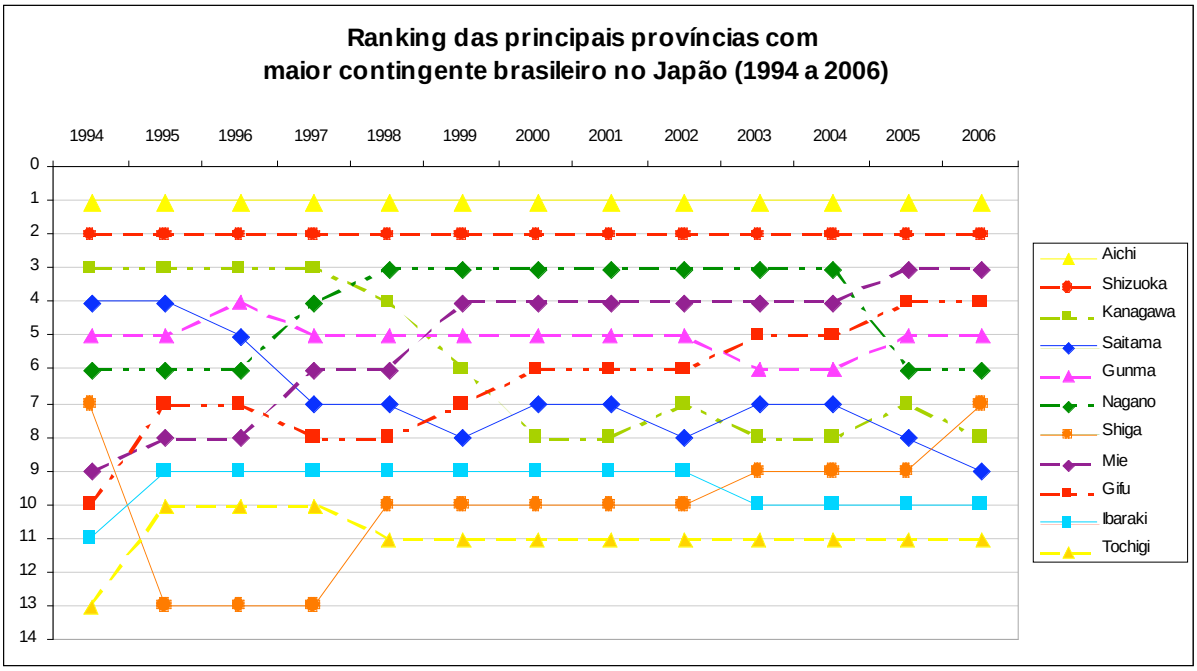
Brasileiros por Principais Províncias no Japão (1994 a 2006)

Província		1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Aichi	N	27.545	29.787	36.392	42.917	40.873	41.241	47.561	51.546	54.081	57.336	63.335	71.004	76.297
	%	17,3%	16,9%	18,0%	18,4%	18,4%	18,4%	18,7%	19,4%	20,2%	20,9%	22,1%	23,5%	24,4%
	R	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º	1º
Shizuoka	N	22.571	25.012	28.305	32.202	31.329	31.974	35.959	39.409	41.039	41.489	44.248	48.586	51.250
	%	14,1%	14,2%	14,0%	13,8%	14,1%	14,3%	14,1%	14,8%	15,3%	15,1%	15,4%	16,1%	16,4%
	R	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º	2º
Kanagawa	N	13.434	13.958	14.386	15.434	13.155	12.184	12.295	13.650	13.794	13.837	13.860	13.859	13.933
	%	8,4%	7,9%	7,1%	6,6%	5,9%	5,4%	4,8%	5,1%	5,1%	5,0%	4,8%	4,6%	4,5%
	R	3º	3º	3º	3º	4º	6º	8º	8º	7º	8º	8º	7º	8º
Saitama	N	10.160	10.804	11.500	12.226	11.532	11.202	12.831	14.088	13.768	13.932	14.030	13.694	13.728
	%	6,4%	6,1%	5,7%	5,2%	5,2%	5,0%	5,0%	5,3%	5,1%	5,1%	4,9%	4,5%	4,4%
	R	4º	4º	5º	7º	7º	8º	7º	7º	8º	7º	7º	8º	9º
Gunma	N	8.941	10.305	11.501	13.933	13.138	13.317	15.325	16.239	15.636	15.756	16.455	16.934	17.101
	%	5,6%	5,8%	5,7%	6,0%	5,9%	5,9%	6,0%	6,1%	5,8%	5,7%	5,7%	5,6%	5,5%
	R	5º	5º	4º	5º	5º	5º	5º	5º	5º	6º	6º	5º	5º
Gifu	N	7.096	8.073	9.829	11.818	11.202	11.619	14.809	14.925	15.138	16.449	17.596	19.152	20.466
	%	4,4%	4,6%	4,9%	5,1%	5,0%	5,2%	5,8%	5,6%	5,6%	6,0%	6,1%	6,3%	6,5%
	R	6º	7º	7º	8º	8º	7º	6º	6º	6º	5º	5º	4º	4º
Nagano	N	6.579	9.633	11.197	14.676	14.670	16.357	19.945	17.830	17.537	17.898	17.758	16.925	16.696
	%	4,1%	5,5%	5,5%	6,3%	6,6%	7,3%	7,8%	6,7%	6,5%	6,5%	6,2%	5,6%	5,3%
	R	7º	6º	6º	4º	3º	3º	3º	3º	3º	3º	3º	6º	6º
Mie	N	6.224	7.086	9.776	12.433	12.903	13.453	15.358	16.737	17.012	17.619	18.157	20.133	21.206
	%	3,9%	4,0%	4,8%	5,3%	5,8%	6,0%	6,0%	6,3%	6,3%	6,4%	6,3%	6,7%	6,8%
	R	9º	8º	8º	6º	6º	4º	4º	4º	4º	4º	4º	3º	3º
Ibaraki	N	5.994	7.036	7.784	9.216	8.933	9.454	10.803	10.974	10.950	10.940	11.259	10.839	10.926
	%	3,8%	4,0%	3,9%	4,0%	4,0%	4,2%	4,2%	4,1%	4,1%	4,0%	3,9%	3,6%	3,5%
	R	10º	9º	9º	9º	9º	9º	9º	9º	9º	10º	10º	10º	10º
Tochigi	N	5.900	6.418	7.759	8.757	8.094	7.565	8.315	8.624	8.530	8.754	8.545	8.513	8.425
	%	3,7%	3,6%	3,8%	3,8%	3,6%	3,4%	3,3%	3,2%	3,2%	3,2%	3,0%	2,8%	2,7%
	R	11º	10º	10º	10º	11º	11º	11º	11º	11º	11º	11º	11º	11º
Shiga	N	5.199	6.054	7.004	8.407	8.322	8.841	10.125	10.182	10.794	10.995	12.128	13.595	13.960
	%	3,3%	3,4%	3,5%	3,6%	3,7%	3,9%	4,0%	3,8%	4,0%	4,0%	4,2%	4,5%	4,5%
	R	13º	13º	13º	13º	10º	10º	10º	10º	10º	9º	9º	9º	7º
Outras	N	39.976	42.274	46.362	51.235	48.066	47.092	51.068	51.758	50.053	19.695	49.186	48.846	48.991
	%	25,0%	24,0%	23,0%	22,0%	21,6%	21,0%	20,1%	19,5%	18,7%	7,2%	17,2%	16,2%	15,7%
Total	**N**	**159.619**	**176.440**	**201.795**	**233.254**	**222.217**	**224.299**	**254.394**	**265.962**	**268.332**	**274.700**	**286.557**	**302.080**	**312.979**
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Japan Immigration Association (1995 a 2007).

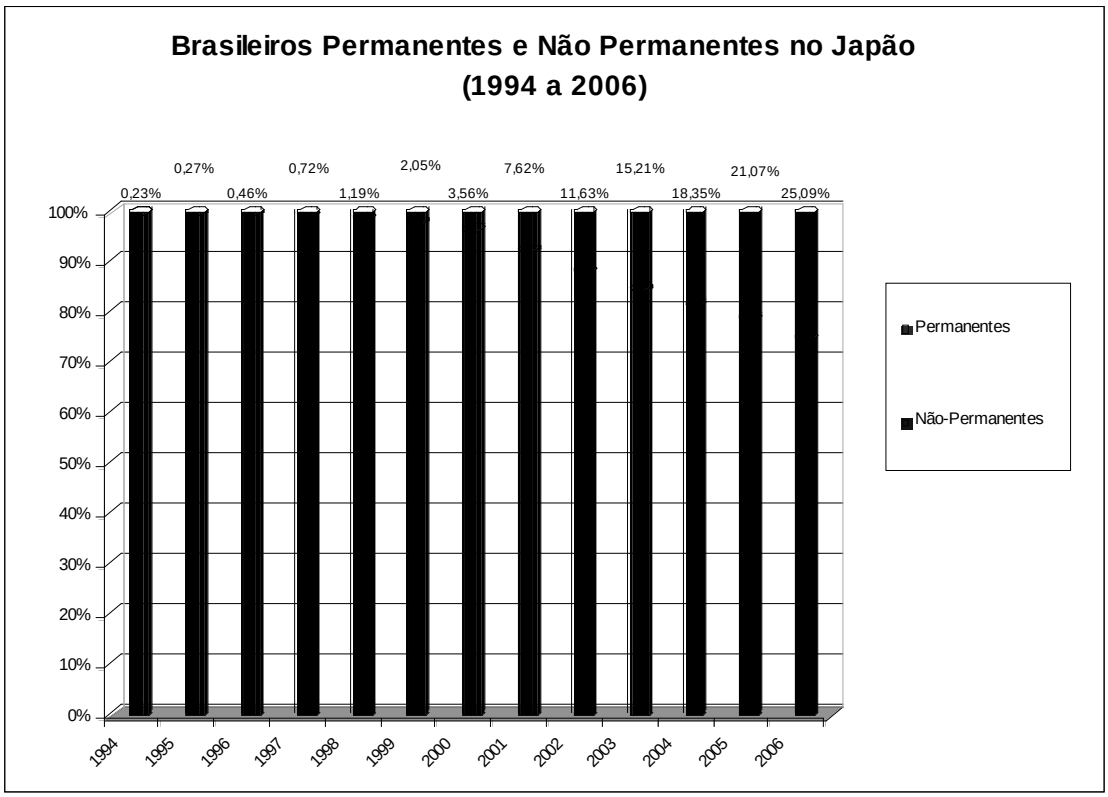
OBS: [N] = Número absoluto; [%] = Porcentagem; e [R] = Ranking (Classificação da província por maior contingência de população brasileira, por ano.)

Gráfico 03: Ranking das principais províncias com maior contingente de brasileiros no Japão (1994 a 2006)



Fonte: Japan Immigration Association (1995 a 2007)

Gráfico 04: Status de Permanência no Japão



Fonte: Japan Immigration Association (1995 a 2007)

1.5.3 Ida ou Retorno: o dilema do dekassegui e a negociação de sua identidade

> Mais do que *trânsito* de um lugar a outro, há a transição de um tempo a outro. *Migrar* temporariamente é mais do que ir e vir – é viver, em espaços geográficos diferentes [...], é ser duas pessoas ao mesmo tempo [...], é viver como presente e sonhar como ausente. [...] É, até mesmo, partir sempre e não chegar nunca. (MARTINS, 1986 apud ROSSINI, 1995, p. 45)

Até hoje não há uma resposta dada como única e absoluta para esta questão que envolve a identidade do dekassegui. Se um dos fatos que marcam a contemporaneidade é justamente a "fragmentação da identidade", como diz Stuart Hall (2001), em se tratando de identidade do nipo-brasileiro essa característica torna o debate ainda mais específico. Se for adotado como parâmetro de análise o critério de territorialidade (*jus solis*) este indivíduo é brasileiro já que nasceu aqui. Se for levado em conta sua ascendência e seu sangue (*jus sangüinis*) ele é japonês, pois suas origens remontam lá. (SASAKI apud CARIGNATO, 2002)

Porém, seria um erro resumir a questão da identidade entre "um ser ou não ser". Afinal, o sangue de qualquer brasileiro, independentemente de sua ascendência, hoje, mais do que nunca, é formado por uma variada gama de continentes na composição das gerações mais jovens. E, por isso, aponta em várias direções partindo de uma mesma raiz.

Segundo o sociólogo Stuart Hall (2001), a identidade na contemporaneidade (denominada por ele de "pós-modernidade") é negociada de acordo com múltiplos grupos que o mesmo indivíduo participa. Da mesma forma, Zygmunt Bauman (2001) defende que a globalização trouxe uma "modernidade líquida" (uma denominação distinta para o mesmo período que Hall defende como sendo "pós-modernidade"). Esta "modernidade líquida" é caracterizada pela necessidade de não-territorialidade das transações político-econômicas, pelas trocas culturais e de saberes locais e, principalmente, pela fluidez das informações unindo diferentes regiões e etnias. E são estes fatores em conjunto que promovem uma constante negociação de saberes e critérios até então estabelecidos para definir as identidades, que se tornam múltiplas.

> Hoje, os padrões e configurações não são mais "dados", e menos ainda "auto-evidentes"; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. Os poderes que liquefazem passaram do "sistema" para a "sociedade", da "política" para as "políticas de vida" – ou desceram do nível

> "macro" para o nível "micro" do convívio social. (BAUMAN, 2001, p. 14, grifo do autor)

É neste contexto de constante mudança que, seguindo o raciocínio de Stuart Hall (2001, p. 13), o sujeito pós-moderno é confrontado pela:

> [...] celebração móvel da realidade em que se encontra à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam e ele acaba por ser confrontado com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderia se identificar – ao menos temporariamente.

O dekassegui, portanto, está nesta liminaridade, na transição entre uma cultura e outra e seu maior desafio e aprendizado é adequar-se ao momento em que se encontra e ao local em que está. Ao imigrar para o Japão na conduta de trabalhador, a justiça japonesa o aceita adotando valores pragmáticos já que considera este trabalhador um descendente direto da Terra do Sol Nascente e, portanto, um *nikkey* graças ao seu sangue *(critério jus sangüinis).*

Assim, ao partir para o Japão é recorrente a idéia de "retorno" apesar de nunca ter pisado naquele país. Este "retorno" é tomado como uma volta à sua origem étnica já que, no imaginário do dekassegui, é recorrente o sentimento de pertencimento em relação ao Japão (SASAKI, apud CARIGNATO, 2002). No entanto, à medida que este dekassegui se estabelece no novo país e passa a conviver não só com os habitantes nativos daquela região como também com os costumes diários daquele povo, há um choque cultural fazendo com que a identidade brasileira se sobreponha à herança oriental a ele transmitida durante sua estadia no Brasil. Isso faz com que sua idéia de pertencimento esteja constantemente em trânsito. Tais características estão muito presentes nas primeiras três fases da movimentação dekassegui nipo-brasileira registrada por Elisa Sasaki (apud CARIGNATO, 2002).

> Muitas vezes, a negociação de identidade desses brasileiros descendentes de japoneses pode estar pautada em um imaginário – talvez coletivo – onde se tenta resgatar (ou não, dependendo das circunstâncias que melhor lhe convier) a "brasilidade" [...] para contar como referência. Talvez exatamente essa condição indefinida, essa possibilidade de vir a ser, essa *ambigüidade* é de que dá margem a tantas negociações. (SASAKI apud CARIGNATO, 2002, p. 44, grifo do autor)

Negociação e pertencimento, tais palavras estão presentes no indivíduo de nossos tempos. Em relação ao imigrante nipo-brasileiro, em específico, há a constante busca de um "retorno". E isso é propiciado pela idealização do local tido como origem, o qual se contrasta

com a realidade vivida, assim como a territorialidade agora habitada. Esse sentimento se encaixa a uma parábola japonesa aproximando a figura ao dekassegui da personagem dessa estória. E essa parábola é a de *Urashima Tarô.* (SASAKI apud CARIGNATO, 2002)

Sob um mar tempestuoso, uma tartaruga se enroscara na rede de um pobre pescador que a soltara, apesar de ver quão linda e valiosa ela poderia ser. Este pescador era Urashima Tarô. Pelo ato de bondade e nobreza, a tartaruga o convida a conhecer o mais belo dos reinos, o que existia no fundo do mar. Assim, parte o navegante em águas profundas e naquele reino permanece por um tempo. Embora estivesse feliz naquele local, começou a sentir saudades de sua terra natal e de seus parentes e, assim, Urashima pediu para voltar. Ao partir, recebeu uma arca de presente com a recomendação de que só a abrisse em último caso. Atento a essas recomendações, Urashima foi deixado nas terras de sua cidade, porém, não as reconhecia mais. Ao caminhar, o pescador descobre que seus amigos e parentes já tinham morrido. Centenas de anos se passaram e por muito tempo sua família o procurara. Assim, o pescador vai à beira do mar, na esperança de reencontrar a tartaruga, mas nada vê. Clamando e olhando ao redor sem se identificar com o mesmo local que durante tanto tempo habitara suas mais caras lembranças, Urashima Tarô se desespera e decide abrir a arca. Ao fazê-lo, todos os anos começam a passar para ele que envelhece rapidamente.

Assim como o pescador, o dekassegui também parte para terras distantes. E, à medida que o novo contexto vai passando, ele sente saudade do que deixara, sem se dar conta de que o que ficara para trás também continuou em um processo de evolução. Da mesma forma que Urashima Tarô, o dekassegui tenta guardar, não em uma pequena arca mas em suas memórias, todas as referências que têm com o local de pertencimento.

Além da parábola, aqui bem se encaixa outra relação. Ao divulgar o início dos vôos Brasil-Japão a Varig lançou, em 1968, um comercial explorando esta mesma lenda. Nela, ao abrir a arca dada pelos habitantes do mar, Urashima encontra uma passagem da Varig para que possa ir de encontro a sua família e terra natal. Com isso, tanto no comercial publicitário quanto na comparação do dekassegui com a lenda em si, a idéia de pertencimento a um território e saudosismo de outro local se mostra presente nas três fases do movimento deste povo imigrante.

Atualmente, porém, é possível afirmar que há uma quarta fase[15]em relação à migração nipo-brasileira (LITVIN, 2007; SILVA, 2008) por haver uma grande quantia significativa

[15] Apesar de Elisa Massae Sasaki bem descrever o movimento dekassegui em três fases, ela finaliza sua análise tendo como foco os anos de 1998/2000, apesar de seu estudo datar de 2002. Portanto, há um *gap* que recai de 2001 até os anos atuais de 2008/2009. A análise destes imigrantes deste novo período foi pesquisada mais

destes imigrantes se estabelecendo no Japão e criando uma nova faceta social e econômica naquele país. Assim, a própria parábola de Urashima Tarô ganha um novo significado nesta fase mais contemporânea.

1.5.4 O dekassegui do século XXI

A partir dos anos 2001, novas características começam a se mostrar presentes em relação à análise dos dekasseguis nipo-brasileiros diferenciando-se das três fases anteriores. Um dos fatores para esta modificação é a diminuição do valor hora/trabalho e também a elevação do custo de vida naquele país. Com isso, a proposta de tempo de estadia destes trabalhadores nipo-brasileiros no Japão aumentou, já que a possibilidade de rápido retorno se torna comprometida. Além disso, o próprio perfil dos migrantes é outro. Enquanto em um primeiro momento esta massa migrante era constituída por um público masculino casado, com idade próxima a 40 anos, porém que se dirigia sozinho para poupar mais e regressar o mais breve; hoje, há uma predominância de casais jovens, sem fluência e conhecimento da língua japonesa e sem tempo de retorno previamente planejado. De certa forma, esta nova tendência é um prolongamento da terceira fase do processo migratório dekassegui brasileiro. O que a diferencia é que se nota não só um maior tempo de permanência como também a possibilidade de estabelecimento definitivo em solo japonês.

> O perfil demográfico dos brasileiros no Japão têm alterado desde o começo do movimento dekassegui, segundo um estudo da Universidade Tokoha Gakuen. Esta observação é apoiada pelos dados do CIATE, os quais mostram que mais de 65% dos brasileiros permanecem no Japão por mais de 5 anos, com 28% permanecendo por mais de 10 anos. Jovens, particularmente casais jovens, começaram a migrar para o Japão, as vezes sem planejar a duração da estadia. O que tinha sido uma migração temporária e calculada virou uma aventura aberta. (LITVIN, 2007, p. 43)

---

profundamente nos trabalhos abaixo descritos, além de se mostrar uma como sendo uma tendência comprovada por meio dos dados que serão apresentados nesta dissertação.

LITVIN, Aaron. **A adaptação social e econômica dos migrantes brasileiros no Japão**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Victor Hugo Kebbe da**. Um jornal entre Brasil e Japão:** a construção de uma identidade para "japoneses no Brasil" e "brasileiros no Japão". 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

Outro ponto necessário a se lembrar é que Lili Kawamura, ao publicar em 2003 a edição revista de sua obra "**Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão",** também aponta uma nova fase como tendência detectada. Isso porque o perfil destes migrantes está mudando assim como há o surgimento de um comércio específico, agora surgido de maneira legal dentro do Japão e realizado por nipo-brasileiros.

Junto com o maior tempo de permanência no Japão, se estabeleceu um comércio voltado a este nipo-brasileiro e suas necessidades. Assim como aconteceu nos Estados Unidos com a fixação dos migrantes latinos e indianos, o nipo-brasileiro acaba por suprir a carência da proximidade local e cultural ao estabelecer uma mídia e comércio baseados em seus costumes étnicos (Appadurai). E este comércio regional é detido por patrícios já regularmente estabelecidos.

> Hoje em dia, todas as cidades japonesas com elevada população de brasileiros têm informação em português nas prefeituras, intérpretes nos hospitais, às vezes até placas na rua em português. Existem restaurantes, baladas, agências de automóveis, salões de beleza, entre outros empreendimentos estabelecidos por e para os brasileiros. Segundo o jornal brasileiro International Press, o qual publica um guia anual de empresas brasileiras no Japão, existem mais de mil lojas brasileiras no Japão. (LITVIN, 2007, p. 47)

Em a *Teoria dos enclaves econômicos*, Alejandro Portes (apud LITVIN, 2007) defende que um migrante ao estabelecer seu comércio baseado em produtos presentes e compartilhado dentro dos hábitos culturais de sua nacionalidade, acaba por criar não apenas uma nova opção de consumo local no país receptor, como também (e principalmente) estabelece um "mercado étnico". Com isso, este comércio acaba por se sustentar baseado em grande parte graças à clientela do mesmo grupo migrante. (LITVIN, 2007)

É possível detectar em cidades de grande população nipo-brasileira, a presença de escolas baseadas no ensino brasileiro, supermercados, lojas de vestuários, calçados e música, além de agências de viagem, meios de comunicação e até mesmo igrejas evangélicas. Ainda baseado nesta teoria dos enclaves econômicos, é possível dividir estas entidades em "satélites" (cuja sede se encontra no Brasil sendo, portanto, uma derivação de um *royalty* já existente) e "orgânicas" (criada sem vínculo anterior nenhum com o país de origem daquele grupo migrante). Porém, diferentemente dos mexicanos estabelecidos nos EUA e que deram origem ao estudo de Alejandro Portes, há uma dispersão muito grande dos dekasseguis já que eles se apóiam na condição de entrada legal no Japão e também a concentração deles é móvel e estabelecida segundo os locais de trabalho e não se baseia na necessidade da formação de uma territorialidade coletiva, como se dá com os mexicanos.

Elisa Massae Sasaki e Lili Kawamura (apud CARIGNATO, 2002) também se detêm neste falta de escolha individual para a concentração geográfica dos migrantes já que a localização deles não se baseia em uma vontade de habitar determinada região ou mesmo por

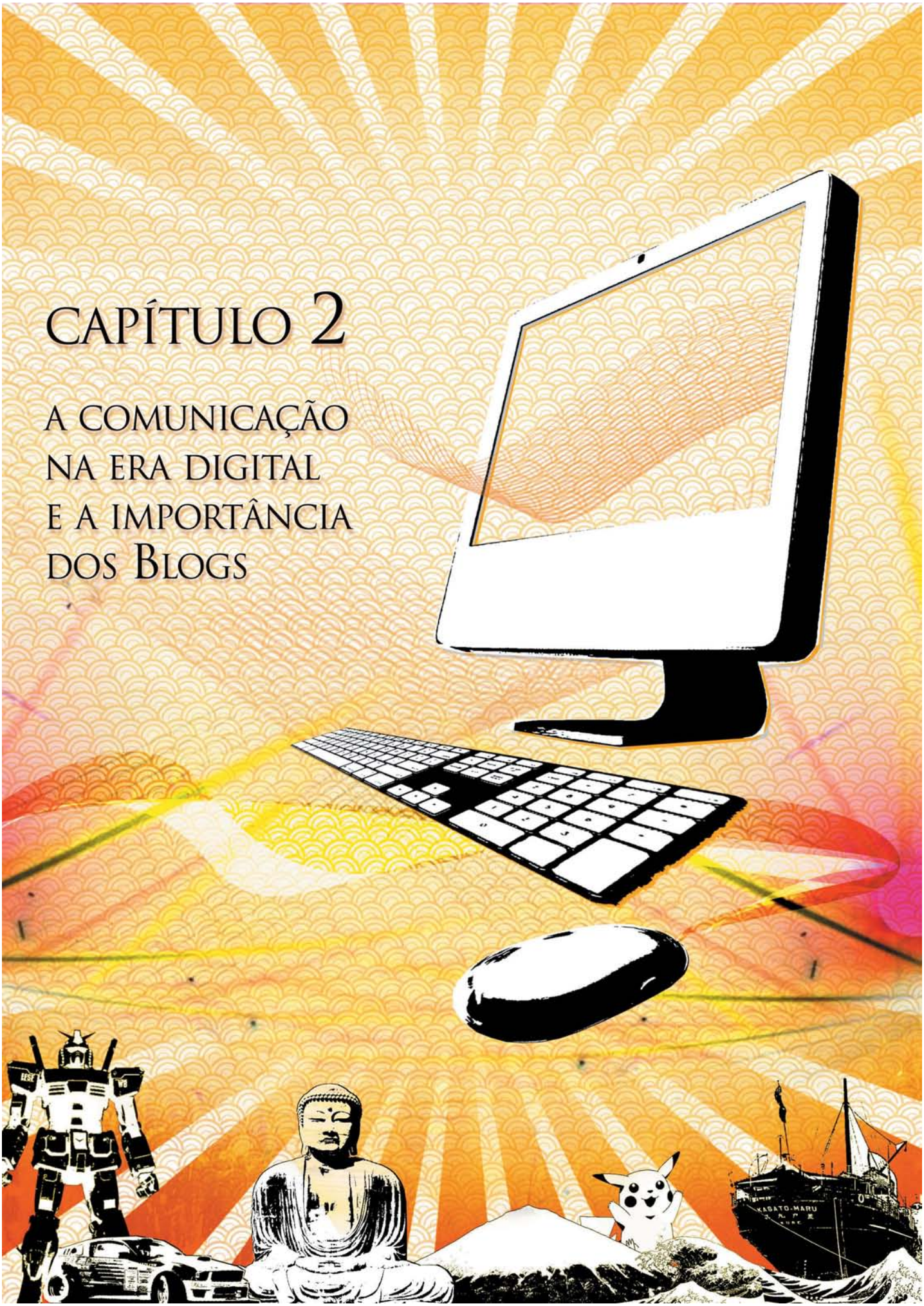
haver o compartilhamento e preservação de valores culturais de uma mesma etnia, mas é determinada pela disponibilidade de vagas nas fábricas conseguidas pelas empreiteiras que mediam esta ligação necessária entre o empregador (empresa japonesa) e o trabalhador (dekassegui).

Assim, ao representarem uma migração legalizada e serem escolhidos graças ao processo seletivo imposto pela Reforma da Lei de Controle de Imigração, de 1990, os nipo-brasileiros vêm a se estabelecer atualmente como uma "migração plenamente reconhecida" (KAWAMURA apud CARIGNATO, 2002). Hoje, com o envelhecimento da população japonesa e sua baixa taxa de natalidade, além da pouca adesão por parte dos jovens orientais aos trabalhos realizados em fábricas e indústrias (tidos como serviços braçais ou de "segunda linha") os imigrantes legais passaram a ser uma condição fixa para a manutenção do processo produtivo como um todo. Desta forma, por também contribuírem com o desenvolvimento da economia interna do Japão, as discussões da eliminação das diferenças existentes entre nativos e estrangeiros em relação aos direitos trabalhistas e sociais tornaram-se recorrentes e algo a ser resolvido pelo governo japonês nos próximos anos.

> Uma mudança qualitativa deste processo estaria relacionada com a eliminação da discriminação, não apenas étnica e cultural, mas principalmente em relação aos direitos trabalhistas e sociais entre os trabalhadores estrangeiros, e entre estes e os japoneses. (KAWAMURA, 2002, p. 246)

CAPÍTULO 2

A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL E A IMPORTÂNCIA DOS BLOGS



CAPÍTULO 2: A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL E A IMPORTÂNCIA DOS BLOGS

2.1 A Sociedade em rede

A História é marcada por mudanças, revoluções, seja a nível social, econômico, político. Aqui, o que nos interessa é dar o panorama geral das três revoluções comunicativas para, então, passarmos para a quarta revolução, na qual estamos. Todas elas não somente trouxeram novas formas de comunicar, mas e principalmente, propiciaram novas práticas sociais e também novas formas de interação com o meio ambiente em cada período histórico em que se encontram localizadas.

Para esta tarefa, alguns autores se mostram chave. Marshall McLuhan é o primeiro a se destacar. Com ele, os meios de comunicação passam a ser pensados como uma extensão do homem, de sua organização e atuação social. Derrick De Kerckhove, discípulo e atual coordenador do Instituto McLuhan em Cultura e Tecnologia, da Universidade de Toronto, também é uma referência importante já que não só dá continuidade ao primeiro autor como também avança na análise da atuação social como elemento principal que compõe a ponta da inovação tecnológica. Bruno Latour é outro pensador que compartilha desta visão, além de ser primoroso ao descrever o ator em rede e quebrar o paradigma dos estudos como caixinhas separadas, projeto trazido com a Modernidade e que de nada se aplica a hoje, já que estamos em um processo de hibridação cultural, criativa e, principalmente, tecnológica. Em nossos tempos, há a intersecção de saberes, seja de áreas semelhantes como de distintos conhecimentos. Agora, toda produção tecnológica e social perpassa os meandros da ciência vista como única e, não mais, segmentada.

Manuel Castells, Lucia Santaella, André Parente também se mostram fundamentais já que analisam a sociedade em rede e a era da informação. Massimo di Felice é também uma das bases ao apontar que os fluxos informativos sobrepõem os espaços de forma dinâmica, compartilhando diferentes saberes em trânsito contínuo.

Em *Culturas e artes do pós-humano*, Lucia Santaella (2003) sugere o estudo das produções culturais a partir de sua divisão em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a impressa, a de massas, a das mídias e, por último, a cultura digital. Por outro lado, apesar das seis eras culturais, quatro grandes revoluções comunicativas pautaram estas mudanças marcando transformações sociais a partir da incorporação e popularização técnica.

São elas a revolução comunicativa trazida pela escrita, imprensa, meios massivos e hoje atravessamos uma quarta: a revolução digital, também conhecida como era da informação.

Porém, mostra-se importante ressaltar que esta divisão, tanto em seis eras culturais ou mesmo quatro revoluções comunicativas, proposta por Lucia Santaella e utilizadas por autores como Massimo Di Felice:

> [...] está pautada na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, [...] são capazes não só de moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também de propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais. (SANTAELLA, 2003, p. 13)

De acordo com Di Felice (2008b), a primeira revolução comunicativa é a escrita, que surge no século V a.C, no Oriente Médio, e marca a passagem da sociedade oral para a escrita. Neste momento, os saberes até então passados de geração a geração e centrados na localidade, passam a se expandir. A segunda revolução ocorre na Europa no século XV, quando Johannes Gutenberg utiliza, pela primeira vez, caracteres móveis que propiciam o surgimento da imprensa, divulgando e difundindo os livros, que até então ficavam retidos a uma minoria. A terceira, por sua vez, acontece entre os séculos XIX e XX quando a Revolução Industrial proporciona o aparecimento de uma cultura de massa e o surgimento dos meios eletrônicos. A sociedade, bem como os elementos que a compõem, passam a ser ditados pela interação homem-máquina, pelo tempo-espaço-trabalho.

A figura do *Vagabundo* (The Tramp), de Charles Chaplin (1915) é o arquétipo deste indivíduo gerado a partir da Revolução Industrial e que foi se modificando até o Fordismo, do início do século XX. O *Vagabundo* é a representação do proletário, cuja identidade é baseada em sua relação com o trabalho e com a produção em série. *Tempos Modernos* (1936) possibilita o questionamento da relação tempo-espaço, como também as características da sociedade de massa que vinha se desenhando.

A terceira revolução comunicativa é marcada pelo advento dos meios de massa, os quais proporcionam o acesso comum a uma cultura distribuída de forma extensa e uniforme. Como diz Di Felice (2008, p. 21):

> [...] a tipografia e o livro antes, a imprensa, o rádio e o cinema depois serão os meios da construção de um social midiático e técnico, que será a característica da época moderna, isto é, do advento dos estados nacionais, e da sociabilidade moderna.

É por meio das conquistas trazidas pela Revolução Industrial que uma nova organização social se torna latente, transformando também a produção do conhecimento já que o desenvolvimento de novas tecnologias, assim como a assimilação e modificação destes produtos, acaba sendo cada vez mais acelerada diante do tempo. Assim, a luz elétrica mais do que fornecer uma nova fonte de energia, pode ser compreendida como a formadora de novos processamentos de informação. Conseqüentemente, a luz elétrica deixa de ser compreendida também como meio de comunicação simplesmente porque não possui um "conteúdo" próprio. A luz elétrica apenas dá o formato para que outros meios assumam e mostrem seus conteúdos, como o rádio e a televisão.

> Somente compreendemos que a luz elétrica é um meio de comunicação quando utilizada no registro do nome de algum produto. O que aqui notamos, porém, não é a luz, mas o "conteúdo" (ou seja, aquilo que na verdade é um outro meio). A mensagem da luz elétrica é como a mensagem da energia elétrica na indústria: totalmente radical, difusa e descentralizada. Embora desligadas de seus usos, tanto a luz como a energia elétrica eliminam os fatores de tempo e espaço da associação humana, exatamente como o fazem o rádio, o telégrafo, o telefone e a televisão, criando a participação em profundidade. (MCLUHAN, 2007, p. 22)

Em sua obra, *Os meios de comunicação como extensão do homem*, McLuhan (1995) utiliza uma quadrinha como metáfora desta inversão generalizada que acaba se difundindo para falar da consciência errônea que se tem da ação dos meios, independentemente de seu "conteúdo" ou programação. Uma quadrinha, nas palavras dele, "anônima e irritada": "No pensamento e nos fatos de hoje// Tudo induz e conduz ao ato e à ação,// De forma que só é digno de elogio//Falar da queda e da contusão".

Quando diz "o meio é a mensagem", McLuhan (1995) coloca no centro da questão o homem e a forma que ele se apropria de uma nova ferramenta. Portanto, ao ter como ponto de partida o caráter ubíquo da tecnologia e inerente ao homem e sua relação com a natureza, o estudo das novas mídias e dos meios de comunicação leva-se em conta o processo trazido com a inserção de novas ferramentas em uma sociedade já constituída que vai mudar/alterar/aperfeiçoar esta ferramenta segundo suas aprovações e necessidades.

O que se altera não é a sociedade diante de uma nova ferramenta, mas o inverso, a ferramenta é gerada e adapta-se às necessidades pré-concebidas de um determinado público de forma que este uso é visto como ubíquo. Assim, o exemplo que ele dá da luz elétrica que é a mesma que alimenta um estádio de futebol, como também um centro cirúrgico, quer dizer que o meio que alimenta ambos locais tão distintos é o mesmo (ou seja, o meio é a luz

elétrica) e o que varia é o conteúdo (futebol, cirurgia). Desta forma, o que não pode perder de foco é que é o meio que dita a ordem da mensagem (e esta sempre altera de “roupagem”).

Ao detectar a eletricidade como um dos pontos vitais para o estudo da comunicação, McLuhan inova e dá os primeiros subsídios para a compreensão do papel da internet enquanto novo meio tecnológico e de atuação social que se faria muitos anos depois. De acordo com o pensador canadense, olhar a história das transformações comunicativas não significa, portanto, perceber somente a mudança das formas de armazenar, organizar e comunicar as informações num sentido evolutivo, mas compreender o caráter qualitativo de cada ruptura comunicativa e, com esta, a cada frase, a introdução de uma nova forma de sentir o mundo e de definir a realidade.

Com isso, o meio é a mensagem seria uma máxima utilizada até hoje. Isso porque sintetizaria dizer que as conseqüências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das ramificações a nós acrescidas– constituem o resultado do novo modelo introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.

A partir da terceira revolução comunicativa, impulsionada pelas tecnologias elétricas, o próprio termo “comunicação”, provindo do grego *meta pherein* que significa “conduzir através” ou “transportar”, se desprende de meios sólidos como o papiro, ou o papel do livro ou do jornal. Com a eletricidade, o meio necessário passa a basear-se no transporte do “movimento da informação”, independentemente da formatação ou ambientação física.

> Foi só com o advento do telégrafo que a mensagem começou a viajar mais depressa que o mensageiro. Antes dele, as estradas e a palavra escrita eram estreitamente interligadas. Com o telégrafo, a informação se destacou de certos bens sólidos, como a pedra e o papiro, tal como o dinheiro se destacara antes do couro, do lingote de ouro e dos metais, para terminar em papel. O termo “comunicação” tem sido empregado extensivamente, em conexão com estradas e pontes, rotas marítimas, rios e canais, antes mesmo de se ver transformado em “movimento da informação”, na era da eletricidade. (MCLUHAN, 2007, p. 108, grifo do autor)

Seguindo este raciocínio, pensar as eras culturais como períodos determinados pela passagem abrupta de um meio a outro é uma forma errônea de refletir sobre o processo tecnológico e evolutivo dos meios, da inserção e das alterações provocadas na sociedade a nível comunicacional. A passagem de uma era a outra é antecedida pela imersão de novos hábitos sociais surgidos por uma pulsação diferente. Por meios e produtos deles gerados que partem de um conceito híbrido no qual utiliza o meio comunicacional dominante e, através deste meio já conhecido, veicula o desejo do novo e o anseio pela inovação.

Assim, a cultura digital, cujo uso democrático não completou ainda duas décadas, não brotou diretamente da cultura de massas, mas foi sendo semeada por processos de produção, distribuição e consumo comunicacionais provindo de experimentações e de um desejo de consumo diferenciado, individualizado, em oposição ao consumo massivo. Como diz Lucia Santaella (2003, p. 15):

> [...] novas sementes começaram a brotar no campo das mídias com o surgimento de equipamentos e dispositivos que possibilitaram o aparecimento de uma cultura do disponível e do transitório: fotocopiadoras, videocassetes, juntamente com a expansiva indústria de filmes em vídeo para serem alugados nas videolocadoras, tudo isso culminando no surgimento da TV a cabo.

O surgimento da TV a cabo e o conteúdo de sua grade de programação, moldado de acordo com especificidades do perfil do assinante, podem ser considerados uma das primeiras manifestações do que a cultura digital traria: a busca individualizada da mensagem e da informação baseada em seus próprios critérios de interesse e seleção.

> São esses processos comunicativos que considero como constitutivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. (SANTAELLA, 2003, p. 16)

Seguindo o raciocínio de Santaella podemos dizer, portanto, que esses processos de recepção prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear e fragmentada da mensagem e da informação. Características estas que viriam a integrar a base da cultura digital.

Através da troca de informações descentralizada surgida com a internet, hoje o usuário expressa não apenas seu caráter atuante e cidadão diante do mundo, como também interfere na relação política até então mantida. Como diz Derrick De Kerckhove (1997), um dos marcos chaves que diferencia a era das mídias de massa para a era digital é a potencialidade latente que emana da relação existente entre a criatividade humana, arte e tecnologia. Relação esta baseada em um nível de igualdade na qual não há diferenciação entre nenhum dos termos que compõe esta equação.

> Enquanto a televisão e o rádio nos trazem notícias e informação em massa de todo o mundo, as tecnologias sondadoras, como o telefone ou as redes de computadores, permitem-nos ir instantaneamente a qualquer ponto e

> interagir. Essa é a qualidade da profundidade, a possibilidade de tocar naquele ponto e ter um efeito demonstrável sobre seus impactos através das nossas extensões eletrônicas. [...] Já não nos contentamos com superfícies. Estamos mesmo tentando penetrar o impenetrável: a tela do vídeo. [...] Expressão literal da cibercultura é a florescente indústria de máquinas de realidade virtual que nos permitem entrar na tela do vídeo e do computador e sondar a interminável profundidade da criatividade humana na ciência, arte e tecnologia. (DE KERCKHOVE, 1997, p. 176)

Com isso, a tecnologia impulsionada pelo avanço computacional dinamizou a mediação do meio técnico em nossas relações sociais. Através das informações rotineiramente trocadas entre celulares, *smartphones*, *notepads*, *notebooks* e demais meios móveis temos, segundo Kerckhove, formas eletrônicas de extensão humana que já se mantém incorporadas e essenciais à vida social e se constituem no cerne da sociedade contemporânea sem fio.

Estamos na contemporaneidade e, portanto, no olho do furacão. Mais precisamente no centro da quarta revolução comunicativa. No momento em que estamos vivendo, a vida acontece na rede. Trata-se da nossa experimentação em ser a partir de uma realidade sociotécnica (LATOUR, 2008, p. 9) onde nossas ações acontecem em um mundo no qual não há mais como vigorar o modelo epistemológico de separação entre os campos das disciplinas proposto pelo antigo projeto da modernidade. Ciência, técnica, filosofia e o agir social, crítica e construção de pensamento estão imbricados entre si, de maneira que a rede permeia nossas formas de conhecimento e se configura no plano em que produzimos e compartilhamos o saber.

Não há separação entre real e virtual, muito menos entre ambientes. O mesmo internauta que bloga é o que sai às ruas em busca de novas oportunidades. Sua indignação, desejos e anseios são os mesmos. Tanto em sua manifestação digital, quanto em suas conversas na sala de aula, na esquina entre amigos, no ambiente de trabalho.

As redes sociais e a Internet como movimentos indissociáveis, na qual as pessoas são capazes de se apropriar das ferramentas disponíveis compondo, ambas, – ferramentas e pessoas – encontram-se estruturadas em uma rede híbrida. Conforme Latour (2005, p. 131) “[...] rede é um conceito, não uma coisa. É uma ferramenta para ajudar a descrever um fenômeno que está sendo descrito.” Esses movimentos com participação de máquinas e humanos potencializaram conhecimentos e compartilhamentos. E o novo paradigma da rede passa a ser visto como redes, múltiplas, nas quais a expressão de subjetividade abre possibilidades e mediações para transformar a realidade social por meio de um processo comunicativo com conseqüências sociais.

De acordo com Castells (2003, p. 50), “[...] diferentemente de qualquer outra revolução, o cerne da transformação que estamos vivendo na revolução atual refere-se às tecnologias da informação, processamento e comunicação.” Os modelos econômicos que se desenvolvem ancorados nas novas tecnologias de informação e comunicação tanto influenciam como são influenciados pela sociedade e cultura à medida que ocorre a apropriação dos recursos tecnológicos por mais e mais pessoas. Tal apropriação é uma das características marcantes trazidas pela sociedade em rede e se destaca por independer do espaço físico, temporal e por permear as mais variadas divisões sociais definidas até então. Em um contexto de rede, o acesso à informação, bem como ao conhecimento, é democrático e está disponível a todos por meio de um simples e curioso “clic”.

As formas de manifestação e crescimento em uma sociedade em rede podem também ser percebidas por meio de uma segunda metáfora apresentada por Deleuze e Guattari (1997) – o rizoma. Não seguindo uma ordem planejada, mas antes crescendo de maneira caótica, disforme, incontrolável, sobretudo interligada, a metáfora rizomática traz consigo a idéia de conexão e movimento:

> Porém, inversamente, ainda que sem simetria, os caules de rizoma não param de surgir das árvores, as massas e os fluxos escapam constantemente, inventam conexões que saltam de árvore em árvore, e que desenraizam: todo um alisamento do espaço, que por sua vez reage sobre o espaço estriado. Mesmo, e, sobretudo, os territórios são agitados por esses profundos movimentos. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 21).

De maneira disforme, é possível identificar que desde meados dos anos 2000, o que há de mais característico neste contexto de formação social em rede e que foi viabilizado pelo desenvolvimento de ferramentas sociais na web é a liberdade de produção, organização e publicação de conteúdos, denominadas por Castells (2007, p. 248) de formas socializantes da comunicação: *mas-self communication*. Através dessas ferramentas é possível perceber que as redes passaram a ser geradoras de conteúdo delas mesmas, constituindo-se em redes auto-organizadoras e auto-selecionadoras em uma comunicação de muitos para muitos. Trata-se de uma produção cultural emergente:

A emergência dos *mass self-communication* oferece um extraordinário meio para movimentos e rebeliões individuais que a partir de uma autonomia proveniente de questionamentos e projetos próprios avança confrontando instituições sociais. “O desenvolvimento dessas ferramentas de comunicação é um produto cultural, que enfatiza a

autonomia e a construção de identidade do ator social.” (CASTELLS, 2007, p. 249, tradução nossa).

O *mass self-communication* é uma visão do autor sobre a ação das pessoas diante das possibilidades oferecidas por ferramentas que estão disponíveis na Internet. Essas ferramentas ampliaram o compartilhamento de saberes e projetos pessoais para além das instituições ou caminhos formais, gerando o que ele denomina de “movimentos e rebeliões individuais”, que se constituem em expressões não mais de cada um, mas de grupos. Esse movimento não seria possível sem as ferramentas que propiciam a descrição de um perfil, a agregação de "amigos" e a possibilidade de postar os conteúdos, ou seja, as ferramentas de conversação ou ferramentas de redes sociais.

Constituindo-se em um dos marcos iniciais da Web 2.0, tais ferramentas são importantes uma vez que deixam de ter apenas o lado técnico de uso quando passam a fazer parte de um movimento, se configurando a apropriação de seus usuários que, por meio delas, ocupam espaços na rede de maneira autônoma e com fins próprios. Quem enxerga o movimento das pessoas na Internet apenas como um movimento dentro do mercado, perde o que há de melhor: as relações criadas por meio da comunicação entre seus usuários e suas conseqüências sociais. Yochai Benkler (2006, p. 19) relata que uma sociedade em rede gera uma cultura mais crítica possibilitando maior liberdade de intervenção para além dos limites das instituições sociais.

> A atual prática da liberdade que emerge de ambientes em rede permite às pessoas organizarem-se entre limiares nacionais e sociais, entre espaços e divisões políticas. Permite a resolução dos problemas em conjunto, porém, fora de associações formais e políticas. Trata-se de um ambiente sócio-econômico fluído. Das demandas individuais provêm a moral para analisar as estruturas de poder e oportunidade, de liberdade e bem-estar. (BENKLER, 2006, p. 19, tradução nossa).

Desde Turkle (1997, p. 178) e Rheingold (2002) temas como atitude, perfil e identidade de usuários na web vêm sendo investigadas. Apesar de considerar a Internet sob o ponto de vista da existência de uma "cultura da simulação", se fixar muito nas ferramentas mais que nas comunidades virtuais e na separação entre o virtual e o real, em seu trabalho a autora ressalta que, nas redes a identidade se mostrava fluida, múltipla.

Já Rheingold (2002) se concentra no envolvimento e no compartilhamento de experiências entre as pessoas por meio das comunidades virtuais. E apesar da dualidade constância e inconstância que permeiam os relacionamentos mediados, Rheingold (2002, p.

56) em *Smart Mobs* relata o surgimento de processos colaborativos ao referir-se às tecnologias da cooperação, exemplificando inúmeros casos em que a multidão inteligente e conectada se articula em torno de interesses comuns como movimentos políticos e sociais cujo alcance e repercussão na realidade social são potencializados por meio das ferramentas de comunicação. A maneira de comunicar da Generation Txt – Geração Txt – (RHEINGOLD 2002, p. 20) por meio do compartilhamento de informações via serviço SMS ou os hábitos da Content Generation – Geração "C" – Geração do Conteúdo e da Colaboração, como é denominada a geração de consumidores que nasceu após 1995 com a disseminação da Internet por meio do uso do computador pessoal, são hoje mesclados com hábitos antigos de pessoas que ainda estão se acostumando a navegar na rede.

As pessoas agem em rede em um movimento que atinge a proporção de uma multidão atuante realizando intervenções cujos reflexos são sentidos não só no ciberespaço, mas também na junção do espaço sócio-econômico que transpõe os limites territoriais de uma nação. Os espaços, bem como as instituições econômicas e sociais, perdem seu status sólido para ganhar contornos fluidos e adaptáveis a uma lógica de rede, sem centro e nem periferia. Como diz Zygmunt Bauman (2001, p. 14, grifo do autor):

> [...] hoje, os padrões e configurações não são mais "dados", e menos ainda "auto-evidentes"; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. Os poderes que liquefazem passaram do 'sistema' para a "sociedade", da "política" para as "políticas de vida" – ou desceram do nível "macro" para o nível "micro" do convívio social.

Portanto, a globalização trouxe, de acordo com Bauman, uma "modernidade líquida", caracterizada pela necessidade de não-territorialidade das transações político-econômicas, pelas trocas culturais e de saberes locais, pela fluidez das informações sem barreiras unindo diferentes povos, de diferentes regiões e etnias, pelo trânsito do conhecimento.

Na rede, também denominada por Lucia Santaella (2007, p. 33) de "ciberespaço", há um grande "processo caleidoscópico" cuja subjetividade dos indivíduos se mescla à "hipersubjetividade de infinitos textos" os quais nos levam de um nó a outro, multiplicando as informações em uma trajetória livre e sem predefinição. Cada face formada no caleidoscópio e observada pelo indivíduo se baseia nas escolhas de navegação que ele mesmo traça, já que o sujeito deixa de ser observador e passa a ser também ator e criador de sua própria rota on-line.

Vivendo em um constante trânsito informacional, o sujeito reformula seus hábitos de leitura e atuação diante dos meios comunicativos a ele oferecidos e isso é a característica primordial que diferencia o indivíduo que compõe a sociedade em rede: a interatividade enquanto meio de ação e atuação. Desta forma, nem sempre as ferramentas comunicativas são utilizadas de acordo com o seu atributo inicial já que passam por uma "apropriação" (MATIELO, 2007, p. 7) por parte de seus usuários, os quais re-significam (e aprimoram) constantemente o seu uso.

O leitor dos grandes veículos de comunicação, através da web, passam a produzir e a selecionar seus próprios conteúdos, a se associar em comunidades e a conversar com pessoas que têm interesses em comum; a expressar as próprias idéias e comentários, independente da aprovação ou não de uma empresa ou veículo de informação. É claro que a Internet mescla características de veículos de massa com características próprias e dentre essas, a expressão de subjetividade é uma possibilidade intrínseca. Subjetividade é um processo, segundo Parente (2004, p. 96), "[...] o processo pelo qual os indivíduos e a coletividade se constituem como sujeitos, ou seja, só valem na medida em que resistem e escapam tanto aos poderes quanto aos saberes constituídos." Ser sujeito na rede, segundo o autor, não é exprimir uma essência ou uma natureza, mas um sujeito que seja processual, que está na rede e se expressa em rede. Não há mais a separação entre o artificial e o natural, o virtual e o real.

O fato do sujeito ser processual faz com que ele também se fragmente e possua múltiplos laços de atuação e interesse, compartilhando distintos focos de atenção. Esta é uma das características que Stuart Hall (2001, p. 13) atribui à contemporaneidade, já que "[...] passamos a ser confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente." Estas expressões de identidade são também acompanhadas pelo movimento de apropriação da tecnologia social no ciberespaço configurando um movimento de multiplicidade e diversidade de inúmeros pequenos grupos cujas vozes se conectam e se transformam em ações sociais.

Segundo David Weinberguer (2007, p. 106), essa liberdade de ação emana um poder de criar e organizar conteúdos e saberes, segundo critérios próprios de classificação e ordem, o conhecimento que se encontra disponível na Internet, através de tags, bookmarks, playlists e weblogs. E o agregar de informação que os sites nos fornecem, ao mesmo tempo estamos desagregando, segundo nossos próprios critérios. Colocando de forma simples, os donos da informação não mais são donos da organização da informação, muito menos os empresários

donos dos veículos de comunicação. A subjetividade na rede é um espaço de possibilidades para conversações e intervenções sociais.

2.2 Atores e Links

Nas redes sociais, a decisão de um ator em se envolver ou não em uma ação coletiva depende do lugar em que ele se encontra no grupo: dos efeitos da influência dos amigos e dos efeitos espaciais e temporais. Uma vez que as ferramentas sociais da internet tornaram viáveis novas formas de ação coletiva, criando grupos de colaboração capazes de transformar, o *status quo* cooperação e negociação andam juntas num processo onde decidir entre agir em prol dos interesses comuns ou em prol dos interesses particulares formam caminhos que muitas vezes coincidem ou se distinguem na web. Segundo Costa (2005), uma atitude de cooperação é mais complexa que uma atitude de compartilhar, pois envolve uma sincronia de comportamentos que exige mudança e adequação entre a subjetividade e o coletivo. A forma mais simples de cooperação utilizando ferramentas em redes sociais é a conversação. Conversação cria maior senso de comunidade que o ato de compartilhar, mas também envolve novos problemas que necessitam de soluções próprias, dadas por seus próprios participantes.

A filosofia da ciência de M. Serres desenvolve o conceito de “filosofia mestiça” que se propõe como uma visão ontológica do conceito de rede. Segundo tal concepção, a rede se apresenta como um campo heterogêneo de tensões, produzidas por uma infinidade de pontos interligados nos quais nenhum ponto é privilegiado perante os demais, elemento este que permite a possibilidade de uma rede desenvolver-se através de múltiplos aspectos. Múltiplos atos. Múltiplos atores. Multiplicidades.

Bruno Latour, em 1994, formula o conceito denominado Teoria do ator em rede, que propõe pensar a realidade comunicativa nos contextos de rede, levando em conta as formas de hibridação e mediação. Mais que verdadeira e propriamente uma teoria, de acordo com o próprio pensador, a teoria “ator-rede” é um estudo baseado nas noções de simetria, de tradução e de “método” e vem interpretado como um caminho para a construção e a fabricação dos fatos, segundo o qual tanto a natureza quanto a sociedade deveriam ser analisadas através de um comum quadro geral de interpretação, no interior do qual a verdade e o erro, a natureza e a sociedade, os humanos e os não-humanos podem ser igualmente considerados. Segundo Latour (2005), em inglês, a palavra *actor* limita-se aos significados humanos, já o termo *actant* (atuante), termo emprestado da Semiótica, permite incluir os

elementos não- humanos no interior da definição e saber que o ator é também produtor de subjetividade não importa em qual perfil manifesta a sua ação-expressão em rede.

Deste modo, abre-se a possibilidade de pensar em uma multiplicidade de atores intervenientes que efetivamente agem e compõem a rede através da circulação de alianças, de fluxos, dentro dos quais todos agem e recebem interferências constantes. Superando o conceito antropocêntrico de um sujeito fabricante que define e cria o mundo, tal definição prefere delinear a realidade de uma rede heterogênea, composta por atores humanos ou não, porém, igualmente conectados.

> Um ator não é uma ação, mas um movimento marcado por uma multiplicidade de grupos de entidades se movendo uns em relação aos outros [...] os atores estão constantemente engajados uns com os outros em grupos que se formam e se desfazem provendo explicações contraditórias tanto por suas ações quanto pelas ações uns dos outros. (LATOUR, 2005, p. 46-47, tradução nossa).

Este engajamento parte da idéia de que a produção do conhecimento é gerada por meio da equalização entre o humano e o objeto. Ambos de maneira contínua e permeável. Assim, a relação emissor-receptor justifica também a ausência hierárquica existente entre estas duas personas na comunicação digital. Como diz Massimo Di Felice (2008, p. 49):

> Se, até então, a teoria da comunicação atribui ao conceito de interação um significado sobretudo antropomórfico, isto é, ligado a possibilidade do indivíduo de interpretar e ressignificar mensagens, perante as dinâmicas comunicativas “com” e “nas” redes, torna-se necessário atribuir a tal conceito um significado de um devir transorgânico, com o qual, ao invés de pôr ênfase na significação da mensagem, indicam-se as práticas habitativas e conectivas de interações entre mente, sujeito, redes, circuitos, informações e Inteligências.

Em ambiente digital, o espaço é constantemente ressignificado. Construído e desconstruído em espaços de saber, nos quais segundo Lévy (2003, p. 202) “[...] o intelectual coletivo pode ocupar [...] desdobrando-se em um plano de imanência infinito, sem apropriação, sem inércia, é próprio dele deixar coexistir, acolher o ser em sua diversidade.” Isso se deve ao fato de que as pessoas estão ali. As pessoas são a web. Onde há pessoas agindo, são formadas influências sociais, há transformações econômicas. Há uma ênfase dada no caráter subjetivo da ação social. Ela é analisada através do sentido que assume para aquele que age. Essa subjetividade do agente é formada através da representação que o agente tem do curso de sua ação/conversação.

Por trás de cada computador há um ser humano buscando uma nova forma de aprender, produzir, se expressar, ensinar, aproveitar e prosperar. E humanos também são os sonhos, sentimentos e contradições, não apenas razão, cérebro e máquina. Já disseram que dentro de nós há multidões. Também já disseram que somos símbolos ou signos. Hoje podemos dizer que somos links. Links que se conectam com outros links. (DIMANTAS, 2006, p. 17).

Como conseqüência dessa situação, a constituição de comunidades virtuais é impulsionada, tendo como principal peculiaridade o fato de surgir de forma espontânea, quando se estabelecem agrupamentos sociais com base em afinidades. As pessoas conversam por prazer e não são obrigadas a integrar determinada comunidade, já que a motivação é eletiva e subjetiva. No interior de tais comunidades devem existir elementos como solidariedade, emoção, conflito, imaginação e memória coletiva, união, identificação, comunhão, interesses comuns, interação.

Michel Maffesoli (1987, p. 18) relaciona esta mudança na forma de tratamento das noções ligadas ao pertencimento à análise sócio-histórica que Max Weber faz da “comunidade emocional”. Para ele, a categoria “comunidade emocional” se refere a “algo que nunca existiu de verdade, mas que pode servir como revelador de situações presentes”. Isso porque as grandes características atribuídas a essas comunidades são seu aspecto efêmero, “a composição cambiante”, “a ausência de organização e estrutura cotidiana”. Ou seja, “trata-se de uma modulação permanente que, tal como o fio condutor, percorre todo o corpo social. Permanência e instabilidade, estes serão os dois pólos em torno do qual se articulará o emocional”.

Para Maffesoli (1987), mais do que identidade, o sujeito contemporâneo é caracterizado por identificações as quais são moldadas segundo a fugacidade e instantaneidade das relações, seja por meio de hábitos de consumo, como a moda, seja por meio da própria relação afetiva o que independe do espaço físico que habita e dos próprios hábitos compartilhados em sua nação. Em uma rede, o trânsito de informações é constante. E, neste sentido, o conceito de "trânsito", do italiano Mario Perniola, aproxima-se da defesa da interação, sem centro nem periferia, em um espaço democrático e aberto a constante questionamento e aperfeiçoamento. Como diz Perniola (1998, p. 115, tradução nossa), em sua obra *Transiti: filosofia e perversione*:

> [...] nunca como agora nos encontramos diante de um devir que não tem uma direção determinada, de um movimento privado de uma meta precisa, de

> uma mudança na qual nada pode mudar, de um deslocamento no qual nada alcança seu lugar. [...] O trânsito [de informações e do devir] não é um movimento diacrônico, o trânsito é um movimento sincrônico que vai do presente para o presente. [...] O mundo não tem centro, nem periferia. A história do mundo não se realiza em algum lugar privilegiado. Cada ponto do mundo é histórico. O trânsito é um processo que vai da presença para a presença.

A falta de um centro organizador e disseminador da informação é uma característica do nosso momento histórico. Fontes oficiais são dignas de consulta tanto quanto fontes cuja reputação é construída e disseminada na rede.

É com esta mesma naturalidade, que a leitura deixou de ser linear e os hiperlinks passaram a compor a forma rotineira de receber e transmitir informação. A diversidade de vozes, as multidões e os grupos de pessoas trabalhando em rede materializam o conceito de "inteligência coletiva" (LÉVY, 2003, p. 30) que se encontra distribuída em toda a parte e que é resultado da mobilização baseada no que o outro pode contribuir por meio de suas competências.

Buscamos estar conectados ao que nos interessa e nem sempre esse conteúdo está na pauta dos grandes veículos de comunicação como jornais e revistas on-line, muito menos na programação semestral de conteúdos ministrados pelos professores em sala de aula. A maior parte das vezes, esse conteúdo é disponibilizado por nós mesmos através de links cujo interesse constrói novas ligações, novos links, leituras e relações sociais com aquilo que nos alimenta e nos enriquece.

O mesmo se dá em relação ao conteúdo informativo. Os blogs passaram de diários virtuais para se tornarem novas fontes de informação. O olhar subjetivo é hoje uma nova fonte de informação para a grande mídia já que aponta, por meio da credibilidade firmada entre leitores, um novo ponto de tendência e um novo viés de abordagem crítica para produtos e assuntos, que até então só chegavam à grande massa através da grande mídia. Em um ambiente digital, como não há mais a fronteira entre centro e periferia, a importância de um blog é medida por quem o lê e quem dele participa. Seu público-alvo baseia-se no interesse comum, na afetividade firmada pelos assuntos tratados e trocados.

A interatividade e o compartilhamento, unidos, abrem a porta que leva a este novo horizonte de conhecimento proporcionado pelo digital, em especial, pelo conteúdo divulgado a partir da web 2.0. E este espaço dá para uma nova ágora. Seja bem vindo à ágora digital, à nova democracia, como diz Castells (2003, p. 52):

> Na co-evolução da internet e da sociedade, a dimensão política de nossas vidas está sendo profundamente transformada [...]. A internet encerra um potencial extraordinário para a expressão dos direitos dos cidadãos e a comunicação de valores humanos [...] coloca as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças.

2.3 O blog

2.3.1 O princípio de tudo

No princípio era a Arpanet. Um projeto concebido, em 1969, pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos que tinha como objetivo conectar as bases militares e os departamentos de pesquisa do governo norte-americano. Surgido em pleno calor da Guerra Fria, a Arpanet (Advanced Research and Projects Agency) fora planejada como uma forma de desenvolver uma rede de comunicação que não deixasse as informações confidenciais do governo vulneráveis em caso de ataques aéreos, da extinta União Soviética, ao Pentágono. Assim, o que estava em jogo era descentralizar as informações de forma que pudessem ser acessadas e reunidas todas em um único ponto, independente do usuário estar fisicamente presente na sede principal.

Com base neste pré-requisito de descentralização, fora criado o *backbone*, literalmente traduzido como “espinha dorsal”, e que, metaforicamente, sua composição por fibra óptica trazia a possibilidade da existência de ligações centrais de um sistema a outro ponto periférico. Tal fato fazia com que a informação chegasse de maneira íntegra e pudesse ser construída de forma pulverizada, antes de reunir-se novamente em um mesmo arquivo.

Inicialmente, apenas militares e pesquisadores do Pentágono tinham acesso a tal tecnologia. Porém, já no começo da década de 1970, algumas universidades e outras instituições e laboratórios de pesquisas tiveram permissão de se conectar à Arpanet o que resultou, em 1975, na existência aproximada de 100 sites. (ARPANET)

O crescimento da Arpanet já era significativo e isso fez com que seu protocolo de comutação original se tornasse inadequado, o que sucedeu na alteração para o protocolo que hoje conhecemos: o chamado TCP/IP (Transfer Control Protocol/Internet Protocol).

No princípio era a Arpanet e, com ela, fez-se a Luz e 400 milhões de computadores permanentemente conectados à Internet, segundo o Network Wizard Internet Domain Survey. (ARPANET)

Derrick De Kerckhove (2006) divide o estudo da história da Internet em três momentos, para além da sua fase de gênesis, ou melhor, criação. De acordo com De

Kerckhove, o primeiro momento é a invenção do navegador *Mosaic*, que foi o responsável por tornar a Internet um local atrativo para um público além dos desenvolvedores e pesquisadores. Com o *Mosaic*, a web se transformava em um espaço curioso para pessoas comuns que curtem o contato com novos meios e novas tecnologias. Já o segundo momento foi a chegada de uma empresa de raiz genuinamente digital: a Yahoo, "[...] que introduziu uma nova geração de instrumentos de navegação indispensáveis, depois mais desenvolvidos no Google" (DE KERCKHOVE, 2006, p.9)

E, por fim, o terceiro momento é marcado pela chegada dos blogs, a "entidade mais madura da web", ainda conforme De Kerckhove. Para ele, mais do que a definição simplista que associa os blogs a um "site íntimo de um autor", os blogs trazem a marcação de um novo paradigma e, conseqüentemente, representam uma nova tecnopsicologia:

> Ponto de encontro dentre redes sociais e tecnológicas, a blogosfera é uma rede de interações intelectuais diretas e navegáveis, resultado da contribuição gratuita, aberta e verificável das consciências e das opiniões de muitas pessoas sobre assuntos de interesse geral e em tempo quase real. O funcionamento dos blogs baseia-se inteiramente nestas conexões. Tal como a inteligência, desenvolvem-se e crescem com o uso. Os blogs são um espaço de reflexão compartilhada. (DE KERCKHOVE, 2006, p. 11)

Com os blogs há uma mudança de paradigma porque sua natureza provém de outra cultura. A cultura do compartilhar, da colaboração para a existência, do aperfeiçoamento e da manutenção não só de ferramentas, mas dos próprios moldes em que a Internet se desenvolve.

Seguindo o raciocínio de De Kerckhove e o terceiro momento da Internet, temos o princípio de tudo relacionado à imersão de uma nova forma comunicativa propiciada com a chegada dos blogs. E este princípio de tudo se deu em 1997.

Em 17 de dezembro de 1997, Jorn Barger utiliza pela primeira vez o termo "weblog" para se referir ao seu jornal online, o *RobotWisdom*. Este novo meio, se diferenciava dos existentes até então na internet dos anos de 1990 porque era produzido inteiramente por uma pessoa (e não por uma empresa midiática e seus jornalistas) e também porque se baseava nos gostos pessoais de Barger. O *RobotWisdom*, cuja alcunha Barger dera de *weblog* por ser uma junção de "web" e "log" (diário ou bloco de anotações), era na verdade uma coleção de links que Barger diariamente garimpava na internet, reunia em um único local e disponibilizava tecendo breves comentários pessoais (posts) das impressões e recomendações que tinha em relação a cada um deles. O diferencial do *RobotWisdom* para o modelo de weblog que se

popularizaria era que a versão de Barger era muito mais uma atualização de links do que uma criação e renovação de comentários (posts) sobre os conteúdos publicados.

Naquele momento, para se ter e manter um weblog, como o de Barger, era necessário dominar a linguagem HTML, o que restringia o número de usuários adeptos a esta prática. De acordo com Fábio Malini, no final de 1998, Cameron Barret, editor da revista de informática Infosit, publica em seu weblog uma lista elencando outros 23 semelhantes aos gostos veiculados em sua página pessoal.

A partir daí, os weblogs que surgiriam em seguida se caracterizariam por conter uma linguagem hipertextualizada, o que fazia com que os blogueiros e os leitores destes weblogs lessem, comentassem e remetessem a outros links como complementação do mesmo assunto em debate.

> O *postlink* foi o primeiro gênero narrativo dos weblogs, ainda muito associado à cultura hacker (de troca de informação relevante). Os weblogs eram uma espécie de filtro. Seu editor preocupava-se em conduzir o usuário sempre a outros sítios de informação, sem o desejo ainda de tornar o veículo em um instrumento formação de opinião. Estamos aqui no momento em que a lei "blogueiro linka blogueiro" é inaugurada. (MALINI, 2007, p. 235)

2.3.2 A popularização e o surgimento dos diários virtuais

Em 1999 há a popularização dos weblogs. Isso porque a linguagem HTML, que tornava a publicação específica a um nicho de conhecedores, já não era mais pré-requisito para a veiculação de conteúdos pessoais dos internautas interessados em compartilhar suas referências e experiências na rede online. Surgia o *Blogger*, o mais conhecido sistema de publicação online até hoje. Por trás do *Blogger*, sua empresa mantenedora tinha como princípio a disponibilização de um software que tornava automática e gratuita a publicação de blogs, de forma que o usuário interessado em escrever e publicar na rede digital pudesse fazê-lo, mesmo sem conhecer a linguagem HTML.

O *Blogger* era não só um serviço inovador, mas nascia de uma empresa formada basicamente por três jovens amigos, cujos moldes usados por si só já simbolizavam um novo tipo de estruturação de empresa de sucesso e lucratividade. Sediada em São Francisco, a empresa se formou também em 1999, durante o *boom* das empresas ponto-com, a partir do conhecimento e ousadia destes jovens. A fórmula de seu sucesso vinha aos moldes das também empresas Linux e Google: seu serviço e produto era gratuito, porém o lucro provinha do desenvolvimento que se criava no mercado e a ele era atrelado.

A história do Blogger

O Blogger foi fundado por uma pequena empresa sediada em San Francisco chamada Pyra Labs em agosto de 1999. Isso foi durante o boom das ponto-com. Só que não éramos o tipo de empresa financiada por capital de risco, regada a altas festas, com direito a partidas de futebol totó no saguão e cerveja de graça. (A não ser que fosse cerveja de graça dos outros.)

Éramos três amigos que se sustentavam com tediosos projetos de Web para grandes empresas tentando entrar em grande estilo no cenário da Internet. Nossa intenção original já não tem tanta importância assim. Mas enquanto perseguíamos nosso sonho criamos o Blogger, assim, sem planejar nada, e pensamos — Hum[...] isso até que é interessante.

O Blogger começou tímido e por fim decolou nos últimos dois anos. Conseguimos levantar um aporte financeiro (mas continuamos uma pequena empresa). Foi quando a bolha ponto-com estourou. Ficamos sem dinheiro e nossa aventura ficou menos divertida. Por pouco sobrevivemos, despedaçados é claro, mas pelo menos conseguimos manter o serviço o tempo todo (a maioria dos dias) e começamos a reconstruir tudo do zero.

As coisas andavam bem novamente em 2002. Tínhamos centenas de milhares de usuários, mas poucas pessoas na equipe. E então o inesperado aconteceu: O Google quis nos comprar. Isso mesmo: aquele Google.

Gostávamos do Google. E eles gostavam dos blogs. Estávamos abertos à idéia. E ela caiu como uma luva.

Agora, somos uma equipe pequena (mas um pouco maior do que antes) que trabalha no Google e se dedica a ajudar as pessoas a ter voz na Internet e organizar as informações globais do ponto de vista pessoal. O que na verdade é o que sempre quisemos fazer.

Para obter mais informações sobre o Google, consulte o site google.com. (Esse site também é ótimo para fazer pesquisas.) (HISTÓRIA)

A partir das facilidades surgidas pelo fácil manuseio com a interface disponibilizada pelo Blogger e demais empresas que depois dele vieram, o blog se popularizou, o que fez com que Peter Merholz, no mesmo ano de 1999, dividisse o termo weblog em “we blog” (nós blogamos). Neste momento, até então de uma singela palavra, se originava uma frase completa. E com ela uma nova categoria. Com sujeito blogueiro (we), verbo blogar (blog) e o predicado que o acompanharia (o tema desenvolvido por cada blog).

> O formato mais tradicional se estruturaria agora em conteúdos breves (a arte de produzir *posts* curtos); atualizado continuamente, uma ou até várias vezes ao dia; apresentado numa ordem cronológica inversa (no topo do site, nota mais recente, com dia, data e hora); e com a presença de muita hipertextualidade. (MALINI, 2007, p. 236)

A notabilidade do *Blogger* e demais sites de criação de blogs está centrada não apenas na gratuidade de serviço oferecido, mas principalmente na facilidade de manuseio que, isso sim, conquistou muitos adeptos. Mais do que internautas, os usuários de diários virtuais, passaram a ganhar uma nova insígnia: a de blogueiros. E estes já não precisavam entender a linguagem HTML para tal feito. Bastava pensar em um título criativo ou inusitado para o assunto, escrever e apertar o botão para publicar. De agora em diante, todos poderiam blogar.

Desde 1999, pulularam na rede blogs dos mais diversos locais. E com os mais diversos assuntos. Cada um com uma temática e abordagem distinta, além de diferente subjetividade retratada. Retratada e compartilhada. Compartilhada em hiperlinks. Afinal, "blogueiro linka blogueiro". Aqui, assuntos que até então não tinham destaque na grande mídia de massa, ganham pequenos públicos reunidos pelo mesmo laço de interesse, familiaridade, coleguismo, ou simplesmente, afetividade.

Estes textos são publicados em ordem cronológica e o último comentário publicado (também chamado de *post*) está sempre posicionado em primeiro lugar na página. Além disso, o seu autor pode receber comentários de seus leitores, por meio de uma ferramenta disponibilizada pelo servidor que hospeda o diário virtual. Estes comentários podem ser visualizados por todos os leitores, permitindo a interatividade não apenas do autor com o seu leitor, mas também dos leitores entre si.

Os diários virtuais revolucionam as direções das narrativas presentes na Internet. Para Blood, são um formato genuíno da World Wide Web e,

> [...] ao se desenvolveram a ponto de abordar qualquer assunto, refletem pontos de vista que se estendem do mundo privado de seu autor ao mundo público da cultura e de acontecimentos ao redor do mundo, além de todo conteúdo entre estes dois extremos. O apelo de cada diário virtual está preso intrinsecamente à personalidade de seu autor: seus interesses, opiniões e sua coleção de hiperlinks e comentários. Estes hiperlinks apontam desde para obscuros artigos sobre artistas, análises sobre casos ao redor do mundo até para sites de amigos. (BLOOD, 2002, p. 6)

O diário, tanto na sua forma tradicional, quanto na sua forma virtual, é uma representação de si, como uma encenação que permite o exercício da individualidade e da escrita íntima. Nos diários tradicionais, o segredo é contado à folha de papel, que deve mantê-lo intocado e intocável. Nos diários virtuais, a Internet muda essa relação, criando uma cumplicidade total e estabelece novas formas de compartilhá-lo. Porém, nem tudo é revelado. Os segredos passam por uma seleção prévia de edição de escrita por parte do blogueiro, uma vez que o conteúdo ali escrito deva ser lido por outras pessoas. O filtro de sua consciência é ativado no momento da escrita no diário virtual para dar vazão aos comentários e opiniões dos demais simpatizantes online.

O novo contexto das mídias digitais pressupõe novos circuitos comunicativos, uma vez que processos de produção, recepção ou distribuição das mensagens se alteram. A trama de sentidos no diário virtual se forma a partir do intercâmbio de informações, da relação de

interconexão generalizada entre os autores e os leitores e de suas capacidades subjetivas e de sociabilidade, configurando o sujeito em emissor, receptor e ator social, produzindo textos que são representações de representações e exercícios metalingüísticos.

Segundo Pierre Lévy (2003) e o desenvolvimento de seu conceito de inteligências coletivas, na tradição oral, as mensagens eram transmitidas em um mesmo contexto físico e temporal, não exigindo qualquer esforço de interpretação por parte do receptor. No caso da cultura da escrita, as mensagens devem manter seu sentido, e, para isso, é necessário um esforço de interpretação para compreender a mensagem fora de seu contexto original de produção, alimentando o nascimento de ciências como a semiótica e a análise do discurso.

Ainda de acordo com este mesmo autor, a escrita presume a universalidade da mensagem, um fechamento semântico exigido em função da descontextualização e corresponde a um universal com totalidade de sentido. As mídias de massa tradicionais dão continuidade ao universal totalizante característico da escrita, pois as mensagens transmitidas por estes meios não permitem a reinterpretação por parte dos telespectadores e seu sentido já está dado. No caso da Internet, ocorre um retorno à situação pré-escrita, na qual as mensagens são transmitidas num contexto único, o contexto do hipertexto.

Sua capacidade de interconexão transforma o movimento da cibercultura em um universal sem totalidade de sentido, já que este pode ser reinterpretado a cada toque do mouse. Interpretando estes conceitos, constitui uma incoerência a transposição de uma mídia de massa, como o jornal impresso, característico por sua totalidade de sentido, à Internet, marcada pela ausência deste ponto.

Desta maneira, o diário virtual surge na rede como um espaço para a publicação de notícias desconectado do princípio da totalidade de sentido. Um escapismo à totalidade semântica das mídias de massa reproduzidas no ciberespaço. Seus sentidos são múltiplos e se originam a partir dos elementos característicos, como a utilização de hiperlinks e a disposição de comentários e a partir do contexto interpretativo disponibilizado pelo autor.

Pela mediação das tecnologias digitais os indivíduos trocam informações e se comunicam, produzindo uma trama de sentidos sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. Os indivíduos participam de “circuitos comunicativos”, desenvolvendo ações de recepção, geração e transferência de informações. O sentido no diário virtual não é dado, ele se forma a partir do intercâmbio de informações entre os sujeitos sociais da ação por trás da tela do monitor, uma vez que o suporte on-line transforma a relação unidirecional entre emissor e receptor.

Os diários virtuais são faces dos circuitos comunicativos na Internet, que possuem uma face "externa" (objetiva) e outra "interna" (subjetiva). A face externa do circuito comunicativo no diário virtual envolve a sociabilidade, é o processo comunicativo como fenômeno, presente nas informações trocadas entre sujeitos e materializadas na linguagem escrita. Sua face interna envolve a subjetividade e a mobilidade do sentido produzido pelas informações acessadas, remetendo às representações da realidade e ao imaginário social.

Desta forma, a produção lingüística dos diários virtuais, e sua conseqüente leitura e participação de demais internautas, acaba por gerar não só um reposicionamento do sujeito que compartilha sua intimidade por meio da escrita como também gera o debate público e coletivo do que até então se detinha ao diário pessoal. Neste sentido, muito bem explica Fábio Malini:

> Uma comunidade de 100, 20 ou 3 pessoas pode surgir em torno de seus registros pessoais diários. Ao se deparar com vozes amigas, ele [o blogueiro] pode ganhar mais confiança de sua visão do mundo. Ele pode começar a experimentar formas mais complexas de escrita [...]. Ao enunciar suas opiniões diariamente, esta nova consciência de sua vida interior pode se tornar uma crença em sua própria perspectiva. Suas próprias reações – a um poema, a outras pessoas, e sim, à mídia – terá mais peso sobre ele. (MALINI, 2007, p. 240)

2.3.3 Blog e o abraço global

Quando McLuhan (2007, p. 17) diz que após mais de um século de tecnologia elétrica "[...] projetamos nosso sistema nervoso central num abraço global, abolindo tempo e espaço [...]", ele novamente antecedia as discussões e teorias formuladas para explicar e contextualizar o ambiente digital em que todos nossos corpos e mentes estão. Povoamos este espaço, esta nova ágora e abraçamos o conhecimento de culturas distintas até então longínquas. Estamos unidos. Todas as barreiras podem ser transpostas no ato de compartilhar, seja por meio de um blog, seja por chats, bookmarks, tags, redes sociais, etc.

Do ponto de vista teórico, o blog já nasce da ruptura do esquema clássico de emissor-receptor. Na comunicação de massa, a propriedade dos meios de difusão da informação da empresa midiática opõe necessariamente os dois sujeitos comunicacionais (emissor-receptor), mesmo que a relação entre eles mantenha-se caracterizada como ato constante de negociação de sentido. No caso dos blogs, ao contrário, o livre acesso aos meios de produção de comunicação faz com que o sentido seja construído pela comunidade de usuários. "Essa

inversão produz um efeito de multiplicação de mídias (tornadas micro) e das audiências (tornadas nano). Somadas, as audiências de milhões de blogs acabam por ser maior que muitos veículos da 'grande mídia'" (MALINI, 2007, p. 265)

A audiência total dos blogs, contudo, em vez de massa, só pode ser expressa como multiplicidade de singularidades, por ser constituída por sujeitos dividuais — conectados e entrelaçados por diferentes blogs e que exprimem um rol de necessidades e interesses. Os blogs só conseguem formar opinião de forma coletiva.

Um blogueiro não consegue formar opinião pública, só a blogosfera. Confunde-se muitas vezes a atuação de um colunista (advindo da imprensa), que tem um "blog de portal", como sendo um blogueiro, o que é uma meia-verdade.

Os blogs são produtos do movimento de anônimos que buscam dizer o que pensam sem restrições, como analisou Blood (2002, p. 171):

> [...] esquecem-se de que estes colunistas conquistaram a sua influência sob os auspícios de um meio de comunicação tradicional. Nesse mundo, a influência, ou a oportunidade de a conquistar, é concedida pelos superiores. Os grandes meios de comunicação contratam, apresentam e promovem escritores, retirando vantagens de marcas comerciais bem implantadas e de redes de distribuição para angariar público-leitores, tal pode testemunhar o seu talento, mas é a exibição de uma celebridade, não é o poder de um novo formato. [...] Muitos bloguistas-colunistas não entendem uma outra questão do weblog: sugerem ligações apenas para os artigos com os quais concordam e, muitas vezes, recusam incluir ligações a artigos e discursos que reprovam. Podemos usar os weblogs para promover pontos de vistas singulares, com toda a certeza, mas o método do weblog exige ligação para material referido que se encontre online – e assegura-nos um nível de fundamentação que não encontramos nos media tradicionais.

A defesa de Blood se sustenta na idéia de que os blogs nasceram da Internet e não da comunicação de massa. Nesse sentido permitem múltiplas visitas e leituras, publicação ininterrupta (em vez de periódica), conectividade hipertextual (um bom blog é aquele que encaminha o visitante para outro de qualidade) e memória ilimitada, entre outras características da Internet.

Desta forma, em linhas gerais, podemos definir o blog como um ambiente pessoal já que firma sua argumentação por meio do relato autoral e baseia-se inicialmente na expressão de sua subjetividade. Apesar de manter sua face externa atingindo uma visibilidade pública na Internet (a expressão da coletividade), o blogueiro controla as interações que lá ocorrem. Porém, este controle é limitado, já que o autor do blog sofre influências que transpõem seu domínio por meio dos comentários de seus visitantes, embora também possa aceitá-los ou

não. Blogueiros iniciantes costumam deixar apenas opiniões elogiosas, reforçando e reverberando sua própria argumentação, porém, a partir do momento que o autor procura por diálogo há uma abertura maior para discussão, seja ela a favor ou não de seu próprio texto original. É neste ponto que, na maior parte dos casos, o blog passa a ter registros mais consistentes e fidelizar seguidores, impulsionando também a conversa não apenas com visitantes, como com demais blogueiros. Afinal, o conhecimento criado a partir da web2.0 marca-se principalmente pelo fortalecimento das conversações e do compartilhamento de informações entre os internautas.

Assim, não apenas a própria estrutura narrativa vai se aprimorando de acordo com o amadurecimento e contato do autor tanto com as possibilidades dadas pela ferramenta como também pela própria troca estabelecida com seus leitores, mas o blog se enriquece principalmente pela mudança da própria argumentação e hiperlinks agregados a ele.

Tecnicamente, o blog é um "espaço protegido", como analisa Fabio Mallini. Todavia, embora protegido, o blog é público, isto é, pode ser acessado por qualquer usuário da internet. Além disso, seu conteúdo – chamado de post, entradas, anotações ou apontamento – se caracterizam por textos, hipertextos (textos que contém links) e hipermídias (imagem, áudio e audiovisual).

Para qualquer postagem em um blog é dado automaticamente um endereço permanente (permalink), o que facilita que um leitor interessado no link possa ir direto à fonte, sem recorrer a mecanismos de busca.

Os primeiros blogs, feitos à base da linguagem HTML, tornavam as páginas estáticas, concentrando todas as publicações em um único endereço. Assim, blogueiros que tinham uma alta produção de entradas quase sempre reclamavam que seus leitores enfrentavam dificuldade de encontrar posts antigos, bem como tinham dificuldade em produzir ligações para determinados conteúdos de blogs, já que teriam a mesma dificuldade de encontrar os conteúdos. Com a invenção tecnológica do permalink, os posts ganham autonomia entre si, já que cada um deles terá uma página (URL) própria. "A presença dessas hiperligações são consideradas a característica chave, pois que resulta fundamental para a existência da conversação, elemento básico na dinâmica da blogosfera." (FUMERO, 2005, tradução nossa)

Ainda tecnicamente, podemos dizer que enquanto em 1997, surgia o primeiro blog, em 1999 houve sua popularização com a emergência trazida graças à facilitação de publicação desvinculada do HTML. Porém, as mudanças não eram apenas técnicas. Mais que ferramentas, havia pessoas que demandavam por estas mudanças. Uma demanda não apenas

movida pelo lado comercial, afinal no caso dos blogs o acesso à ferramenta é gratuito o que cai por terra a relação clássica na qual este conceito se encaixa. A demanda não é, portanto, movimentada pelo lucro, e sim por um novo tipo de capital: o social que, por sua vez, move-se graças à curiosidade e principalmente ao conhecimento.

De mudanças técnicas ao uso social notado entre 1997 e 1999, os blogs tornaram-se novas fontes de experimentação da subjetividade ao mostrarem-se como diários virtuais, além de assumirem um novo papel: o de novas fontes de notícia. Neste caso, muitos blogueiros ganham visibilidade e reputação na internet equiparando-se e/ou desbancando comentaristas renomados dos veículos de comunicação tradicionais. E é esse momento que marca uma nova etapa na concepção dos blogs, deslocando-se da fase de diários virtuais para o formato de nova mídia, a qual será claramente notada durante a transmissão das notícias e informações veiculadas durante o Atentado das Torres Gêmeas, nos Estados Unidos, em 11 de setembro.

2.3.4 O atentado de 11 de setembro de 2001 e o surgimento de uma nova mídia

Era uma terça-feira, mas não uma qualquer. E, naquele dia de 11 de setembro de 2001 cairiam não apenas as torres gêmeas do edifício World Trade Center, em Manhattan (Nova York) - resultado de um ataque suicida de autoria da célula terrorista Al Qaeda - mas também mudariam os rumos da economia americana com a onda de repressão ao terrorismo, as relações diplomáticas e as leis de imigração com os demais países. E não pararia por aí, na data fatídica cairia também o *new journalism*, e, com ele, toda a transmissão da notícia como até então era conhecida e concebida.

A internet já existia e era bem utilizada. Só em solo norte-americano, cerca de 125 milhões (CONGESTIONAMENTO) de usuários acessavam a web. Porém, ainda se sobrepunham os meios de massa como atores principais. Os jornais e demais grandes meios tinham versão para a web, mas seus formatos ainda sofriam com a sombra dos veículos em seus perfis originais. Havia também empresas genuinamente digitais, desde a sua criação, e estas se mostravam pioneiras na busca pela adoção de uma linguagem própria. No entanto, desde 2000, havia uma nova onda de experimentação de recursos e possibilidades na web rumo à linguagem própria. E essa onda baseava-se no uso já existente, mas agora predominante, de três pontos: hipertextualidade, integração de multimeios e interatividade. (SALAVERRIA, 2006, p. 21)

Quando caíram as torres, ruíram as bases que sedimentavam os pilares do *new journalism*. De cara, não se tinha como veicular (e muito menos responder) de forma precisa *o* "quê" estava ocorrendo. Muito menos se conseguia mensurar o "com"o, o "onde", o "quando" e o "quanto", já que não se sabia ao certo se outros alvos seriam e estavam sendo simultaneamente atingidos. E, o mais esperado, a resposta para o "porquê" não viria tão cedo.

Neste momento, se tornava claro que a comunicação de massa e sua relação entre emissor-receptor estavam comprometidas. Não se bastavam mais entrevistados. O espanto era de muitos. E muitos queriam não só escutar, mas ter seus relatos ouvidos, repercutidos, ecoados, encontrando a voz de outros comuns onde estivessem. Seja no ponto exato do local do desastre, seja do outro lado do oceano, mas solidariamente transposto em um *post* contendo palavras reconfortantes ou informações práticas para os que ali foram atingidos.

A internet apresentava-se atuante e com ela, as formas comunicativas por ela proporcionadas. Consolidava-se a nova fase dos blogs, representando uma nova mídia, e o novo papel do leitor-receptor o qual, mais do que nunca, ganhava o status de repórter-cidadão. A toda hora e em qualquer lugar, a informação perdia a centralidade das empresas de comunicação e ganhava uma ordem mais democrática. Assim, do ponto de vista histórico, ao blog é agregado o valor de "potência[15]" (MALINI, 2007) pela primeira vez com a decorrência do ataque de 11 de setembro.

Na data, primeiro vieram as informações pulverizadas pela TV e pelos blogs, depois pelos portais e demais veículos de massa. Houve também o congestionamento das linhas telefônicas com o pânico que tomava conta da população já não mais de Nova Iorque, mas dos Estados Unidos. A audiência do portal MSNBC multiplicou por 10. A da Fox News, idem. Os usuários que ficavam nesses sites em torno de 3 segundos, ficaram no dia, entre 20 a 40 segundos. O site da CNN teve que se transformar em um site light, reduzido a uma foto e a poucos links para tentar ficar no ar. Com a grande quantidade de acesso, os próprios portais de informação das agências de notícias internacionais estiveram congestionados por conta do excesso de tráfego em seus servidores. O *hard news* passava a ser transmitido pela voz de todos. Pela voz dos cidadãos conectados em seus blogs e pelas imagens transmitidas pela rede de TV CNN.

---

[15] A idéia de que a blogosfera ganha status de potência é veiculada tanto por Ramón Salaverría e, principalmente por Fabio Malini, quando este último analisa o termo a partir da leitura que Toni Negri faz da obra de Spinoza. Potência, de acordo com Malini e sua interpretação de Negri, é a "[...] capacidade coletiva de produzir o comum [...]", da mesma forma que "[...] é o poder constituinte contra e para além do poder constituído". (MALINI, 2007, p. 242). Assim, os blogs mostram seu poder de integração de informações além de, e principalmente, elevar o cidadão a uma participação tão ativa quanto a dos grandes meios, diferindo-se por manter sua forma descentralizada.

No caso das imagens de TV houve o “furo”, a transmissão em primeira mão, da hora exata da colisão do primeiro avião, porém, com o estender da notícia durante os dias que se passaram ao fato, ocorreu também a manipulação de imagens no momento em que foi ao ar a montagem de palestinos festejando, supostamente, o atentado, quando na verdade a gravação era antiga e estava relacionada a outro acontecimento. E o fato fora denunciado por um blogueiro, ganhando apoio e sendo reproduzido de forma viral na rede online até chegar à retratação da CNN em público (MALINI, 2007).

> Sites pequenos e ágeis mantidos por gente comum que se contenta em descrever diariamente suas existências comuns entraram em ação numa verdadeira corrente de informações e, principalmente, numa corrente de solidariedade. Assim como os pequenos cinegrafistas amadores buscavam a força das grandes imagens numa tentativa de explicar o inexplicável com palavras, eram as mensagens dos bloggers que procuravam solucionar problemas práticos e objetivos de quem precisava entender que tudo aquilo não era, pelo menos ainda, necessariamente o começo da terceira guerra mundial ou o começo do fim do mundo. (CONGESTIONAMENTO)

No caso do Brasil, tal fato semelhante ocorreria anos mais tarde, quando, em 12 de maio de 2006, houve ataques simultâneos ordenados pela organização criminosa paulista PCC (Primeiro Comando da Capital) no Estado de São Paulo, abrangendo capital, litoral e interior. E tais ataques se estenderiam, no dia 14 de maio, a outros estados, sendo eles Espírito Santo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, prorrogando-se até o dia 16 de maio daquele mesmo ano.

Os ataques se iniciaram após a transferência de presos e do Líder do PCC, conhecido como Marcola, o que provocou como reação dos demais integrantes em uma série de ataques contra bases comunitárias, delegacias e policiais. No segundo dia, as rebeliões haviam se espalhado por todos os presídios e no terceiro o terror estava instalado não só nos presídios como também passaria a atingir, além de policiais e militares, a população civil.

> No dia 15 de maio, segunda-feira, os ataques contra ônibus e agências continuaram na madrugada. A polícia estima que 66 ônibus urbanos foram queimados no período. Em confrontos com a polícia, 13 suspeitos de participação nos ataques são mortos. Um agente penitenciário é assassinado em rua da zona leste da capital. Os ataques concentrados na zona sul causam a paralisação de 4 mil ônibus em São Paulo. A prefeitura suspendeu o rodízio de carros em função da falta de coletivos. Pontos do comércio de São Paulo fecharam as portas mais cedo com medo de serem alvos de ataques. O medo também levou à suspensão de aulas em escolas e universidades. Os problemas no trânsito levaram a um congestionamento recorde de 195 km. (REDAÇÃO, 2007)

No caso brasileiro, houve também a preponderância da transmissão descentralizada da informação com o movimento dos civis através de seu papel de cidadão conectado e atuante. Celulares com câmera e mensagens enviadas pelos próprios cidadãos em áreas próximas aos acidentes transmitiam uma versão cidadã e não-jornalística para as grandes redações. Gravações de imagens feitas por cinegrafistas amadores ganhavam destaque na TV e portais de notícia. Blogs também passavam a contar o drama das vítimas, gerando a mobilização tanto em torno de solidariedade, informação e sensacionalismo. Entretanto, os relatos descobertos como falsos acabavam por si só sendo excluídos e subjugados pelos internautas através da visibilidade em larga escala e da relevância da meritocracia dada a verossimilhança do fato em questão que é transmitido na rede online.

Atuando como repórter-cidadão, cada pessoa se mostrava como potência e detinha em suas mãos o poder de transmitir uma nova versão, sob seu olhar dos mesmos problemas que estavam sendo veiculados pela grande mídia. Em um abraço global, a blogosfera mostrava-se concretizada e também emergindo não só maturidade como também forma de uma nova mídia a ser observada atenciosamente. Seja pelo cidadão, seja pelas próprias empresas de comunicação e demais setores.

Diferentemente da mídia de massa, a audiência dos blogs só consegue formar opinião se feita de forma coletiva, através da participação e mobilização dos leitores (com a medição de acesso ao post original) somada aos comentários atrelados ao assunto em questão. Por meio do hiperlink, cada blog ganha o respeito de seus leitores e seus comentários passam a ser acompanhados e retransmitidos em uma ação em rede, em uma “linkania” (Dimantas), estabelecendo conversações que, unidas, transpõe a proporção conseguida pela mídia de massa.

Tida como fato e não mais como algo futurista, a blogosfera, por ser extensão da internet, é vista como ponto de mudança e caracterização da sociedade contemporânea já que não existe mais massa quando se trata deste novo meio de comunicação trazido pela www, mas sujeitos conectados que, juntos formam uma multidão atuante, democrática e participativa. Hoje, segundo Derrick De Kerckhove a sociedade já pode ser analisada, do ponto de vista comunicativo, levando em conta seu grau de conectividade.

A luta política não mais se fará entre direita e esquerda, mas entre quem vê televisão sem uma resposta e quem acede à Net com uma informação muito mais completa e que todos podem gerir e alimentar. (DE KERCKHOVE, 2006 apud GRANIERI, 2006, p.11)

Os corpos já não se movimentam, rumo à atuação política, somente em frente do palácio do governo ou da sede de uma empresa em busca de melhoria salarial, por exemplo. As (re)ações e reivindicações são organizadas nas listas eletrônicas (*e-groups*) e a visibilidade é explorada na própria rede, alcançando dimensões que transcendem a territorialidade. Busca-se a ação política conjunta, desterritorializada, atópica e mais incisiva, sem excluir a ação *in loco*. Aos corpos presentes em manifestações presenciais soma-se a atuação em rede, aumentando e potencializando ainda mais a dimensão de cada reivindicação.

2.4 A concretização da Blogosfera

> O termo "blogosfera" foi cunhado em 10 de setembro de 1999 por Brad L. Graham como uma piada. Ele foi recunhado em 2002 por William Quick e foi rapidamente adotado e propagado pela comunidade de blogs sobre guerras em curso (warblogs). Muitos continuaram a tratar o termo como uma piada. Todavia, a mídia estadunidense -- o programa Morning Edition da National Public Radio, Day To Day, All Things Considered e outros -- começaram a usar o termo várias vezes para discutir opinião pública. Acidentalmente ou não, o termo tem similaridade com a palavra mais antiga "logosfera". "Logo" significa muitas coisas, principalmente "palavra", e "esfera" pode ser interpretado como "mundo", resultando em "o mundo das palavras", o universo do discurso. O termo também se aproxima na pronúncia e no significado do termo "noosfera", o mundo do pensamento. (BLOGOSFERA)

De 1997, quando Jon Barger usa pela primeira vez o termo weblog para a sua página pessoal *RobotWisdom*, aos dias de hoje, em 2009, já se passaram 12 anos. E, neste meio tempo, muita água rolou. Ou melhor, a tecnologia se aperfeiçoou. E, com ela, os blogs também amadureceram e conquistaram uma multidão conectada. Hoje, os blogs passam as centenas, milhares, chegando à ordem dos milhões. De acordo com a medição realizada em junho de 2008, a Technorati – empresa digital que compete com o Google e o Yahoo na busca por blogs mantendo-se ainda na liderança – contabilizou 112, 8 milhões de blogs, além de 250 milhões de tags hiperlinkados às redes sociais. (TECHNORATI)

Enquanto a informação e as mudanças de meios levavam anos, décadas e até mesmo século(s) para efetivar a mudança de períodos - como os demarcados por Lucia Santaella e Massimo De Felice - da sociedade oral para a escrita, da escrita para a impressa, etc, na era da informação digital as mudanças ocorrem de ano em ano. E, nos blogs, o crescimento de seus usuários e das ferramentas atreladas a este meio comunicativo muda em períodos ainda mais curtos.

A cada minuto são criados mais dois blogs no mundo, somando-se aos outros 112,8 milhões que povoam a rede (STATE, 2008). No final de 2004, a Technorati havia detectado cerca de 4 milhões de blogs. Ou seja, em apenas quatro anos, blogosfera crescera 2.720%.

Diante de números desta soma, cada vez mais a defesa de que novas mídias como essa exercerão uma considerável (para não dizer maior) parcela do papel de formação de opinião, veiculação de informação e de entretenimento, antes restritos aos veículos de massa, detentores de grandes audiências, tem ganhado adeptos. Adeptos estes residentes tanto na academia como no próprio mercado, que passa a investir na compreensão destas novas ferramentas colaborativas e de expressão, inicialmente, de subjetividade. Portanto, o crescimento dos blogs é um fato e ignorar a sua importância como meio comunicativo é um grave erro.

Uma ressalva, no entanto, se faz necessária: apesar dos números e valores serem estonteantes, é preciso lembrar que a lógica de funcionamento e durabilidade na rede digital é outra. Um blog nasce de uma curiosidade, de uma vontade em expressar-se, e sua manutenção pode durar semanas, meses ou anos. O blog nasce de um projeto e, como todos os projetos, sua duração tende a ser limitada para cumprir o seu papel. De acordo com Malini, cerca de 5,8% dos posts (os 1,3 milhões) são gerados por *splogs*, denominação dada aos links gerados por meio de palavras-chave mas sem rigor na relevância de conteúdo. Ao "roubar" os conteúdos de outras páginas, os *splogs* atraem para si, através de sistemas como o Google, visitas que deveriam ir para o site original. Ao total o sistema Technorati contabilizou que, em relação ao valor total, apenas cerca de 2% são publicados em língua portuguesa, o que abrange a comunidade lusófona como um todo e não apenas a brasileira.

> A estimativa do estudo é de que a blogosfera duplica de tamanho a cada 230 dias. Comparando a lista dos veículos de comunicação mais acessados no mundo, três blogs já entram na lista. Um deles, o Engadget, tem mais acesso do que publicações centenárias como o Times inglês, a agência Reuters, a Revista Time e a Fox News. Se comparado os 100 sites mais visitados no mundo, o número de blogs na lista sobe para 12. (MALINI, 2007, p. 263)

Porém, o fato da blogosfera em língua portuguesa perante a mundial detectada pela Technorati ser de apenas 2% não quer dizer que os números se resumam a medição deste órgão. Justamente por não fazer parte da língua oficial desta empresa, há nos países de língua portuguesa empresas locais de oferecimento de ferramentas de publicação, as quais não são apontadas no estudo norte-americano.

2.4.1 A taxonomia dos blogs: linhas de interpretação temática e de conteúdo

Tomando como ponto de partida a certeza de que a blogosfera é um universo em constante expansão, o que faz com que sua classificação também seja ampla, aqui será usada a análise teórica do espanhol Antonio Fumero (2005), o qual utiliza três critérios para catalogar o universo dos blogs. **O primeiro é de ordem social.** Nesse sentido os blogs poderiam ser explicados pela sua natureza motivacional, proposital, autoral e aplicativa. Quando é do primeiro tipo é porque existem por conta de uma motivação pessoal, institucional ou profissional.

Ao blog pessoal está vinculado o olhar intimista do autor perante seu cotidiano e experiências a ele ligadas, o que mantém paralelo com os primeiros diários virtuais e o tom confessional da narrativa. Todavia, seu blog não é necessariamente simplista e pode atrair grande visibilidade ao cativar demais leitores através de hiperlinks, criatividade narrativa, uso de layout e imagens inovadoras ao estender seu universo particular em direção ao mundo subjetivo dos demais homens conectados nesta mesma multidão.

Os blogs institucionais, também chamados de corporativos, visam atualizar a imagem das empresas além de estender sua relação com clientes e parceiros, fortalecendo o diálogo entre ambas as partes. Sua criação, bem como a manutenção de seu conteúdo, pode ter apenas caráter interno (da empresa com seus funcionários, que passam a ser chamados de "colaboradores") ou então sugerido por internautas que acompanham a cultura da empresa ou utilizam de seus serviços enquanto clientes.

Ainda nesta categoria de blog social, temos também os blogs pessoais, os quais são chamados de "híbridos" (FUMERO, 2005), por mesclarem em seu cerne características tanto pessoais quanto institucionais. Na maioria dos casos, os blogs profissionais visam à extensão do contato empresarial, almejando a posição de potenciais formadores de opinião.

Um segundo critério de ordenação dos blogs é a sua **estrutura hipertextual e caráter conversacional**, que é dividida em intrablogs, extrablogs e isoblog. O primeiro se distingue pela prevalência de auto-referência, ou seja, os links para o próprio blog. Essa estratégia é, muitas vezes, realizada para proporcionar ao site um aumento de tráfego, na forma de páginas visitadas (*page views*).

Quando se predomina a presença de links externos referências a entradas de outros blogs – o diário é considerado um extrablog. Quando o blog é desse tipo, é porque, em geral, seu autor se põe numa relação de comunicação baseada na conversação, bem como demonstra

ainda que as idéias estão concatenadas a outras que circulam na blogosfera. Contudo, se houve um equilíbrio entre links externos e interno, o blog é julgado como um isoblog. Os editores adeptos a uma estrutura desse tipo inserem no interior do conteúdo da sua postagem os links externos e no rodapé os links internos relacionados com o post.

Uma terceira taxonomia dos blogs está associada com a sua **ordem informacional**. Além de ser predominantemente textual, outros tipos de blogs surgiram por conta da crescente realidade multimídia, ao possibilitar que o blogueiro anexe e compartilhe fotos, músicas e vídeos em um mesmo espaço. Ainda de acordo com Fumero, temos então os fotoblogs, audioblogs, videologs e moblogos. Além destes descritos pelo estudioso espanhol em dezembro de 2005, acrescento mais um produto surgido desta subdivisão: os microblogs e a onda Twitter. Segue agora a descrição e funcionalidade de cada um.

Fotoblogs, também chamados de fotologs, são blogs de conteúdo fotográfico podendo haver ou não posts atreladas às imagens. Graças ao barateamento das câmeras digitais e também de celulares com câmeras, este tipo de blog tem se difundido com grande recorrência nas mais diversas faixas etárias, além de também revelar amadores a arte fotográfica. Muitas imagens acabam sendo retransmitidas em fóruns de discussão ou até mesmo sendo veiculadas em grandes agências de notícias, o que permitiu também o aumento de registros de última hora por cidadãos comuns. A empresa fornecedora deste serviço gratuito de fotolog mais conhecida é a *Flickr,* a qual seus fotoblogueiros mantêm redes sociais entre si e comunicando com redes de outros serviços.

Mais do que simples instrumentos e ferramentas, câmeras fotográficas e celulares, atrelados a convergência digital, foram hoje apropriados por um valor social e também comunicativo, por retransmitirem uma mensagem não-verbal compartilhada e ressignificada entre o grupo que a vê em cada blog e a repassa para redes sociais semelhantes dentro de uma cadeia surgida pelo movimento próprio da Internet.

Os **moblogs** são blogs de origem vinculada a aparelhos celulares ou demais dispositivos móveis como *palmtops* e *smartphones.* As imagens, assim como a captação e narração em áudio é transferida depois a um blog. Sua característica principal é o relato rápido, assim como o “último segundo do jornalismo”, seu conteúdo não é necessariamente detalhado e esmiuçado já que se baseia na mobilidade do blogueiro que se encontra em deslocamento e, sem portanto, ponto fixo de acesso a internet.

Os **audiologs**, por sua vez, são conhecidos no Brasil como **podcasts**. Inicialmente sua popularização se iniciou em sites de tecnologia, os quais disponibilizavam palestras e a

discussão de grandes temas para que, quem acompanhasse o conteúdo destes veículos, pudessem ouvir no momento que lhe conviesse. Baseado no sistema *on demand*, cada conteúdo era selecionado pelo internauta, os quais os repassavam em listas de discussão, fóruns ou transpunha o hiperlink do conteúdo em seus blogs. Hoje, esta forma de transmissão de conteúdo é bem comum e deve-se ao barateamento de aparelhos como tocadores como MP3, MP4 e Ipods.

Os **videologs,** assim como aconteceu com os fotologs, também se tornaram mais conhecidos com o barateamento de celulares e câmeras digitais. Para Fumero, os videologs também possibilitam a criação de listas de reprodução de vídeos favoritos.

Fotologs, videologs, moblogs e podcasts, todos eles conservam entre si características semelhantes e inatas da cultura digital: o compartilhamento de informações com demais internautas, seja em redes sociais ou comunidades formadas em torno destes tipos de blogs e, principalmente, a linguagem e narrativa baseada na transmissão de hiperlinks, o que faz com que a comunicação seja baseada na integração e convergência de mídias, ou seja, no multimeios.

Além das subdivisões propostas por Fumero, desde fins de 2006, uma nova modalidade fora criada. É a de *microbloggings.* Assim como em um blog, cada usuário tem sua própria conta, porém desde a abertura e adesão ao serviço gratuito, já agrega a visualização de seus relatos amigos, parentes e demais contatos das redes socias em que se encontra. Seu diferencial está no fato de que cada texto pode ter, no máximo, 200 caracteres por publicação (post). A empresa Twitter[16] é a mais popular no oferecimento de serviço de microblogging, o que lhe rendeu o prêmio Web Award na categoria blog no South by Southwest Conference 2007 em Austin (MICROBLOGGING), Texas, pela inovação trazida com a ferramenta. Ao Twitter forma-se uma rede social intercomunicante, reunindo blogueiros e novos usuários, o que estabelece um diálogo diferente do que ocorria nos blogs de até então. Isso porque este microblog centra-se na concisão da informação e não fornece (por enquanto) recursos multimídias que aos blogs já estão agregados.

Se considerarmos o propósito da publicação temos, segundo Fumero, os blogs horizontais que são aqueles cuja dimensão temática é geral e ampla, e os blogs verticais com assuntos mais específicos. Os diários pessoais e opinativos estariam assim no primeiro grupo;

---

[16] Usando a frase de divulgação "What are you doing?", a empresa Twitter <http://twitter.com> vem conquistando adeptos no mundo inteiro. Enquanto uma parte de seus usuários utilizam-no como diário pessoal virtual, narrando e atualizando momento a momento de seu cotidiano da mesma forma que ocorreu com os primeiros blogs, o serviço já é usado também por empresas e muitos usuários o mantém como plataforma profissional, assemelhando-se a classificação descrita anteriormente acima e baseada em Fumero.

enquanto os blogs de tecnologia, de cultura, de venda, entre outros. Os blogs de natureza autoral podem ser coletivos ou individuais.

Por último, os blogs podem ser classificados pela sua natureza aplicativa. Isso diz respeito ao âmbito da publicação. Os blogs podem ser qualificados como jornalísticos, educativos, tecnológicos, culturais, políticos, corporativos e pessoais.

Além destes três critérios usados por Antonio Fumero, há uma outra linha que analisa o blog sob o ponto psicológico. Vistos como uma "atividade catártica" (Malini, 2007), o blog é uma forma expansão do sujeito, levando o blogueiro a uma terapia escrita e reescrita. Por meio da publicação de sua escrita, há muito mais que o flaneur já que o blogueiro retrata a memória afetiva enquadrada em um contexto histórico e as questões existenciais compartilhadas e dialogadas com seus leitores.

> O postcatarse é uma narrativa em que há descarga emocional sobre um drama (um incidente) que o blogueiro tenha vivenciado em seu cotidiano. Ao compor uma mensagem com elementos catárticos, o editor do blog sente sua alma purificada. Em paralelo, marcas catárticas em posts são valorizadas pelos usuários por conta da atração incomensurável por confissões que este possuem. O slogan estampado na interface de um famoso blog "por que fazer blog é melhor que pagar analista" remete muito bem esse desejo de tornar o blog a representação de um indivíduo singular. (MALINI, 2007, p. 278)

De acordo com Malini (2007, p. 23), Estalella interpreta que a o blogueiro revela detalhes do seu mundo privado como uma estratégia para produzir efeito de verdade nas suas mensagens e criar um sensação no usuário de aquele blog é um espaço bastante íntimo. Nesse caso, a credibilidade do leitor vai se formando pela crença que tem no blogueiro como um sujeito que vive uma história peculiar e que a narra também de um ponto de vista respaldado numa experiência de vida. Mas não só isso, o blogueiro vasculha a rede para buscar o que nela tem de melhor, em termos de informação. Nesse sentido a crença do leitor é bem distinta daquela atribuída aos veículos de massa. Nestes, a credibilidade é da empresa de comunicação que transmite a notícia e por isso que ela se fundamenta em princípios que são externos à subjetividade produtora da informação, como os de objetividade (distância que se tem em relação ao fato) e imparcialidade (a presença de uma multiplicidade de fontes de informação que são ouvidos etc).

Assim, o blogueiro estende seus braços a demais comunidades surgidas com a blogosfera e estende os braços também para os internautas que a ele acompanham mediante a fundamentação da meritocracia e credibilidade autoral e traços narrativos que este blogueiro

utiliza, além do uso de hiperlinks que criam uma linguagem baseada nos mais diversos meios de comunicação integrados. De mãos dadas e coração aberto para estes pontos, o blogueiro dá o abraço global de McLuhan e se estende na web desterritorializada, transmitindo uma cultura hacker.

Sim, cultura hacker. A cultura do compartilhar como prega a Declaração de Independência da Blogosfera, escrita por Juan Freire, em 2006, cujo nome do blog não poderia ser mais propício: "Nômade. Reflexões pessoais e informação sobre a sociedade e o conhecimento abertos".

Nele, se defende a idéia de que todos somos cidadãos hackers se utilizarmos para o termo a idéia defendida por Hernani Dimantas (2003, p. 32) a qual vê a "[...] cultura hacker como a da criação comunitária e nascida do código aberto, do Linux e expandida para a lógica da web2.0." Na Declaração de Independência da Blogosfera, os principais pontos para se estar na blogosfera são defendidos com ênfase, afinal, são todos amadores e, portanto, amantes da descentralização do conhecimento e de seu livre acesso. Uma cultura digital só pode ser feita se há coesão da sociedade em rede e do ciclo, seja ele duradouro ou não, da transmissão de novas idéias. Caiu na rede é peixe que navega no oceano de possibilidades.

Declaração de independência da blogosfera: pelos cidadãos hackers

Internet é uma oportunidade. Os blogs são, dentro da rede, outra oportunidade para recuperar o poder que proporciona a sinergia entre a identidade individual e a colaboração de muitos. Mas para acontecer, é preciso cidadãos hackers que construam ativamente uma ética de sua ação na rede e no mundo real. Se existe alguma oportunidade de construí-la, tudo dependerá de como se construa o futuro. Ponêmo- nos a trabalhar:

- Rompa o código fechado do elitismo, dos fundamentalismos de todo tipo. Abra-se o código da conversação e da transversalidade intelectual.

- Seja questionador, rompa com as idéias aceitas sem crítica, cruze-as com os dados disponíveis, recombine a informação para observar a realidade de outros pontos de vistas.

- Internet oferece um espaço virtual de liberdade, autônomo das autoridades do mundo físico. Mas esta independência sempre será temporal, em qualquer momento é suscetível de terminar ou reinventar-se, para tanto aproveite esta independência transitória intensamente.

- Escreva sobre o que deseja, sobre a sua vida ou sobre o mundo. Tudo é útil, nada impede que exista na rede, afinal, somente aqueles que se interessem pelo seu fato narrado (se existem personagens hipotéticos) te lerão.

- Aprenda "idiomas", descubra gente e idéias distantes de seu entorno geográfico e cultural. Construa novos mapas com suas explorações e compartilhe-os com os seus "vizinhos".

- Transponha sua ética e sua atitude intelectual na rede em sua vida "física". Converta-se em um hacker cidadão. Mas, tome precauções, no mundo "real" existem forças e mais poderosas que podem impedir sua ação.

- Ampare-se no anonimato se achar necessário para evitar censuras legais ou sociais. Mantenha e promova sua identidade virtual, ainda que não tenha uma correspondência visível com sua identidade "real". Tenha como guia sua honestidade, elabore sua própria ética de atuação.

- Colabore com as redes. Mas não permita que lhe convertam em um elemento genérico e prescindível. Sua força, a de todos, está em unir o poder de muitos ao valor do indivíduo. Relacione-se intensamente com a rede, mas sempre livremente.

- Promova a união. Hiperlinks.
- Tenha a elegância de não incluir publicidade em seu blog [...]. ou inclua anúncios em seu blog e ganhe dinheiro, caso possa. Ambas opções são válidas se forem feitas com honestidade e transparência. Não importa tanto o que faça, importa como faça.
E, sobretudo, não dê muita importância a este post. Abandono meu blog a blogosfera por uns dias[...] (Afinal, as praias do Second Life ainda não têm as mesmas ondas). (FREIRE, 2006, tradução nossa)

Ao se espalhar desde 28 de agosto de 2006, quando foi "postado" até os dias de hoje, o manifesto proposto por Juan Freire ainda é seguido e citado na blogosfera como uma referência e "receita de bolo" para os iniciantes desta atividade. Nele, há uma defesa do questionamento. Na web todos têm poder, todos são potência. O que importa é explorar este infinito território de modo responsável e ético. Afinal, assim como as praias do ambiente virtual Second Life remetem às mais lindas ondas de ambientes paradisíacos que temos no ambiente físico em territórios (inter)nacionais, a realidade da web e retratada pelo blogueiro se estende ao digital, podendo ecoar ou ramificar-se no cotidiano físico e não apenas online.

2.4.2 Blogo, logo existo

Se Descartes estivesse vivo, provavelmente a famosa frase viria de uma outra forma e se difundiria por novos meios. Ao se falar em blog, uma das questões que se mostra fundamental em seu estudo é a motivação que estes escritores online têm. Por que blogar? Sob o formato de *post*, a resposta surge seja em palavras-chaves ou em um texto corrido. Porém, o motivo está ali e identificando não só a razão, bem como a afinidade que o blogueiro tem com o assunto tratado.

Afinidade e identificação ligadas compõem desde os blogs surgidos da forma mais despretensiosa como os que são ou almejam ser mais profissionais. Isso porque, independentemente do caso, o nascimento e a manutenção de um blog dependem do caráter amador de quem o produz. Amador segundo a definição de Hennion.

Carregado de sentido pejorativo, a palavra foi se depreciando até chegar à contemporaneidade. Porém, seu sentido original é recuperado e amplamente aplicado e arraigado no conteúdo produzido em páginas pessoais e redes sociais como também compõe o cerne da programação que sustenta a manutenção dos códigos abertos (*open source*). O caráter central do amador é que sustenta o aperfeiçoamento da web. O amador cultiva por prazer e compartilha com outros amadores. Por prazer surgem iniciativas e reverberações em torno de demais internautas que dialogam, questionam, levantam dúvidas e opiniões enriquecendo a idéia original. O amador só é amador quando se mostra desarraigado de

valores apenas subjetivos. Isso porque, para se alcançar o prazer subjetivo, o cultivo se dá por meio da ação com outros pares. A riqueza do amador está em manter as conversações vivas.

Desprovido do caráter amador, não há a manutenção do projeto e a continuidade da discussão. A leitura deixa de ser uma via de duas mãos, perdendo o efeito orgânico e evolutivo próprios de um projeto. Sem conversações, não há amador. Só existe troca quando há o compartilhar intrínseco.

Ao sentir-se íntimo com as ferramentas existentes para a publicação de seu blog, o indivíduo agrega uma interface mais sofisticada (com cores, imagens, músicas atreladas a sua página) e sua narrativa aproxima-se da fluidez, mesclando seu fluxo de pensamento com a escrita que se torna peculiar e própria.

A voz do blogueiro não sai somente de sua garganta, mas de suas mãos ávidas que buscam por novidades em outros blogs. Vasculhando novos pontos-de-vista que enriqueçam a discussão, mãos movem o *mouse* num disparar ágil. Agregam-se vídeos, *podcasts*, imagens compartilhadas por outros internautas. Agrega-se conteúdo. A voz do blogueiro soa e sua. Transpira. Reverbera-se na rede. A voz que conclama discussões encontra outras vozes não mais pelo megafone, mas por outras mãos agitadas e criativas em outros teclados e mouses que falam alto. As mãos gritam opiniões. O blog cria uma subjetividade pública, amplificando o espaço que até então era restrito à esfera privada.

Por isso tudo, no blog a subjetividade é valorizada e a massificação não; já que as vozes que ecoam das mídias de massa são pasteurizadas pelo *mainstream* e perdem a reciprocidade da relação emissor-receptor encontrada na rede online.

É neste momento, que a palavra “personalização” ganha peso e sentido por aproximar a subjetividade do blogueiro com a página que o identifica e o diferencia dos demais internautas que habitam a web.

Quanto mais personalizado, mais arraigado de subjetividade o blog for, maior é sua capacidade de potencializar e atrair novos pares, novos comentários, novas conversações. Blogar então significa, em primeiro lugar, a liberdade de poder se comunicar sem intermediários. Sem constrangimentos institucionais. Sem a mediação de grandes empresas de comunicação as quais detém todos os canais nas mãos de poucas famílias (como ocorre no caso da concessão de redes de rádio e televisão no Brasil) ou de pequenos grupos nacionais ou transnacionais (que se unem com aquisições e fusões de empresas).

Inicialmente o blog tem a visibilidade composta pelo seu núcleo pessoal e íntimo. A divulgação inicial é feita entre parentes e amigos, os quais podem se interessar e passar para

amigos de seus amigos. E, assim, instala-se o caráter da rede. A linkania, como diz Hernani Dimantas (2006, p. 65):

> A linkania é a expressão do engajamento das pessoas em rede. Uma troca generosa de links que catalisa a conversação, provoca e solidifica o engajamento. A rede é formada pelos nós. Nós linkados uns com os outros. É o poder dos links. Linkar e ser linkado. Viver, pensar, fazer.

Por basearem-se no compartilhamento, em uma atividade que sustenta sua manutenção pela ação coletiva, pela interatividade, os blogs mostram-se como uma alternativa de mídia e transmissão difusa do conhecimento. Quanto maior é a visibilidade do blogueiro e a quantidade de internautas e outros blogueiros que o reconhecem na "vizinhança", maior é a sua reputação na rede digital.

A visibilidade dentro da blogosfera baseia-se na reputação e esta é uma das palavras mais importantes quando se fala da conseqüência gerada pela motivação de blogar. A reputação é criada quando a credibilidade está entrelaçada na subjetividade expressa. O texto não é embasado por "saiu no Washington Post na Folha de S.Paulo, ou apareceu na Globo" mas sim por "tal blogueiro viu e comentou". O falar, o comentar se expande e ganha corpo próprio não necessitando do apoio de uma empresa de comunicação. Diz Rebecca Blood (2002, p. 63),

> [...] é a ligação que confere credibilidade aos weblogs, cria uma transparência impossível de atingir noutro meio de comunicação. É a ligação que cria a comunidade em que o weblogue se enquadra. É a ligação que distingue o blog da escrita dos meios tradicionais.

Partilhar informação (links) adaptando-os a uma expressão e interpretação própria é o que vai tornar o blog respeitado. Mas, sem sombra de dúvida, é "a produção de um ponto de vista, a capacidade de seleção de links e a experiência de vida do autor" que vão demarcar a sua reputação entre seus leitores e a vizinhança que compartilha não mais o mesmo ambiente físico e CEP, mas o mesmo interesse. A reputação do blogueiro tem haver com sua capacidade de ser um perito. E, pela primeira vez na história da comunicação, a verdade é construída sem a necessidade de hierarquias no plano da subjetividade.

Complementando esta idéia, Fabio Malini analisa as motivações do ato de blogar de forma vertical e horizontal como uma nova mídia entre os meios de comunicação. Nos dois

eixos, o que se mostra presente é um blogueiro ativo e que encontra apoio e novas motivações dentro de uma multidão participante. Não o amorfo, apenas o modificante.

> Por ser uma atividade comunal, os blogueiros compreendem o seu ofício como uma atividade interativa. Os artigos escritos, em geral, têm relação com outros já escritos. Por conta disso a relação de produção se torna horizontal – o tema de um post fica distribuído em outros blogs, e o conhecimento produzido obtém uma verticalização em sua densidade – como um artigo guarda relação com um outro, ele complementa idéias e pontos de vista, o que faz com que seja produzida uma corrente de conteúdos que aprofunda o tema do artigo original ou o seu inverso. (MALINI, 2007, p. 275)

Para finalizar este percurso, bem se encaixa a concepção de Chris Anderson (2006) da "cauda longa". Ao partir da análise estatística da mudança de consumo surgida com a internet, a teoria de Chris Anderson analisa as alterações no comportamento dos consumidores e do próprio mercado, a partir da convergência digital. Trata-se da teorização de um fenômeno já existente e em virtuosa ascensão na indústria do entretenimento, que tem gerado um movimento migratório da cultura de hits para a cultura de nichos, a partir de um novo modelo de distribuição de conteúdo e oferta de produtos.

Com o surgimento do mundo virtual, estamos cada vez mais transformando em bits o que antes era matéria. E é justamente o rompimento das barreiras físicas que torna possível a criação de modelos de negócios de Cauda Longa, em que a oferta de produtos é praticamente ilimitada, uma vez que os custos de armazenagem e distribuição digitais são infinitamente inferiores. Produtos economicamente inviáveis no modelo de hit encontram no meio digital seus consumidores. Por sua vez, os consumidores que antes tinham acesso a um número reduzido de conteúdos, passaram a ter uma variedade quase que infinita de novas opções. E passaram a experimentar mais, consumir produtos que até então desconheciam. É essa variedade e essa nova experimentação que proporcionam as alterações no consumo tradicional (Não é à toa que a geração da Internet é menos fiel às marcas e mais predisposta a consumir novos produtos). O que antes era um mercado ignorado, não só passa a ter valor como vem crescendo a cada ano.

> O melhor exemplo disso é o computador pessoal, que pôs todas as coisas, desde as máquinas de impressão até os estúdios de produção de filmes e de músicas, nas mãos de todos (ANDERSON, 2006, p.52)

Da mesma forma que se dá no consumo produtos até então ignorados pelo mercado, o mesmo se dá com os blogs. Apoiado em um público fiel, porém diminuto, assuntos e temáticas específicos até

então ignorados pela mídia de massa, passam a movimentar atores em rede os quais repassam o endereço destes blogs criando um padrão de hiperlinkagem e uma comunicação em rede. Desta forma, se este blog específico (no caso dos dekasseguis) for analisado entre as mídias como um todo, sua relevância é baixa, porém, se ao ser colocado na blogosfera e utilizando palavras-chave com esta temática pontual nos sistemas de busca (Search Engine), sua representatividade passa a ser alta. O que acaba, mais uma vez, por reforçar a linkania (Dimantas, 2006) e a reputação do blogueiro.

CAPÍTULO 3
MÍDIA:
IDENTIDADE SEM LOCALIDADE

CAPÍTULO 3: MÍDIA: IDENTIDADES SEM LOCALIDADE

3.1 Trajetória a ser seguida

Identidade e interculturalidade são dois conceitos-chave que habitam tanto as discussões ligadas à globalização e novas imigrações, quanto os estudos comunicacionais. Isso porque ambos compartilham da idéia de mobilidade de determinado grupo ou agente social, partindo do pressuposto que não é apenas o indivíduo que se mantém em deslocação, em trânsito, mas sua mudança física e territorial acarreta também a circulação de idéias, experiências, imagens, símbolos, significados e uma nova geração formada pelos filhos destes imigrantes e, portanto, destes povos em trânsito.

Desta forma, a globalização só pode ser entendida se forem empreendidos recursos interdisciplinares evitando a separação de conhecimentos como prega Latour (2008), já que tanto os estudos ligados a imigração e globalização quanto os relacionados à comunicação tem como eixo o indivíduo. Assim, é possível estender o mesmo raciocínio a Canclini (2007) quando ele afirma que a globalização deva ser realizada a partir de estudos interculturais. Ainda relacionada a esta idéia, podemos fazer a analogia entre a comunicação como uma espécie de campo epistemológico migrante, uma interdisciplina por excelência, e a interculturalidade movida pelos meios de comunicação, seu preferencial objeto de estudo.

Investigar numa perspectiva intercultural encaminha os estudos de comunicação para trabalhar com a heterogeneidade e a alteridade cultural e comunicacional e, ao mesmo tempo, "especializar-se em intersecções" (CANCLINI, 2007). É avançar na compreensão das narrativas ficcionais mediáticas para a constituição de um novo sensorium e das novas sociabilidades, dentro de condições de crescente interculturalidade aliada à renovação das diferenças e das identidades coletivas (étnicas, geracionais, de gênero, territoriais, nacionais, regionais, locais) que marcam o cenário atual.

Este terceiro capítulo trabalha com a relação mídia e identidade de populações em trânsito, hibridação e entre-espaço. Inicialmente sob o ponto de vista territorial, são abordadas as teorias de Nestor Canclini (2006) e Homi Bhabha (2005), para a problematização da identidade em sentido territorial. A adaptação à nova pátria, as gerações seguintes e a manutenção e adaptação dos costumes trazidos. De Canclini é usado o conceito de hibridação, porém a questão de conflito e domínio como se dá no caso dos mexicanos-americanos, não é aqui citada porque não há proximidade deste ponto com o caso do contato dos nipo-brasileiros

com os japoneses. Apenas é usado o termo de hibridação no sentido de fertilidade e assimilação cultural existente na relação entre ambas as culturas. Já de Homi Bhabha o entre-espaço se faz presente neste contato, gerando "a elaboração de novas estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade" (Bhabha, 2005, p.20).

Saindo da questão da identidade baseada na mudança geográfica trazida pelo contexto da globalização e transnacionalismo, Stuart Hall (2001) é aqui citado por deter-se na análise da identidade cultural do sujeito na pós-modernidade. Com as transformações de concepção de tempo e espaço, as relações sociais são reestruturadas, propiciando o descentramento do sujeito e a geração de um processo constante de releitura e adaptação. Com isso, a base trazida por Stuart Hall (2001) dá condições para o avançar do raciocínio com Appadurai (1996), Latour (2005) e Meyrowitz (1985). Estabelecidos os imigrantes e as novas gerações ao novo território, uma mídia produzida por e para este grupo é constituída para a manutenção dos costumes trazidos e dos estabelecidos com pela troca cultural. O foco de Appadurai (1996) para a formação do mediascape são os indianos e sua geração subseqüente alocada nos Estados Unidos. Em nosso caso, a idéia é transposta aos dekasseguis. De Meyrowitz (1985) utilizamos o conceito de situação social tecnológica justificando não apenas a atenuação das barreiras entre a tecnologia e o homem como a existência dos fluxos informativos que justificam a existência de uma identidade comunicativa firmada por estes sujeitos. Também, são apresentadas o atual panorama dos meios de comunicação disponíveis no Japão para a população dekassegui, seja no formato de sites ou mesmo de *free papers* e revistas, antes de ser aprofundada a questão dos blogs, esta parte presente no quarto capítulo dedicado à análise do corpus.

3.2 Hibridação X Mestiçagem

Ao ter como ponto de partida a interculturalidade e a identidade, caminham lado a lado os fenômenos atribuídos à desterritorialização e ao transnacionalismo. Neste sentido, Nestor García Canclini (2007) afirma que desterritorialização constitui-se como o mais radical significado do ingresso na contemporaneidade. Para comprovar esse fenômeno, o autor menciona a transnacionalização dos mercados simbólicos e as migrações. E isso leva a desconstrução de antagonismos como colonizador X colonizado, nacionalista X cosmopolita,

local X global já que há não apenas a descentralização das empresas (e portanto das relações econômicas firmadas entre países), mas também as migrações multidirecionais são vistas como uma realidade diaspórica freqüente nos dias de hoje. Populações de ex-colônias se encaminham para as antigas áreas colonizadoras, blocos econômicos recebem populações de países participantes, filhos e netos de imigrantes se encaminham para os países de seus antepassados. A realidade, sob o ponto de vista objetivo e também a própria perspectiva subjetiva, é muito semelhante para os indianos e mexicanos que vivem nos Estados Unidos, como para os nipo-brasileiros que estão no Japão.

Além disso, outro fator relevante para caracterizar a desterritorialização e suas conseqüências interculturais apontada por Canclini é a disseminação dos produtos simbólicos por meio da eletricidade e, conseguintemente, da eletrônica a qual por si só transcende a noção de espacialidade. Seguindo este raciocínio, a relação existente entre local X global, assim como as demais, torna-se permeável já que, ao importar (ou receber) um produto cultural de determinado país este produto sofre uma tradução para ser assimilado pela realidade local. Nos meios de massa esta assimilação é claramente percebida, porém com a Internet a potencialidade de permeabilidade entre o local e o global é ainda maior.

Na rede digital, o “glocal” de Canclini (2007) é detectado quando não apenas etnias, raças e nacionalidades semelhantes se comunicam, mas a comunidade weberiana cede (e perde) espaço para a afetividade, para o comum que transpõe estes critérios. A barreira se torna movediça neste espaço híbrido.

Os termos “híbrido” e “hibridação”, por si só, já provêm de uma natureza interdisciplinar. Canclini (2006) prefere chamar essa nova situação intercultural de “hibridação” ao invés de “sincretismo” ou “mestiçagem”,

> [...] porque abrange diversas mesclas interculturais – não apenas raciais, às quais costuma limitar-se o termo ‘mestiçagem’ - e porque permite incluir as formas modernas de hibridação, melhor do que ‘sincretismo’, fórmula que se refere quase sempre a fusões religiosas ou de movimentos simbólicos tradicionais. (CANCLINI, 2006, p. 19).

Com isso, o pensador argentino transita entre diferentes manifestações culturais e artísticas (muitas delas anônimas): desde passeatas reivindicatórias, passando pela pintura, arquitetura, música, grafite e histórias em quadrinhos até a simbologia dos monumentos.

Desse modo, Canclini reflete sobre o que chama de migrações multidirecionais, relativizadoras do paradigma binário (subalterno/hegemônico, tradicional/moderno) que tanto balizou a concepção de cultura e poder na contemporaneidade.

Justamente pelo termo hibridação transitar entre diferentes manifestações culturais, ele se mostra aplicável e detectável nas relações sociais e comunicativas presentes na rede digital. Na web, a migração multidirecional não depende do deslocamento físico, depende de interesses comuns e do compartilhamento de informações retroalimentadas pelas conversações existentes entre os internautas de uma mesma comunidade online ou de comunidades afins na Internet.

Seguindo este raciocínio é possível dizer que estudar sob uma perspectiva da Comunicação permite detectar as relações em seus níveis mais próprios que é a interação com o outro, a retratação perante o outro, seja pela língua (que se torna híbrida ao usar palavras de um idioma seguido pela construção frasal de outro), seja pelas manifestações culturais expressas pela mídia ou manifestações artísticas. Tal realidade é constatada pelo estudo que Canclini realiza sobre os conflitos interculturais em Tijuana, fronteira entre o México e os Estados Unidos. O autor afirma (2006, p. 315): "[...] várias vezes pensei que essa cidade é, ao lado de Nova Iorque, um dos maiores laboratórios da pós-modernidade." O caráter multicultural desse local não se expressa apenas no uso do espanhol e do inglês, mas nas relações divergentes e convergentes que se dão entre uma cultura e outra. Ao mesmo tempo, há, nesse lugar, uma tentativa de retorno ao tradicional, ou uma tentativa de reinventá-lo. Na referida cidade fronteiriça, a busca pelo autêntico atende também aos interesses do mercado turístico. Visitantes são fotografados em cima de burros cuja pintura imita uma zebra, tendo ao fundo algumas reproduções de imagens de várias regiões do México, tais como, vulcões, figuras astecas, cactos. Sempre remetendo a cultura dos primeiros imigrantes mexicanos, cujos filhos já possuem uma bagagem cultural híbrida.

O mesmo se dá com os indianos, quando Homi Bhabha (2005) trabalha com o conceito de entre-espaço e que logo abaixo será esmiuçado. E isso também é verificável no caso dos nipo-brasileiros no Japão. Como dito no primeiro capítulo, o termo dekassegui já não está mais apenas ligado à condição migratória, mas a própria identificação que este sujeito atribui a si, independentemente de ainda estar em deslocação física ou não. O dekassegui continua usando a expressão "(ex)dekassegui" para se auto-intitular mesmo depois de retornar porque a denominação e a carga emotiva intrínseca a este grupo migrante o diferencia dos demais que compartilham de seu espaço, seja ele físico ou não.

Os dekasseguis têm em comum não apenas o mesmo passado étnico, mas seus gostos e dilemas pessoais o diferenciam dos demais nipo-brasileiros que não experimentaram esta condição. Mesmo provindo de estados e condições sociais distintas, ao emigrarem e conviverem na mesma linha de montagem, na mesma fábrica ou nos mesmos ambientes típicos que preservam um pedaço do Brasil no Japão, os dekasseguis já remontam a uma identificação moldada pela vivência específica.

Transposto para a rede, tal conversação entre este grupo dekassegui nos blogs não necessariamente se restringe entre os que já vivenciaram tal experiência migratória ou não. O compartilhamento de experiências e a troca de informações se dão principalmente pela afetividade e identificação quanto ao tema e a conversação que é criada dentro deste espaço e mídia digital. Nas comunidades firmadas em ambiente virtual há muito mais do que a transposição da experiência conseguida no territorial já que na web permeiam outros estímulos visuais, textuais e sonoros que são linkados a um blog, sem necessariamente provir de uma origem única.

Como se verá na análise de conteúdo dos blogs, o imaginário coletivo por si só já é híbrido, conforme a definição de Canclini, mas na internet há a união de conversações comuns que são potencializadas pela troca com diferentes culturas que se mesclam e estão em constante reformulação.

3.3 A união de entre-espaços e as identidades eletrônicas

Nunca uma preposição fora tão importante. Assim como na gramática, o “entre-espaço” de Bhabha (2005) se dá por meio da relação contínua, ligando culturas através da fertilidade produzida na troca de suas liminaridades. O que importa, no estudo de Bhabha, são os momentos e processos gerados na articulação das diferenças culturais. Nestes entre-espaços que estão em constante aperfeiçoamento e negociação da diferença social.

A produção de Homi Bhabha tem como pano de fundo a Índia e seu pós-colonialismo. Seus conceitos se aplicam aos estudos ligados à desterritorialização, hibridação, glocalismo e imigração contemporânea. Com isso, a obra de Bhabha dialoga com Arjun Appadurai, Stuart Hall e Nestor Canclini já que todos eles também trabalham com identidades étnicas.

Frutos de uma cultura em trânsito, filhos de indianos e mexicanos nascidos nos Estados Unidos, bem como os *nikkeis* nascidos no Brasil, desde cedo entram em contato com a cultura trazida pelos pais imigrantes. Através dos meios de comunicação, a tradição do país

de origem é adaptada a um novo contexto e retro-alimentada na formação de uma identidade comum ao serem mantidos laços imagéticos e de reciprocidade. Por meio de telenovelas, músicas, cinema, a identidade étnica é cultivada entre os descendentes já nascidos em uma nova região.

Para se entender o entre-espaço é necessário compreendê-lo como território fronteiriço de uma nação. A nação, por sua vez, é o resultado da soma de narrativas sociais não-homogêneas na qual há a emergência de uma voz que representa as demais graças ao apoio político e econômico do Estado.

> No lugar da polaridade de uma nação prefigurativa autogeradora "em si mesma" e de outras nações extrínsecas, o performativo introduz a temporalidade do entre-lugar. A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo. O problema não é simplesmente a "individualidade" da nação em oposição à alteridade das outras nações. Estamos no interior da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. A nação barrada Ela/Própria [It/Self], alienada de sua eterna autogeração, torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado internamente pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa, por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (BHABHA, 2005, p. 209, grifo do autor)

Mais do que revisar o conceito de territorialidade, espacialidade, nacionalismo, o "entre-espaço" discute a especificidade da cultura que se encontra no limiar e as estratégias de identificação cultural e de interpelação discursiva que funcionam em nome do "povo" ou da "nação" e os tornam representantes das narrativas sociais. Como diz Bhabha (2005, p. 207):

> O povo não é nem o principio nem o fim da narrativa nacional; ele representa o tênue limite entre os poderes totalizadores do social como comunidade homogênea, consensual, e as forças que significam a interpelação mais específica a interesses e identidades contenciosos, desiguais, no interior de uma população.

A definição de entre-espaço de Bhabha é a que mais se aproxima da realidade das nações no atual contexto da globalização. Mais do que o recebimento contínuo de mão-de-obra migrante, hoje os países possuem em suas raízes peculiaridades trazidas pelos primeiros migrantes que se enquadravam na Teoria de *Push and Pull* e que, depois de estabelecidos nos locais receptores, transpunham os valores pátrios e primários traduzindo sua cultura original para o novo espaço regional. A tradição sofre uma tradução ao adaptar-se não apenas ao novo

ambiente territorial como também à convivência com costumes locais. Com isso, o ideário de nação do século XX e XXI já não pode ser visto seguindo uma homogeneidade de raça e etnia, mas a nação de hoje é permeada por distintos povos e valores culturais, podendo haver choque ou não, mas movendo-se sempre segundo uma troca multicultural, dinâmica e híbrida.

Stuart Hall, assim como Bhabha, também trabalha com os conceitos de tradição e tradução. Segundo Hall (2001), a tradição tenta recuperar a "pureza anterior" e "redescobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas" (HALL, 2001, p. 87). Já a tradução se caracteriza por aceitar o fato das identidades estarem sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é improvável que elas sejam outra vez unitárias ou "puras". E isso faz jus à própria origem da palavra: "tradução" vem etimologicamente do latim significando "transferir", "transportar entre fronteiras". Como diz Hall (apud BHABHA, 2005, p. 89): "Os homens traduzidos são pessoas que devem aprender a habitar no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas."

Desta forma, o ideário de nação, de acordo com Bhabha (2005), está calcado em valores essencialistas, articulando as fronteiras liminares (ou "entre-espaços" se usarmos a nomenclatura de Bhabha) entre signos baseados em "[...] zonas de controle ou de renúncia, de recordação ou de esquecimento, de força ou de dependência, de exclusão ou de participação." (BHABHA, 2005, p. 24) Portanto, ao definirmos o entre-espaço como algo dinâmico e orgânico, estamos levando em conta um local cujo habitar é plural, seja na formação de seu povo como nas manifestações sociais, político-econômicas que dele partem em suas próprias raízes.

É este mesmo entre-espaço que Arjun Appadurai (1996) trabalha ao aplicá-lo em seu conceito de *mediascape*, o qual se caracteriza pela apropriação dos meios de comunicação como veículo difusor da identidade étnica de certo grupo migrante.

Mira Nair, uma outra indiana, só que desta vez cineasta, explorou e traduziu a obra de Arjun Appadurai e Homi Bhabha em seus filmes. Através da plasticidade, a questão identidade étnica é trabalhada em longas-metragens como *O casamento à indiana* (2001, *Moonsoon Wedding*) e *Nome de família* (2006, *The Namesake*). Em ambos, a temática explorada é a mesma: a hibridação cultural e a identidade gerada com a junção da cultura oriental, no caso indiana, e ocidental, a norte-americana.

The Namesake (baseado no romance homônimo de Jhumpa Lahiri[17]) traduz em imagens a poesia da hibridação e o questionamento que cerca a formação da identidade. Centrada na narrativa de uma família, o filme conta desde a juventude e a apresentação dos pais, ainda pretendentes a um casamento arranjado, ao posterior convívio com seus filhos, já em fase de adultos jovens. Ashoke é um indiano emigrado que se instala nos Estados Unidos para estudar e que retorna à Índia em busca de uma boa esposa para compartilhar seus costumes e valores no novo país. Ao conhecer Ashima, uma culta e bela jovem, ele se apaixona. Ela, por sua vez, primeiro o observa de longe, encostada à parede que separa não somente o ambiente como também a bagagem cultural que os dois vinham acumulando.

Ashima o vê sentado, com suas elegantes roupas à ocidental, e resolve experimentar o sapato que se encontra na sala anterior. Ao vesti-lo, Ashima não só se encanta com o calçado de seu pretendente, mas, de forma metafórica, veste a nova cultura que irá acompanhá-la e cercá-la. Ao se mudar para os Estados Unidos com Ashoke, seu esposo, há o choque. Lá, não se reúnem em torno de instrumentos musicais milenares, não se cantam as histórias da Índia, não há curry no alimento. O ar é outro e o tempero de sua vida ganha um novo sabor.

Seus filhos, porém, já são norte-americanos e a musicalidade da língua ganha novos acentos. A partir daí, a narrativa se concentra nos dilemas de Gogol, o filho mais velho. Gogol Ganguli não gosta de seu nome, que é muito diferente dos demais amigos de sua universidade. Sua paixão é por Max, uma norte-americana loira e de olhos azuis. Gogol é um jovem que veste a bandeira. Mas a bandeira dos Estados Unidos. Porém, ao chegar em casa, transveste-se. Seus costumes e o idioma da família são indianos.

Gogol vai a Índia com a sua família e lá se sente estrangeiro na língua que sempre falou. Agora, dentro da casa dos parentes, se sente e é visto como americano. Ao voltar aos Estados Unidos seu pai adoece e conta o motivo do nome dado ao filho e, depois da explicação, Gogol preza com mais afinco suas origens e aceita se noivar com uma moça descendente como ele. Apesar do afeto que se inicia entre o jovem casal, o casamento não dá certo e ambos seguem em busca de um novo caminho. A busca por um espaço fronteiriço em

[17] Jhumpa Lahiri (1967-) é uma escritora nascida nos Estados Unidos e filha de pais imigrantes indianos. Seus romances e ficções baseiam-se em experiências próprias e com forte presença da mescla cultural formadas com o contato de dois povos distintos. "Seu [universo literário] navega entre valores culturais do local de origem e a nova pátria adotada como lar". O romance de estréia de Lahiri, Interpreter of Maladies (1999), ganhou o Prêmio Pulitzer Prize no ano seguinte, na categoria romance. The Namesake (2003) foi adaptado para o cinema em 2006, pela cineasta Mira Nair, a qual também se identificou com a história não só dos personagens, como da própria autora. (JUHMPA)

que caiba a cultura herdada pelo amor à tradição indiana e a riqueza da diversidade proporcionada com o nascimento destes jovens nos Estados Unidos.

The Namesake, de Jhumpa Lahiri e escrito no formato de romance, resgata as raízes das tradições trazidas pelos seus pais emigrados. Já Mira Nair, ao transformá-lo em filme, também se utiliza desta tradução cultural e, por meio do cinema, expande o sentimento étnico massificando e popularizando o conhecimento comum existente não apenas entre os filhos de indianos nascidos nos Estados Unidos, mas também aproxima ao questionamento da identidade comum entre os descendentes mexicano-americanos, nipo-brasileiros, franco-africanos, etc.

Aqui, bem se encaixa o conceito de *mediascape* de Appadurai (1996) no qual há o usufruto das mídias assegurando o papel das identidades étnicas e identificações. Além disso, existe o limiar entre-espaço defendido por Homi Bhabha (2005), já que tanto os meios de comunicação (a divulgação da novela, do filme, etc) como o próprio questionamento das personagens primam pela articulação social da diferença e pela constante negociação existente da perspectiva da minoria.

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com o "novo" que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado refigurando-o como um "entre-lugar" contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O "passado-presente" torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

> As problemáticas fronteiras da modernidade estão encenadas nessas temporalidades ambivalentes do espaço-nação. A linguagem da cultura e da comunidade equilibra-se nas fissuras do presente tornando-se as figuras retóricas de um passado nacional. Os historiadores transfixados no evento e nas origens da nação nunca indagam, e teóricos políticos possuídos pelas totalidades "modernas" da nação – homogeneidade, alfabetização e anonimato são características chaves- nunca fazem a pergunta essencial sobre a representação da nação como processo temporal. (BHABHA, 2005, p. 202)

Com isso, o que se observa é que, em um mundo globalizado como o de hoje, não existe uma identidade essencial, pois existem várias identificações. A identidade mais indiana (no caso apresentada em *The Namesake*) ou mais brasileira ou japonesa (no caso dos

dekasseguis) “aparece”, ou melhor, “prevalece”, dependendo do contexto em que o indivíduo se encontra.

Os conceitos de Bhabha caminham lado-a-lado com Appadurai. Ao depurar também a noção da “demografia do novo internacionalismo”, Bhabha (2005) não se atém aos limites fronteiriços da noção geográfica, muito menos do Estado-Nação. Homi Bhabha analisa o espaço fronteiriço como “algo que se começa a se fazer presente em um movimento”, como uma “ponte que reúne enquanto a passagem que atravessa”.

Esta passagem também é notada na internet cujo espaço é, por excelência, desterritorializado e em constante movimento. Os entre-lugares transpõem a dimensão territorial ganhando grande destaque no ambiente digital já que nos dois casos estes espaços liminares fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação –sejam elas singulares ou coletivas – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade permeada e estabelecida graças às diferentes etnicidadades que a compõem.

Portanto, analisar o entre-espaço é transpô-lo da idéia de pátria e do discurso do nacionalismo como composição representativa da homogeneidade. A diversidade da cultura e da identidade formadas neste meandro também só podem ser vistas se for levado em conta que o tempo presente deste grupo é constituído por uma temporalidade diversa.

Para Bhabha, o próprio conceito de nação é algo que está em constante negociação, ou como ele diz no formato de metáfora, “[...] um plebiscito diário, assim como a existência de um indivíduo é uma afirmação perpétua da vida” (BHABHA, 2005, p. 225). Isso porque ao se afirmar uma nação o que é elevado em primeiro plano é a vontade de continuidade a partir de um marco tido como inicial. Isso posto, a origem é subtraída e os conflitos são amainados por meio da sobreposição da narrativa dominante. Como diz o autor:

> Estar no “além”, portanto, é habitar um espaço intermédio como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir “no além” é ainda, como demonstrei, ser parte de um tempo revisionário, um retorno para o presente para redescrever nossa contemporaneidade cultural, reinscrever nossa comunalidade humana, histórica, tocar o futuro em seu lado de cá. Nesse sentido, então, o espaço intermédio “além” torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora.” (BHABHA, 2005, p. 27, grifo do autor)

A linguagem da cultura e da comunidade equilibra-se nas fissuras do presente tornando-se as figuras retóricas de um passado nacional. Os historiadores transfixados no

evento e nas origens da nação nunca indagam, e teóricos políticos possuídos pelas totalidades "modernas" da nação – homogeneidade, alfabetização e anonimato são características chaves- nunca fazem a pergunta essencial sobre a representação da nação como processo temporal. (BHABHA, 2005)

As fissuras do presente que Bhabha (2005) defende podem ser comparadas ao espaço do digital. Na rede online cada individualidade ganha voz e vez, independentemente do local em que territorialmente habita, da língua nativa que fala, da herança cultural que lhe foi transmitida. Na internet há espaços para conversas unidas pelo interesse em comum, pelas identificações que cercam os indivíduos de todos os rincões. Com isso, a migração na rede se encontra em estado contínuo e esta constante mudança é uma possibilidade que a tecnologia nos dá. Como no entre-espaço descrito por Bhabha, a internet é uma intervenção no aqui e agora, um estar simultâneo aqui e acolá.

Na internet é mais visível a desterritorialização bem como a sobreposição das identificações em relação às identidades nacionais. Isso porque, seguindo e aplicando os conceitos de Bhabha, teríamos a sobreposição das "[...] estratégias complexas de identificação cultural que se baseiam em narrativas sociais acima da condição de nação." (BHABHA, 2005, p. 199)

Neste sentido, podemos dizer que culturas que habitam o "entre-espaço", assim como grupos que se apropriam do ambiente digital, se caracterizam pelo caráter híbrido e em constante (trans)formação. Por sua vez, essa hibridação e mutabilidade só é possível graças a nova concepção de espaço/tempo a qual não é regida mais pela territorialidade. Stuart Hall (2006, p. 73) salienta que "[...] os lugares permanecem fixos; é neles que temos raízes. Entretanto, o espaço pode ser 'cruzado' num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou por satélite. Harvey chama isso de 'destruição do espaço através do tempo.'" (HALL, 2006, p. 73)

Portanto, a noção de identidade utilizada por estes autores citados mostram que ela é escorregadia e se permanece como uma posição de diferenciação e de emancipação das diferenças. A identidade na contemporaneidade, tomada como ponto de partida os critérios usados pela sociologia ou pela comunicação, mostra-se não-binária e um entre-espaço de passagem com significados posicionais e relacionais sempre em deslize.

O ponto em comum que une as subjetividades no entre-espaço, seja ele digital ou não, é o pertencimento a uma cultura em comum, a qual não necessariamente compartilha da mesma nacionalidade ou espacialidade. A união parte do mesmo pressuposto: o pertencimento a uma identificação comum e solidária.

3.4 A situação social tecnológica

Junto a estes argumentos, está o fato da nação ganhar um novo sentido. Afinal, entre povos em trânsito a própria idéia de nação parte do dual: a nação receptora e a pátria de origem, o que faz com que a pátria seja vista como lugar antropológico de construção de identidades e da escolha das "narrativas ficcionais do mediascape" para a representação dos processos identitários e culturais a serem preservados e, portanto, mantidos através da divulgação midiática (APPADURAI, 1996).

Junto com a interculturalidade, a comunicação enreda-se nesta composição ao também ter como foco este indivíduo exposto às modificações em que está sujeito neste meio híbrido. Da mesma forma que McLuhan (1995) parte da compreensão e análise das mudanças trazidas pela eletricidade e das tecnologias que com ela provieram criando uma nova forma de perceber a vida, Joshua Meyrowitz (1985) amplifica tais conceitos ao desenvolver a argumentação sobre a situação social tecnológica que a sociedade se depara desde a massificação da mídia eletrônica. Ambos partem da tecnologia enquanto extensão do homem e não algo externo, separado do ser humano, e esta é uma característica importante para a compreensão das múltiplas formas de circulação, acesso e incorporação da informação.

McLuhan (1995) deu o pontapé inicial quando viu na eletricidade um meio de comunicação sem formato definido e Meyrowitz (1985) continuou com esta argumentação. Em *No Sense of Place*, Joshua Meyrowitz (1985) analisa a presença dos meios de comunicação eletrônicos, principalmente a televisão, como forma de entender os meios como propulsores de ambientes culturais.

Com a inserção da eletricidade, os meios de massa criaram novos hábitos sociais e também uma nova forma de lidar com a espacialidade e a temporalidade. Desta forma, a comunicação uniu o espaço público e o privado criando uma interação de fluxos informativos.

Assim, as paredes de casa se tornaram permeáveis fazendo com que a interação social e a informação estivessem em constante contato com o que até então era tido como um ambiente fechado às experiências íntimas. Mais uma vez o ambiente "privado/íntimo" se torna público e não é mais uma referência fechada ou única.

> Mesmo dentro de casa, a mídia reformou o significado social do quarto individual. Antes quando os pais queriam repreender um comportamento do filho isolando do contato social, o mandavam para seu quarto, hoje no quarto

> da criança existem telefones, TVs, rádios e computadores. (MEYROWITZ, 1985, p. 2).

Com isso, o contato social não ganha significado apenas pela presença física e pela definição física do lugar da interação, mas também a partir da mídia que utiliza e interage.

A presença física e o contato sensório direto continuam sendo formas primárias de experiência. Mas a esfera social definida por paredes e pontes são hoje apenas um dos tipos dos ambientes de interação. Se uma câmera, um microfone, um telefone estão presentes num espaço suas barreiras deixam de existir e de impedir a interação. (MEYROWITZ, 1985)

A mesma informação que antes era discutida apenas na sala de reunião entre funcionários de uma empresa é levada para casa e revista ao ser ligada a televisão, agora em ambiente familiar. Ao se usar o telefone em casa, a esfera pessoal também é transposta já que o diálogo remete a outra espacialidade que não é apenas aquele em que fisicamente o sujeito se encontra. A partir da eletricidade, o sujeito passa a habitar uma multiplicidade de territórios compartilhados em um mesmo momento, isso porque a informação transita, de forma híbrida, diferentes espaços comunicativos.

Ainda segundo este estudioso, a situação social tecnológica pode ser vista, portanto, por este intercâmbio informacional independente da espacialidade física. Rádio, televisão, computador, ou seja, os media como um todo, permeiam os mais variados territórios em que o sujeito se encontra criando as múltiplas interfaces de interação. A mídia eletrônica faz sumir as paredes, mistura os espaços e conseqüentemente as performances e a percepção das pessoas.

Meyrowitz (1985) sugere que a interação social não está dependente de um cenário físico e estático, responsável pela ambientação da percepção, mas à simples realidade de uma tele presença capaz de modificar a natureza dos comportamentos e interações. Com a tele-presença, as mídias eletrônicas trazem um novo tipo de relação entre espaço social e pessoas. As diversas audiências são chamadas a interagir num mesmo espaço, híbrido, formado por múltiplas interfaces de interação. “A natureza da interação não é determinada pelo meio ambiente físico enquanto tal. Mas pelos modelos de fluxos informativos.” (MEYROWITZ, 1985, p. 75).

Assim como Meyrowitz (1985) analisa a televisão como plataforma de seu estudo para verificar a união dos fluxos informativos e a diminuição dos espaços existentes entre a esfera pública e privada, Arjun Appadurai (1996) vê, na televisão, também um local de encontro de

social, tecnológico e, principalmente, cultural. No caso do *mediascape* (APPADURAI, 1996), há a retratação de determinado grupo étnico por uma mídia segmentada, criando uma comunicação específica para este público.

Appadurai (1996) descreve principalmente a produção e a receptividade de conteúdo destinado aos indianos residentes nos Estados Unidos, bem como seus filhos já nascidos neste novo país, nesta nova pátria. O conteúdo passa a ser a tradução, uma releitura adaptada, da tradição a ser mantida. Nutrindo-se da cultura trazida pelo imigrante, os valores locais e originários ganham novos ingredientes a partir do molde que acompanha a bagagem do indiano. Mas os ingredientes provêm de outra terra e, por mais que seja semelhante, seu sabor já é outro.

Por meio de programas televisivos destinados a esta comunidade étnica, Appadurai (1996) analisa a valorização da experiência e a competência produtiva dos receptores. Esta tem como eixo uma operação de apropriação, ou seja, a ativação da competência cultural das pessoas, a socialização da experiência criativa e o reconhecimento das diferenças, isto é, do que fazem os outros - as outras classes, as outras etnias, os outros povos, as outras gerações. Quer dizer que a afirmação de uma identidade se fortalece e se recria na comunicação - encontro e conflito - com o outro.

O processo de globalização, ao mesmo tempo que confunde o campo de competência dos territórios-nações, introduz um elemento de fragilidade nas marcas de identidade cultural que se configuraram historicamente nesses territórios-nações. A diferença cultural, enquanto corresponde a uma identidade histórica e geograficamente constituída, é submetida à tensão pela norma da competitividade introduzida no mercado de bens culturais e pela forte tendência da conquista de um público externo. A transgressão de fronteiras nacionais é também a transgressão de universos simbólicos.

No processo de desterritorialização, certos gêneros constituem matrizes universalizáveis, porém sob a condição de combinar os traços identificadores de sua filiação narrativa com o novo dado tecnológico, foco e produtor do efeito de modernidade. A tendência para a combinação e associação dos gêneros televisivos é largamente reconhecida como um traço da pragmática do audiovisual e daí a tendência à criação do supergênero (MATTELART, 2006), isto é, a fusão de elementos constitutivos de vários gêneros no mesmo produto, e o reforço da potencialidade deles, através dessa hibridação.

Nestes gêneros estão representações da construção de valores que compõem não apenas o indivíduo, mas o identifica como pertencente a determinado grupo étnico. É esta

manutenção de valores expressos através da mídia que faz com que haja a perpetuação e constante tradução do conhecimento trazido pelos seus antepassados. O mesmo se dá com a língua mantida e retransmitida nos gêneros e mídias envolvidas. Partindo do pressuposto que todo idioma está em constante processo de (re)construção, a língua e dialeto mantidos pelos imigrantes nos países receptores passam a destoar do que é falado em seus países de origem, já que há o contato com uma realidade diferente tanto no país de origem como no país receptor e, além disso, a temporalidade, a mudança de períodos históricos movimentam e atualizam também o repertório linguístico.

O conceito de *mediascape* de Appadurai (1996) analisa o conteúdo e a assimilação de um grupo específico e mantenedor da mesma cultura através de sua mídia própria. Porém, falta a este estudioso a abordagem da comunicação e a interatividade trazida com a comunicação digital, mais precisamente o estudo da mídia digital representada e potencializada pelo blog.

Fonte de uma potência imanente, a Internet é constituída por diversos platôs, por uma integração de espaços criando um ambiente atópico (DI FELICE, 2008a). Neste ambiente, todos são comunicadores, todos podem comunicar e serem ouvidos reverberando suas idéias.

De acordo com Di Felice (2005, p. 17), o espaço digital e, por ele denominado de atópico, é representado por formas híbridas as quais nos abrem a possibilidade, e o desafio, de analisar a existência de novas materialidades-orgânicas que transitam na fronteira entre a "imagem e o sujeito". Com isso, na Internet não há separação entre espaço informativo e as pessoas que dele usufrui e faz parte. A rede é composta não só por informações, mas pelos corpos que acabam por adentrar no ambiente digital já que a rede é uma extensão de suas crenças, valores e desejos. Entre o humano e a máquina, a fronteira acaba desaparecendo.

Neste sentido, o conceito de espaço atópico desenvolvido por Massimo Di Felice também utiliza os pressupostos de Meyrowitz em relação aos fluxos informativos. Isso porque, para Meyrowitz (1985) a informação permeia não apenas os meios comunicativos, mas também transpõe a questão espacial ligada ao sujeito. A partir do momento que o indivíduo atende ao telefone, ele passa a habitar um ambiente que não é apenas o geográfico em que se encontra. Atualizando Meyrowitz, de acordo com Di Felice (2008a), podemos dizer que no momento que o sujeito atende a uma ligação em seu celular e, por meio deste objeto móvel acessa a internet, ele passa a habitar diferentes espaços informativos simultaneamente.

Os blogs, as comunidades virtuais bem como as demais ferramentas disponíveis na Internet possibilitam uma comunicação em constante processo de construção e

remodelamento. Os atores principais não são apenas os que formulam o conteúdo e cria a programação responsável pela arquitetura dos sites e projetos online, mas os que dele usufruem. Mais que virtuais, as comunidades encontradas e disponibilizadas na rede digital caracterizam-se pela mediação com a cultura local e a adequação a estas necessidades. Sem atingir estes pontos, não há comunicação, não há troca. Todo ensinamento, conhecimento e aprendizagem depende de atores ativos, tanto em ambiente digital como também e, contiguamente, em ambiente físico.

Não há separação entre real e virtual, muito menos entre ambientes. O real é a soma do presencial e do virtual. O mesmo internauta que navega e participa de redes sociais, fóruns de discussões, blogs e demais interações é o que sai às ruas em busca de novas oportunidades. Sua indignação, desejos e anseios são os mesmos. Portanto, por mais glocal (CANCLINI, 2007) que a cultura hoje existente seja e esta globalização esteja presente de forma clara na Internet com o contato sem barreiras aos mais diversos conteúdos de muitos países, o local é verificado na interação com o outro quando se verifica a argumentação do internauta. Quando o assunto está ligado às crenças e valores, é transposta para o discurso a sua carga do local e o seu universo compartilhado que o indivíduo fisicamente absorveu e vivenciou em sua construção subjetiva.

Ferramentas e pessoas encontram-se estruturadas em uma rede híbrida cujos atores principais mesclam-se entre a atuação humana e não-humana. Conforme Latour (2005, p. 131), “[...] rede é um conceito, não uma coisa. É uma ferramenta para ajudar a descrever um fenômeno que está sendo descrito.” Esses movimentos com participação de máquinas e humanos potencializaram conhecimentos e compartilhamentos. E o novo paradigma da rede passa a ser visto como redes, múltiplas, nas quais a expressão de subjetividade abre possibilidades e mediações para transformar a realidade social por meio de um processo comunicativo com conseqüências sociais.

Hoje, com a Internet o padrão de vida passa, portanto, a aproximar-se do nômade. Não existe território, apenas territórios. E todos conectados. Interconectados e, como diz Gisele Beiguelman (2004), “[...] o corpo humano se transformou em um conjunto de extensões ligadas a um mundo cíbrido, pautado pela interconexão de redes e sistemas on e off line.”

Tal cibridização dos espaços dialoga com o conceito de atopia, defendido por Massimo Di Felice, na medida em que há a união e a transposição de espaços informativos de forma que a construção e deslocamento estejam em constante renovação. Porém, enquanto Di Felice (2008a) se foca na questão do habitar de espaços comunicativos, Beiguelman (2004)

analisa a questão dos corpos conectados, os quais firmam sua existência pela “telepresença somada à presença física.”

Assim, blogueiro, internautas, visitantes e (por que não dizer) “acompanhantes” do conteúdo oferecido em determinado blog unem suas experiências e conhecimentos locais - próprios de seu repertório subjetivo - a um compartilhar em rede, de forma a juntar sua presença física à virtualidade da telepresença.

Interações entre corpos e outros corpos, corpos e espaços digitais e físicos, conhecimento local e global fazem com que a Internet se mantenha um meio orgânico e permeado pela fisiologia humana. A Internet propicia o exercício e exploração total das possibilidades presentes na união das mídias anteriores. Mais conhecido como “convergência de mídias”, é esta multiplicidade que permite que fluxos informativos sejam transpostos sem barreiras, descentralizados e democraticamente habitáveis e discutíveis.

E estas ações são mediadas pela atuação na web que se refletem nos hábitos de cada internauta-cidadão em sua comunidade, virtual ou não. Ao promover um agenciamento coletivo, a conversação existente na Internet ultrapassa as finalidades criadas pelos meios comunicativos digitais. Há uma extensão em cada atuação, independentemente do ambiente ser imersivo ou não.

Desta forma, na web o caráter sólido, duro é rompido por haver muitas moléculas, ou melhor, muitas conversações que se expandem descentralizadas e desterritorializadas. Como em um líquido que adquire forma segundo o recipiente em que se encontra (BAUMAN, 2001), as conversações e a atuação do sujeito na rede são constantemente lidas, relidas e renovadas, expandindo-se e ganhando novas formas segundo os meios comunicativos gerados pela e para a Internet. As mensagens são constantemente renovadas. É isso o que se dá em um blog, em um microblog (como é o caso da conversação existente no Twitter), em salas de bate-papo, fóruns digitais ou redes sociais.

> Uma liquidez que certamente esgotará as qualidades de suportes de linguagens específicas dos meios de comunicação num universo simbólico de reciclagem e conversão ininterruptas das funcionalidades dos meios. Um processo de macro-sampleagem que certamente nos surrupiará a noção de página e no qual teremos que atualizar McLuhan, preparando-nos para ler o tempo das práticas nômades em que a mídia pouco importa e a interface é a mensagem (BEIGUELMAN, 2004)

Não existe mais apenas o deslumbramento na Internet, mas o modificável e o questionável, o construtivo. Existe o evolutivo até que haja o interesse entre todos os participantes. Isso porque, na Internet, tudo se dá por meio de projetos. E, como todo caráter formador, todo projeto tende a um fim e tempo determinado. Passado o tempo, muda-se para um novo projeto, para uma nova construção solidária e compartilhada.

Vista como um organismo vivo, a Internet e suas ferramentas são uma extensão do homem já que, para sua criação, desenvolvimento e bom funcionamento dependem das necessidades e de demandas coletivas provenientes da sociedade como um todo. Compreendida desta forma, não há o êxtase do encantamento ao se analisar a Internet, muito menos suas ferramentas, o que há é a compreensão de um organismo dinâmico no qual a riqueza está na constante modificação dos comportamentos de seus atores em rede.

O que se altera não é a sociedade diante de uma nova ferramenta, mas o inverso, a ferramenta é gerada e adapta-se às necessidades pré-concebidas de um determinado público de forma que este uso é visto como ubíquo.

3.5 As transformações dos meios de comunicação e o impacto na retratação do dekassegui

3.5.1 Presença da mídia brasileira no Japão

Estudos como o de Martín-Barbero e Arjun Appadurai apontam a importância da "identidade étnica" para a compreensão não apenas da população migrante e sua adaptação a um novo território, mas também a representação que este público cria para mediar este hibridismo a que está sujeito ao renegociar sua identidade. Portanto, ao se pensar em uma mídia amparada em modelos massivos, a comunicação poderia ser vista como um mediador entre estas duas facetas, o que se transforma aos poucos quando passamos para o ambiente digital a ser visto mais adiante.

Enquanto Alejandro Portes analisa os imigrantes a partir de um ponto de vista econômico, Arjun Appadurai parte de uma abordagem midiática. Porém, ao invés de considerar os mexicanos, Appadurai trabalha com os indianos que habitam os Estados Unidos para desenvolver sua abordagem. Nela, os imigrantes estabelecem uma mídia própria como forma de retratar uma identidade híbrida, não mais apenas indiana, mas agora com fragmentos

também da nova cultura do país receptor. Neste sentido, Appadurai trata dos jornais, telejornais e cinema que adotam este viés e têm como maior público os imigrantes então retratados.

Assim como ocorrera com os primeiros orientais vindos ao Brasil, houve uma evolução das mídias e do retrato por ela apresentado dos dekasseguis. No caso da mídia brasileira no Japão, ela é dividida em três momentos (ARAI; HIRASAKI, 2008) que acompanham a evolução do processo migratório, além de seguir a transformação provocada pelo aperfeiçoamento das ferramentas e acesso tecnológicos.

Tabela 04 – Quadro mídia brasileira no Japão

Quadro mídia brasileira no Japão

Fase	Período	Veículo
Primórdios	1992-1996	- International Press (IP) - Jornal Tudo Bem (JTB)
Consolidação	1996-2000	- International Press (IP) - Jornal Tudo Bem (JTB) - Jornais regionais: Folha E, Look, Folha Mundial - *Free Papers* em inglês: Tokyo Classified - TV Globo Internacional - VHS de programas jornalísticos e telenovelas
Momento Atual	2001-2008	- International Press (IP) - Jornal Tudo Bem (JTB) - Internet: portais, sites, blogs, waps - *Free Papers* semanais e quinzenais: Gambare!, Alternativa, Vitrine, Mais Brasil - *Free Papers* mensais, bimensais - *Free Papers* segmentados: carros, religiosos, etc - TV Globo Internacional - Rede Record - NHK em português

Fonte: Andréia Ferreira (2008)

De acordo com esta divisão, no momento em que os primeiros nipo-brasileiros se estabelecem no arquipélago se inicia a primeira fase chamada de “Primórdios”. Nela, a maior parte da informação que chegava aos primeiros dekasseguis estava baseada nos noticiários japoneses através da emissora NHK. Isso porque a primeira fase da imigração nipo-brasileira era composta por homens que já conheciam o idioma daquele país, porém as notícias relativas ao Brasil eram conseguidas principalmente por meio do contato transmitido por parentes que ficaram em solo brasileiro.

> Os primeiros dekasseguis recebiam dos parentes no Brasil cópias de recortes de jornais e revistas brasileiras enviadas pelo correio. Em uma época em que a internet não existia, era dessa maneira precária que a maioria se informava sobre os fatos que ocorriam na terra natal. (ARAI; HIRASAKI, 2008, p. 220)

Esta realidade se prolongou durante a primeira e segunda fase do movimento dekassegui nipo-brasileiro. Após 1990, quando a imigração para o Japão se torna controlada e seletiva, dois jornais são lançados disputando o posto de fonte de notícias sobre estes dois países. Em 1992 era fundado o International Press e, no ano seguinte, o Jornal Tudo Bem. Em relação à linha editorial seguida por ambos, ela era pouco autônoma e definida principalmente repassando informações brasileiras de agências noticiosas como a Agência Estado e Agência Folha, já sobre o Japão, o que mais interessava eram informações básicas como prestação de serviços (endereços de prefeituras, embaixada, serviços a estrangeiros). Neste período estabelecia-se também a implantação da TV Globo Internacional no arquipélago. Este serviço até hoje é oferecido a assinantes, trazendo a mesma programação transmitida no Brasil (telejornais, minisséries e novelas), além de um noticiário e programa local voltados aos emigrados.

Entre os anos de 1996 e 2000, se dá a segunda fase denominada “Consolidação” por fortalecer os periódicos até então criados, além de aprimorar a linha editorial e identidade comunicativa destes veículos. A medida que a comunidade também vai se consolidando, os interesses destes leitores também vão se tornando mais específicos, o que faz com que estes jornais ofereçam uma sessão voltada às notícias do Brasil, a terra natal, e a realidade das províncias em que os dekasseguis se encontravam. Logo, há uma procura por notícias cada vez mais locais. A concorrência entre os jornais impressos também aumenta na fase de Consolidação com a presença de novos jornais regionais (ARAI; HIRASAKI, 2008). Look,

na província de Gunma, e Folha Mundial e Nova Visão, na província de Shizuoka. Regiões estas com grande presença nipo-brasileira.

Ao passo que essa comunidade se estabelecia permanentemente em províncias como Gunma, Shizuoka e Aichi, sucursais eram criadas nas cidades com grande concentração de brasileiros: Oizumi, Hamamatsu e Nagoya. Esta última, a capital de Aichi, abriga sucursais não pela grande quantidade de brasileiros, mas por reunir a estrutura governamental, comercial e bancária do Brasil (o Consulado do Brasil em Nagoya, diversas lojas de produtos brasileiros, restaurantes e casas noturnas e os bancos brasileiros, como Banco do Brasil e Bradesco, entre outros). Além da instalação de sucursais, outra medida estrutural que partiu das redações dos periódicos foi a contratação, em sistema de free lancer, de repórteres e fotógrafos em províncias de razoável concentração de brasileiros, como Nagano, Tochigi e Mie. (FERREIRA, 2008)

A terceira fase corresponde ao “Momento Atual” e se iniciou em 2001, com a popularização da internet e os meios e ferramentas que dela provieram. Além disso, há também agora a circulação de free papers os quais são publicações gratuitas financiadas por anunciantes migrantes e que reafirmam a teoria de enclave econômico dito acima.

Detentores das notícias da comunidade brasileira dekassegui, os periódicos em português no Japão firmaram parcerias com grandes portais do Brasil. Atualmente, o Jornal Tudo Bem está hospedado no portal UOL, e o IPC, por meio da Pokebrás, está ligado ao Grupo Abril. As demais publicações para brasileiros no Japão também disponibilizam sites ao público leitor ou edições integrais na web. O segundo fator que transformou o panorama da mídia brasileira no Japão foi o surgimento dos free papers, as revistas gratuitas em português. Os primeiros free papers brasileiros surgiram no início de 2000. A primeira revista de expressão foi a quinzenal Alternativa, fundada em 2000, com sede em Aikawa, província de Kanagawa. Atualmente, os free papers somam mais de 60 títulos cuja principal característica é a segmentação. Há free papers que abordam um só assunto - automóveis ou religião, por exemplo - e outros de circulação apenas em uma província. (FERREIRA, 2008)

Tabela 05 – Periódicos brasileiros estabelecidos no Japão

PERIÓDICOS BRASILEIROS ESTABELECIDOS NO JAPÃO

Periódico	Periodicidade	Tiragem
International Press	Semanal	50 mil
Jornal Tudo Bem	Semanal	40 mil
Alternativa	Quinzenal Versão Nishi e Higashi	56 mil
Gambare!	Semanal	25 mil
Vitrine	Quinzenal	60 mil
Folha E	Mensal	40 mil
Mais Brasil	Quinzenal	Não divulgada
Acha Fácil Guia de Compras e Serviços	Mensal	30 mil
Olho Vivo	Mensal	20 mil
Boa Dica	Mensal	20 mil

Fonte: Andréia Ferreira (2008)

O registro da tendência de formação de uma “migração plenamente reconhecida”, defendida por Kawamura e Sasaki, é, portanto, sentida na própria evolução dos meios de comunicação e seu relacionamento para com a comunidade dekassegui que os lêem. De acordo com Ferreira, Arai e Hirasaki (2008; 2008), se até os anos 2000 a maioria dos veículos impressos conduzia suas reportagens a partir do pressuposto que a maioria dos dekasseguis brasileiros estava apenas temporariamente no país; hoje, a linha editorial destes veículos sinaliza que a migração brasileira não é mais temporária, mas permanente, e o foco principal das reportagens passou a ser a vida no Japão. A integração à sociedade japonesa, visto permanente, aposentadoria, compra de casa própria, escolas e faculdades japonesas são temas recorrentes das reportagens que interessam a grande parte do público leitor estabelecido no arquipélago.

Além disso, por meio de ferramentas comunicativas como os blogs, os leitores destas mídias começaram a produzir seu próprio conteúdo, também criando cores para seu próprio retrato. Portanto, de simples leitor, o dekassegui passa a ser produtor e difusor de sua própria realidade (“producer”).

3.5.2 A internet e a sociedade em rede: o dekassegui visto e retratado por ele mesmo

Rico em possibilidades, o espaço cibernético mostra-se como o local propício para a aproximação de culturas, sejam elas representantes de grupos fisicamente próximos ou não. Com isso, na rede digital estabelecem-se interações comunicativas sustentando, produzindo e recriando laços e vínculos a partir de interesses comuns. Aliadas à informática, as novas tecnologias de informação e comunicação (conhecidas pela sigla "TIC") possibilitaram a multiplicação das possibilidades interativas e pluridirecionais gerando um novo tipo de sociabilidade.

É neste ambiente fértil que os dekasseguis contemporâneos (e, portanto, representantes da quarta fase do processo migratório que se inicia em 2001 e vai até hoje), encontram espaço e abrigo para aproximarem e manterem tanto os laços com o Brasil - terra natal e país do qual emigraram- como criarem novos vínculos com o Japão, país para o qual se dirigiram. É ainda neste ambiente digital que as culturas de ambos os países se tornam potencialmente híbridas, como também as distâncias territoriais são translocadas a uma proximidade proporcionada pelo contato virtual.

Desde as últimas décadas, a penetrabilidade desta revolução digital em todas as esferas da sociedade e das práticas sociais possibilitou a recriação constante de mecanismos e instrumentos comunicacionais. Além desta renovação desenfreada, estes mecanismos foram rapidamente capturados e consolidados no cotidiano urbano de nossa sociedade pós-moderna. Assim, como explica Stuart Hall (2001), a sociedade é regida pelas mudanças constantes, rápidas e permanentes.

Como conseqüência dessa situação, a constituição de comunidades virtuais ganha impulso, a qual tem como principal peculiaridade o fato de surgir de forma espontânea, quando se estabelecem agrupamentos sociais com base em afinidades. O indivíduo não é obrigado a integrar determinada comunidade, já que a motivação é individual, eletiva e subjetiva.

Desta forma, hoje os sites de relacionamentos, ferramentas de colaboração on-line e páginas pessoais possibilitam este novo comunicar no qual não há fronteiras territoriais e conceitos como o de espaço desterritorializado passam a ser amplificado.

É a partir destes novos meios - e da possibilidade de interatividade que eles fornecem - que o dekassegui deixa de ser apenas um objeto de estudo, edificando-se como um sujeito do estudo ao firmar sua constante releitura de fatos, sejam eles de cunho econômico, político e

sócio-cultural. A conectividade trazida por estas novas ferramentas hibridiza o cunho pessoal da História tanto da comunicação digital contemporânea, como também das mudanças sociológicas que a ele estão ligadas.

É esse aspecto pessoal -e independente - que chama a atenção em um weblog, fotolog ou redes sociais como o Orkut, MySpace e Multiply. Salvo raras exceções, não existe nenhuma censura ou edição prévia de seu conteúdo e o(s) proprietário(s) têm total liberdade para exprimir-se.

Em maior ou menor grau, todos estes meios são interativos e, por esta razão, a maior parte deles é dotada de um sistema de comentários. É esse sistema que permite ao visitante uma interação direta e quase que instantânea com outros participantes e com o proprietário da página. É essa emergência de variedades e de diferenças que poderíamos chamar de formação de uma "inteligência coletiva". (LÉVY, 2001, p. 38)

As novas tecnologias de comunicação, incluindo as ferramentas que com elas vieram, reforçam o crescimento das práticas de acesso à informação. O que antes era detido pelas mídias tradicionais de massa, como jornais, revistas, rádios, e assim transmitidos de maneira unilateral, hoje é visto nas TIC de maneira interativa e incluindo uma multiplicidade de devires em uma "conexão planetária", como chama Pierre Lévy (2001).

A partir da sociabilidade da rede, relatos empíricos ganham tanta força quanto relatos científicos e teóricos. No caso dos dekasseguis, sua experiência que antes era conhecida e popularizada sob a ótica de um sujeito analítico - encarnado na figura de um sociólogo, antropólogo ou até mesmo de um jornalista - ganha um novo espaço a partir da retratação empírica e pessoal dos weblogs e das demais ferramentas. A partir daí, a lógica da metáfora das conexões e do hipertexto ganha ainda mais força ligando saberes de todos os níveis: locais e globais, específicos e genéricos:

Os nós e as conexões de uma rede hipertextual são heterogêneos. Na memória serão encontradas imagens, sons, palavras, diversas sensações, modelos, etc., as conexões serão lógicas, afetivas, etc. Na comunicação, as mensagens serão multimídias, multimodais, analógicas, digitais. O processo sociotécnico colocará em jogo pessoas, grupos, artefatos, forças naturais de todos os tamanhos, com todos os tipos de associações que pudermos imaginar entre estes elementos. (LÉVY, 1993, p. 25)

A ausência do papel delimitado de um emissor e um receptor traz, como principal conseqüência, o hipertexto. É a partir dele que "nós comunicativos" são formados e o usuário

percorre, de uma informação para outra, espaços digitais, montando o seu repertório particular sobre determinado assunto.

Hoje, o hiperlink se mostra como um dos pilares da internet e de sua interface como até então é conhecida. Segundo Lévy (1993, p. 73),

> [...] a metáfora do hipertexto dá conta da estrutura indefinidamente recursiva do sentido, pois já que ele conecta palavras e frases cujos significados remetem-se uns aos outros, dialogam e ecoam mutuamente para além da linearidade do discurso, um texto já é sempre um hipertexto, uma rede de associações; porém, agora muito mais clara e notável por fazer parte do sistema sempre móvel das relações de sentidos que os precedentes mantêm.

Ao espaço de troca não são atribuídas apenas características válidas como de desterritorialização (acima citado), já que nele não estão mais em questão as fronteiras políticas, mas a nova tecnologia traz e vem a somar também um novo contexto para o espaço, denominado pelo sociólogo Massimo di Felice como “espaço atópico”. Nele, a fronteira entre o homem e o objeto se torna fluida possibilitando o surgimento de formas híbridas marcadas pela relação homogênea entre o orgânico e o inorgânico (DI FELICE, 2001).

Ao passar de emissor para produtor de seu próprio retrato, o dekassegui da quarta fase deste movimento migratório se mostra mais atuante e também habitando um espaço virtual que pode ser compartilhado pelas culturas dos dois países. Assim, enquanto até os anos 2000, os nipo-brasileiros tinham como metáfora que os personificava a parábola de Urashima Tarô, hoje os dekasseguis contemporâneos não precisam de uma arca (como a dada pelos habitantes do mar para o pescador rememorar os anos que perdeu por estar distante), já que o contato pode ser diário e simultâneo, a partir de comentários em seus blogs ou demais redes sociais que compartilham no ciberespaço.

Também, o dekassegui, dos anos 2001 até hoje, tem interesse diferente dos primeiros nipo-brasileiros que para o arquipélago partiram. Agora, muitos já não pensam mais em voltar, o que faz com que discutam e comentem hábitos e notícias locais, produtos lançados e recomendados da mesma forma que se dá entre os meios de comunicação japoneses. Porém, um “mercado étnico” é também comentado e ressaltado nos blogs não deixando para trás a brasilidade que os cercam. E isso reforça a teoria dos enclaves econômicos defendida por Alejandro Portes, assim como o próprio conceito de transnacionalidade e globalização.

Appadurai pode ser retomado, assim como Bhabha e Canclini porque o glocal deste “mercado étnico” é verificado na linguagem, na temática e na escolha narrativa expresso nas

mídias digitais. No caso específico dos blogs, estes espaços acabam se tornando o “entre-espaço” de trocas interculturais e experiências subjetivas, as quais movem não apenas o indivíduo que retrata seu ponto-de-vista sob determinada informação como também aproximam indivíduos semelhantes formando uma multidão.

O poético que o entre-espaço produz e se retrata sob a forma de imagem no filme *The Namesake*, de Mira Nair, vai além da questão da identidade ou do transnacionalismo, há também a tênue linha do retrato dos desejos subjetivos compartilhados, tanto na forma da continuidade da linguagem a qual é cultivada em casa de maneira também híbrida (com a mistura de termos indianos na construção frasal em inglês), quanto na interpretação do conteúdo que é lido e reinterpretado sob diferentes perspectivas geracionais. Afinal, quando se trata de uma mídia voltada a um grupo específico e étnico é levado em conta não só o imigrante, mas seus filhos que já apresentam uma influência cultural dupla, híbrida.

No caso dos blogs a hibridação não provém apenas do país de origem e do país receptor destes migrantes e de suas gerações futuras, mas também há a constante influência e ressignificação dos produtos gerados na própria rede online desterritorializada. Ou seja, além de haver a integração e manutenção de signos comuns de determinado grupo, em nosso caso os dekasseguis, há ainda o fato dos hiperlinks provirem e remeterem a pensamentos que só se constroem se forem vistos como um todo. De maneira isolada nem sempre ele é considerado semelhante e homogêneo. Assim como em uma multidão, uma determinada voz só se faz ouvida no meio de outras.

CAPÍTULO 4
PESQUISA E ANÁLISE DOS BLOGS

CAPÍTULO 4 – PESQUISA E ANÁLISE DOS BLOGS

4. 1 Metodologia utilizada

Para esta pesquisa, foram escolhidos oito blogs, todos de dekasseguis, em um universo por mim levantado de 121 blogs ativos produzidos por este grupo. Importante lembrar que a blogosfera está em constante crescimento e desativação de endereços, sendo este número uma estimativa baseada no critério de alimentação de conteúdo, manutenção de página, representatividade e presença em ambiente digital, além de manter-se em atividade até, pelo menos, 18 de junho de 2009, quando se finalizou o período de observação de existência e coleta destas páginas pessoais.

A quantia de 121 blogs foi tomada como universo desta pesquisa. A adoção deste valor seguiu por meio do critério checagem e verificação da quantidade de itens presentes nos sistemas de busca (Search Engine) Google, Altavista, Yahoo, Opera, Bing, Cuil, UOL-Buscas, Technorati e Blogblogs. Neste sentido, foram escolhidas como palavras-chave: “blogs/dekasseguis” e variações deste mesmo universo semântico (por exemplo: “eu dekassegui”, “sou deka”, “blogs escritos por dekasseguis”, “blog de um dekassegui”, “estou no Japão”, entre outros). Importante ressaltar que as buscas, utilizando estas palavras, foram feitas em toda a web, não se restringindo apenas a presença destas palavras em sites ou páginas brasileiros (.br). Assim, houve sites de origem diversas (.jp, .us, .fr, .pt, etc) que também integram a quantia levantada na busca bruta.

Embora fossem utilizadas as mesmas palavras-chave no mesmo buscador, a quantidade de links encontrados sofreu uma variação (acréscimo ou decréscimo) de acordo com o dia ou determinado período em que a busca se realizou e isso se deve ao desaparecimento da página (invalidando o conteúdo e o endereço registrado, URL) ou ao surgimento de um novo registro (que passa a hiperlinkar o conteúdo já existente em sua página recém-criada).

A primeira busca utilizando este universo semântico fora em 23 de maio de 2007, quando no Google houve o registro de 2.100 indexações sobre assuntos relacionados a variações com estas palavras-chave. O buscador Altavista, por sua vez, encontrou 1.100 links, o Yahoo e o Opera 1.200 e o UOL-Buscas (o qual usa a métrica do Google, porém o valor encontrado é sempre inferior ao da empresa norte-americana) foram registradas 870 páginas.

O Technorati, por sua vez, é um agregador de blogs e se restringe a buscas de assuntos e temáticas presentes na blogosfera, o que faz com que a procura se torne mais específica. Por

outro lado, por ser uma empresa norte-americana, muitas páginas pessoais de outros países acabam não sendo indexadas em seu arquivo. Assim, apesar do Technorati ser a referência no estudo da blogosfera, seu critério só pode ser adotado como fidedigno à realidade dos Estados Unidos ao passo que, quando se trata de países com outras línguas maternas, seu uso torna-se relevante, mas, não deve ser tomado como central dentro de uma análise. Ainda como os demais buscadores, em 23 de maio de 2007, foram encontrados 11 blogs relacionados aos dekasseguis nipo-brasileiros, sendo que três deles eram blogs empresariais com serviços oferecidos no Japão e direcionados a este público em específico.

Já o Blogblogs é uma empresa com papel semelhante ao Technorati, porém em língua portuguesa e o maior site de busca, ranking e indexação de blogs do Brasil. Seu surgimento data 2006. Assim como acontece com o Technorati, este agregador de blogs também não pode ser tomado como fidedigno mesmo utilizando a língua portuguesa e esta dissertação tratar de blogs de dekasseguis nipo-brasileiros escritos em português. Isso porque o BlogBlogs captura em seu Search Engine apenas as páginas pessoais previamente cadastradas em seu site e essa prática não é feita por todos os blogueiros. Na data em questão, o agregador de blogs brasileiro registrou 137 resultados (sendo apenas 6 (seis) blogs, e os demais valores correspondentes a bookmarks, posts gerados pela interação existente nestes blogs, além das pessoas que hiperlinkavam o conteúdo e página de dekassegui a outras páginas pessoais).

Nesta primeira medição de 2007, os buscadores Cuil e Bing ainda não haviam sido lançados.

Outra data selecionada para explicitação é a de 18 de junho de 2008, dia emblemático da comemoração do centenário da imigração japonesa ao Brasil. Neste dia, o Google registrara 2.600 links apontando para o conteúdo “blog+escrito+dekassegui”. Já no sistema Altavista, com as mesmas palavras, foram encontrados 1.570. No buscador Yahoo 1.820, no Opera 1600 e no UOL-Buscas (que usa a métrica do Google, mas o valor encontrado é sempre inferior ao da empresa norte-americana) o valor de páginas registradas foi de 1300.

Já o Techorati registrara a presença de 20 indexações encontradas na varredura da blogosfera e o Blogblogs 187 (sendo dez blogs entre esta quantia relacionada a páginas brasileiras de cunho pessoal).

Um ano após a segunda medição, em 18 de junho de 2009, foi tomado como valor final para o encontro da quantidade a ser tomada como universo de blogs levantados para esta pesquisa. Assim, ao usar o universo semântico elencado acima, foi encontrado no Google um valor de 2.000 endereços possuindo estas palavras-chave, no site de busca Altavista o

resultado foi de 1.620, no Yahoo 1.630, no Opera 1.450 e no UOL-Busca 998 endereços encontrados.

Enquanto isso, tanto o Technorati quanto o Blogblogs mantiveram os valores da medição de um ano atrás. Nesta última medição, houve o uso de mais dois sistemas de Search Engine lançados durante este período: o Bing, buscador da Microsoft e ainda em versão beta (versão em teste e aperfeiçoamento), registrando 1.510 resultados; e o Cuil, site de busca oferecido por dois dissidentes do grupo Google, indicando apenas 5 (cinco) resultados para "blogs+escrito+dekassegui".

Relatadas as três principais medições (23 de maio de 2007, 18 de junho de 2008 e 18 de junho de 2009), é possível perceber que cada buscador possui uma métrica diferente, o que justifica a existência de valores variáveis entre eles. Assim, a quantidade de itens encontrados só pode ser comparada levando em conta o mesmo buscador e contextualizando a data em que a procura por determinada informação foi feita. Caso contrário, a simples existência de métricas diferentes entre Google, Yahoo, Altavista, etc, faria os valores desviarem a análise já que cada empresa possui seu Search Engine. Da mesma forma que cada empresa possui critérios variáveis e é isso que lhes diferencia na competição por mercado, na eficiência de suas buscas oferecidas e na credibilidade diante os internautas. Para concluir este raciocínio, podemos dizer que cada buscador pode vir a considerar páginas com conteúdo igual, mas em endereços diferentes como sendo a mesma página, o que também contribui para a variação dos resultados encontrados. Com isso, são justamente as diferenças que moldam o segredo do negócio e a eficiência do Search Engine desenvolvidas por cada empresa, seja ela o Google, o Altavista, Techonorati, Blogblogs e demais outras aqui pesquisadas, além dessas possibilidades de variação na quantidade de itens ser tão ampla que torna quase impossível caracterizar a existência de um valor único, por isso da necessidade de contextualização como feita aqui.

Apesar dos valores encontrados para "blogs escritos por dekasseguis" serem alto (1.200, 2.600, etc), estes valores não correspondem à quantia de blogs realmente existente sobre este público ou escrito por este grupo. Os sistemas de busca não agregam necessariamente estas palavras lado a lado na hora da procura por resultados, o que faz com que esta quantia seja referente a assuntos ligados a "dekassegui" e blogs com citações (e não apenas tema central) sobre eles. Ainda em relação a estas quantidades, há muitos blogs contendo apenas registros de poucos posts iniciais antes da página pessoal ser abandonada sem a desativação de seu endereço eletrônico (URL), o que faz com que seu registro seja

somado na hora da procura em sites de busca, apesar da página pessoal não estar mais em atividade ou em alimentação recente.

Portanto, dentro destes valores, entre 23 de maio de 2007 e 18 de junho de 2008, foi encontrado o registro de 257 blogs ativos e com postagem continuada. Já em 18 de junho de 2009, esse valor caíra para 121 páginas pessoais, quantia essa tomada como universo para esta pesquisa, após a checagem e verificação de existência nos sistemas de busca Google, Altavista, Yahoo, Opera, UOL-Busca. Já no Technorati e no Blogblogs o registro foi variável já que há a necessidade prévia de cadastro das páginas nestes agregadores de blog e isso não é feito por grande maioria dos blogueiros. No caso do Bing e do Cuol, grande parte não fora encontrado devido estes sites de busca ainda estarem em fase de aperfeiçoamento e consolidação de seus Search-Engine (versão beta).

Deste universo de 121 blogs encontrados, foram selecionados oito levando em conta a quantia de visitação e hiperlinkagem em outros blogs, tempo de criação do blog variar entre dois e seis anos, periodicidade de atualização de pelo menos duas vezes por semana, o mínimo de 20 mil visitações registradas até 18 de junho de 2009 em suas páginas, uso de discurso verbal e não-verbal em seu corpo, além da presença de uma generosidade sugerindo a visitação de outros blogs semelhantes (cultivo de uma vizinhança temática dentro da blogosfera).

O uso de tais critérios reunidos diminuiu em 58% a escolha dos 121 blogs, fazendo com que fosse aleatória a escolha dos oito blogs finalistas a serem analisados para a amostragem não iniciar de forma viciada.

Realizada esta “peneira”, a escolha dos oito blogs selecionados para a análise aconteceu aleatoriamente para ser possível, também, verificar se havia ou não a presença de hipertextos e ligações temáticas (hiperlinkagem/linkania/vizinhança na blogosfera) entre estas páginas pessoais escritas por dekasseguis nipo-brasileiros. Sobre o perfil dos blogueiros escolhidos, a faixa etária está entre 23 e 41 anos, predominando o sexo masculino, o que se assemelha não só a idade como predominância de gênero tanto em relação ao perfil do imigrante nipo-brasileiro que hoje está no Japão como também do perfil tido como média de autor na blogosfera.

Atualmente, como foi dito no primeiro capítulo, se encontram cerca de 300 mil nipo-brasileiros residentes no Japão. Porém, apesar do acesso facilitado à tecnologia, não se pode fazer uma comparação imediata entre o número de habitantes em relação à quantidade de blogs, pois isso levaria ao erro. O hábito de blogar requer a familiaridade com redes sociais e o manuseio das ferramentas de publicação de conteúdo digital, além de exigir interesse

pessoal e espontâneo pela escrita, assim como a incorporação deste hábito de postagem na rotina desgastante de um dekassegui, cuja média diária de trabalho é de dez horas e o tempo livre é escasso. Entre os dekasseguis é muito mais comum a adesão às redes sociais como o Flickr e Picasa (sistemas de publicação de fotos e demais imagens), Orkut, MySpace e Facebook (redes de relacionamento e comunicação).

Portanto, o usuário de blogs tende a ser menor do que de redes como o Orkut, MySpace, Flickr e demais já que há como pressuposto existencial a necessidade de atualização constante de escrita ou pelo menos comentário para cada post e não apenas a publicação de fotos ou adição de novos amigos sem a manutenção de um laço social por meio do registro verbal conjugado ao não-verbal.

Esta pesquisa é baseada em uma verificação propiciada por critérios estabelecidos pela Análise do Discurso segundo Eni Orlandi (2000), além da tipologia de blogs, comunidades e espaços conversacionais trazidos por Alex Primo (2006) e demais pesquisadores de pós-graduação que compõe seu laboratório de pesquisa sobre comunicação digital, localizado na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

> A análise é um processo que começa pelo próprio estabelecimento do corpus e que se organiza face à natureza do material e à pergunta (ponto de vista) que o organiza. [...] Conseqüentemente, também não dizemos da análise que ela é objetiva, mas que ela deva ser o menos subjetiva possível, explicitando o modo de produção de sentidos do objeto em observação. (ORLANDI, 2000, p 64)

Por ser uma análise de fundo qualitativo, buscou-se compreender o sujeito da ação, sua relação com o meio comunicativo (a esfera digital) e a interação que formava diante do outro (no caso o comentarista e leitor de seu blog, o qual é visto como co-autor da produção de conteúdo e semântica).

O foco central é a análise das postagens. Os comentários gerados, por sua vez, são quantificados, mas sua análise detalhada não é feita pela questão central ser o autor e a receptividade e interatividade gerada pela informação inicial. No entanto, quando, entre os comentaristas, há a presença de blogueiros no papel de “palpiteiros” este dado é salientado para que se possa verificar a existência ou não de padrões de leitura e conversações entre os blogs (PRIMO, 2006). Também, quando o comentário gera novos palpites ou um novo post respondendo a questão levantada, essa característica também é levada em conta e tomada dentro da pesquisa.

Cada blog teve uma média de 4 a 5 posts analisados, sendo esta quantia um valor representativo tanto em relação ao discurso e conteúdo, quanto pela quantidade de acesso da página sobre este assunto e recomendação de outros blogueiros para a leitura do relato produzido (criação de hiperlink deste post em outros blogs).

O primeiro post de todo blog analisado é a narrativa de abertura e que dá início à página pessoal em questão. Os demais estão ligados ao mês de comemoração do centenário da imigração japonesa (junho de 2008) e desencadeamento da crise financeira mundial (variando entre os meses de novembro de 2008 a maio de 2009).

Também, cada postagem foi dividida em tópicos para facilitar a leitura e compreensão da navegação de cada blog. Esta divisão é baseada na data da postagem, no assunto somado à análise, no discurso verbal original (denominado de post ou postagem), na quantidade de comentários, assim como nas palavras-chave referentes ao universo semântico e discursivo tratado em cada um (chamadas de *tags*). Os *tags* nada mais são do que etiquetas, marcadores de palavras-chave que servem para a organização dos blogs em assuntos que facilitam a criação de arquivos destes textos. Como se estivessem divididos em pequenos livrinhos, cada tag serve para elencar um assunto em determinada prateleira, etiquetando os textos de acordo com os temas tratados pelo blogueiro.

De acordo com Eni Orlandi (2000), o discurso é compreendido pela reunião[18] do verbal (palavra escrita ou falada) e não-verbal (imagens, vídeos e arquivos em áudio), compondo a identidade do sujeito enquanto produtor de linguagem. "[...] O discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se a língua como produtora de sentidos por/para os sujeitos." (ORLANDI, 2000, p. 17)

A ideologia, seguindo esta lógica, é representada não só pela cultura intrínseca ao sujeito como também pelas relações sociais que este indivíduo está subordinado, seja em um

[18] O discurso verbal vai além da palavra falada estendendo-se também a sua forma escrita. Tal pressuposto é uma das bases da lingüística realizada por Sausurre, lingüista suíço fundador da lingüística moderna. De acordo com ele, a linguagem verbal "parte da conImagemção dual (associação entre significante/significado) à unidade mínima que propõe para a língua e que Sausurre chama de *signo* lingüístico". (CORRÊA, 2002, p. 16) Assim, o discurso verbal baseia-se na conjugação entre o dito e/ou falado resultante da relação entre quem produz e quem interpreta as unidades presentes em um enunciado e enunciação.

Por outro lado, a linguagem não-verbal (assim como o discurso não-verbal) é entendida como a construção simbólica, incluindo desde os mais diversos grafismos das artes plásticas expressos em recursos multimídia, até a utilização de formas, cores e volumes. "No tratamento da linguagem não-verbal, o filósofo americano Charles S.Peirce define o símbolo como produto de uma convenção, oposto ao *ícone* (que explora a relação de semelhança com o referente ou, a grosso modo, com a "coisa significada") e ao *índice* (que explora uma relação de contigüidade "natural" com o fenômeno designado). Esses conceitos mostram que, na linguagem não-verbal, quando não há construções simbólicas (produzidas por convenção), há um trabalho cultural de vinculação de ícones com referentes e de índices com certos fenômenos, desde pinturas a grupos ou composições sonoras, por exemplo". (CORRÊA, 2002, p. 16)

ambiente territorial (e, portanto, físico), seja em um ambiente digital baseado no fluxo informativo e comunicacional.

Outra razão que fez com que fossem usados alguns critérios provindos da Análise do Discurso (como a questão da apresentação do sujeito, sua relação com o leitor/co-autor do conteúdo e a evocação da memória subjetiva para a construção da informação coletiva) parte do pressuposto de que este critério vê o sujeito de linguagem como sendo descentrado.

"O sujeito de linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redunda em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia". (ORLANDI, 2000, p. 19)

Pelo sujeito ser descentrado, e estar exposto a interferências externas, só reforça o fato desta metodologia de análise se mostrar a mais apropriada à produção dos atores na rede digital. Isso porque o sujeito (em nosso caso o blogueiro) ao tornar público seus relatos em sua página pessoal ou em outros sites sofre a inferência de outras subjetividades que comentam encima da postagem original, o que pode levar a mudança, alteração ou criação de um novo sentido ao primeiro discurso. Assim, esta descentralização do discurso também é sentida e notada no blog o que faz com que o sujeito só possa ser analisado se for levado em conta sua relação com o Outro, além da ideologia e do conhecimento de mundo (culturalidade) por ele acumulada.

Por fim, a Análise do Discurso também proporciona ver o texto como uma "dispersão do sujeito" ao longo de toda sua produção. No caso do corpus desta pesquisa, a partir do momento que o blogueiro escolhe o layout de sua página, a diagramação e tipo de fonte que vai usar em sua página além do conteúdo que vai publicar em determinada ocasião, ele já está se afirmando como autor e co-autor daquele universo semântico que escolheu comentar, além de compartilhar não só uma parte de sua subjetividade em rede digital, como também estar aberto a interferências de um novo leitor. Ao sofrer estas interferências (no caso os palpites em suas postagens), cabe ao enunciador (aqui representado pela Imagem do blogueiro) reposicionar ou não sua visão de mundo e identificação com o novo ponto de vista trazido pelo comentarista que compartilhou de seu relato original. Logo, blogueiro e seus leitores/co-autores são os responsáveis, de maneira conjunta, pela formação e manutenção do discurso e é essa interação de atores em rede com a realidade que os circunda que criam a polissemia de vozes e de novas idéias que habitam a comunidade digital formada em torno deste grupo (no caso formado por dekasseguis) conectado nesta rede social.

> [...] Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, logo nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia. (ORLANDI, 2000, p. 37)

A verificação de três pontos também se enquadra nos critérios básicos da Análise do Discurso utilizada:

1. Definição do discurso: é o eixo central da narrativa
2. Intradiscurso: é o eixo horizontal da discussão realizada no texto em específico, é a análise do fragmento
3. Interdiscurso: é o nome dado quando se há fatores de memória, reminiscência de um passado, seja ele baseado em experiências particulares ou em referências compartilhadas pelo grupo como um todo.

Para completar, o discurso pode ser, segundo Eni Orlandi (2000), de três naturezas:

a. Discurso autoritário: aquele em que a polissemia é contida, o referente está apagado pela relação de linguagem que se estabelece e o locutor se coloca como agente exclusivo, apagando também sua relação com o interlocutor;
b. Discurso polêmico: aquele em que a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa de disputa pelos sentidos;
c. Discurso lúdico: aquele em que a polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos.

No caso dos blogs analisados, é possível afirmar que todos são discursos lúdicos já que partem do universo particular e estão abertos tanto a uma polissemia provinda da conversação em rede digital (trazida pelos comentários e demais interações com outros internautas que compartilham laços de afetividade, seja pela semelhança do cotidiano do dekassegui, seja pela atração que o leitor tem perante as culturas nipo-brasileiras e japonesa expressas nestas narrativas) quanto pela escolha e linha temática seguida pelo autor.

Quanto à tipologia dos blogs, comunidades e espaços conversacionais foi usado o critério estabelecido por Alex Primo (2006). De acordo com ele, o blog é mais do que um texto ou uma ferramenta advinda dos recursos oferecidos pela Internet. É também um espaço de encontro e de troca de conhecimento baseado no conceito de hipertextualidade exposto no segundo capítulo desta dissertação. E essa idéia provém de autores utilizados na argumentação teórica desta pesquisa, entre eles Pierry Lévy e Manuel Castells (1999), o qual vê o blog e demais redes sociais como "espaço de fluxos".

Partindo da idéia de "espaços de fluxos", Alex Primo (2006) divide a tipologia de blogs em três:

1. Diários virtuais ou diários íntimos: compartilhamento da vida e rotina do autor
2. Publicações livres: diversas informações baseadas na afetividade
3. Literários: predominância de poesias, contos ou crônicas
4. Clippings: links e recortes de outras publicações
5. Mistos: tratamento de assuntos pessoais e informativos comentados pelo autor

Aplicando isso ao corpus, temos uma predominância de blogs de tipologia mista. A página pessoal *Dekasegui* é a que mais se aproxima de um diário virtual. *Fragmentos*, por ser o blog mais antigo aqui tomado, passa por uma evolução descritiva, tendo também se iniciado como diário virtual antes de chegar a atual configuração de natureza mista. *Mundo Geek*, por sua vez é o único que desde o princípio já parte de um caráter de clipping, compartilhando o autor assuntos que lê e pesquisa assuntos relacionados à tecnologia catalogando suas referências para o seu leitor/co-autor que também se identifica com este universo discurso.

Em relação à presença de uma comunidade virtual entre os blogs, ela se baseia na interação e criação de hiperlinks entre páginas pessoais que compõem uma mesma vizinhança temática e, principalmente deve-se ao compartilhamento constante de informações alimentando a interatividade e as relações sociais baseadas na afetividade entre os atores. Segundo Alex Primo (2006), para se classificar um grupo como uma comunidade, deve-se entender que os:

> [...] blogs incorporam características de meios comunicativos antecedentes e podem servir como espaços virtuais para a constituição de comunidades. Contudo, uma comunidade só se articula e se mantém através de interações mantidas no tempo, sendo que seus participantes apresentam um sentimento de pertença ao grupo e sentem-se responsáveis pela manutenção deste espaço virtual. (PRIMO, 2006, p. 4).

Assim, um grupo de blogs é definido como formando uma comunidade virtual se possui todas ou a maior parte das características abaixo:

a) trilhas de memes: referências e idéias que atravessam diferentes blogs e demonstram a influência da estrutura social por trás deles;
b) padrões de leituras de blogs: a leitura continuada das mesmas fontes;
c) padrões de linkagem: ainda que links possam ter uma grande variedade de usos e objetivos, eles podem mostrar o valor e recomendação e interconexão de outras páginas a partir da percepção do blogueiro;
d) conversações em blogs: o conjunto de feedback que emerge a partir do post em um blog pode indicar o contexto compartilhado e um sistema de relacionamentos entre os interagentes;
e) indicadores de eventos: a menção da participação nos mesmos encontros facilita o fortalecimento de relacionamentos e mesmo o desenvolvimento de novas relações;
f) marcas “tribais”, espaços de grupo e diretórios de blogs: links para uma página centralizadora.

Entre os oito blogs produzidos pelos dekasseguis nipo-brasileiros, nota-se a existência de conversações entre eles, assim como indicadores de eventos e padrões de linkagem, compondo, portanto, a manutenção de uma comunidade virtual. Tal fato se torna mais claro nas postagens referentes ao período de crise econômica, quando há o estabelecimento de prestação de serviços (indicação de postos de trabalho, divulgação de passeatas, relação de regiões atingidas) e uma conversação entre blogueiros e os próprios comentaristas (visitantes das páginas) noticiando a observação pessoal de cada um e a colaboração mútua por mais informações, sejam elas provindas de fontes midiáticas (jornais, sites, portais destinados ao público dekassegui) ou por associações não-governamentais.

Baseadas na metodologia explicada foram formuladas 15 perguntas que guiaram a análise de cada blog e de seus *posts* escolhidos:

1. Por que eles blogam?
2. Quais são os assuntos mais freqüentes (temas/*tags*)?
3. Há um distanciamento entre o universo japonês e o brasileiro destes descendentes?
4. Há uma mistura de línguas (uso de palavras japonesas ou não)?
5. Os comentários deixados costumam ser das mesmas pessoas (seguidores do blog) ou se verifica uma renovação constante de audiência?
6. O blog é lido e acompanhado por outros blogueiros? (O público é fidedigno?)
7. Qual a periodicidade das postagens (diária, semanal, etc)?
8. Desde quando estes blogueiros mantêm seus blogs ativos? Qual é o diferencial na familiaridade desta ferramenta (uso de vídeos, layout diferenciado ou padrão, preocupação na escolha de fonte para criar um vínculo de identificação, as fotos acrescidas são do próprio autor ou referencia alguém próximo do universo do blogueiro, o autor faz uso de fontes vindas da mídia de massa ou apenas da comunicação do blogueiro)?
9. O blogueiro mantém uma amistosidade com sua vizinhança na comunidade digital que compartilha o mesmo tema?
10. Há muitos posts novos que fazem referência a assuntos anteriores e que geraram comentários proporcionando a mudança de opinião do autor? (reposicionamento de opinião)
11. Os assuntos tratados fazem referência apenas ao cotidiano do Japão ou se percebe a busca e retomada de assuntos que estão acontecendo em solo brasileiro? (há o peso igual ou muito desigual pendendo para o Br/Jp ou universo híbrido?)
12. Os hiperlinks presentes nestas páginas provêm, em sua maioria, da mídia étnica, de massa ou fazem referência a órgãos governamentais?
13. Os blogueiros realizam uma prestação de serviço comunitário? Eles se mostram como participantes de algum órgão do terceiro setor ou mesmo governamental? Possuem colunas em sites da mídia local ou *free papers*?
14. No mês do Centenário foi sentida alguma mudança no comportamento e visitação do blogueiro e de seu público?
15. A questão da crise e desemprego dos trabalhadores dekasseguis reverberou no blog? Houve um ruído em torno deste assunto? Como ele foi abordado?

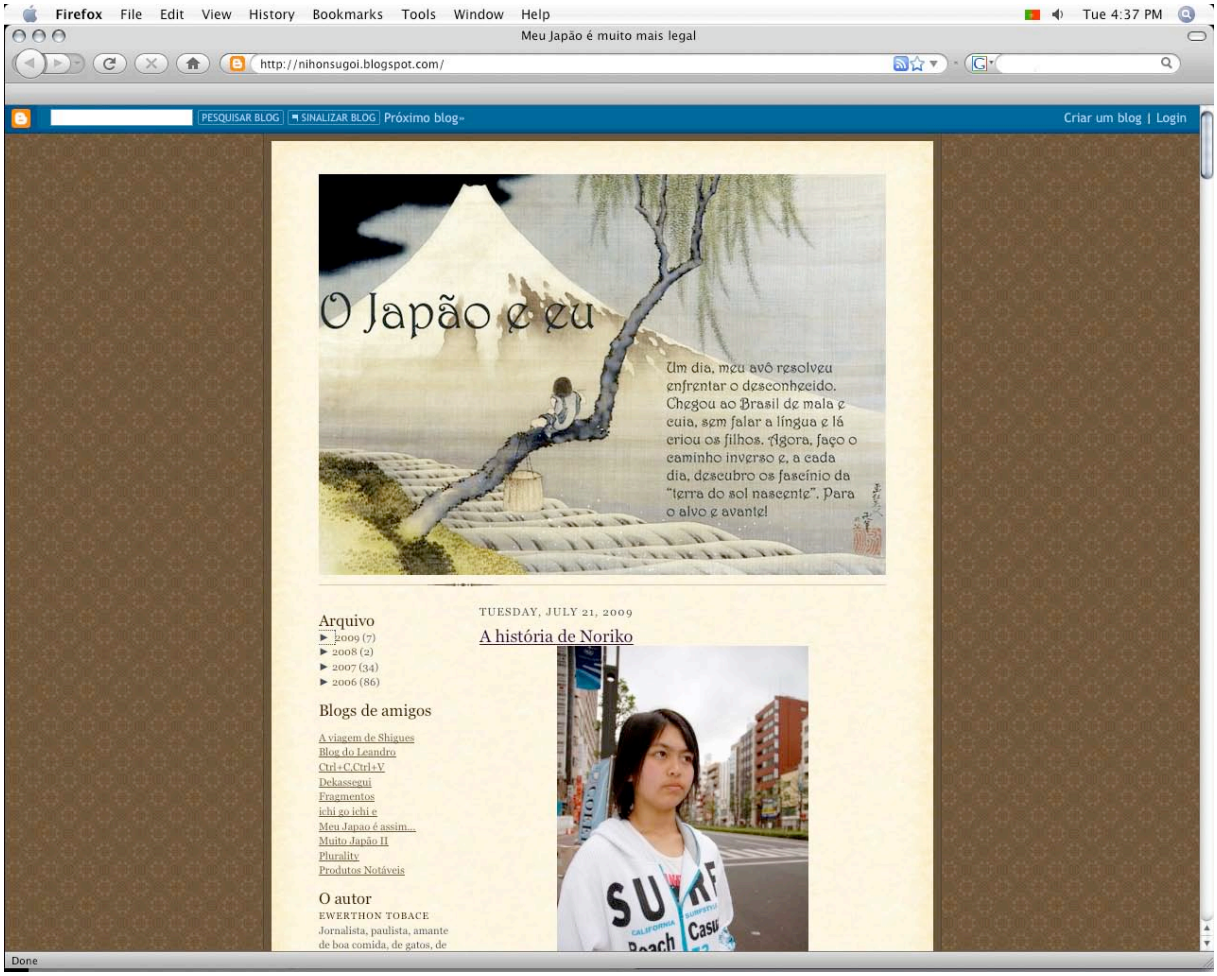
4. 2 Análise dos blogs selecionados de dekasseguis nipo-brasileiros

Blog 1. *O Japão e eu* (Ewerthon Tobace)

Disponível em: <http://nihonsugoi.blogspot.com/>

Periodicidade: 2x por semana

Imagem 01: *Home* e identidade do *blog O Japão e eu*



Fonte**:** <http://nihonsugoi.blogspot.com/>

1º Post em 08 de fevereiro de 2006

Título: "Padrão"

Assunto e análise: Ida a uma lanchonete americana em Tokyo. Descrição das atividades e do estranhamento que o autor teve daquele lugar. Subjetividade, semelhante às narrativas presentes nos diários íntimos, poucos comentaristas (4) na primeira postagem do blog. Apesar

de utilizar vocativos não há interação na construção lingüística e textual, não apresentando, inicialmente, uma referência direta ao leitor/co-autor e participante da página.

Nota-se ainda a experimentação da forma narrativa em busca de uma identidade própria em sua escrita, o que faz com que haja um embate entre a narração em primeira pessoa e terceira pessoa, além dos fatos retratados transitarem entre o universo referencial subjetivo (experiências íntimas do indivíduo) e o coletivo (universo compartilhado). No entanto, diferentemente da variação discursiva, o autor mostra um bom manuseio da ferramenta e das possibilidades que ela oferece. A distribuição das fotos foi previamente pensada de forma a equilibrar o espaço compartilhado entre imagem e texto, complementando o discurso construído.

Nesta postagem de abertura do blog, há uma predominância de uma tipologia de blog - baseada na classificação de Alex Primo (2006) - mais próxima a dos diários virtuais. Isso porque o assunto predominante é o compartilhamento da vida e rotina do autor. Porém, não se dá para concluir a classificação deste blog logo em seu primeiro discurso, pois há um forte caráter de experimentação não só no discurso textual, como na própria apresentação visual e estética da página não marcando um objetivo único e claro a ser atingido. Isso também possibilita a gradual criação do trajeto a ser desenvolvido pelo autor em seu blog, sem um caminho já estabelecido e uma rota fechada.

Trechos da postagem: *Ontem fui ao Nathan's. Para quem não conhece é uma rede famosa de cachorro-quente lá de Nova York. Inclusive, quando visitei a Big Apple pela primeira vez, acabei conhecendo quase que "sem querer" a primeira loja da rede. [...] Por que estou falando do Nathans? Bem, fui ontem numa loja da rede que fica aqui no Japão. Há pouquíssimas franquias fora dos Estados Unidos [...]*

Inicialmente é criado um bordão: “Para o alto e avante!”

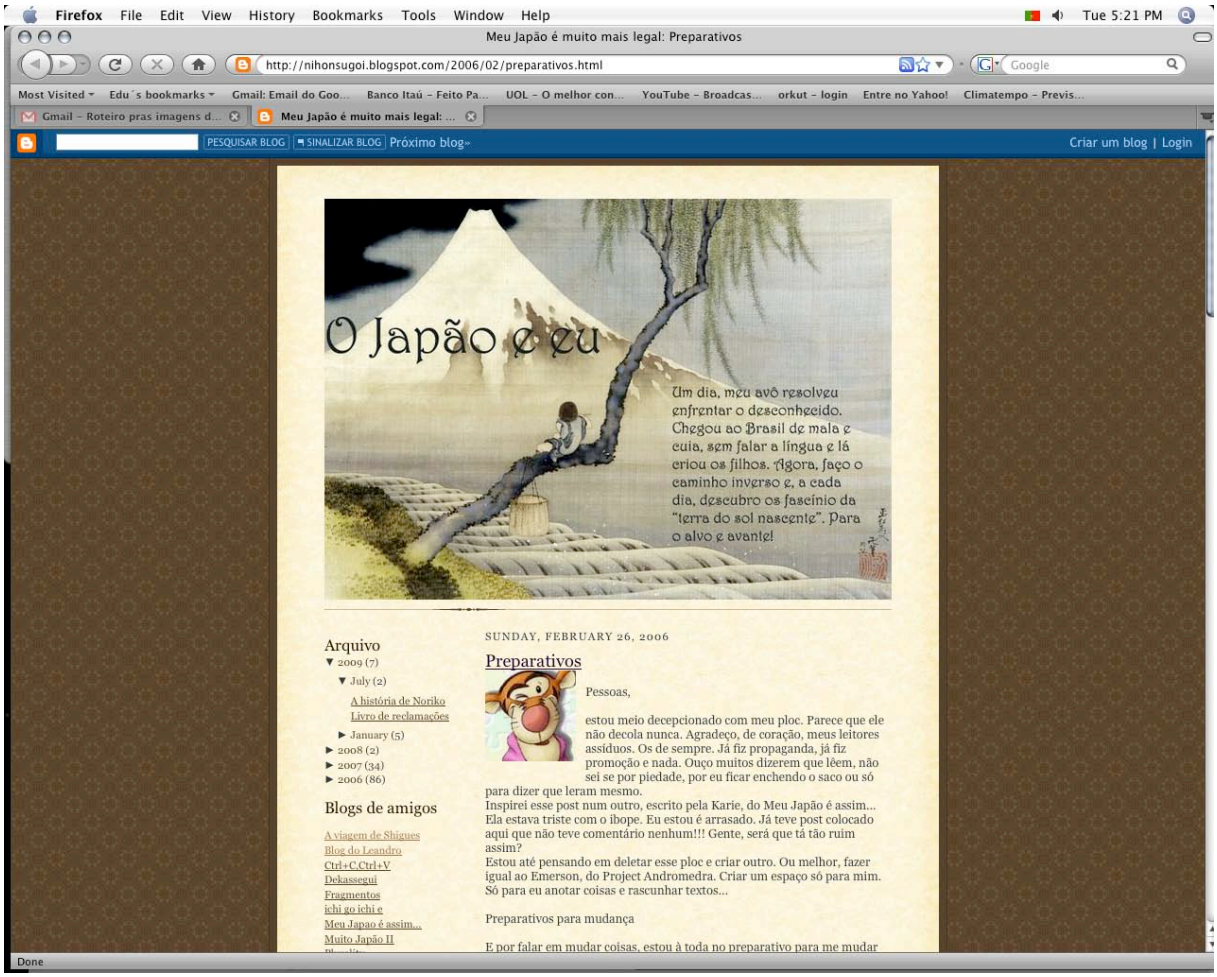
Comentários: 4 palpites

Tags: curiosidades, estranhamento cultural, choque cultural, cotidiano

26 de fevereiro de 2006

Título: Preparativos

Imagem 02: *Post* sobre a preocupação com "ibope" do *blog*



Fonte: < http://nihonsugoi.blogspot.com/>

Assunto e análise: Mudanças pessoais, profissionais, mudanças na escrita, questionamento sobre a receptividade e a credibilidade do blog. Por ser o primeiro mês de uso desta forma de comunicação digital, que parte do relato subjetivo e busca uma visibilidade coletiva, o autor se questiona sobre a eficácia da narrativa que vem construindo. Nota-se que, ao construir seu blog, este autor busca cativar leitores que se identifiquem não apenas com o assunto tratado, mas também com as próprias inquietações pessoais que o afligem. Há o divagar, o repensar da construção do seu eu e as aflições provindas da mudança trazida pelo novo desafio profissional em que o blogueiro se encontra.

Existem palavras-chave que designam suas preocupações tanto em relação ao desempenho de seu blog, como em um nível mais pessoal. Quanto ao blog temos “ibope”, “comentário nenhum”, “propaganda”, “promoção”, “leram”, “não leram”. Sobre as aflições pessoais existem “frio na barriga”, “sou péssimo”, “será que sou ou estou apto”, “dúvida cruel”.

Se utilizarmos alguns procedimentos provindos da Análise do Discurso (ORLANDI, 2000), podemos dizer que, quanto ao discurso textual, há um predomínio dos sujeitos primários (eu e tu/você) envolvidos na base da estrutura argumentativa, na tentativa de criar mais proximidade afetiva e apelativa. Os verbos estão todos na ordem direta e sua temporalidade no indicativo, seja presente ou passado perfeito. Quanto ao discurso trazido pelo imagético, temos a presença de uma foto pessoal, do autor com uma criança (provavelmente seu filho), remetendo a narrativa a um universo de mais proximidade e compartilhamento de sua intimidade.

Em relação à análise do blog, baseada em Alex Primo (2006), é possível dizer que nos comentários gerados pelo post, um dos leitores e participantes é uma blogueira, Raquel Almeida e autora do blog *Meu Japão é assim*. Esta blogueira estabelece um “[...] drão de leitura de blog [...]” (PRIMO, 2006) indicando laços comunais na produção deste conteúdo. Também, Raquel Almeida é citada no decorrer deste post, além de ter deixado comentários em textos de dias anteriores, mostrando-se uma comentarista freqüente deste blog analisado, “*O Japão e Eu”*.

Trechos da postagem: *Pessoas, estou meio decepcionado com meu ploc. Parece que ele não decola nunca. Agradeço, de coração, meus leitores assíduos. Os de sempre. Já fiz propaganda, já fiz promoção e nada. Ouço muitos dizerem que lêem, não sei se por piedade, por eu ficar enchendo o saco ou só para dizer que leram mesmo.*

Inspirei esse post num outro, escrito pela Karie, do Meu Japão é assim... Ela estava triste com o ibope. Eu estou é arrasado. [...] E por falar em mudar coisas, estou à toda no preparativo para me mudar para Tokyo. Voltar para a capital japonesa me dá um certo frio na barriga. Não pelo fato de voltar a morar lá, mas o novo serviço... Às vezes fico pensando se tenho capacidade e experiência suficientes para assumir algo tão importante [...]

Tags: ibope, vida profissional, crise existencial, receptividade do blog

Comentários: 9 palpites (entre eles uma blogueira, Karina Almeida, do *Meu Japão é assim*)

Trecho de comentário*:* *Karina Almeida said...*

pera aí, esse é o ewerthon que eu conheço? aquele que se acha o máximo, que nunca erra e que não tem defeitos?? e como diz a raquel, que é a única pessoa metida que a gente A-DO-RA?? definitivamente essa crise existencial não combina com você, ewerthon. já entendi, você quer elogios, né? geralmente chantagem emocional comigo não funciona, mas dessa vez será exceção: é claro que você tem talento, competência e inteligência para comandar uma e várias equipes! apostamos em você e eu não tenho dúvida de que o seu trabalho vai ser um sucesso! quanto ao ploc, não se preocupe. leia o blog do ricardo freire. ele é famoso, chique e tem post com 0 comment também!! isso não tem nada a ver com a qualidade, nem com o ibope... beijos! e xô baixo astral super-homem. quer dizer, super-ewerthon. oops, ewerthon.

14 de novembro de 2006

Título: Sou jovem!

Assunto e análise: A evolução tecnológica e comunicativa contada a partir das experiências subjetivas. Durante a infância, em uma cidade pequena e interiorana brasileira, o telefone era coletivo e localizava-se na prefeitura. Hoje, já adulto e morando no Japão, fala do "salto tecnológico" que presenciou em um espaço de três décadas. Além da tecnologia em si, divaga também sobre sua acessibilidade, a qual é vista como mais popularizada democraticamente.

Próximo de completar dez meses de existência desta página pessoal é possível notar uma mudança na tipologia do blog, enquadrando-se agora em "blog misto" (PRIMO, 2006) por haver o tratamento de assuntos pessoais e informativos comentados pelo autor.

Quanto ao discurso, sintaticamente há a presença de um interdiscurso (ORLANDI, 2000), por haver laços ligados à memória. No caso, a memória das recordações da infância.

Trechos da postagem: *Antigamente, não muito tempo atrás, lembro que telefone era apenas e tão somente um objeto usado para falar com outra pessoa. Tinha uns 5 anos, não mais do que isso. Morava num distrito de uma cidade pequena. Dá para imaginar o tamanho da vila que eu morava. Lá, lembro-me claramente, havia apenas um telefone, que ficava na administração (tipo prefeitura) local. Quando alguém ligava, lá vinha a telefonista chamar (a pé mesmo). [...] E pensar que aqui no Japão, hoje dá até para assistir tevê pelo celular, fazer compras (sim, ele funciona como uma carteira), passar pela catraca do metrô, do trem... dá até para fazer video-conferência! Às vezes fico impressionado com a velocidade do desenvolvimento.*

Comentários: 6 palpites

***Tags*:** tecnologia, lembranças de infância, Brasil- Japão

01 de novembro de 2007

Título: A grande novidade

Imagem 03: Símbolo usado como marca oficial para as Comemorações do Centenário da Imigração Japonesa

Fonte: ACCIJB (Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil) Disponível em: < http://www.centenario2008.org.br/>

Assunto e análise: Convite recebido para o blog integrar o Projeto Abril no Centenário da Imigração Japonesa, um portal dedicado à comemoração dos 100 anos da relação Brasil-Japão, com matérias, blogs, publicações de histórias pessoais, vídeos, fotos, explorando os recursos da web 2.0 de forma a integrar os nipo-brasileiros e demais interessados nesta cultura por meio desta ferramenta comunicativa digital, baseada na situação social tecnológica de Meyrowitz (1985).

Meyrowitz defende que a comunicação é realizada pela integração entre humanos e não-humanos. A partir do momento que o portal dedicado ao centenário é lançado com fácil manuseio tecnológico e suas ferramentas facilitam a publicação de histórias pessoais que permeiam a História, não há separação entre meios e atores. Todos passam a compartilhar o

mesmo espaço digital e com o mesmo peso discursivo sobre a temporalidade dos fatos retratados.

Neste segundo ano do blog é possível ver um amadurecimento discursivo do blogueiro. A tipologia de classificação do blog é predominantemente mista, assim como o discurso textual e imagético são na maior parte lúdicos, mesmo quando o assunto é factual e não apenas subjetivo, já que a "[...] polissemia está aberta, o referente está presente como tal, sendo que os interlocutores se expõem aos efeitos dessa presença inteiramente não regulando sua relação com os sentidos." (ORLANDI, 2000, p.86)

Postagem na íntegra: *"Pessoas, a grande novidade que eu estava guardando já pode ser revelada. Assim como a Karina, do Meu Japao, também fui convidado pela Abril para escrever um blog. Vou falar dos brasileiros no Japão. Ele vai fazer parte do projeto Abril no Centenário da Imigração Japonesa. Espero que acompanhem meu blog lá também. O nome é sugestivo: Janela Dekassegui, como se fôssemos dar uma espiada no que acontece aqui na comunidade brasileira do arquipélago. É isso. Para o alto e avante!"*

***Tags*:** Centenário

Comentários: 10 palpites (entre eles uma blogueira, Samantha Shiraishi <http://www.samshiraishi.com/>)

21 de janeiro de 2009

Título: Não somos bem-vindos

Assunto e análise: Choque de culturas e acirramento de nacionalismo notado principalmente com a deflagração oficial da crise econômica que atingiu o Japão, entre outros países. O blogueiro levanta a questão do atual perfil dos imigrantes brasileiros que se encontram no Japão, as diferenças de valores entre as duas nações e comenta seu posicionamento enquanto indivíduo também integrante daquele meio (universo dekassegui).

A partir de 2007, um ano após o início da publicação de seu blog, o autor já possui estilo próprio de escrita perante este meio comunicativo digital, utilizando um posicionamento mais firme em primeira pessoa quanto a este critério provindo da Análise do Discurso (ORLANDI, 2000). Enquanto jornalista que é, isso não poderia acontecer em suas matérias, pois no jornalismo – em tese - o que se ressalta é a imparcialidade, a apuração e o levantamento de fontes provindas de ambos os lados da mesma notícia, sem pender para um dos lados e mostrar-se tendencioso. Como blogueiro, o autor pode assumir sua subjetividade e

esta característica é positiva, isso porque o caráter pessoal é valorizado na construção da narrativa e na conversação criada entre blogueiros e seus leitores.

O autor assume o espaço como local do eu, a expansão de sua subjetividade, afirmando autoridade perante a veracidade do texto que compartilha em rede. E é justamente a questão da reputação a fornecedora do sentimento de pertença e de reconhecimento perante seus leitores da (e na) blogosfera, como fora explicado no segundo capítulo desta pesquisa.

Outro ponto é o uso do hiperlink, da referência entre blogueiros da mesma vizinhança temática, que também pode ser chamada de linkania (DIMANTAS, 2006), como explicado na parte teórica desta pesquisa.

O post de janeiro de 2009 remete ao vídeo divulgado e comentado por outro blogueiro, Leandro Shiguemoto, autor do blog *A Viagem de Shigues*, que também faz parte do corpus desta pesquisa. Aqui nota-se uma conversação entre blogs (PRIMO, 2006) ao mostrar-se como um texto criado a partir

> [...] do post em um blog pode indicar o contexto compartilhado e um sistema de relacionamentos entre os interagentes [...] enquanto os comentários apresentam uma dinâmica semelhante aos debates em fóruns, as reações via posts em outros blogs encompassa uma nova complexidade, já que a conversação espalha-se por diferentes blogs. (PRIMO, 2006, p.7)

Quanto aos recursos enunciativos baseados em uma análise sintáxica e do discurso, estão presentes operadores de leitura e de atualidade, segundo critérios que a Análise do Discurso (ORLANDI, 2000). Operadores de leitura é o nome gramaticalmente dado quando, em um discurso verbal, há a retomada de um assunto tratado simultaneamente em outra mídia comunicativa. Já por operadores de atualidade entende-se o uso de verbos no presente do indicativo e a discussão de um fato gerado no momento da enunciação e produção do discurso.

Este *post* mostra-nos algumas formas pelas quais as operações enunciativas procuram construir um vínculo com a sua audiência. Uma delas é a atualização e comparação com o passado. O co-autor (leitor do blog) é transportado virtualmente para o momento do fato já ocorrido, fazendo com que seja compartilhado a rotina e problemas (discriminação, imigração, nacionalismo japonês, “regras”/cultura local) já conhecidos entre os dekasseguis e os que se interessam por este universo.

Outro ponto é a assimilação lingüística do japonês presente no adjetivo “*furiyô*” produzindo uma linguagem peculiar e criada por meio de uma cultura híbrida (CANCLINI, 2006) que compõe este entre-espaço (BHABHA, 2005) que estes nipo-brasileiros habitam e a

construção frasal em português que formam. Tal recurso mostra o autor compartilhando do universo dekassegui e aproximando-o não só dos problemas sociais que circundam este grupo, mas também da linguagem mesclada que os identifica.

Procura-se estabelecer uma cumplicidade com a audiência (o co-enunciador) oferecendo uma representação do mundo real que é produzido na própria ordem da informação, busca-se criar um efeito de real, indicando-se explicitamente para cada informação a referência que o constitui. É o presente social, um tempo difuso, mediado entre o passado e o futuro, convertendo todos os tempos no presente em que o telejornal convida a audiência a atuar. (VIZEU, 2004, p. 8)

Ainda referente a outro critério estabelecido pela Análise do Discurso (ORLANDI, 2000), a veiculação do vídeo como constituinte da argumentação aumenta a veracidade e autoridade almejada pelo autor, o que gerou comentários e reverberações não só neste blog (*"O Japão e Eu"*), como em sua vizinhança digital (*A Viagem de Shigues*, *Meu Japão é Assim*) entre os blogueiros e seus leitores. Após tal reverberação, o vídeo foi retirado pelo autor de sua postagem no YouTube, evitando uma reação em cadeia nos comentários existentes nos blogs e deixados no próprio YouTube.

Postagem na íntegra: **Não somos bem-vindos**: *Esse vídeo eu "roubei" do blog do Leandro porque achei legal divulgar para mais pessoas verem como muitos japoneses pensam a respeito dos estrangeiros em geral, mas principalmente em relação a nós brasileiros.*

Mostra um destes nacionalistas japoneses falando sobre brasileiros, que não são bem-vindos no país.

"-O Japão é dos japoneses!Uma nação que construímos com nosso suor.O que vcs estrangeiros vem fazer aqui?Vcs não respeitam as boas maneiras,não respeitam as regras da nossa sociedade.Quando nós vamos pro exterior ,nós respeitamos as regras locais,porque vc não conseguem fazer o mesmo ...?"

Eu penso da seguinte forma: não dá para generalizar e ficar fazendo protesto deste nível ai. Existe muitos (muitos mesmo) brasileiros que não estão nem ai para o Japão. Querem só sugar. Não receberam educação suficiente para entender que na casa dos outros a gente se comporta conforme as regras do lugar.

Mas não é a maioria. Concordo com o Leandro quando diz que esses "furiyo" (as pecinhas "estragadas", as "laranjas podres") deveriam ser enviados de volta pro chiqueiro deles. Mas as coisas não funcionam assim, infelizmente.

Tags: linkania, vizinhança, estrangeiros, imigração, nacionalismo japonês, choque cultural, língua híbrida

Comentários: 24 palpites (sendo 9 de blogueiros)

Blog 2: *Janela Dekassegui* (Ewerthon Toface)

Disponível em: < http://www.japao100.com.br/blog_janeladekassegui/>

Periodicidade: Semanal

Imagem 04: *Home* e Identidade do blog Janela Dekassegui

Fonte: < http://www.japao100.com.br/blog_janeladekassegui/>

1º Post: 31 de outubro de 2007

Título: Um novo mundo

Assunto e análise: Ewerthon Toface é o autor de *O Japão e eu* e fora convidado pela Editora Abril, junto com outros blogueiros selecionados, para compartilhar suas experiências em relação ao choque e a assimilação cultural de ambos os lados, retratados pela mídia étnica que circula no Japão.

Diferentemente do que fez em seu primeiro blog, a construção do discurso no blog *Janela Dekassegui* já parte de uma narrativa previamente escolhida e embasada,

sendo mais firme e evitando o uso de verbos no futuro do pretérito ou no subjuntivo, o que diminui a dispersão por múltiplas interpretações quanto à finalidade do blog. Enquanto no primeiro blog, Tobace dá asas às experimentações, aqui, desde a primeira postagem, o autor apresenta o motivo pelo qual vem a compartilhar estas informações e também o quê e aonde pretende chegar.

Ao incluir-se no papel de dekassegui, há a aproximação com a realidade vivida por grande parte de seus leitores e com o universo referencial e cultural compartilhado que estes trabalhadores possuem, possibilitando o aumento da aceitação de seu discurso como sendo verdadeiro por este grupo.

Em relação à análise do discurso, um dos pontos mais presentes é a construção do eu, do sujeito não apenas como narrador, mas partícipe da história do grupo étnico que pretende relatar. No entanto, apesar de se aproximar e mostrar-se integrante deste grupo, o autor afirma uma condicionante de diferenciação visível e relativa a um distanciamento de ordem social dentro deste mesmo grupo ao usar uma conjunção adversativa ("porém") na apresentação de seu eu: *Também sou dekassegui. Porém, diferente da maioria, consegui um emprego na minha área de formação: jornalismo*.

Esse distanciamento do sujeito também torna claro que, apesar de todos serem nipo-brasileiros que partem ao Japão como trabalhador imigrante, há diferenciações de ordem social entre os dekasseguis. Seja na questão educacional e nível de escolarização, empregatícia e também econômica que lá assumem. Ao afirmar que "diferentemente da maioria, consegui um emprego na área de formação", ele se distancia da gama mais numerosa de trabalhadores que vão ao Japão para compor uma mão de obra fabril e não especializada. Esses pressupostos podem ser vistos ao tomar como base o uso do dêitico "esses" e da exploração de sentidos diversos da palavra "aventurar-se". Para si próprio, o uso denotativo do verbo "aventurar" poderia ser substituído por "ousar", enquanto "aventureiros" gera ambigüidade, no sentido conotativo ("flaneurs", "viajantes com rumos incertos") e denotativo ("ousados", "corajosos") da palavra.

Outro ponto é a relação da linguagem híbrida surgida pela incorporação de um verbo em japonês e conjugado em português (*"ganbateei"*). Tal fato assemelha-se muito à linguagem utilizada pelos mexicanos emigrados para os Estados Unidos, os quais mesclam, na mesma oração, o espanhol ao inglês. Como se disse no capítulo 3 dessa dissertação, no caso da linguagem criada (e também por que não dizer étnica) há tanto uma miscigenação quanto uma hibridação sócio-cultural.

A língua é o objeto de primeiro contato e expressividade do sujeito. Partindo deste pressuposto trazido pela lingüística por Saussure, é na linguagem usada por povos migrantes e em trânsito que é possível notar o permear e a assimilação da nova cultura e nação. Assim, a linguagem é híbrida por ser mesclada por dois idiomas construindo uma terceira formação peculiar deste grupo étnico e que também está se adaptando aos novos valores sociais. E miscigenada também é a linguagem por juntar crenças, desejos e valores destas raças que estão em contato neste processo não só de migração, mas também raças que se encontram num mesmo espaço oferecido e compartilhado pelo meio digital (no caso o portal com suas matérias e seus blogs, todos eles com uma carga ligada à mídia étnica).

Aqui, o conceito de mediascape (APPADURAI, 2005) se faz presente no momento em que o próprio portal e seus blogs (como o *Janela Dekassegui*, aqui analisado) são construídos para unir e recuperar trajetórias provindas do processo migratório do Japão para o Brasil, como vice versa, através dessa mídia étnica.

A própria escolha do nome do blog, *Janela Dekassegui*, demonstra essa questão da análise diária. Assim como o passar de pedestres diante da janela de sua casa, o blogueiro olha, observa, conversa partindo de sua morada, de sua "casa interior", do seu eu perante a rua, o mundo externo que lhe é apresentado e também faz parte.

Em relação ao título desse primeiro *post*, "Um novo mundo", também dá idéia de movimento, imensidão e dinamicidade. O presente que o nipo-brasileiro encontra é distante do retratado pelos seus antepassados. Ao "fazerem o caminho inverso", a adaptação e integração à sociedade local também sofre reajustes apesar de terem recebido resquícios da mesma cultura e hábitos que foram levados ao Brasil pelos primeiros imigrantes.

Postagem na íntegra: *Um novo mundo - O personagem: Ewerthon Tobace, 31 anos, jornalista, quer um dia lançar um livro*

Vir ao Japão era uma questão de tempo. Minha família toda já tinha se mudado para o arquipélago quase sete anos antes de me aventurar, finalmente, na terra dos meus antepassados.

Também sou dekassegui. Porém, diferente da maioria, consegui um emprego na minha área de formação: jornalismo. E isso não é necessariamente uma vantagem. Ganbateei (neologismo usado entre os trabalhadores brasileiros que tem origem do

verbo ganbaru – esforçar-se, perseverar, aguentar) por quase seis anos num semanário voltado à comunidade brasileira que vive aqui e agora trabalho para uma revista, com o foco no mesmo público.

Conviver diretamente com esses "aventureiros", que fazem agora o caminho inverso dos imigrantes japoneses, fez com que eu aprendesse muito sobre a comunidade brasileira. Vi de perto os problemas dos conterrâneos e percebi a importância do meu trabalho para ajudá-los na adaptação e integração à sociedade local.

Agora, já estou por aqui há seis anos (quase sete) e, a cada dia, descubro coisas incríveis sobre os japoneses e também sobre os brasileiros, que escolheram o país como morada. Quero contar aqui, neste blog, histórias dessas pessoas que encontrei pelo caminho e falar também dos problemas e possíveis soluções para uma convivência mais harmoniosa entre os dois povos.

Explicação básica: o que é "dekassegui"

A palavra "dekassegui", em japonês, é formada por dois ideogramas (kanji): deru (sair) e kaségu (trabalhar para ganhar a vida). Na verdade, ela pode ser usada para qualquer pessoa que deixa a terra natal e vai tentar ganhar dinheiro, temporariamente, em outra região. Porém, no Brasil, a palavra possui um significado mais específico, e se refere aos brasileiros que trabalham no Japão.

Tags: dekassegui, imigração, centenário

Comentários: 19 palpites (sendo 3 blogueiros: Raquel Hoshino - *DNA: mestiça*, disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_dnamestica/>; Alexandre Sakai - *Armazém 14*, disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_armazem/>; e Karina Almeida – *Meu Japão*, disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_meujapao/>)

27 de novembro de 2007

Título: Qual o seu objetivo?

Assunto e análise: Diferentemente da postagem de abertura, o texto enquadra-se na tipologia mista de análise de blogs (PRIMO, 2006), isso porque a voz narrativa varia entre a terceira e a primeira pessoa do singular. Aqui há a retratação da realidade do dekassegui assim como ela é feita pelos jornalistas nos meios étnicos disponíveis entre este grupo. O caráter subjetivo só está presente no momento de interatividade com o leitor, numa tentativa de criação de diálogo e repercussão perante o fato noticiado.

A narrativa, além de gerar uma grande quantidade de leitores desta postagem, reafirma os dados analisados no primeiro capítulo desta dissertação, ao apresentar o perfil dos dekasseguis nesta atual fase de migração brasileira ao Japão.

Postagem na íntegra: **Assunto: Meta. A maioria dos que vieram ao Japão já perdeu o foco**

Os primeiros brasileiros chegaram no Japão no final dos anos 80. Traziam na mala, além de roupas e mantimentos, vontade de ser um vencedor. Não se importavam com o tipo de trabalho e nem com as longas jornadas diárias. Do suor, brotava o dinheiro. Era época de vacas gordas e, com pouca concorrência e muita demanda, os primeiros dekasseguis conseguiam encher a mala de dinheiro. O objetivo da maioria era ficar dois ou três anos e voltar ao Brasil para abrir um negócio.

Passados quase 20 anos (oficialmente, o movimento teve início em junho de 1990, com a mudança na legislação de imigração japonesa, que concedeu aos descendentes de japoneses visto temporário de longa estadia, o que permite a atividade econômica no país), o cenário não mudou muito. Só o salário ficou menor, por culpa da alta concorrência e da crise pela qual passou a indústria japonesa no final dos anos 90 e começo dos anos 2000.

As últimas pesquisas sobre o comportamento da comunidade ainda mostram que o desejo da maioria é voltar logo ao Brasil, e se possível com um bom pé de meia. O motivo para vir ao Japão também não mudou muito. "A motivação está ligada principalmente a questões econômicas, o que explica também a maior proporção de homens que viajam sozinhos e os reiterados retornos no caso de insucesso no Brasil, principalmente para o pessoal de mais baixa escolaridade", aponta o estudo feito pelos pesquisadores Kaizô Iwakami Beltrão e Sonoe Sugahara.

Mas o que tenho percebido é que, apesar de ter na cabeça que o retorno ao Brasil é certo, a maioria dos brasileiros já perdeu de vista o objetivo inicial. Não faz planos e vai empurrando com a barriga a permanência no arquipélago. Já conversei com muitos conterrâneos que sequer fazem poupança e também não estabelecem uma moradia fixa.

Acho triste essa situação, já que essas pessoas acabam vivendo como numa república de estudantes. Tudo é improvisado. Os móveis são velhos, doados por amigos, pego em lixões ou comprado em loja de usados. Creio que é uma forma dos trabalhadores reafirmarem a vontade de ir embora. Não compram nada novo para não

ter de se desfazer depois. Percebo que aqueles que estão mais certos da longa permanência por aqui fazem o possível para ter mais conforto em casa.

Isso implica em uma série de consequências, como por exemplo a não inserção na sociedade local -- principalmente porque a maioria acha desnecessário aprender o idioma local --, e portanto a permanência na base da pirâmide social. Sem contar que a qualidade de vida é drasticamente afetada.

E assim, passam-se dias, meses, anos. Nada muda. É triste, mas muitos brasileiros que vieram com um idéia na cabeça, largaram-na em algum canto da casa. Não têm mais metas.

E você? Sabe o que vai fazer e onde estará no próximo ano? Não está na hora de traçar planos na sua vida?

Tabela 06 - O que pretendem os brasileiros residentes no Japão

Intenções	**Homens (%)**	**Mulheres(%)**
Regressar e abrir negócio próprio	63	43,8
Regressar e contribuir com negócios da família	8,3	9,6
Regressar e viver de rendas/trabalho	10,3	15,1
Não voltar ao Japão, mesmo que não dê certo no Brasil	3,8	5,4
Voltar ao Japão se não der certo no Brasil	13,4	4,2
Voltar ao Brasil, mas tem receio (criminalidade, desemprego)	8,7	7,6

Fonte: Associação Brasileira de Dekasseguis (ABD)

Tags: dekassegui, dinheiro, meta, objetivos

Comentários: 18 palpites (entre eles uma blogueira Karina Almeida – *Meu Japão*, disponível em: <http://meujapao.blogspot.com/>)

02 de junho de 2008

Título: Irmãs super-poderosas

Assunto e análise: Apresentação de uma informação noticiosa (concurso de miss da comunidade) e de duas jovens mestiças e irmãs vencedoras deste evento. Apesar de ser algo noticioso, o discurso vem carregado de uma carga afetiva e subjetiva ao tocar em assuntos como miscigenação, popularização da imagem nipo-brasileira representada

pelas modelos amadoras e motivação surgida pela nacionalidade e reconhecimento profissional de ambas.

Embora o eixo do discurso centra-se em uma primeira pessoa (eu), a voz predominante é a da terceira pessoa firmando-se como um discurso verbal objetivo com marcas de subjetividade, o que aproxima a imagem de Tobace de sua posição enquanto jornalista. Há também uma referência ao já dito ("dois *posts* atrás falei"), partindo do pressuposto da interpretação provir da memória discursiva também do leitor, visto como co-autor da narrativa.

Postagem: *Dois posts atrás falei da vitória de Adriana Inagaki num concurso de miss.*

Não tinha comentado sobre a irmã dela, a Yanna, também vencedora de outro concurso de miss da comunidade. As duas trabalham como modelo (não preciso nem dizer né?) e Yanna já fez vários importantes editoriais de moda aqui no Japão. Ela faz sucesso por causa da beleza nikkei, fruto da mistura de DNAs. Há vários outros exemplos de brasileiras que se deram bem nessa área. E isso é motivo de muito orgulho para nós brasileiros.

Comentários: 6 palpites (entre eles uma blogueira Karina Almeida - *Meu Japão*, disponível em: <http://meujapao.blogspot.com/>)

Tags: beleza, comunidade dekassegui

21 de Junho de 2008

Título: **Príncipe no Japão**

Assunto e análise: *Post* dedicado à cobertura do Centenário da Imigração no Brasil. Aqui há uma mescla de "eus", o eu individual e o eu subjetivo do blogueiro, além de seu papel de jornalista. Também há uma mistura de posturas e de assimilação quanto ao choque cultural provocado pela reação do príncipe diante dos representantes do governo brasileiro. Ewerthon Tobace é nipo-brasileiro e nele estão presentes identificações com as duas culturas. Seu lado japonês espanta-se com as "trocas de apertos de mãos" entre a comitiva brasileira e o príncipe, uma Imagem próxima ao divino e que não deve ser tocada ou olhada de frente. Seu lado brasileiro analisa e "emociona-se" com a simpatia do herdeiro do trono, o que o aproxima da amistosidade própria de povos latinos, como Tobace também é um pouco.

Quanto ao discurso, visualmente a imagem por si só já mostra uma leitura hipertextual, pois a informação provém da cobertura especial da Folha de S.Paulo.

Quanto ao discurso verbal, a construção também baseia-se na descrição da leitura provinda de outro meio e, a partir daí, a apresentação de uma opinião própria sobre o fato.

Mais do que as celebrações no mês da festividade, o autor ressalta que a discussão sobre a problemática existente em torno do dekassegui deveria ser um projeto permanente e, durante 2008, além da comemoração intercâmbios ao longo deste ano.

Postagem: *Confesso que, ao ler e ver as notícias sobre a visita do príncipe herdeiro do Japão Naruhito, fiquei com uma vontade imensa de voltar ao Brasil. Bateu uma saudade incomensurável (adoro essa palavra, apesar de achá-la horrível).*

Mas, ao acompanhar a saga dos últimos dias protagonizado pela alteza no Brasil, fiquei é espantado com a quantidade de notícias sobre a quebra de protocolo. Imagino que não esteja sendo nadinha fácil para o chefe do cerimonial japonês. Afinal, só quem conheceu de perto a dificuldade de se cobrir um evento com a presença da família imperial no Japão sabe o que significa quebra de protocolo.

Tive a oportunidade de cobrir três eventos no Japão com a presença da família imperial. A lista de proibições é gigantesca. Seria mais fácil até dizer o que se pode realmente fazer.

Quando vi as imagens do príncipe apertando a mão de todo mundo, fiquei irriquieto. Não sei o porquê. Fiquei imaginando o pessoal da embaixada do Japão no Brasil, horrorizado. Posso estar enganado. Mas creio que eles ficaram com os fios de cabelo em pé, tamanha a formalidade das festas e eventos com a presença da família imperial.

Mas a simpatia do príncipe é algo fora do comum. Fiquei até emocionado quando ele comentou sobre a esposa, a princesa Masako, que sofre de depressão. Tenho certeza (como se eu fosse amigo íntimo dela né, hihihihihihi) que ela gostaria muito de estar ao lado do marido nesta festa do Centenário.

Vamos torcer para que, após estas celebrações todas, a comunidade japonesa e também os dekasseguis não sejam esquecidos pela mídia. O ano é de intercâmbio. Vai até dezembro. Mas tenho esperanças de que tudo isso vá render frutos ininterruptamente (outra palavra feia, mas gostosa de se falar, hihihihihi).

Legenda: a página especial da Folha on-line sobre o Centenário

Comentários: 7 palpites (entre eles um blogueiro Kurati – *Kuratin Japan*, disponível em: <http://kuratiinjapan.blogspot.com/>)

Tags: centenário, choque cultural

15 de março de 2009

Título: Eles estão voltando

Imagem 05: *Post* sobre a manifestação dos dekasseguis protestando contra o desemprego causado pela crise econômica, iniciada no segundo semestre de 2008

Fonte: <http://www.japao100.com.br/blog_janeladekassegui/2009/03/15/eles-estao-voltando/>

Assunto e análise: Apesar do blog *Janela Dekassegui* ter sido criado para ser alimentado e gerar informações até o final do mês de junho de 2008, algumas postagens foram feitas após esta data devido à continuidade de visitação de alguns internautas até o final de 2008, quando o portal deste projeto da Editora Abril, fora incorporado ao acervo

do Museu Histórico da Imigração Japonesa. Desde o início de 2009, o portal e seus blogs (como este aqui analisado) registraram uma baixa visitação, tendo como público-leitor, principalmente pesquisadores de estudos orientais, cibercultura e mídia étnica, além de interessados em cultura japonesa.

Em março de 2009 havia o registro de muitas demissões de dekasseguis e pedido de retorno destes trabalhadores ao Brasil. A temática da crise financeira passa a ser vista com freqüência tanto na mídia jornalística como em páginas pessoais. *Janela Dekassegui* é um blog que se enquadra na tipologia de natureza mista (PRIMO, 2006), mesclando informações objetivas e o ponto de vista jornalístico do autor com a sua impressão pessoal de dekassegui e imigrante.

Em relação à Análise do Discurso (ORLANDI, 2000), mais do que o textual, a representatividade está na imagem utilizada como linguagem não-verbal. Isso porque mostra trabalhadores carregando uma faixa com o nome "SOS Community", a qual se refere a uma organização não-governamental formada para realocar estes trabalhadores no mercado de trabalho e prestar serviços de assistência consular, além de psicológica a eles.

Postagem: *Nossa, faz muito tempo que não entro neste blog. Peço desculpas a quem veio por aqui e não encontrou nenhuma atualização.*

Bom, o que motivou a escrever de novo foi o fato que todos já devem estar sabendo pelo noticiário no Brasil: a crise econômica atingiu em cheio a comunidade como um tsunami. Foi tudo muito rápido e muitos brasileiros acabaram perdendo não só o emprego como também o teto. Fiz algumas matérias para sites, com histórias destes dekasseguis que passam necessidade no Japão. Veja aqui, aqui e aqui.

É triste ver como a comunidade está ruindo, rápido. Mas também fico feliz de ver que a solidariedade dos brasileiros tenha aflorado neste momento crônico. No entanto, não posso deixar de falar que muitos (muitos mesmo) estão mais interessados em aparecer na mídia do que realmente botar a mão na massa e ajudar os necessitados.

Muita gente me pergunta: mas como é que esse povo não tem dinheiro guardado para uma emergência ou mesmo para comprar a passagem de volta ao Brasil. A explicação é simples: muitos destes que passam por necessidade estão há pouco tempo no Japão. Não tiveram tempo de se estabilizar financeiramente a ponto de começar uma poupança. O pouco dinheiro que tinham guardado, foi gasto com comida, aluguel,

contas e afins. Lembrem-se de que o Japão é um dos países mais caros do mundo para se morar. Ganha-se bem, mas gasta-se também bastante.

Há ainda os casos daqueles que estão aqui há bastante tempo e já não tinham mais expectativa de voltar tão já ao Brasil. Esses investiam em uma vida social, uma casa com confortos e outros luxos que sempre sonharam ter e que no Brasil não tinham a menor chance de conseguir, como viagens ao exterior, carros caros e novos, aparelhos eletrônicos e toda bugiganga que enche os olhos dos turistas que vêm ao Japão.Esses também sofrem com a crise. Mesmo tendo dedicado uma década de serviço a mesma empresa, foram demitidos sem dó nem piedade.

O Japão e as empresas estão erradas? Afinal, já que não há produção, como é que vão segurar um funcionário? Não sei a resposta, mas neste ponto eu concordo com o movimento sindical: em vez de cortar, eles deveriam ter negociado. Poderiam ter reduzido a jornada de trabalho, dado férias coletivas, diminuir o salário, enfim, ter negociado com o trabalhador.

Agora, o problema passou para o governo, que tem de se virar nos 30 para garantir que a população (japoneses e estrangeiros) não sofram mais ainda.

Vamos ver até onde vai essa história.

Comentários: 2 palpites

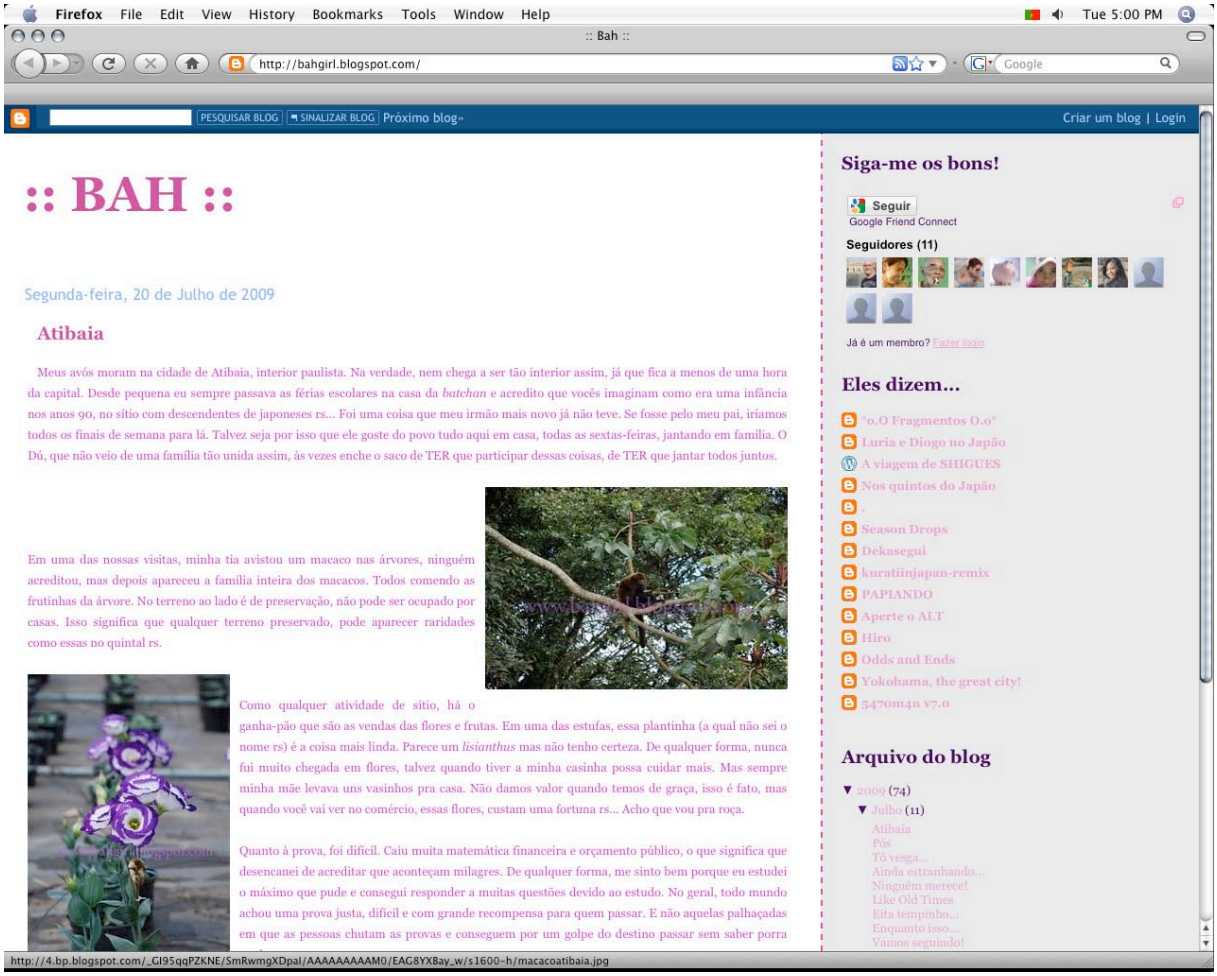
***Tags*:** dekasseguis, crise econômica, retorno ao Brasil, direitos trabalhistas

3º Blog: *Bahka Girl (Romina Sato)*

Disponível em: <http://bahgirl.blogspot.com/>

Periodicidade: média de 2 a 3 X por semana

Imagem 06: *Home* e identidade do blog "Bahka Girl"



Fonte: <http://bahgirl.blogspot.com/>

1º Post: 09 de julho de 2007

Título: Bah Returns

Assunto e análise: Razões para blogar, expansão da subjetividade. Neste primeiro post, a blogueira expõe as razões que a leva a escrever online. Quanto à tipologia do blog (PRIMO, 2006), ele inicialmente apresenta-se como sendo um diário virtual. Porém, a predominância tipológica presente nas postagens como um todo (de 2007 a 2009) é a de um "blog misto" pelas narrativas transitarem entre o tratamento de assuntos pessoais e informativos (noticiosos e discutidos nos media) sendo comentados pelo autor a partir de sua ótica pessoal.

Para Blood (2002, p. 6), são um formato genuíno da World Wide Web e,

> [...] ao se desenvolveram a ponto de abordar qualquer assunto, refletem pontos de vista que se estendem do mundo privado de seu autor ao mundo público da cultura e de acontecimentos ao redor do mundo, além de todo conteúdo entre estes dois extremos. O apelo de cada diário virtual está preso intrinsecamente à personalidade de seu autor: seus interesses, opiniões e sua coleção de hiperlinks e comentários. Estes hiperlinks apontam desde para obscuros artigos sobre artistas, análises sobre casos ao redor do mundo até para sites de amigos.

A afetividade é colocada em primeiro plano, os "sentimentos" guiam a voz e a autoridade diante seus leitores e se reverbera na linkania e a aproximação com a vizinhança de blogs semelhantes, como foi explorado no segundo capítulo.

Inicialmente o blog tem a visibilidade composta pelo seu núcleo pessoal e íntimo. A divulgação inicial é feita entre parentes e amigos, os quais podem se interessar e passar para amigos de seus amigos. E, assim, instala-se o caráter da rede. A linkania, como diz Hernani Dimantas (2006, p. 65):

> A linkania é a expressão do engajamento das pessoas em rede. Uma troca generosa de links que catalisa a conversação, provoca e solidifica o engajamento. A rede é formada pelos nós. Nós linkados uns com os outros. É o poder dos links. Linkar e ser linkado. Viver, pensar, fazer.

Postagem: *Resolvi reabrir meu blog. Às vezes palavras dão sentidos aos sentimentos. Muito embora, eu ainda prefira os sentimentos, porque nas palavras, qualquer um acredita, mas dificilmente duvidarão do sentimento. Acho que quero um pouco dos dois nessa terceira fase do meu blog. Esse foi só um post-pontapé.*

Comentários: 1 palpite

Tags: blog, subjetividade, reputação.

1º de setembro de 2007

Título: O País das Oportunidades

Assunto e análise: A partir de uma narrativa pessoal e de sua história particular é possível ampliá-la para o perfil dos dekasseguis como um todo nesta atual quarta fase que se encontra a imigração nipo-brasileira. Neste sentido, bem se encaixa a interpretação de História que aqui se faz uso, vista como o enredar da construção de uma sociedade e da ação do indivíduo.

Também, quanto a critérios extraídos da análise do discurso, o texto da blogueira não faz referência direta ao leitor como co-participante da construção deste processo comunicativo. Porém, apesar de centrar-se apenas na adoção do ponto de vista subjetivo, o texto cumpre também a função informativa de prestação de serviços ao fornecer corretamente dados estatísticos e históricos quanto ao perfil do atual nipo-brasileiro e do comércio criado no Japão entorno deste público.

O título da postagem "país das oportunidades" se visto isoladamente parece ser positivamente ingênuo, entretanto, ao ler o texto percebe-se que não há dualismos. A blogueira declara que não há "vida fácil" no Japão e o trabalho é cansativo, "assim como seria no Brasil". Porém, a diferença é que financeiramente se mostra mais gratificante. Com isso, a questão econômica que move a maior parte dos nipo-brasileiros a migrarem fica evidente, como foi dito na primeira parte desta dissertação.

O contato imediato com a tecnologia e a incorporação de uma situação social tecnológica (MEYROWITZ, 1985), descrito no terceiro capítulo, também pode ser evidenciado nesta narrativa ao citar uma gama de meios e ferramentas comunicativas que fazem parte da rotina deste grupo étnico. "Locadora de vídeo (DVD de filmes e programação brasileira), TV a cabo com programação adaptado ao nosso horário."

Postagem: *A maioria das pessoas que vêm ao Japão para trabalhar, imagina uma vida de muito sacrifício, de dor, de luta e de muito trabalho. Não é muito diferente do Brasil, a diferença que como aqui é um país de Primeiro Mundo, a "recompensa" por todo o seu esforço é um pouco melhor. Levamos uma vida de muito trabalho, de dores no corpo porque o trabalho na maioria das vezes é braçal, em pé, e horas e horas em pé. Não é fácil.*

Mas.... de uns anos para cá a coisa mudou um pouco de Imagem. *Quem nunca veio pro Japão ainda não tem noção de como as coisas são, como as coisas são práticas. Aqui é um país de oportunidades, se você tiver um pouquinho de sorte, você se garante por aqui BEM melhor do que no Brasil. Hoje, somos a 3a maior comunidade no arquipélago (ficando atrás dos chineses e dos coreanos). Em praticamente todas as províncias há pelo menos um grupo de brasileiros. Em todo o país. Em lugares onde há maior concentração de brazucas onde eu moro atualmente há diversos serviços que nenhum brasileiro que nunca veio ao Japão imagina ter. Locadora de vídeo (DVD de filmes e programação brasileira), TV à cabo com programação adaptado ao nosso horário, lojas de roupas, perfumaria, restaurante, entrega de marmitas, placas de sinalização e avisos das Prefeituras em português, lojas de carro, escritório de advocacia, agências de turismo, enfim, um milhão de coisas.*

Vivemos bem, comemos bem, saímos tranqüilos pela rua, temos qualidades de vida. Por que muitos querem ir embora? Viemos para juntar uma grana, investir em coisas no Brasil as quais levaríamos anos para obter. Se eu tivesse a minha família aqui comigo, não pensaria em ir embora, porque é bom viver aqui, mas a saudade é tão grande que a coisa que eu mais quero é atingir logo meu objetivo por aqui e literalmente correr para o abraço.

Comentários: 1 palpite

Tags: imigração, comunidade dekassegui, adaptação cultural, dinheiro (motivação econômica)

23 de junho de 2008

Título: Hero

Assunto e análise: Apesar de, oficialmente, a data simbólica de início das comemorações do centenário ter sido em 18 de junho de 2008, é possível perceber que, na mídia étnica, este assunto perdurou não apenas na semana oficial, mas continuou em destaque durante todo o mês de junho e outros eventos foram distribuídos ao longo do ano. Tal afirmação é possível fazer levando em conta o acompanhamento de notícias dos sites dedicados ao público dekassegui[19] e também a partir da análise dos blogs. Neste sentido, é relevante o fato de que o blog Bahka Girl não é de natureza tipológica "mista" ou "clipping" (PRIMO, 2006), mas predominantemente um "diário virtual" ao compartilhar neste espaço comunicativo a vida e rotina da autora-blogueira.

Tal fato mostra o impacto que a data traz no repensar da identificação racial, no caráter migratório desde a vinda de seu pai para o Brasil e agora o caminho inverso vivido pela blogueira, assim como o vivido por mais de 300 mil nipo-brasileiros que partiram para o arquipélago, como foi dito no primeiro capítulo.

---

[19] Desde 2006, acompanho periodicamente sites dedicados à mídia étnica nipo-brasileira. O critério usado é escrita em inglês ou português e envolvendo a prestação de serviços ou tema/fonte ligados a este público em específico.
BRAZILIAN SCHOOL IN JAPAN, disponível em: <http://www.brazilian-school.com>
CONFERENCE DOORS OF PERCEPTION, disponível em: <http://www.doorsofperception.com/>
E-BRAZIL, disponível em: <http://www.brazil.ne.jp>
EMBAIXADA DO BRASIL, disponível em: <http://www.brasemb.org.jp>
GUIA NIKEI, disponível em: <http://www.guianikei.com>
IMAGEM INFO, disponível em: <http://www.imagem.info>
INTERNATIONAL PRESS, disponível em: <http://www.ipcdigital.com>
JORNAL TUDO BEM, disponível em: <http://tudobem.uol.com.br/>
PORTAL DEKASSEGUI, disponível em: <http://www.portaldekassegui.com>
REVISTA ALTERNATIVA, disponível em: <http://www.alternativa.co.jp>
CENTRO DE INFORMAÇÃO E APOIO AO TRABALHADOR NO EXTERIOR (CIATE), disponível: <http://www.ciate.org.br/>

Da mesma forma que ocorrera nos blogs *"O Japão e Eu"* e *Janela Dekassegui*, é possível verificar a hibridação na linguagem também nesta postagem. Porém, nesta postagem sua presença mostra - através do conhecimento tácito da autora - que essa "língua misturada" já era a usada não somente pelos seus avós, mas por todos os primeiros imigrantes independentemente da nacionalidade. Mais uma vez, como dito no primeiro capítulo, a identificação racial pela linguagem sempre fora algo prezado pelos migrantes desde o início dos movimentos migratórios e já se mostrava presente nos primeiros jornais étnicos no Brasil. Ao entrar em contato com a cultura do país receptor, o migrante a assimila e, inicialmente, cria uma linguagem que habita o "entre-espaço" cultural, definido por Bhabha (2005) e exposto no terceiro capitulo. Na linguagem, a aceitação cultural personifica a mudança territorial e econômica, servindo como ponte entre os povos e a reunião de novos saberes provindos deste encontro.

"Sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos *Home* ns para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens... A ponte reúne enquanto a passagem que atravessa." (BHABHA, 2005, p. 24)

Em relação a critérios extraídos da Análise do Discurso (ORLANDI, 2000), verifica-se nesta postagem a presença de todos os três pontos de formação do discurso, apesar da presença de todos os três pontos não ser necessária para a existência de um texto. Aqui, se nota o discurso central criando o eixo da narrativa (impressões factuais baseadas nas comemorações do Centenário), o intradiscurso que é o eixo da formulação, aquilo que estamos dizendo naquele dado momento, em dadas condições (a apresentação das diferenças do "nipônico", a história da imigração contada a partir de sua própria família) e o interdiscurso que são os fatores como memória (o "*batyanês*" e as lembranças de infância mescladas a sua visão, hoje como adulta).

Ainda sobre a análise textual do discurso, o título embora refira a um universo particular (o pai visto como herói), acaba gerando uma amplitude em seu significado metafórico já que se mescla ao contexto previamente expandido aos demais primeiros imigrantes.

> O efeito metafórico, o deslize – próprio da ordem do simbólico – é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Essa é a relação entre a língua e o discurso: a língua é pensada como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e a discursividade como inscrição de efeitos lingüísticos materiais na história [...] (ORLANDI, 2000, p.80).

Postagem: *Tanto ouvi falar do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil que nem ligava, mas foi só chegar a data oficial que eu me conscientizei de muitas coisas. Várias coisas acontecendo aqui e no Brasil, tantas pessoas, tantos descendentes, tantas histórias cruzadas e um início. Não há alguém que não goste de alguma coisa japonesa, seja comida, roupa, música, livro, eletrônico... O "nipônico" chama a atenção, desperta respeito, significa confiança, lealdade, força e muito trabalho. Assim eu definiria tudo que é "nipônico".*

Nasci e fui criada no Brasil, mas hoje vivo aqui no Japão e vivo uma história diferente da do meu pai. Com mais ou menos 7 anos, ele, meus avós e meus tios foram em 1960 rumo ao Brasil para tentar uma vida melhor. E engraçado que só fiquei sabendo dessa data esses dias. Mesmo com mais de 40 anos de Brasil, meus avós não falam português, mas sim o "batyanês", um português "ajaponesado" e que todos os avós de descendentes sabe ao menos uma palavra. Meu pai ainda fala um pouco arrastado, mas ganhou visto permanente no Brasil e age como um brasileiro. Porém ainda gosta da comida de sua terra, de alguns costumes e de gostos que carregou desde a infância.

Devo ser assim aqui também, a diferença é que eu ainda estou engatinhando nesse país. Mas conhecendo um pouco da história do Japão, dá pra ter uma idéia do quão difícil deveria ter sido para eles tomarem a decisão de largar tudo e ir para o outro lado do mundo, mesmo que essa ficha só caia depois de muitos anos. Hoje em dia as coisas estão mais fáceis, temos mais liberdade de escolhas e opções de ida e volta para todos os tempos e bolsos.

Hoje, só gostaria que meu pai tivesse o mínimo de orgulho de mim, mesmo escolhendo os mesmos passos dele inversamente. Porque eu tenho orgulho dele, mesmo do pouco que sei de suas histórias. Se tem um termo que definiria meu velho seria a que rotulei desde pequena: meu herói.

Comentários: 1 palpite

Tags: centenário, subjetividade, choque cultural, imigração, família, dekassegui.

15 de novembro de 2008

Título: Efeito Borboleta

Assunto e análise: Assim como aconteceu na postagem analisada anteriormente, o texto desta data parte de uma leitura subjetiva de informações e notícias factuais sendo denominado, segundo a tipologia de blogs criada por Alex Primo (2006) de “blog misto”. No caso desta postagem em específico, a problemática macroeconômica atinge o universo pessoal e é por

ele que a narradora traça uma reflexão não apenas da crise, mas da situação que estava por afetar os imigrantes, mais fortemente, entre novembro de 2008 e abril de 2009.

Não há divagações românticas ou Imagems de linguagem que abrandam a realidade. Nesta postagem não existe espaço para o lúdico. O discurso é permeado por comparações objetivas (preços da gasolina, diminuição de hora extra, aumento de desemprego, seguro-desemprego) e também a situação social desfavorável do imigrante (seja ele um dekassegui nipo-brasileiro ou não) diante de um momento de recessão (já que nesta hora o nacionalismo reaparece).

Também, quanto ao universo semântico, um novo sentido é dado a "imigração" quando a autora levanta a hipótese de que o retorno destes nipo-brasileiros ao Brasil possibilitaria o repensar de uma nova forma de ver o processo migratório sofrido pelos descendentes de japoneses.

O título "Efeito Borboleta" mostra também uma assimilação interdisciplinar da compreensão do termo. "Efeito Borboleta" aqui se refere não apenas à economia dos dois países, mas às questões sociológicas e pessoais que a crise afetaria o imigrante, o qual poderia passar por discriminações ou riscos empregatícios (por ser estrangeiro e funcionário terceirizado) no Japão e, ao pensar em sua terra natal, também permanecer a margem ao recolocar-se no mercado de trabalho brasileiro, desencadeando-se em rede, independentemente da localização ou distância territorial.

Postagem: *Muito se vê e ouve nos jornais, na Internet, nos kaishas, de amigos, da vizinhança... mas até que ponto ela já me atingiu?*

Mudar de emprego aqui era como trocar de camiseta e hoje as coisas não estão bem mais assim. Praticamente você tem que implorar ou se esforçar ao máximo pra não perder a sua vaga... de operário de fábrica. E por mais esforçado que você seja, por mais responsável ou assíduo, não importa, a crise afeta o país inteiro e todos têm que pagar. No começo ouvia que tal fábrica ia demitir centenas de funcionários. Pensei: "Conversa!". Fato comprovado e a cada dia a coisa ia piorando.

Minha maior preocupação era o preço da gasolina, porque andando de carro, era o que afetava meu bolso, mas não pensava que com a crise chegando com tudo, o que eu menos iria precisar seria de um carro. Na verdade, teria que vendê-lo, se perdesse o emprego. Mas quem iria comprar, se ninguém pode comprar? E hoje a gasolina está a preço de banana e estou preocupada com o meu emprego. Uma coisa é ouvir dizer que alguém foi mandado embora, outra coisa é ter um amigo, que foi mandado embora e tem que ir embora pro Brasil

porque não consegue emprego. No ano do centenário da Imigração, vemos novamente a imigração acontecendo, a diferença é que estamos de avião de classe econômica.

As coisas acontecem aos poucos, mas os fatos começam a fazer alguma diferença. Enquanto as centenas de funcionários dessa tal fábrica foram realmente mandados embora, não me preocupava. Mas quando minha fábrica deixou de ter hora extra, e boatos dizem que ano que vem será só um turno, eu penso: "vamos ser mandados embora nessa leva". Sem sombra de dúvidas. Não dá pra ter fé ou esperança nessas horas, porque é nessas horas que vemos que somos meros pinos em cima de um tabuleiro que vai sendo eliminado um a um desse tabuleiro. Não há esforço ou assiduidade que me garanta o trabalho. Sou estrangeira, terceirizada, primeira a ser descartada e ninguém pensa assim.

Não acho ruim ser mandada embora, acho péssimo, mas é seguir a massa, ir embora pra nossa terrinha e tentar lá o que não deu aqui. Não sendo sarcástica nem nada, mas já pensei na possibilidade da maioria dos brasileiros voltarem e com quase nenhum brasileiro aqui, que venha o Tokai Jishin :P Há males que vem para o bem...

E eu que me preocupava com a crise, vou me preocupar com outras coisas. Tá certo o Lula quando diz (pelo menos disse algo com algum sentido) que se os EUA está em crise, o que ele tem a ver com isso? O Brasil não depende tanto do mercado americano e do dólar quanto o Japão. E tem gente que odeia a nossa terrinha, que idolatra o Japão... tsc tsc... O Japão não é só cosplay, anime e Hello Kitty, como diria meu marido.

Não estou esperando ser mandada embora, mas já estou ficando preparada pra caso isso aconteça e o que isso afeta em você? Pense no efeito borboleta....

Comentários: 3 palpites

Tags: crise econômica, dekassegui, factual, Brasil, emprego, Centenário

5 de março de 2009

Título: Beloved Japan

Assunto e análise: Última postagem da blogueira em solo japonês antes de retornar ao Brasil. Nele, expressa toda a sua trajetória, relembra os fatos vividos, os sonhos projetados e compara o que antes entendia como “japonês no Brasil” e se deparou com as diferenças ao concluir o que é “brasileiro, descendente de japonês, no Japão”.

A blogueira enquadra-se perfeitamente no perfil do trabalhador nipo-brasileiro que compõe a quarta fase da imigração. Segundo Elisa Sasaki (apud CARIGNATO, 2002), desde meados da década de 90, o dekassegui enquadrado neste período é amparado pela

promulgação do visto de reentrada, o que lhe garante, por Lei, o direito de ir e vir do Japão por vezes indeterminadas, bastando a renovação do visto. Tal fato faz com que o perfil deste migrante seja ainda mais heterogêneo que os demais, além de aumentar o tempo de permanência no Japão e também, em grande parte dos casos, a uma maior freqüência de casos de família em caráter transitório entre estes dois países, o que leva a problemas de identidade. Aqui, nesta postagem, a autora formula uma compreensão evitando este conflito e assemelhando-se à teoria proposta por Elisa Sasaki.

> Muitas vezes, a negociação de identidade desses brasileiros descendentes de japoneses pode estar pautada em um imaginário – talvez coletivo – onde se tenta resgatar (ou não, dependendo das circunstâncias que melhor lhe convier) a "brasilidade" [...] para contar como referência. Talvez exatamente essa condição indefinida, essa possibilidade de vir a ser, essa ambigüidade é de que dá margem a tantas negociações. (SASAKI apud CARIGNATO, 2002, p.44)

Outro ponto a se notar é o uso da linguagem híbrida, mesclando o japonês com o português na composição do mesmo universo semântico. A própria palavra "gaijin" ("gai" = estrangeiro "jin" = povo), que no Brasil é usada pelos descendentes orientais para denominar todos os "não- japoneses", é recolocada em seu sentido original pela dekassegui ao se nomear uma "gaijin" no Japão. Como fica exposto quando a blogueira diz:

> Antigamente falava que japa era burro, mas eles são apenas sistematicos e nos, GAIJINS, não somos BAHkas, apenas não temos vontade de aprender, ou de simplesmente entender. [...] Entender um japones ou um brazuca não eh mto dificil, mas as reacoes são bem diferentes e eh por isso que um não entende o outro.

Quanto à classificação do blog, torna-se clara a detecção de uma conversação existente entre este blog e demais blogueiros criando e alimentando uma vizinhança temática (PRIMO, 2006) e linkania (DIMANTAS, 2006). Desta forma, ficam estabelecidas as conversações existentes entre os narradores concretizando uma comunidade digital sem a necessidade arraigada de atrelamento físico e territorial entre os atores sociais:

> [...] companheiros de estrada que são os blogueiros listados aqui no meu blog, os quais, mesmo sem conhecer todos em todas as suas complexidades, me acrescentaram muito na forma deles pensarem porque todos estamos em constante aprendizado.

Trechos da Postagem: *Lembro como se fosse ontem. Nunca imaginaria pisar na terra do sol nascente, nem mesmo a turismo. Mas queria fugir daquela vida que eu levava no Brasil. Das coisas as quais eu sempre corria atrás e parecia nunca dar certo. Mas não eram as coisas que não davam certo, era eu.*

Depois de 4 anos de Japão, duas vezes eu voltei, talvez por isso eu não tenha sentido tanto tempo por aqui. Não foram 4 anos seguidos, sem sentir o ar poluido das Marginais, mas esses poucos e ao mesmo tempo, muitos anos que passei aqui aprendi muita coisa. Sempre me questionava o por que de estar aqui e quase não encontrava uma resposta exata pra isso. Aqui aprendi a ver na marra um outro lado que nem sempre estava disposta a enxergar. Porque sempre achava que estava com a razao, em quase tudo que fazia ou dizia. As vezes a vida nos mostra que nem tudo o que achamos eh a verdade. As vezes eh da pior maneira que aprendemos.

Aprendi que a Imagem *que eu tinha dos descendentes de japoneses do Brasil eh totalmente diferente dos daqui. Decepcionante na maioria das vezes. Soh ver a quantidade de acoes de nossos conterraneos que mancham nossa nacao.*

Aprendi que não fui capaz de aprender japones em tempo recorde, porque simplesmente não tive paciencia o suficiente e nem vontade. Não vim com um proposito e fico fudida pensando nisso, porque eu não tinha objetivo nenhum qdo vim pra cah. Eu sabia que tinha que vir de alguma forma e por muito tempo esse pais me segurou e eu me perguntava: por que?

Esse pais eh terra natal do meu pai e agora consigo entender mais os valores que ele tem, as coisas que ele fazia ou fazia questao de levar adiante, mesmo nunca entendendo o que se passava na cabeca dele. Nasci brasileira e precisa ter muita forca de vontade pra poder ou querer entender o que nem sempre estava exposto. Ter vindo pra cah me fez sentir mais falta da familia que eu deixei pra tras e que nem sempre dava o merecido valor.

Me fez conhecer minha outra metade e que pensei que não fosse existir. Me fez ver que nem todo japa eh frio mas em que sua maioria são calculistas. Ateh demais. Não dava pra entender pq precisava de tantas cabecas e regras pra se realizar um trabalho. Mas dah pra entender porque esse pais eh considerado de primeiro mundo. Coisas que nos, habitantes de terceiro mundo talvez nem entendemos. Aqui as coisas acontecem rapido, primeiro, aqui tudo funciona, porque existem regras a serem cumpridas. Eh por isso que as ruas aqui são limpas, vc como cidadao tem a obrigacao de limpar dentro da sua casa e ao redor do ambiente que vc habita e trabalha. Eh obvio que sistema de lixo funciona, que ateh banheiro de parque eh utilizavel.

Antigamente falava que japa era burro, mas eles são apenas sistematicos e nos, GAIJINS, não somos BAHkas, apenas não temos vontade de aprender, ou de simplesmente entender. Precisa acontecer sempre alguma coisa pra poder enxergar esses tipos de coisas. Falta de comunicacao? Sim, o nihongo eh uma lingua dificil, mas o portugues tambem não fica muito atras. Posso dizer que são duas linguas bem distintas, proprias e bem dificeis pra qualquer estrangeiro aprender. Entender um japones ou um brazuca não eh mto dificil, mas as reacoes são bem diferentes e eh por isso que um não entende o outro. Em lugar que a cor azul não existe, fica dificil querer questionar o paleto de cores.

[...] Eh dificil escrever sobre 4 anos de Japao, pq nunca fiquei muito tempo num lugar soh, nunca tive tantas amizades, mas eu vivi BEM, aprendi muita coisa e talvez ateh tenha me prendido num mundo o qual pode ser dificil lidar com pessoas de novo. Tenho medo de ter ficado muito presa a mim e a nos dois que não sei, dah um medo, uma ansiedade. Depois de tanto tempo, as pessoas, as coisas não são mais as mesmas, tenho medo de não me adaptar mais, acho que deve ser o medo de muitas pessoas. Essa minha historia com esse pais dah bem mais do que duas malas de 32kg rs, e eh bem mais do que isso que levamos daqui. As experiencias, as consideracoes das pessoas, os sentimentos. Eh dificil descrever tudo, tenho medo de deixar pra tras coisas importantes e significantes.

A todos que visitaram e visitam o meu blog desde o comecinho, ou ateh mesmo que comecou frequentar agora, gostaria de agradecer a visita, as palavras de conforto, de otimismo, as vezes de compartilhamento de sentimentos. Não sei, tenho tanto pra falar do Japao, tanto pra falar de costumes, de maneiras, de caminhos, de aprendizado, dos lugares, das pessoas que fica impossivel descrever tudo tao detalhadamente, mas quero deixar registrado minha gratidao por esse pais, que me acolheu, que me ensinou muito, que me mostrou muito do que sou e do que posso vir a ser, por ter me trazido o meu Du pra minha vida, e por companheiros de estrada que são os blogueiros listados aqui no meu blog, os quais, mesmo sem conhecer todos em todas as suas complexidades, me acrescentaram muito na forma deles pensarem porque todos estamos em constante aprendizado.

Em breve estou de partida, com o coracao partido, claro, mas ao mesmo tempo feliz pq mais uma etapa da minha vida se encerrou. E eh o que desejo pra todos, que todos possam cumprir seus objetivos e seguir sempre em frente.

Eh.... a BAHka Gaijin voltando pra terrinha. T.T

Comentários: 8 comentários (entre eles 4 blogueiros: Luiza Hidemi – *Dekasegui*, disponível em: <http://hidemi-dekasegui.blogspot.com/>; Herika Miyashiro – *Fragmentos*, disponível em: <http://herikamiya.blogspot.com/>; Kurati – *Kuratin Japan*, disponível em: < http://kuratiinjapan.blogspot.com/>; e Carlo – *Nos quintos do Japão*, disponível em: <http://napqp.blogspot.com/>)

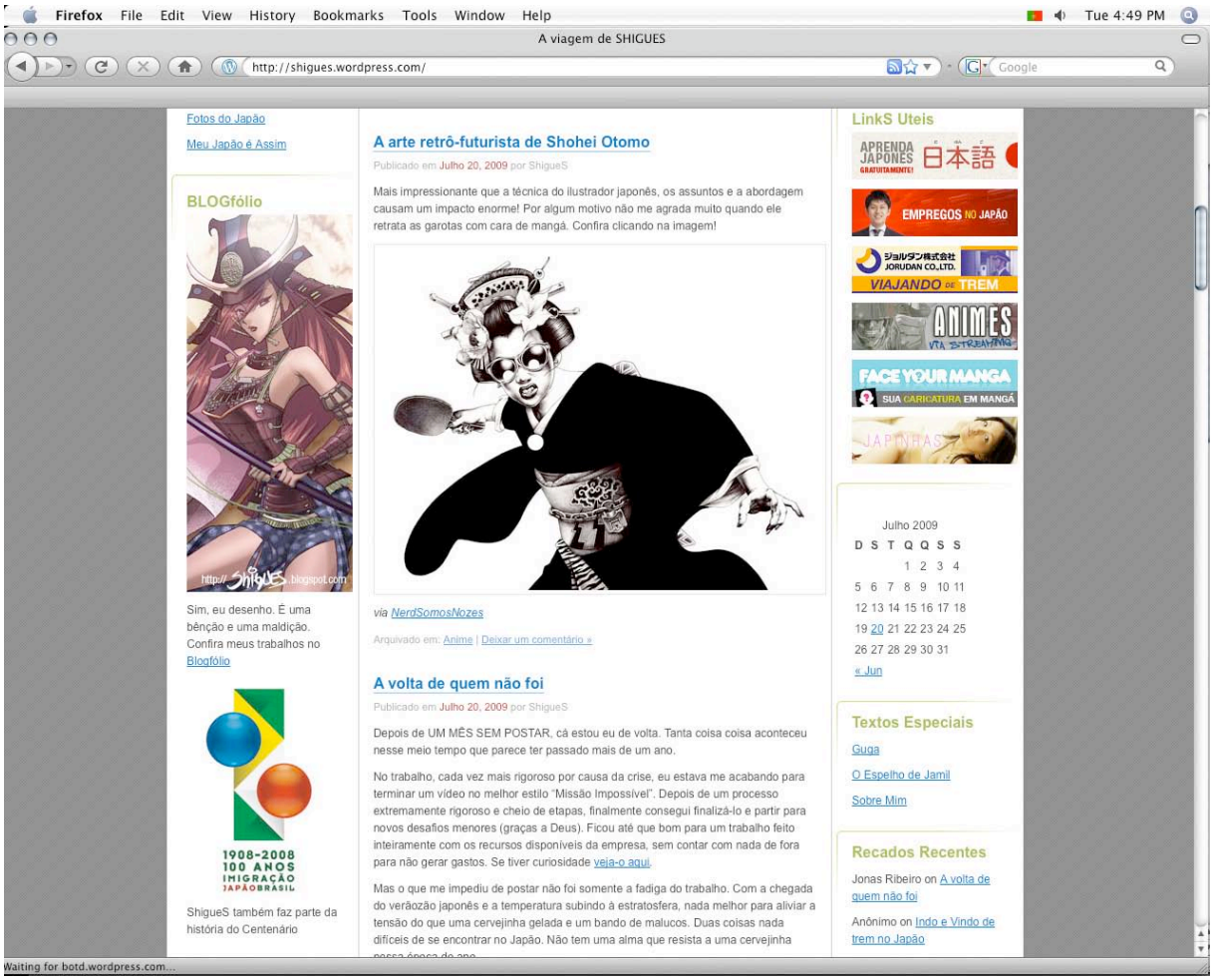
Tags: Retorno ao Brasil, dekassegui, Ida ao Japão, choque cultural, identidade.

4º Blog: *A Viagem de Shigues* (Gabriel Fonseca Shiguemoto)

Disponível em: < http://shigues.wordpress.com/>

Periodicidade: 2 a 3x por semana

Imagem 07: *Home* e identidade do blog "A Viagem de ShigueS"



Fonte: < http://shigues.wordpress.com/>

1º Post: 26 de janeiro de 2007

Título: Onde eu moro

Assunto e análise: Da mesma forma que os demais *posts* que seguem a composição desta página pessoal, este blog é caracterizado pela presença de narrativas curtas na página inicial e que devem ser clicadas para serem lidas na íntegra. Tal recurso atribui, segundo a análise do discurso no quesito imagem, uma identidade própria à narrativa. Visualmente o blog é atraente e com fotos escolhidas para compor um *layout* mais agradável. Também, faz-se importante dizer que o autor é designer e ilustrador, o que colabora para a compreensão do

por quê da preocupação visual e estética na disposição do texto e das informações como um todo.

Na primeira postagem, Gabriel Fonseca Shiguemoto utiliza o espaço digital para falar de sua localização no novo espaço físico e territorial que habita no Japão. Assim, o que se sobrepõe inicialmente é o habitar físico sobre o habitar digital e atópico (DI FELICE, 2005).

Quanto a fragmentos da análise do discurso é possível dizer que a voz que compõe o eixo central da narrativa se dá em primeira pessoa e o leitor é convidado a um diálogo, sem se fazer gramaticalmente presente no texto através do uso de apostos, vocativos ou demais artifícios. Logo na apresentação do blog, o autor não só se apresenta como já coloca entre os seus objetivos compartilhar de seus interesses pessoais como se estivesse frente a frente com o leitor.

Sobre a tipologia de classificação do blog, ele se enquadra na categoria misto por haver o tratamento de assuntos pessoais e informativos comentados pelo autor. Outro ponto é a questão de uso próprio de *tags*, o que o difere dos blogs analisados anteriormente, sem a necessidade de serem acrescentados para a facilidade de análise como fora feito até agora.

Postagem: *Acho que a pergunta #1 que tenho escutado é "E você mora onde?". Bem, o Japão ainda é novidade pra mim e antes de chegar aqui em nem sabia onde ficava o lugar onde iria morar. No caso, com o meu irmão numa cidade chamada Nishio. Ela fica no estado de Aichi, mais ao centro [...]*

Comentários: 0 palpites

***Tags*:**apresentação, localização geográfica

17 de junho de 2008

Título: Centenário, Aniversário e um gostinho de limão

Assunto e análise: Na postagem, o ano do Centenário da Imigração Japonesa é lembrado e parabenizado, mas sem remeter a detalhes históricos ou análises. O ponto que mais transparece é a questão de uso de outros meios digitais e redes sociais para a comunicação e manutenção de laços sociais, diminuindo as diferenças culturais e distâncias físicas. Aqui, no caso, a rede social citada foi o Orkut e a possibilidade de compartilhamento, seja afetivo, intelectual, entre outras que ele oferece.

Postagem: *18 de junho de 2008, um dia realmente especial. Não só por causa do Centenário da Imigração Japonesa que todo mundo deve estar careca de saber, mas também por uma data muito mais significativa: o dia do meu nascimento!*

No Japão estamos vivendo no futuro, por isso para alguns esse post pode parecer adiantado. Porém pelo meu calendário já me tornei um senhor de 28 anos! Escrevi esse texto como se fosse um bate-papo em mesa de bar com amigos. Sinta-se a vontade para "participar" também. Puxe uma cadeira, peça mais uma cerveja e vamos lá!

Gostaria de parabenizar esse dia importante para os dois países que habitam no meu coração. Amo o Brasil, adoro o Japão. Espero que daqui para a frente os laços se fortaleçam e que frutos maiores e mais generosos nasçam de ambos os lados. Desde que me inflitrei mudei para cá tenho aprendido muitas lições valorosas. Tesouros esses que pretendo um dia levar de volta para meu berço esplêndido e compartilhar entre os meus. Boa noite Japão, bom dia Brasil e GAMBAROU!

Para as pessoas que gostariam de me ligar ou entrar em contato para dar os parabéns, saibam que mesmo que não conseguirem, tudo bem. Eu entendo. Até por quê eu mesmo quase nunca ligo para ninguém dando parabéns. Quando muito é um scrap no Orkut, mas tudo bem! É a vida do século XXI, sem tempo para banalidades… certo? Um abraço a todo mundo, principalmente quem leu meu humilde mas sincero texto. Até a próxima!

Comentários: 10 palpites

***Tags*:** celebração, Centenário, festa, Tóquio

21 de Junho de 2008

Título: Moedas comemorativas: elas chegaram!

Assunto e análise: Lançamento e distribuição de uma edição especial de uma moeda de 500 yens (o que equivale a US$ 5,0) comemorando o centenário da imigração japonesa no Brasil. Assim, a data é emblemática para os dois países tanto historicamente, economicamente e também sócio-culturalmente; já que, em ambos os países, a cultura destas duas nações se apresenta presente e transpõe os grupos étnicos originais.

Do mesmo modo que acontece no blog *Bahka Girl*, o autor da *Viagem de Shigues* também remonta, a partir de seu micro-universo (plano pessoal), o sentido macro-histórico dos fatos. Ao produzir uma edição especial de moedas, o Banco Central do Japão, assim como seu governo na ordem econômica e de relações exteriores reafirma a importância que o

governo brasileiro teve ao aceitar os primeiros imigrantes, em 1908, como mão-de-obra concretizando a Teoria de *Push-Pull* apresentada no capítulo 1.

Além disso, o governo japonês também reafirma a importância que os descendentes destes japoneses emigrados possuem atualmente na construção da economia japonesa. O navio Kasato Maru, representado na moeda, levou os japoneses para o Brasil em 1908 e, em 2008, este mesmo navio está metaforicamente nas mãos dos nipo-brasileiros que se encontram na terra de seus avós para movimentar a economia japonesa.

Postagem*: A partir dessa semana os bancos japoneses estão soltando a moeda comemorativa do centenário da imigração. Quem estava esperando para conferir essa pequena jóia rara já tem a oportunidade de colocar as mãos na famosa relíquia. Pelo que posso dizer, vale muito a pena!*

Pode até parecer complexo de povo de terceiro mundo, mas eu fiquei emocionado com a moedinha. Está certo que o centenário é importante não só para nós, mas para os japoneses também, e por isso eles deveriam dar mais ênfase na história do que rolou por aqui, já que a grande maioria do povo não sabe. Porém, para mim já está de grande tamanho uma moeda japonesa escrita em português.

Eu, como todo espírito de porco, logo depois de pegar a moeda, já fui sacando do bolso uma outra moeda comum para ver as diferenças entre as duas. A primeira coisa que notei foi que a moeda comemorativa é bem mais leve que a normal, comparando parece até de mentira. Outra coisa é que a moeda regular de 500 ienes é mais reluzente, mais dourada, enquanto a comemorativa é mais descolorida. Na foto abaixo, apesar do flash, dá para se notar levemente a diferença do tom de dourado.

O mais legal de tudo é que no Japão a moeda comemorativa não está sendo vendida e sim trocada! Você leva uma nota de mil e troca por duas moedas de 500, só que pede pela comemorativa. Muito honesta a iniciativa do governo japonês. Diferente da moeda comemorativa brasileira, a de 2 reais, que está sendo vendida pelo preço absurdo de 20 reais! Dez vezes mais que o valor e ainda por cima comercializada pelo próprio Banco Central! Uma decepção…

Comentários: 4 palpites (1 blogueira – *Bahka Girl*, disponível em: < http://bahgirl.blogspot.com/>)

Tags: Centenário, Moeda comemorativa

16 de janeiro de 2009

Título: Passeata de Brasileiros em Tóquio

Imagem 08: Post sobre a passeata em Tóquio

Fonte: < http://shigues.wordpress.com/2009/01/16/passeata-de-brasileiros-em-toquio/>

Assunto e análise: Divulgação de passeata protestando contra os problemas vividos por brasileiros e demais imigrantes localizados no Japão. A prestação de serviços no blog mostra o alastramento dos efeitos da crise financeira, que se iniciara no segundo semestre de 2008, e atingira fortemente a mão de obra fabril não especializada que é formada em sua maioria pelos imigrantes.

Nesta postagem, são levantados os aspectos discutidos no primeiro capítulo desta dissertação. Leis de terceirização de mão de obra, capacitação profissional, adaptação das crianças brasileiras nas escolas, são reflexos visivelmente sentidos pela mudança do perfil e

das necessidades legais, empregatícias e sociais dos nipo-brasileiros e demais imigrantes descendentes japoneses desde o final da década de 1990.

> O perfil demográfico dos brasileiros no Japão têm alterado desde o começo do movimento dekassegui, segundo um estudo da Universidade Tokoha Gakuen. Esta observação é apoiada pelos dados do CIATE, os quais mostram que mais de 65% dos brasileiros permanecem no Japão por mais de 5 anos, com 28% permanecendo por mais de 10 anos. Jovens, particularmente casais jovens, começaram a migrar para o Japão, as vezes sem planejar a duração da estadia. O que tinha sido uma migração temporária e calculada virou uma aventura aberta. (LITVIN, 2008, p. 43)

Junto com o maior tempo de permanência no Japão, se estabeleceu um comércio voltado a este nipo-brasileiro e suas necessidades. Assim como aconteceu nos Estados Unidos com a fixação dos migrantes mexicanos e indianos, o nipo-brasileiro acaba por suprir a carência de contato com a cultura original ao estabelecer uma mídia e comércio baseados em seus costumes étnicos (APPADURAI, 1996). Neste sentido, o *post* reafirma, o conceito de *mediascape* (APPADURAI, 1996), no qual uma mídia étnica se forma em torno do grupo migrante retroalimentando e readaptando as tradições originais ao novo contexto e trazendo novas informações através dos meios de comunicação, como jornais locais, canais televisivos próprios para este grupo e, agora, sites e portais de notícias.

Ao falar sobre o apoio às “empresas e escolas que prestam serviço à comunidade”, faz-se alusão à “Teoria dos Enclaves Econômicos”, de Alejandro Portes (2001), a qual defende que um migrante ao fixar sua presença comunitária, passa a compartilhar um “mercado étnico” voltado aos hábitos culturais de sua nacionalidade, além de requerer necessidades legais do governo local que recebeu esta imigração. Assim, serviços públicos como escolas, hospitais, centrais destinadas a empregos, tornam espaços de conversação com esta nova ordem sócio-cultural necessitando uma readaptação.

Quanto à Análise do Discurso (ORLANDI, 2000) podemos personificá-la através de recursos enunciativos como operadores de objetividade (texto objetivo, com verbos em sua maioria em terceira pessoa, de forma a enfatizar a sua natureza de prestação de serviços), operadores de leitura (informações compartilhadas por órgãos não-governamentais voltados aos dekasseguis) e operadores didáticos (presença de mapa e de endereço detalhado do local da passeata).

Outro ponto é a trilha de memes ou hiperlinkagem (PRIMO, 2006), que é a leitura e repercussão da mesma informação/postagem em outros blogs. Isso fica claro quando a blogueira Herika Miyashiro, autora da página pessoal *Fragmentos*, repercute e rediscute o

mesmo tema apresentado por Shiguemoto. Em torno da mesma temática é formado um pequeno público que discute a mesma questão, seja por meio da criação de novos comentários ou opiniões deixadas entre os blogs. O pequeno público só é formado graças a comunicação conectada, a qual se inicia por meio dos hiperlinks existentes nestas páginas.

Postagem: *Domingo agora, dia 18 de janeiro, ocorrerá em Tóquio uma passeata em prol de melhores condições de vida para os brasileiros que vivem e trabalham no Japão. A idéia é mostrar unidade ao governo japonês e chamar atenção para os problemas que aflingem não só brasileiros, mas grande parte dos estrangeiros residentes nesse país.*

Quem estiver interessado em participar pode acessar o site oficial do evento, onde há mais informações sobre o ato. Para praticidade dos indecisos, postei abaixo o mapa com o percurso da passeata e de onde deve ocorrer o encontro.

Principais reivindicações:

- *Revisão das leis de terceirização da mão de obra;*
- *Moradia temporária aos que estão desalojados;*
- *Apoio para realocação no mercado de trabalho através de treinamento e capacitação profissional;*
- *Criação de melhores condições para adaptação das crianças brasileiras nas escolas públicas;*
- *Apoio às empresas e escolas que prestam serviços à comunidade.*

Quando: 18 de janeiro, domingo, às 13h00min

Onde: Tokyo, Minato-ku Shinbashi, 5-15-15. Koutsuu bldg.

Como chegar: 6 minutos da estação de Shinbashi JR. Saída Karasumori Guchi

tel:050-6860-4031

Comentários: 2 palpites (entre eles uma blogueira, Herika Miyashiro, autora de *Fragmentos*)

***Tags*:** dekassegui, direitos trabalhistas, crise econômica

30 de abril de 2009

Título: Desemprego recorde atinge Japão

Assunto e análise: A crise financeira vivida pelo Japão é também tema deste post escolhido para análise. Quanto à tipologia do post podemos classificá-la como prestação de serviços, sendo o blog de natureza mista (PRIMO, 2006). O título, retirado de uma manchete

jornalística, faz alusão ao fato verídico, objetivo evitando dúvidas sobre a gravidade do fato debatido.

Aqui há uma repercussão gerada e trazida por outras mídias: jornal (Folha de S.Paulo) e portal (Folha Online), antes de chegar a esta página pessoal, o que mostra a integração das mídias em ambiente digital como a trilha de memes (PRIMO, 2006) fazendo com que um texto seja lido e relido nas mais diversas esferas, seja ela pública e oficial como na voz de um jornal, ou por meio de uma leitura subjetiva dos mesmos fatos, como acontece em um blog pessoal.

Nota-se também que a preocupação com a crise financeira e o futuro dos dekasseguis demitidos é uma constante em todos os blogs analisados. Há uma identificação entre os blogueiros com o tema e a problemática, o que se altera é o ponto de vista assumido por cada identidade e essa ordem se mostra uma constante, seja aqui no corpus analisado, como na teoria apresentada e discutida nos capítulos que compõem esta pesquisa.

Postagem: *Acabei de ler essa notícia hoje de manhã na Folha Online (<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u558968.shtm>) Resumindo: ainda estamos sob influência da crise financeira internacional. Apesar de não especificar exatamente qual setor trabalhístico, não é difícil imaginar que o automobilístico e quaisquer outros que lidam com produção sejam os mais afetados.*

Interessante notar também que do montante de 3,35 milhões de pessoas sem emprego, 1 milhão foi demitido (corte) e outro 1 milhão pediu as contas. Agora por que alguém deixaria o emprego num cenário com o atual, onde a oferta de emprego se reduz e a procura aumenta? Um palpite meu seria porque a pressão no serviço deva ter aumento exponencialmente. Se antes um funcionário tinha função x dentro de um setor de 10 pessoas, com cortes e ajustes feitos pela empregadora, o mesmo time agora com 5 funcionários deve cumprir tanto e até mais que o anterior de 10. O que causa excessiva responsabilidade, estresse e ainda gera o sentimento de estar sendo explorado por estar trabalhando o dobro recebendo o mesmo salário. E se tratando de Japão, o quadro piora uma vez que os japoneses se dedicam além do normal em seu emprego e não são poucos os que atravessam 10 horas diárias de batente.

Sinceramente espero que não demore muito para eu poder anunciar melhoras no quadro empregatício aqui do Japão, mas ainda é cedo. Tenho amigos que possuem ótimos currículos e mesmo assim sofreram longos meses na procura de uma posição. Está difícil para todo mundo, mesmo entre os japoneses. E todos sabemos que o mercado tende a ser

protecionista quando a coisa fica feia. Por outro lado, nenhuma empresa sobrevive sem funcionários e estão ocorrendo novas contratações sim. O que muda é o grau de exigência, se antes era complicado, agora ficou quase impossível se você não cumprir os requisitos básicos.

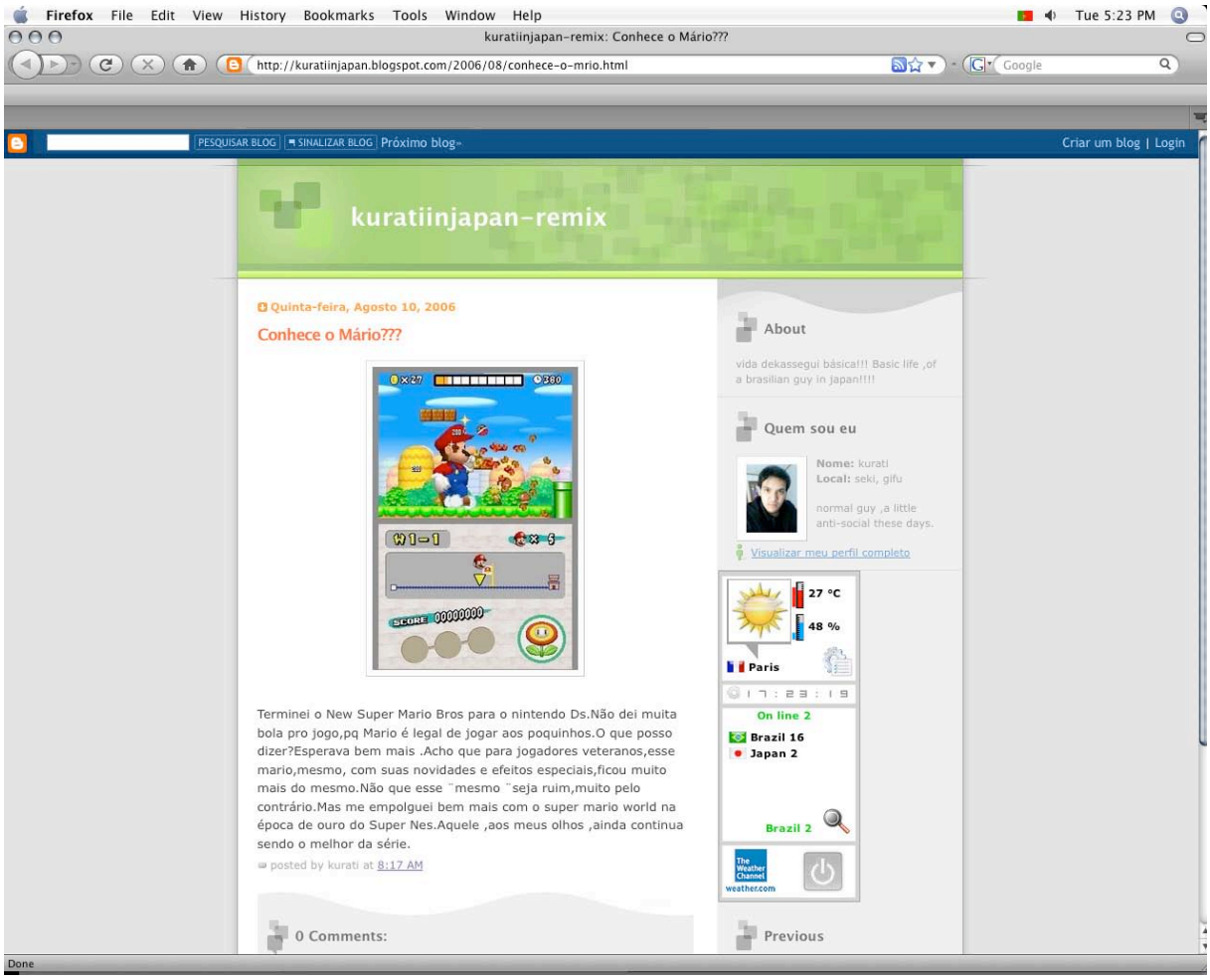
Comentários: 2 palpites (entre eles a autora do blog *Bahka Girl*)
Tags: crise econômica, desemprego, dekassegui, legislação, imigração

5º Blog: *Kuratin Japan Remix* (Leandro Kuraoka)

Disponível em: < http://kuratiinjapan.blogspot.com/>

Periodicidade: 2 a 3x por semana

Imagem 09: *Home* e identidade do blog "Kuratin Japan Remix"



Fonte: < http://kuratiinjapan.blogspot.com/>

1º Post: 10 de agosto de 2006

Título: New One!

Assunto e análise: Kurati é um dos que blogam há mais tempo entre os dekasseguis escolhidos na composição deste corpus. Desde 2002 mantém uma página pessoal. Inicialmente a usava como diário virtual, falando de sua rotina e depois o blog passou a ter caráter misto, sendo informativo e também compartilhando seus feitos diários. Aqui, as postagens escolhidas variam entre o ano de 2006 a 2009, para se assemelhar com os demais blogs em questão.

Os temas principais escolhidos são predominantemente diversão e entretenimento (jogos de videogame, jogos em rede e online, comentários sobre o futebol brasileiro e o desempenho de seu time São Paulo, além de encontros de fãs de game no Japão). Há também a prestação e compartilhamento de informações de prestação de serviço para o "dekassegui recém-chegado", como a localização de agências de emprego, serviços comunitários, procedimentos burocráticos necessários para retirada e renovação de visto de permanência no arquipélago, exames de proficiência da língua japonesa, o que passará a ser um dos critérios usados para a seleção de trabalhadores após a deflagração da crise financeira no final do segundo semestre de 2008.

Ao ver o blog como um todo, seu conjunto de postagens apresenta - quanto a fragmentos propiciados pela Análise de Discurso (ORLANDI, 2000) e o discurso verbal - a verificação de uma primeira pessoa (eu) predominando no eixo central e a retomada temática de assuntos depois da interatividade com os seus leitores. Neste sentido, esta retomada de assuntos é mais intensa do que nos blogs anteriores. Ao se falar dos jogos de games (em rede ou para videogames) há a presença do discurso não-verbal expressa por imagens e vídeos, criando o fortalecimento da narrativa do autor ao apoiar-se nestes artifícios de linguagem.

Muitos dos posts não apresentam retorno de um leitor/co-autor da narrativa, no entanto isso não diminui a quantidade ou regularidade das publicações, o que demonstra, primeiramente, o interesse pela escrita e a busca por um retorno ou acompanhamento significativo. *Kuratin Japan*, diferentemente do que ocorre na página pessoal *"O Japão e Eu"*, não coloca como prioridade a busca pela audiência, pelo "Ibope", como escreve Ewerthon Tobace em uma de suas postagens aqui analisadas. Parte do princípio da curiosidade própria, do uso deste recurso comunicativo como expressão e expansão de sua subjetividade, mostra-se como um "ator em rede" (LATOUR, 2005), como o descrito no segundo capítulo desta pesquisa.

Neste blog nota-se a recomendação de outros blogs que compõem a vizinhança dekassegui presente na blogosfera, o que efetiva a existência de padrões de linkagem (PRIMO, 2006) e uma generosidade de compartilhamento de informações, desejos e anseios comuns.

Neste primeiro *post*, Kurati se apresenta e se coloca como sujeito antigo na blogosfera, dando continuidade às narrativas que já vinha produzindo desde 2002. Também utiliza a mescla da língua japonesa e também do inglês para aproximar os leitores, dando-lhes as boas vindas. Mais uma vez, a hibridação cultural se faz presente no entre-espaço (BHABHA, 2005) propiciado pela comunicação digital, como fora dito no terceiro capítulo.

Postagem: *Well, graças ao Blig que é um verdadeiro sucks, tive que mudar o meu blog pra cá.Sim,graças a algum problema cuja solução parece indisponível,fiquei incapacitado de postar no blog anterior e me vi obrigado a mudar de ares.Welcome ao Kuratiinjapan-remix,blog básico de um brasileiro no Japão.*

Mais informações , visitem meu blog anterior ,com postagens desde Dezembro de 2002,clicando no endereço: http://kuratiinjapan.blig.ig.com.br

Yoroshiku!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Comentários: 0 palpites

***Tags*:** apresentação

16 de junho de 2008

Título: Brasil *sucks*?

Assunto e análise: Diferentemente do que ocorre nos outros blogs, o autor de *Kuratin Japan* utiliza muito também expressões em inglês e este é um fato comum entre japoneses nativos, os quais ambas as línguas. Entre jovens isso é visto como uma "linguagem descolada" e freqüente, tanto que algumas palavras em japonês deixaram de ser usadas em seu formato original para serem utilizadas em inglês.

Em relação à análise textual percebe-se a comparação entre o Brasil e Japão, tendo o fácil acesso à tecnologia como um dos fatores de diferenciação e positivos japoneses. A questão do Centenário da Imigração Japonesa é percebida como uma comemoração muito mais divulgada em solo brasileiro do que no arquipélago.

Postagem: *Estou em terras tupiniquins and this sucks a lot.Onde eu resido está tudo muito diferente.Muita coisa mudou pra melhor,e muita,mas muita coisa mudou pra pior.Shit a lot!!!!Estou estranhando muito.O lado bom das coisas é que já reencontrei com alguns de meus melhores amigos,assim como antigos conhecidos do bairro.Estou abarrotado de problemas pra resolver,mas estou indo com calma ,porque sei que no final,tudo acaba dando certo.O negócio é que estou sentindo falta demais da minha rotina e estilo de vida do Japão.A Internet ultra rápida me traz muitas saudades,sem falar no meu carro.*

Well,enquanto eu estiver por aqui,vou aproveitando pra resolver problemas ,e curtir os amigos e lugares.

Aqui, tá que tá ,um papo de comemorar os 100 anos da imigração japonesa.No Japão não temos toda essa alegria.A tv brasileira parece estar com algum vírus nipônico,tamanha a

dedicação dos canais em divulgar o centenário.O Japão ,definitivamente,está na moda.Is this cool?whatever...

Comentários: 2 palpites

***Tags*:** Brasil, Japão, Centenário, cotidiano, saudade, tecnologia

26 de agosto de 2008

Título: Ainda japa...

Assunto e análise: A questão da identidade aqui é posta em discussão, em debate, porém não em dúvida. Como fora dito no capítulo 1, muitas pesquisas são feitas sobre o nipo-brasileiro o qual pode ser visto como brasileiro segundo o critério de *jus solis* (nacionalidade) ou japonês se for levado em conta a sua descendência (*jus sanguinis*). Porém, o critério usado nesta pesquisa é de que esta dicotomia hoje já não deveria ser vista como critério central por habitarmos um período de globalização e constante movimentação étnica e cultural (SASAKI, apud in CARIGNATO, 2002). As identidades recebem influências de mais de uma nacionalidade e "[...] passamos a ser confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente [...]" (HALL, 2006, p.13). Estas expressões de identidade são também acompanhadas pelo movimento de apropriação da tecnologia social no ciberespaço conImagemndo um movimento de multiplicidade e diversidade de inúmeros pequenos grupos cujas vozes se conectam e se transformam em ações sociais.

Mesmo partindo de um conhecimento tácito, Kurati expõe esta clareza de que não é japonês e não tem dúvida de sua identidade, assim como outros ex-dekasseguis ao citar o contato que firmaram com a sociedade japonesa ao longo da jornada como imigrantes no arquipélago. *Imagino a raiva que ex-dekasseguis que voltam cheio de ódio do Japão devem sentir.* Além da questão da identidade, outro ponto possível ao explorar o universo textual e semântico da análise deste discurso é a sobreposição da identificação com hábitos culturais o que não afeta a compreensão de sua identidade como um todo. Desta forma, identidade não é vista nem ao menos confundida como sinônimo de identificações neste blog.

Postagem: *Tem aquele negócio de quando se está no Japão ,vc é brazuca ,e quando se está no Brasil é japa.Isso é verdade.Estou de saco cheio de todo mundo me chamar de japa.Os novos conhecidos ,só me conhecem como japa.Imagino a raiva que ex-dekasseguis que*

voltam cheio de ódio do Japão devem sentir.Eu fico de boa porque o Japão pra mim,ainda é deveras cool e se não fosse necessário trabalhar, seria bem melhor!!!!!

Comentários: 1 palpite

***Tags*:** identidade, dekassegui, imigração

11 de janeiro de 2009

Título: Tem trampo sim!

Assunto e análise: O blogueiro apresenta uma perspectiva diferente da apresentada pelos demais autores quanto às proporções da crise financeira que atingiu o Japão e seus habitantes, seja nativos ou estrangeiros imigrantes. Aqui, o sujeito utilizado, o eixo central do discurso textual é em primeira pessoa só que desta vez no plural. Isso porque o autor não fala como sujeito único, mas personifica o trabalhador nipo-brasileiro como um todo, como a voz de um grupo.

O nacionalismo, o "racismo", também são levantados da mesma forma que em "*O Japão e Eu*". A partir de uma perspectiva da Comunicação, podemos ver a diferenciação de tratamento e abordagem dos fatos na mídia massiva (televisão, no caso a citada é a programação japonesa) e a mídia digital. Enquanto a primeira veicula para a massa uma visão unilateral dos fatos, o blogueiro traça um ponto de vista diferente, expressa uma nova possibilidade sob o mesmo fato e um dos variados fatos que podem Sr encontrados na discussão presente no meio digital, seja em um blog, fórum ou listas de discussões que possuem como eixo comum a identificação com a mesma temática.

Tal fato exemplifica a sociedade em rede e o *mass self-communication* defendido por Castells (2007), na qual a emergência dos *mass self-communication* oferece um extraordinário meio para movimentos e rebeliões individuais que a partir de uma autonomia proveniente de questionamentos e projetos próprios avança confrontando instituições sociais. "[...] O desenvolvimento dessas ferramentas de comunicação é um produto cultural, que enfatiza a autonomia e a construção de identidade do ator social." (CASTELLS, 2007, p. 249, tradução nossa)

Postagem: *A crise é real, e esse ano promete ser difícil. Mas se formos ver pelo que a tv japonesa está apresentando,parece que não tem mais emprego nenhum e estamos à beira de uma catástrofe.A tv japonesa é sensacionalista demais.Ficam mostrando japoneses morando nas ruas e o escambau,mas não mostram o monte de vagas que ainda estão sobrando nas*

agências de emprego públicas,mais conhecidas como Hello Work.Fui com um amigo lá na semana passada e tinha um monte de vagas disponíveis.O salário é menor,e a maioria exige japonês na ponta da língua,mas sobram vagas.Os japoneses acostumados a ganhar muito bem,é que ficam dando de ombros nas propostas.O que pega é que muitas dessas empresas que solicitam funcionários,não aceitam estrangeiros.Vc pode ter cara de japa,ser 1kyu no teste de proficiência,mas ao dizer que é estrangeiro,o encarregado na fábrica,já diz não.Escolhemos 4 ofertas de emprego na agência,e o responsável de marcar entrevista ,ligou para todas,e o resultado foi o mesmo:-Sinto muito,mas não queremos estrangeiros!!!!!!!!!!!

Ao perguntar se não era racismo demais da parte das fábricas(pagamos os mesmos impostos que os japoneses),o responsável da Hello work,acabou explicando que muitas fábricas já contrataram estrangeiros no passado ,mas por diversos motivos se arrependeram da contratação(neguinho vagabundo,arruma encrenca,chega atrasado,e sai do emprego sem mais nem menos).Aí caímos naquele esquema japonês de generalizar demais.Se esse brasileiro é ruim,todos são ruins,e por aí vai....

Pelo que eu pude ver na agência pública, a maior movimentação é de quem procura os direitos do seguro desemprego. Os computadores para procurar vagas ,sempre tem lugares sobrando.Será que estou vivendo num Japão diferente do que é apresentado na tv?

Comentários: 2 palpites (entre eles 2 blogueiros: "*O Japão e Eu*" - Ewerthon Tobace e *Bahka Girl*)

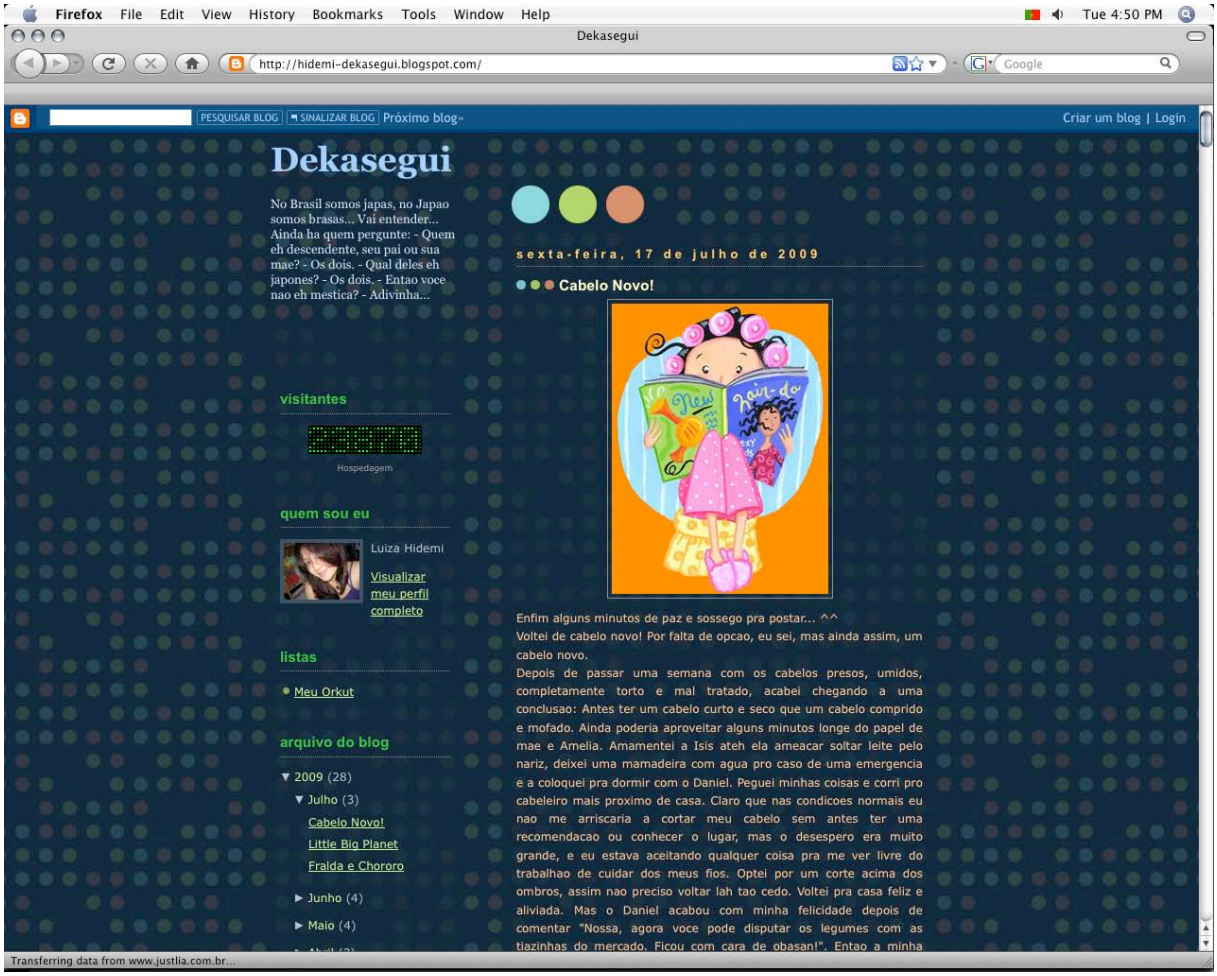
***Tags*:** crise financeira, dekassegui, desemprego, qualificação, ensino

6º Blog: *Dekasegui* (Luiza Hidemi)

Disponível em: < http://hidemi-dekasegui.blogspot.com/>

Periodicidade: 2X por semana

Imagem 10: *Home* e identidade do blog "Dekasegui"



Fonte: < http://hidemi-dekasegui.blogspot.com/>

1º post: 25 de junho de 2008

Título: Troquei de blog

Assunto e análise: Apesar do blog se iniciar apenas em junho de 2008, ele foi escolhido por se tratar de uma autora jovem, com elevada presença social na rede digital (possui esta página pessoal, comenta e lê outros blogueiros, está na rede social Orkut e faz parte ativa de comunidades virtuais). Também, assim como Kurati, a blogueira questiona sua identidade e se contrapõe com o outro autor por ainda não possuir uma idéia formulada do que é ser nipo-brasileira ou o que é possuir uma identidade em trânsito. Como ela mesma diz na abertura e

apresentação de sua página pessoal: *No Brasil somos japas, no Japao somos brasas... Vai entender... Ainda ha quem pergunte: - Quem eh descendente, seu pai ou sua mae? - Os dois. - Qual deles eh japones? - Os dois. - Entao voce nao eh mestica? - Adivinha...*

Sua narrativa e postagens como um todo se enquadram predominantemente em um diário virtual com poucas reminiscências de prestação de serviço ou vínculo informativo. Nele se percebe a vontade de compartilhar por laços afetivos, pela rotina que identifica grande parte dos trabalhadores nipo-brasileiros que lá estão, sendo o relato lido ou não.

O discurso verbal tem como eixo central a Imagem da narradora e as imagens (linguagem não-verbal) constroem-se por meio de gravuras e ilustrações de arte pop ou ligadas ao entretenimento contemporâneo.

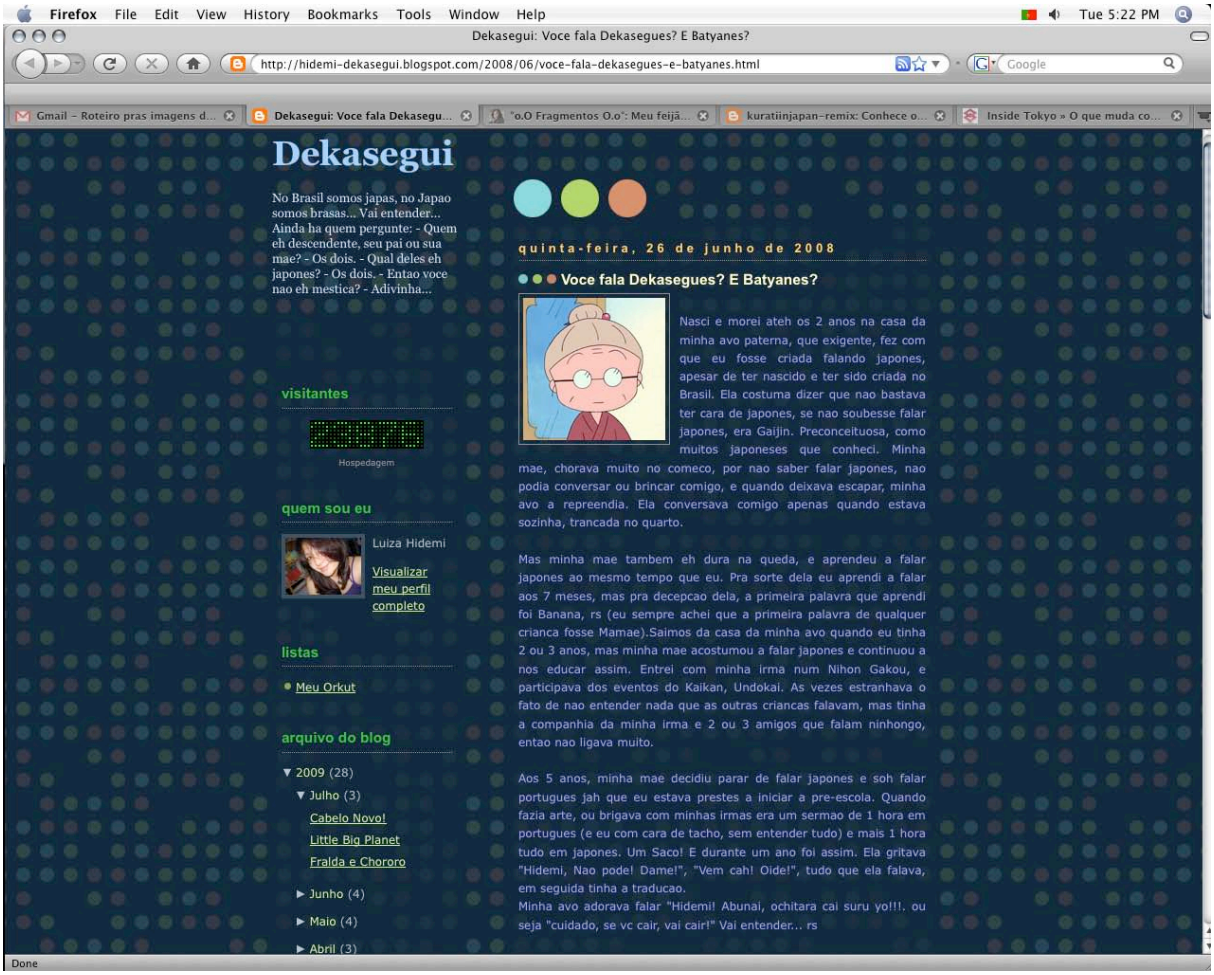
A própria escolha do nome do blog "Dekasegui" já coloca a autora em uma posição de identificação com um grupo étnico diferenciado, peculiar. Ela *está* em trânsito, mas *é* dekassegui e se enxerga nas temáticas relacionadas ao trabalhador nipo-brasileiro. Os laços de uma comunidade são menos presenciais do que na rede digital, porque no blog todos partem de uma relação comum e com um repertório sóciotécnico (MEYROWITZ, 1985) e cultural semelhante, enquanto na comunidade física classe social, localização geográfica originária são levadas em conta.

Postagem: *Gostei mais do visual desse blog! Mas não vamos falar sobre isso. Acabei de voltar da academia. Uff... Me matriculei em Maio do ano passado, e preciso dizer, estou surpresa comigo[...]*
Comentários: 1 palpite
***Tags*:** cotidiano, dekassegui, identidade

26 de junho de 2008

Título: Você fala Dekaseguês? E Batyanês?

Imagem 11: Post sobre a linguagem “dekaseguês” e “batyanês”



Fonte: < http://hidemi-dekasegui.blogspot.com/2008/06/voce-fala-dekasegues-e-batyanes.html>

Assunto e análise: Dedicada inteiramente a questão da linguagem, o texto refere-se às misturas das duas línguas presentes nos diálogos entre os dekasseguis. Apesar de usar o universo semântico de ambas as línguas, nenhuma das duas é firmada nesta linguagem mista. O que faz com que a linguagem esteja também em construção e em trânsito assim como o processo de fixação territorial e cultural destes imigrantes.

A linguagem híbrida também foi um ponto analisado nos blogs de Ewerthon Tobace e concretizam também a teoria exposta sobre hibridação (CANCLINI, 2006) e entre-espaço (BHABHA, 2005) expostas no terceiro capítulo desta pesquisa.

O próprio neologismo “dekaseguês” diferenciando-se de “batyanês” mostra a compreensão tácita da evolução da língua levada pelos avós ao Brasil e ensinada para seus filhos e netos que, ao irem ao Japão, acabam por sentir o arcaísmo da língua japonesa que aprenderam. O “dekaseguês”, por sua vez caracteriza-se pela mistura das duas línguas como também a identificação com uma condição social fabril que boa parte desta mão de obra integra.

Postagem: *Nasci e morei ateh os 2 anos na casa da minha avo paterna, que exigente, fez com que eu fosse criada falando japones, apesar de ter nascido e ter sido criada no Brasil. Ela costuma dizer que nao bastava ter cara de japones, se nao soubesse falar japones, era Gaijin. [...]*

Com o passar dos anos, deixei de falar batyanes. Ouvia em japones e respondia em portugues.[...]

[...] E ao chegar no Nihon, dei conta de que desperdicei uma boa oportunidade, aprender nihongo.

Agora falo dekasegues! rs Alguns sao contra e outros a favor dessa mistura de linguas. Acho isso bem normal. Japoneses tambem acham lindo misturar ingles com japones, principalmente em musicas.... qual o problema???

As vezes isso pode causar alguns transtornos. [...]Meu marido tambem as vezes esquece o portugues. Ele nao eh descendente, e quando liga pro Brasil, enquanto ele fala eu vou corrigindo.

- Oi mae, gomem nao ligar antes

- Eh desculpa...

- A fabrica? Ah, daijobu, tem 2 horas de zanguiou

- tudo bem... hora extra...

- Hoje? Hoje eh yasumi, por isso liguei

- folga....

- Semana passada tava mais isogashi...

- Mais ocupado, corrido....

- Eu como no shokudo, as vezes compro bento do konbini

- refeitorio.... marmita... loja de conveniencia

- Ah, mae. Depois eu te ligo, porque a Hidemi fica falando e tah me atrapalhando... beijo tchau

Comentários: 0 palpites

***Tags*:** hibridação, dekassegui, língua

04 de agosto de 2008

Título: Marinheiros de Primeira Viagem

Assunto e análise: Apesar de ser um diário virtual, há algumas postagens relacionadas à prestação de serviço. Esta, no caso, refere-se aos nipo-brasileiros e seus cônjuges que queiram embarcar como trabalhador no Japão. Apesar da postagem não estar aqui colada na íntegra, pelo interesse ser a análise do blog e da presença de fragmentos de uma crítica do discurso verbal e não-verbal, é possível perceber não só o compartilhamento de informações como também sugestões para que o novo dekassegui evite erros ou enganos por ela cometida. A interatividade não está apenas na postagem ou no uso de vocativos e apostos para se referir ao leitor, mas na afetividade presente como moeda de troca no conhecimento compartilhado na rede social e digital.

Dois blogueiros comentam a postagem e criando um hiperlink para a prestação de serviços oferecidos neste texto, o que demonstra também uma retroalimentação de conteúdo entre autores, presente também na discussão teórica do segundo capítulo desta pesquisa.

Postagem: *Galerinha, como havia prometido ao Takeo, o tema de hoje sera, dicas pra quem estah vindo pela primeira vez ao Japao. Antes de escolher a agencia de viagem, procure por informacoes, reclamacoes, elogios a respeito da tal agencia. Um lugar facil (porem nao muito confiavel) eh o orkut, nos topicos. Bom, se voce encontrar 1 ou 2 reclamacoes, fique com o peh atras, mas se encontrar muitas, nao arrisque! Procure saber tambem, se a agencia tem funcionarios que lhe darao suporte na hora do embarque e do check-in das malas no aeroporto. Eles podem tirar suas duvidas de ultima hora, dar um "jeitinho" caso sua mala esteja um pouquinho acima do peso, mostrar onde e quais documentos devem ser apresentados, etc. [...] Caso me lembre de mais alguma coisa, volto para postar depois ok?*

Agora vou dormir, sao 12:30 e olha que eu comecei as 10:00 hein?!?! Preciso dormir urgentemente!!!

Bjos!!!!

Comentários: 6 palpites **(**sendo 2 blogueiros *Kuratin Japan*, disponível em: <http://kuratiinjapan.blogspot.com/> e *Bahka Girl*, disponível em: <http://bahgirl.blogspot.com/> **)**

Tags: prestação de serviço, informações, dekassegui

02 de março de 2009

Título: Mais um pra fila de desempregados

Assunto e análise: Reflexos da crise financeira no Japão com a demissão de trabalhadores imigrantes, o que faz com que a embaixada brasileiro em Tóquio e em Nagoya comecem a fornecer senhas para atendimento e sejam revistos os contratos e os direitos trabalhistas que grande parte da massa imigrante tem, apesar de serem funcionários terceirizados.

Primeira gravidez da blogueira e descobrimento desta nova fase como mãe. Quanto a receptividade do texto, é possível notar que a postagem repercutiu na vizinhança temática que forma o grupo dekassegui na blogosfera. Quatro blogueiros lidos e acompanhados pelos nipo-brasileiros deixam seus comentários sobre a crise, estando também esta temática presente em suas páginas pessoais. Aqui a questão da imigração também é levantada, assim como do ressurgimento do nacionalismo em época de crise.

Postagem: *Ehhh gente... a coisa nao estah facil! Semana agitada... Jah estavamos nos conformando de que o Daniel iria tomar kubi (pescoco, mas no caso, entenda como, corte/demissao), mas o pessoal da fabrica fez questao de esconder o jogo ateh o ultimo dia do mes, o fazendo ir ao trabalho, mesmo tendo tirado yukyu na sexta. Sacanagem! E as demissoes estão acontecendo soh com os imigrantes [...]*

[...] Segunda tinha exame pre-natal, e aproveitando a folga do pessoal (coisas de quem trabalha em auto-peca) fui com a Yukao, jah que o Daniel nao poderia me acompanhar. A Yu, que nao gosta dos meus exames de ultrason porque disse que o soh aparece o esqueleto do nenem e que deixa com aparencia de alien, acabou gostando de ver o exame feito ao vivo. Realmente, eh bem mais emocionante, mas tambem ela teve a vantagem que dessa vez o medico foi bem calmo, tirou varios ultrasons, mostrou o rostinho, a barriga e foi explicando com calma... Perguntei pelo sexo do bebe (de novo), mas o medico disse que soh dah pra ver a partir da semana que vem... Cada medico diz uma coisa... Mas agora os exames passaram a ser quinzenais e fica mais facil ficar especulando... rs Aproveitei pra perguntar o preco do parto. Quase morri! 470mil!!!! O governo ajuda com 300, o resto vai sair do meu bolso! Agora vou ver no hospital aqui perto de casa, pra saber onde fica mais em conta... Afinal, agora somos 2 desempregados em casa...

Comentários: 12 palpites (entre 4 blogueiros: *Nos quintos do Japão*, disponível em: <http://napqp.blogspot.com/>; *Bahka Girl*, disponível em: <http://bahgirl.blogspot.com/>; Kuratin Japan, disponível em: <http://kuratiinjapan.blogspot.com/>; *Fragmentos*, disponível em: <http://herikamiya.blogspot.com/>)

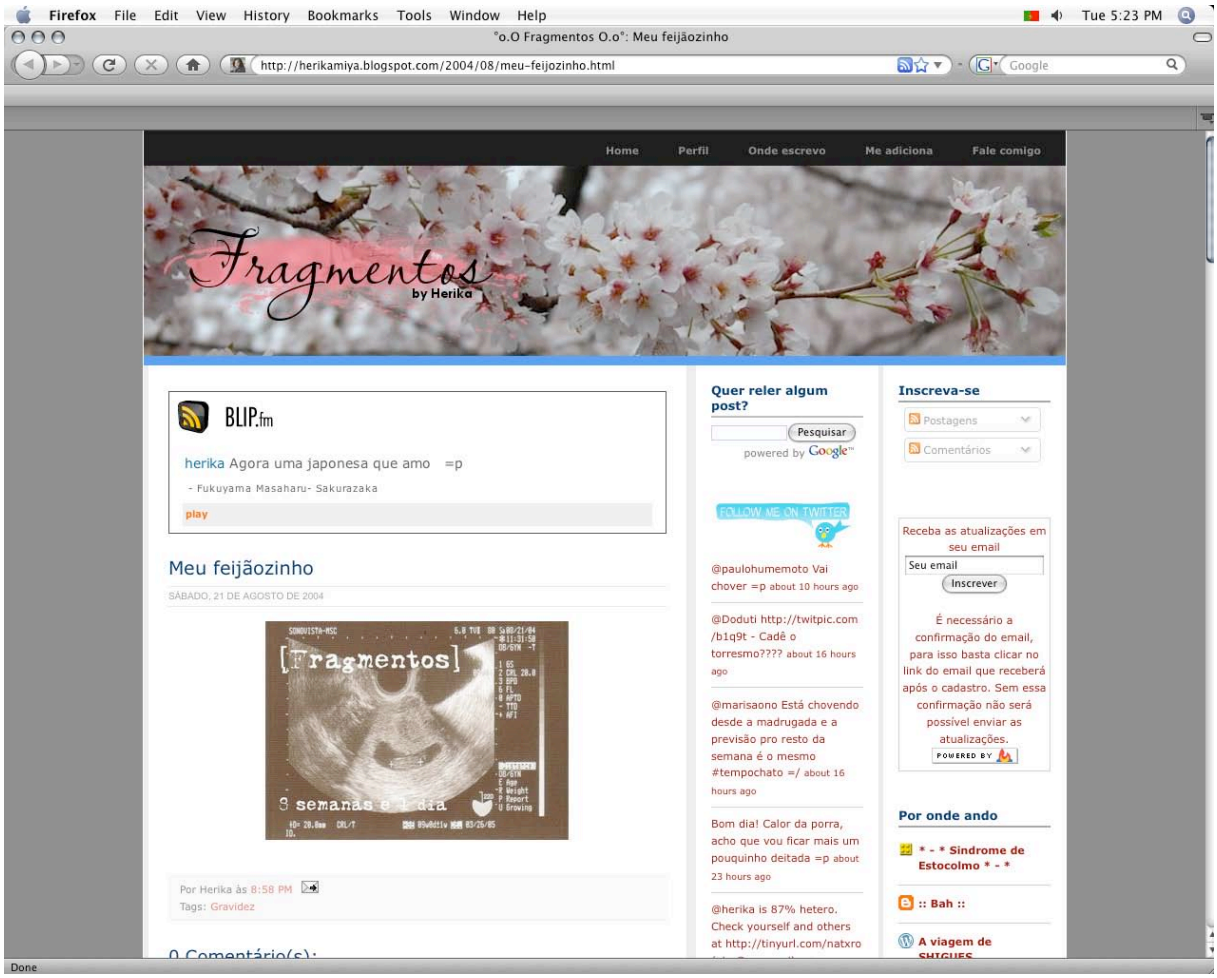
***Tags*:** desemprego, crise econômica, bebê, rotina, dekassegui

7º Blog: *Fragmentos* (Herika Miyashiro)

Disponível em: < http://herikamiya.blogspot.com/>

1º Post: 02 de julho de 2004

Imagem 12: *Home* e identidade do blog "Fragmentos"



Fonte: < http://herikamiya.blogspot.com/>

Título: Título?

Assunto e análise: Há 18 anos no Japão, Herika Miyashiro é a dekassegui que está a mais tempo no arquipélago. Seu blog também é um dos mais antigos aqui analisados. A primeira postagem é de 2004 e, assim como a própria história da blogosfera, sua página pessoal foi modificando o seu uso e a finalidade de cada informação compartilhada na rede social.

A longa estadia no Japão faz com que Herika tenha uma percepção diferente da evolução do processo migratório e a fixação de brasileiros como mão de obra naquele país. Herika lá chegou, como muitos outros patrícios, no início da popularização do movimento

dekassegui no Brasil, em 1990, com a promulgação da Reforma da Lei de Controle de Imigração do Japão e a crise econômica brasileira trazida pelo Plano Collor, como foi dito no primeiro capítulo. Os 18 anos percorridos faz com que a própria compreensão do que é ser e identificar-se como dekassegui seja diferente entre ela e blogueiros como Luiza Hidemi, autora da página *Dekasegui*. Herica, mãe de duas filhas nascidas no Japão enquadra-se na Imagem de uma estrangeira que decide adotar e fixar-se (pelo menos até o momento) em outra nação como morada, não se identificando mais, portanto, como uma imigrante em trânsito.

O próprio nome do blog *Fragmentos* gera uma ambigüidade interpretativa ao referir-se ao conteúdo (trechos e fatos retirados do cotidiano) e também à noção de sujeito que busca encontrar sua própria identidade e personalidade por meio das respostas e descrição fornecidas pelo outro.

Na apresentação de seu perfil, a partir de uma escrita íntima própria de um diário virtual, a autora compartilha a inquietação gerada pelo processo de afirmação de reconhecimento de sua identidade própria: *Tudo começou em uma conversa sobre esse post em que eu falo da minha incapacidade de me descrever. Fora as coisas óbvias como sou nissei, baixinha e gordinha em eterna dieta sem resultados. Acho difícil falar sobre minha personalidade porque a percepção que temos sobre nós mesmos dificilmente é igual a dos outros. Há tempos percebi que minha visão sobre mim e do que mostro é diferente das pessoas que me rodeiam. Isso é tese para uma vida inteira, ainda mais porque mudamos nossas atitudes, nosso modo de pensar e encarar as coisas de acordo com as novas experiências vividas. Somos seres mutáveis e quantas vezes não nos surpreendemos com nossa própria reação diante das diversas situações?*

Partindo do conhecimento tácito, Herika coloca em questão o processo de identidade cultural na contemporaneidade pela qual passamos, como defende Stuart Hall, quando diz que o fato do sujeito ser processual faz com que ele também se fragmente e possua múltiplos laços de atuação e interesse, compartilhando distintos focos de atenção (HALL, 2006).

Também em conjunção com a lógica de funcionamento da rede digital, a qual parte do pressuposto de que a Internet é orgânica e em constante processo de construção e projetos alimentados, se verifica no blog uma modificação em sua natureza tipológica de 2004 a 2009. Inicialmente, sua natureza era predominantemente uma escrita íntima e diário virtual acompanhando a evolução de sua primeira gravidez. De 2006 em diante, apesar do blog deter-se ainda no universo íntimo e em interesses particulares compartilhados, tanto a escrita usada

como recurso narrativo verbal, quanto a inserção dos leitores na abordagem temática é alterada enquadrando-se numa tipologia mista de classificação do blog (PRIMO, 2006).

Fragmentos é também um dos blogs que possui maior indicação de outros blogueiros em suas páginas (hiperlink) e ainda a autora se mostra como uma leitora e comentarista de escritores virtuais que compõem esta mesma vizinhança temática.

A própria situação social tecnológica que Meyrowitz (1985) vê a comunicação como um processo de interface e moldado de forma igualitária entre a tecnologia e as relações de interação sociais. Tal fato é notada quando Herika explica o motivo pelo qual começou a blogar: deixar um registro para seus filhos. Enquanto antes a forma de registro era a criação de cartas, pinturas ou mesmo vídeos, em pleno século XXI a tecnologia é incorporada, por meio da web 2.0, e vista como uma extensão do sujeito e também o compartilhamento de afetividades não só numa relação sanguínea, mas entre internautas cujas identificações sejam as mesmas. No blog, por meio dos recursos de criação de sua página e agregadores de ferramentas, é possível registrar o discurso verbal como o não-verbal e este através de imagens exportadas de outros sites ou blogs, de galerias pessoais presentes em outras redes sociais (como Picasa, Flickr, etc), vídeos (alocados em sites como Vimeo, YouTube, entre outros) ou áudios (compartilhando gostos musicais em sites especializados como Lastfm, Blip, etc).

O registro da identidade tende, deste modo, a permanecer online e ser encontrado, seja pelos parentes ou filhos da blogueira ou por demais internautas que se identifiquem formando novos laços sociais e afetivos.

Por fim, quanto a aspectos provindos da Análise do Discurso (ORLANDI, 2000), se observa como eixo central a perspectiva pessoal e opinativa colocando o sujeito em primeiro plano. Sobre o intradiscurso, ele é permeado pelo repertório cultural e lingüístico trazido pelo universo cultural de ambos os países e pela peculiaridade de uma terceira cultura formada pelo dekassegui (que habita o entre-espaço de Bhabha, 2005, como fora dito na análise de blogs anteriores e na parte teórica do terceiro capítulo). O interdiscurso, o qual é caracterizado pelo uso da memória ao explicar o factual e imediato também se faz presente, completando os três pontos centrais da Análise do Discurso verbal.

Sobre o discurso não-verbal, como dito anteriormente, a blogueira utiliza as ferramentas trazidas pela web 2.0, criando hiperlinks para outras páginas pessoais, sites e portais, além de anexar fotos e vídeos no embasamento de sua argumentação, criando a voz de autoridade e a reputação procuradas no fortalecimento do blog como referência em sua vizinhança digital.

Postagem: *Achei importante ter algo para que meus filhos pudessem ler quando crescerem e entenderem que sou humana, que não sou perfeita mas que faço o possível para tentar suprir as necessidades deles e da minha família. Coisa que eu não tinha consciência na minha adolescência e exigia perfeição dos meus pais, principalmente da minha mãe, obviamente gerando conflitos, brigas e muita revolta da minha parte até terminar na minha saída de casa depois de uma briga horrível. Uma noite que não vou esquecer nunca. Sei que minhas escolhas não foram fáceis de serem compreendidas e aceitas, mas com certeza eu não estava errada (ainda hoje penso assim). Espero poder ter calma e paciência suficientes para respeitar as escolhas deles, mesmo que não as compreenda. Espero não impor minhas vontades apenas para minha satisfação pessoal, com a desculpa de estar fazendo o melhor para eles. Meus pais sempre usaram isso pra impor as coisas aos filhos. Carreguei mágoas antigas por tempo demais por conta disso. Hoje sei que eles fizeram o melhor que puderam na época. Simplesmente é difícil deixar de lado valores carregados durante uma vida inteira.*

É... parece que está mais fácil do que imaginei. As palavras fluem de maneira natural. Estava com medo de não saber escrever... hehehe... Mas já percebi que não é nenhum bicho me expressar. Sempre tive necessidade de contar minhas coisas, por isso desde que me conheço por gente, eu falo sozinha. Tinha alguém imaginário ao meu lado com quem eu conversava na infância. Depois, esse "alguém" não tinha mais corpo, nem rosto, era apenas "alguém" que estava comigo quando eu queria falar. Parece doideira? Talvez seja mesmo.

Comentários: 0 palpites

***Tags*:** subjetividade, blogar

27 de setembro de 2008

Título: Meu Japão

Assunto e análise: Nesta postagem é retomado o motivo da criação deste blog, assim como é expressa a leitura de outras páginas pessoais e a conversação iniciada entre blogueiros. Aqui se estende a linkania (DIMANTAS, 2006), a qual é mantida pela manutenção de interesses comuns e o compartilhamento de conhecimento entre o grupo.

Entre os blogs citados, *A viagem de Shigues* integra o corpus desta dissertação. Apesar de ambos serem analisados, há uma diferença na abordagem e nas temáticas escolhidas em cada um, o que realça a identidade e personalidade de cada autor, porém há pontos de

aproximação que os mantém unidos não apenas pelo hiperlink como pela identificação com algumas problemáticas que os colocam na composição do mesmo grupo étnico.

Postagem: *[...] Criei esse blog pra poder registrar minhas experiências como mãe. Não o divulguei no começo porque era apenas uma conversa entre mim comigo mesma. Abri para todo mundo poder ler porque a família, parentes e amigos no Brasil queriam notícias. Assim, eu precisaria escrever em um único lugar o meu dia-a-dia, colocar fotos, contar novidades sem que nenhum email ficasse perdido no meio do caminho. No final, a família nem entra aqui, os parentes... alguns..., amigos... também alguns... rsss... Meus freqüentadores na maioria são amigos que fiz na minha vida de blogueira, apesar de ver pelo IP dos visitantes que tenho (ou pelo menos tinha) leitores assíduos de certas regiões onde não conheço ninguém. Sim leitor você não é tão anônimo quanto imagina, posso não saber seu nome mas sei onde mora... Sinistro... Eu heim.*

[...] Ontem achei uns blogs de gente que mora aqui no Japão como eu.

A viagem de Shigues: de Gabriel Fonseca Shiguemoto, pelas palavras dele: "Um blog sobre cultura, comida e curiosidades do Japão. Lugares, pessoas, costumes e outras coisas características desse país tão peculiar que todos adoramos."

Nuno-san no Japão: de Nuno Brito um português muito bem-humorado que escreve muito bem. Adorei o blog, dei muitas risadas. Me lembrei dos tempos em que achava tudo diferente demais nesse país.

Viajar na viagem: de Fernanda uma brasileira que pelo que entendi dá aulas de português em Tokyo. Não li muita coisa, mas adorei o estilo.

Acho interessante blogs de gente que vive no mesmo país, e pelo que vi todos eles moram em Tokyo, outra realidade pra mim que moro no interior, numa cidade minúscula incrustada aos pés do Monte Fuji, onde nem depato tem mas tem um dos Outlets mais famosos do país. Vai entender, coisas de japonês.

Comentários: 3 palpites

***Tags*:** blogosfera, Japão

17 de janeiro de 2009

Título: Passeata em Tokyo

Assunto e análise: Assim como na análise da postagem anterior, há a ligação com outros blogs que compõem a mesma comunidade digital, além da reverberação da postagem realizada no blog "A Viagem de Shigues", noticiando a prestação de serviços. Há também a preocupação com a crise financeira que passa a atingir os imigrantes no Japão.

Aqui, tanto Karina Almeida (autora do blog *Meu Japão é assim*), como Ewerthon Tobace ("*O Japão e Eu"* e *Janela Dekassegui*) são citados como referência e fonte de informação mostrando a voz de autoridade e confiabilidade que adquiriram na blogosfera como um todo e alastrou-se entre as demais mídias eletrônicas.

Postagem: *Li hoje no blog do Shigue sobre a passeata que vai ter amanhã. Mesmo que eu não possa participar achei interessante e vim aqui divulgar também.*

Maiores informações aqui: A viagem de ShigueS.

Up:

Veja como foi a passeata no Guia Nikei. E o que disse Karina Almeida no Meu Japão, com vários links para reportagens, inclusive uma do Ewerthon Tobace, e um vídeo do BBC (também do Ewerthon).

Comentários: 2 palpites

***Tags*:**dekassegui, crise financeira, prestação de serviços

31 de janeiro de 2009

Título: Convocando todos os santos

Assunto e análise: Desemprego e prestação de serviços sobre organização de ajuda ao trabalhador legalmente estabelecido no Japão. Como a postagem é direcionada principalmente a leitores-dekasseguis, há o uso de termos em japonês próprios do cotidiano do trabalhador (como "kachô", "Koyou Hoken").

Além da exposição de sua problemática pessoal, há também o diálogo com os demais internautas que freqüentam este espaço social gerando uma conversação e colaboração mútua junto à comunidade digital. Desta forma, é por meio do digital que a comunidade se organiza para dar lugar a uma comunidade espacial aos moldes webwerianos, como foi dito no capítulo 1. Aqui, mais do que a localização geográfica, o que está em jogo são as afinidades e a

preocupação comum com o desemprego, preocupação esta que pode ser vista nos demais blogs analisados e que se intercomunicam.

Postagem: *[...] Pois é, a temida carta de demissão chegou e o Helio só tem mais um mês do aviso prévio. Não se pode dizer que foi surpresa visto que da empreiteira dele só tinha sobrado ele mesmo. Aliás, de estrangeiro tinha sobrado só ele e mais outro brasileiro de outra empreiteira mas que trampava em outro setor. Os kachôs tentaram segurar mas com a decisão da fábrica de cortar todas as empreiteiras, os dois dançaram.*

Bom, com a perda da nossa única fonte de renda temos que enfrentar uma realidade diferente de agora em diante. Já pesquisei sobre o Koyou Hoken (seguro desemprego) que o Helio tem direito e uma novidade que ele ouviu de uma senhorinha japonesa que trampa com ele, um tal de Hisugyou （ヒスギョウ） que dá entrada no Hello Work também e recebe ¥300 mil na hora :-o Nunca ouvi falar e não achei nada na net. Aguém pode me dar uma luz sobre como funciona isso?

** Para quem quiser informações sobre o Hello Work. Hello Work Internet Service (em japonês) http://www.hellowork.go.jp/top.html Ou aqui em uma versão tosca traduzida do Google.*

Tem uma página em PDF em português com algumas informações.

***Sobre o seguro desemprego tem um artigo no Guia Nikkei. http://www.guianikei.com/index.php?option=com_content&view=article&id=63%3Atire-suas-duvidas-sobre-o-seguro-desemprego&catid=1%3Aultimas&Itemid=37*

Comentários: 5 palpites

***Tags*:** desemprego, dekassegui, prestação de serviços

8º blog – *Mundo Geek* (Claudio Urayama)

Disponível em: < http://mundogeek.jp/>

Periodicidade: 3X por semana

Imagem 13: *Home* e identidade do blog "Mundo Geek"

Fonte: <http://mundogeek.jp/>

1º Post: 04 de setembro de 2007

Título: *Swiss Business Tool*

Assunto e análise: Diferentemente do que ocorre nos demais blogs, *Mundo Geek* tem um caráter mais informativo e baseado em matérias e notícias de outras publicações online ou provindas da mídia de massa. Assim, segundo a tipologia de blogs estabelecida por Alex Primo (2006), esta página pessoal tem um caráter mais de "clipping", comentando as últimas informações ligadas a "curiosidades, lançamentos, soluções e tendências do mercado japonês", como o próprio autor define na apresentação de seu blog.

Por ser um “clipping”, a página se assemelha muito a outros sites e portais de notícia, distinguindo-se pela inclusão de pequenas opiniões pessoais em cada postagem. Porém, a voz predominante acaba sendo neutra, em terceira pessoa do singular, o que dá o caráter objetivo e semelhante ao modo jornalístico de apresentação de cada novidade.

Mundo geek por si só faz referência ao universo dos amantes de tecnologia, computação e design, sendo “geek”, um adjetivo comum entre os entusiastas do meio digital e que acompanham revistas e eventos especializados no tema.

Após a migração de endereço eletrônico (URL), a versão aqui analisada registra sua primeira postagem em 2007 e, em junho de 2008, acaba por ramificar-se em outro blog com interesses mais amplos (cotidiano, curiosidades, notícias do Japão), dando origem ao *Inside Tokyo*. Como ambos seguem a mesma abordagem discursiva e narrativa, e discurso não-verbal (layout da página, diagramação e distribuição de imagens e vídeos) de forma semelhante em ambos os blogs do mesmo autor, foram escolhidas quatro postagens para retratar esta autoria discursiva neste meio comunicativo digital.

Claudio Urayama fala com propriedade os temas apresentados e também acompanha referências nesta área de tecnologia, o que faz com que seja muito lido, apesar das poucas postagens. Portanto, a falta de comentários não pode ser vista ou compreendida como ausência de leitores já que o blog parte da interatividade não-obrigatória, podendo gerar discussão ou não do fato apresentado. Urayama possui uma reputação e audiência significativa dentro da blogosfera formada entre nipo-brasileiros dekasseguis, além de leitores fiéis que buscam a sua opinião sobre as novidades lançadas em território japonês.

Além disso, este público dekassegui tem acesso à tecnologia muito mais imediato se comparado à população geral brasileira. Isto não se deve somente por este público estar em uma área não só consumidora, mas ao mesmo tempo produtora de novas tecnologias e bens de consumo - que é o Japão - como também por terem salários mais elevados do que a média geral da população no Brasil e isso favorecer a criação de novos hábitos de consumo e de contato com produtos eletrônicos impulsionados pela relação consumista de parte da população japonesa.

Ademais, os conceitos de Lúkacs de que “[...] estudar o trabalho e a tecnologia corresponde a investigar a cultura daqueles que têm acesso imediato à realidade [...]” (PINTO, 2005, p. 7) são reforçados pela situação contemporânea. Os dekasseguis, além de se adaptarem às novas realidades geográficas e político-econômicas, são inseridos em um novo ambiente tecnológico que reorganiza seus (novos) hábitos sociais e culturais. E este interesse

pela tecnologia e geração de blogs, semelhante a este aqui analisado, é um exemplo que comprova o embasamento teórico percorrido nos capítulos que compõem esta dissertação.

Nesta primeira postagem, em específico, mais do que falar do "canivete multiuso suíço", o que está em jogo é a reativação do blog enquanto espaço discursivo e colaborativo. O que interessa é blogar por prazer, por afetividade, não sendo prioritário o retorno de um público ou não e este raciocínio vai de encontro com o próprio manifesto blogueiro, apresentado nesta pesquisa. O espaço se torna colaborativo à medida que comentários são deixados e links para outros blogs também redesenham a generosidade comunicativa gerada pelas redes sociais e pelos seus atores em rede, como explica Latour (2005), citado no segundo capítulo deste estudo. Conforme Latour (2005, p. 131) "[...] rede é um conceito, não uma coisa. É uma ferramenta para ajudar a descrever um fenômeno que está sendo descrito." Esses movimentos com participação de máquinas e humanos potencializaram conhecimentos e compartilhamentos. E o novo paradigma da rede passa a ser visto como redes, múltiplas, nas quais a expressão de subjetividade abre possibilidades e mediações para transformar a realidade social por meio de um processo comunicativo com conseqüências sociais.

Postagem: *Há um mês, na antiga versão do mundogeek.jp, eu publiquei um post onde, sarcasticamente, comentei sobre a dificuldade dos suíços de criarem algo novo em cima do já batido canivete multiuso e da perda desse mercado para os alicates multiuso. [...]*
Comentários: 0 palpites
***Tags*:** design, tecnologia

22 de janeiro de 2008
Título: Update
Assunto e análise: Aqui fica expressa a questão da habilidade com a ferramenta. Tanto Urayama, como os demais blogueiros escolhidos possuem hábitos de leitura e de familiaridade com o espaço digital, deixando isso presente tanto em seus textos como nas recomendações e hiperlinks existentes em suas páginas pessoais. Além disso, cada blog por si só não possui uma conImagemção principiante, mas a eles estão atrelados recursos como RSS (que possibilitam a seus leitores que recebam em seus emails avisos de atualização dos blogs acompanhados), *tags* (visualizadores de índices de leitura guiada pelo uso de etiquetagem), além de cada autor também deixar suas referências para ser interligado em outras redes sociais como Twitter, Facebook, Orkut, Lastfm, Blipfm, etc.

Postagem: *A atualização do WordPress não desceu muito bem, algumas funções aqui e ali estão com problemas.*

Os comentários estão entrando em posts diferentes, alguns links se quebrararam também. Estou trabalhando em cima disso.

O ano começou com uma série de imprevistos pra mim, motivo pelo qual as atualizações do blog ficaram mais lentas. Devo voltar ao ritmo normal dentro de algumas semanas. Não deixem de verificar as novidades por aqui, pessoal.

Comentários: 1 palpite

***Tags*:** blog, tecnologia

19 de junho de 2008

Título: Novo Blog – Inside Tokyo

Imagem 14: *Home* e identidade do blog "Inside Tokyo"

Fonte: < http://insidetokyo.jp/>

Assunto e análise: Nesta postagem, Urayama explica o processo de análise, apuração e verificação dos fatos que origina cada texto publicado. Aqui fica expresso o zelo pelo factual e pelo caráter verdadeiro da notícia, mostrando a responsabilidade e credibilidade da informação transmitida pelo blogueiro.

E isso faz com que o blog, assim como o blogueiro, sejam visto como a nova fonte de informação do leitor, tendo tanto peso argumentativo quanto o detido, até então, apenas pela grande mídia. Como foi dito no segundo capítulo desta pesquisa, a reputação do blogueiro tem a ver com sua capacidade de ser um perito. E, pela primeira vez na história da comunicação, a verdade é construída sem a necessidade de hierarquias no plano da subjetividade.

Outro ponto é que Urayama mora em Tokyo, um dos locais de maior acesso de Internet sem fio do mundo, onde o ambiente físico está todo interconectado digitalmente. Em Tokyo, o ambiente atópico descrito por Massimo Di Felice (2008), no terceiro capítulo, é personificado pela cidade e pela integração de seus habitantes em ambiente virtual ou não, pois a barreira entre presencial e digital torna-se cada vez mais tênue. Os demais blogueiros, por sua vez, localizam-se em regiões de grande concentração de dekasseguis, o que os separa fisicamente e socialmente de Urayama, mesmo sendo este também um estrangeiro (e dekassegui). Tal condição também comprova que reunir os nipo-brasileiros localizados no Japão em torno de uma "comunidade dekassegui" aos moldes weberianos é uma tarefa que tende ao fracasso. Isso porque há diferenças sócio-econômicas, culturais e educacionais que os distinguem. Já na rede digital é possível afirmar a presença de uma "comunidade dekassegui" por esta se basear no critério de identificação temática e discursiva, já apresentando suas separações e heterogeneidades. Em ambiente digital, muitas comunidades são formadas não havendo espaço para a homogeneidade, a qual gera a estabilidade e o fim do processo de modificação e manutenção que faz a rede online se manter viva.

Postagem: *Hoje é o dia da comemoração do centenário de imigração Brasil-Japão. Qualquer pessoa no Brasil que tenha um aparelho de tv em casa - e não esteja em coma -, deve estar ciente disso. Por aqui, as tvs japonesas também estão abordando o assunto, porém, de forma um pouco mais leve.*

No Brasil, praticamente todas as grandes publicações soltaram alguma matéria especial sobre o tema da imigração. O mesmo ocorreu nos principais portais da Internet e nos blogs por aí. E na qualidade de nikkei que sou, não poderia deixar a data passar em branco. Pensando nisso, escolhi o dia de hoje para dar início a um projeto que eu já venho

cozinhando há meses. Na verdade, ainda não está completo. Mas estou inaugurando mesmo assim.

Como já expliquei em outras ocasiões, o conteúdo do mundogeek.jp é produzido a partir de matérias em revistas, jornais, panfletos, sites e pesquisa própria. Ou seja, eu mesmo vou ao lugar e tiro as imagens, faço perguntas etc. Entretanto, nesse processo muita informação acaba se perdendo, pois não se encaixa na linha deste blog. Daí pensei em fazer uma divisão: www.insidetokyo.jp

Notícias, variedades, programas de tv e os assuntos mais discutidos do momento serão apresentados no mesmo formato que uso para o mundogeek.jp. As atualizações, porém, serão mais frequentes em função da quantidade muito maior de pautas disponíveis.

O domínio, na verdade, foi criado para um outro propósito. Talvez "insidejapan" fosse mesmo mais apropriado. Assuntos relacionados à produtos, lançamentos e tecnologias continuarão aqui.

Visite agora www.insidetokyo.jp e deixe seu comentário.

Comentários: 0 palpites

Tags: blog, Centenário, tecnologia

Inside Tokyo

Disponível em: <http://www.insidetokyo.jp/>

Periodicidade: 3X por semana

Inside Tokyo é um desmembramento do blog *Mundo Geek* sendo também de autoria de Claudio Urayama, enquanto o primeiro centra-se em assuntos ligados a tecnologia, este apresenta "[...] fatos do momento no Japão, repercutindo os noticiários, a cultura e o comportamento dos japoneses, além de falar das boas tiradas dos programas de entretenimento [...]", como o próprio autor define a temática deste blog. A primeira postagem é de 02 de junho de 2008 e o público-leitor tende a ser próximo do mesmo que já acessava periodicamente o primeiro blog do autor.

31 de maio de 2009

Título: O que muda com a revisão da lei de imigração?

Imagem 15: Postagem sobre as mudanças estabelecidas pela Revisão da Lei de Imigração

Fonte: < http://insidetokyo.jp/2009/05/o-que-muda-com-a-revisao-da-lei-de-imigracao/>

Assunto e análise: Nesta postagem torna-se clara a preocupação gerada pelo agravamento da crise econômica que afeta a economia japonesa (e mundial como um todo). No Japão, as montadoras de carros e produtos eletrônicos foram as grandes atingidas por dedicarem a maior parte de sua produtividade para o mercado externo. Com a redução de procura, houve um brusco corte de mão de obra não qualificada, o que recai principalmente sobre a população imigrante. Neste momento, se inicia um processo de revisão da lei de imigração o que pode gerar uma nova caracterização do processo migratório no Japão, além de afetar os estrangeiros já residentes no país.

Importante notar que a informação original foi veiculada em japonês no jornal *Asahi Shinbum* e em inglês no site do mesmo periódico. Aqui, Urayama realiza uma prestação de serviços não apenas traduzindo, como principalmente replicando a notícia retirada de outra mídia, de forma que demais blogueiros e leitores possam criar um hiperlink para a informação ou retransmiti-la entre seus próximos da comunidade digital. Com isso, o debate transpõe a troca em rede digital para tomar corpo em uma comunidade física.

Postagem*: A revisão da Lei de Reconhecimento de Refugiados e Controle da Imigração faz parte do programa para reduzir o número de ilegais no país. Uma das mudanças é a criação de um sistema unificado para os estrangeiros, que seria administrado pelo Ministério da Justiça.*

Veja algumas mudanças propostas e que foram publicadas no Jornal Asahi e estão aqui reportadas:

O atual registro de estrangeiro (foto) seria abolido

O Ministério da Justiça vai emitir um novo cartão de residência, equipado com um chip (IC Card), para os estrangeiros que vivem no Japão há três meses ou mais. O atual certificado de registro de estrangeiro (gaikokujin toroku shomeisho) será abolido e os estrangeiros terão que usar o novo cartão de identificação, onde constará o nome do portador, foto, data de nascimento, sexo, nacionalidade, estatus de residência e validade do visto. Apenas quem estiver legalmente no país receberá o cartão de residência (zairyu).

Isso vai permitir que autoridades identifiquem estrangeiros ilegais, verificando se eles portam o documento ou pegando informações na escola ou na empresa onde trabalham. O projeto também inclui punições como prisão de um a dez anos ou deportação de pessoas que falsificarem o cartão.

Os estrangeiros terão que reportar ao Escritório da Imigração, qualquer mudança de emprego, escola ou endereço. De acordo com a lei atual, esses moradores devem reportar

tais mudnças somente à prefeitura. Esse sistema impede que a imigração rastreie os estrangeiros.

A revisão da lei também vai permitir que a imigração investigue grupos voluntários, instituições e outras entidades responsáveis por ajudar os estrangeiros a entrar no país.

Os chamados residentes com permanência especial – cerca de 420.000 coreanos que vivem no Japão – não serão obrigados a usar o novo cartão de residência. Eles receberão um novo certificado de identificação.

Para reduzir o tempo e os papéis envolvidos no procedimento de renovação do visto, a revisão também pretende estender o período de estadia para cinco anos, dos estrangeiros que atualmente têm permissão para ficar no Japão por mais de três anos (situação em que se encontra a maior parte dos brasileiros no país).

O projeto também inclui a criação de um novo tipo de visto de residência para os estrangeiros que estão vindo para o Japão sob o programa governamental de trainee, um sistema que permite a transferência de conhecimento técnico do Japão para outros países. Sob esse sistema, estrangeiros participam de oficinas e programas de treinamento em companhias japoneseas por mais de três anos.

Entretanto, o sistema tem sido criticado porque algumas empresas tiram proveito dos trainees, fazendo eles trabalharem excessivamente por longas horas por baixos salários. No primeiro ano da estadia, os trainees estrangeiros não são oficialmente reconhecidos como trabalhadores e por isso não são protegidos pelas leis trabalhistas do país.

O estatus de residência para estudantes internacionais será dividido em "estudantes universitários", que atendem uma universidade ou instituição de ensino superior e "estudantes pré-universitários", que atendem escolas do ensino médio e de língua japonesa. As duas categorias seriam integradas para facilitar o procedimento para que os estudantes mudassem o estatus de residência quando fossem para uma instituição de ensino superior.

A permissão de re-entrada, que os moradores estrangeiros precisam obter antes de sair do Japão temporariamente, não seria mais necessária se esses moradores tivessem a intenção de voltar em menos de um ano. Depois da aprovação do projeto, o novo sistema deve ser implantado em três anos. (Yomiuri/Asahi)

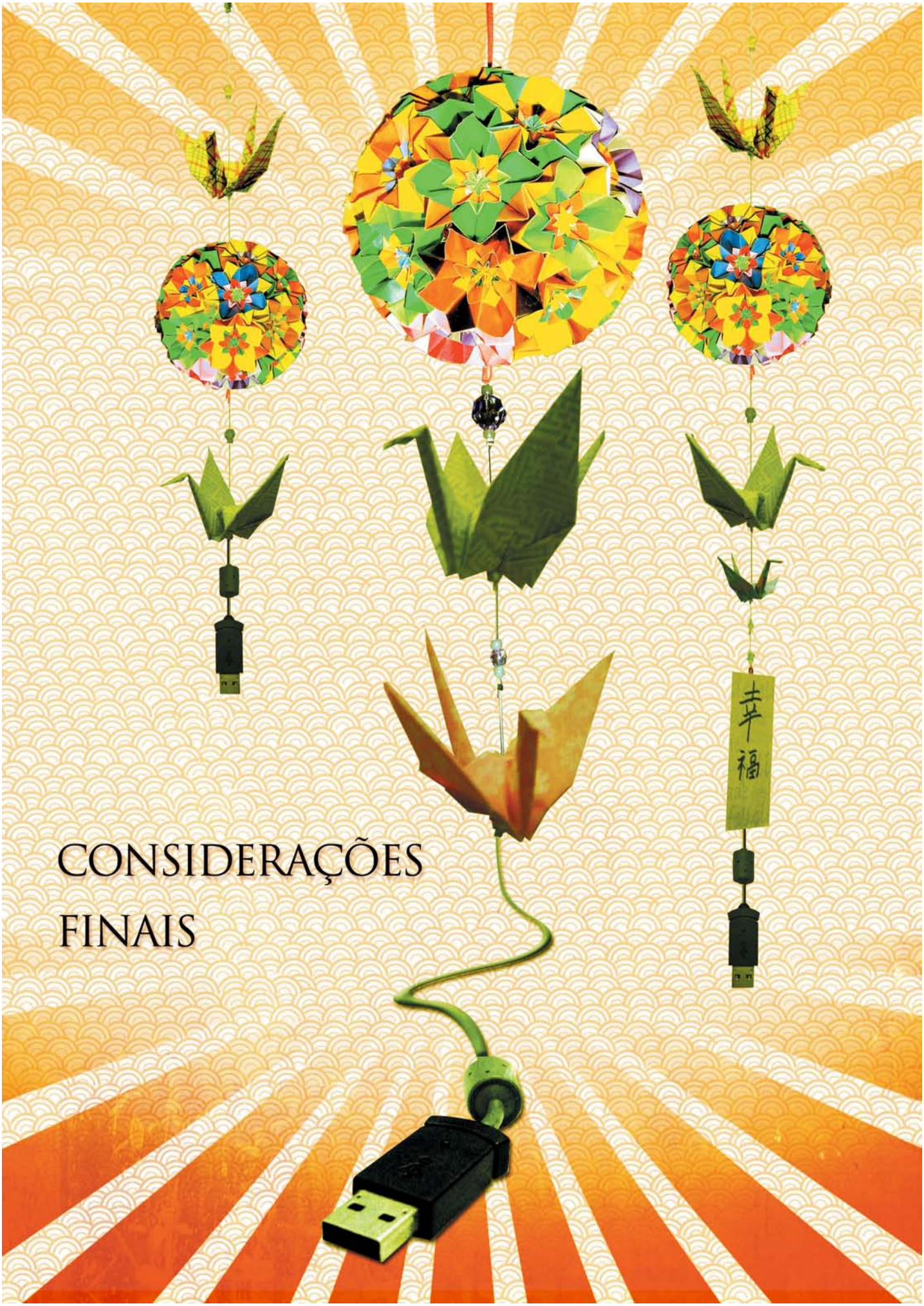
Agora o meu texto: A Federação dos Advogados do Japão e organizações sem fins lucrativos são contra a reforma porque acham que ela viola os direitos humanos dos estrangeiros, segundo divulgou o jornal Japan Times. Eles afirmam que esse tipo de coisa seria inaceitável para os japoneses por isso o governo precisaria explicar porquê essas regras seriam necessárias para os estrangeiros.

O grupo também critica o valor da multa de 200.000 ienes (cerca de U$ 2.100) que esses moradores terão que pagar, se não estiverem portando o cartão quando forem abordados por policiais na rua.

Popularity: 81%

Comentários: 1 palpite

Tags: dekassegui, lei de imigração, desemprego



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação apresenta vários pontos que, não tão conclusivos, são argumentos de partida para novas investigações e aprofundamento. Muito mais que a compreensão dos blogs apoiada em dados fornecidos pela tipologia e detecção de comunidades em ambientes virtuais (Primo, 2006) ou pela teoria da Análise do Discurso (ORLANDI, 2000), este estudo buscou ler o universo compartilhado dos dekasseguis nos registros expressos e presentes neste meio comunicativo.

Por trás de cada blog há um sujeito carregado de experiências, em processo de constante modificação e com problemáticas que, mesmo provindas de fatores externos como o impacto de uma crise financeira, são (re)interpretadas segundo a compreensão de mundo e coletividade que compõe.

A cada passo, foi dito e justificado que o blog não é uma simples ferramenta, porém parte e extensão do homem ao incorporar não apenas o hábito de partilhar informações por meio da tecnologia, mas re-significar as relações sociais ao repensar seu posicionamento diante do mundo graças à opinião coletiva trazida e fornecida pela rede digital.

Sem fronteiras, “blogueiro linka blogueiro” e, por meio das relações sociais tecnológicas descritas por Meyrowitz (1985), corpos, mentes, corações e máquinas se encontram interligados. Para Meyrowitz (1985), os agentes de interação são tanto os homens quanto os meios de comunicação. Isso faz com que a rede seja vista como um ambiente imersivo e proporcione interações entre esta esfera humana e a esfera tecnológica.

São estas interações em ambiente imersivo e digital que promovem a experiência deslocada para fora do sujeito. Isso faz com que o ambiente e a interface permeiem um novo tipo de significação da dinâmica social na qual as relações de identidade, alteridade, noções espaciais e temporais passem a ser totalmente re-significadas. E esta é a situação atópica (DI FELICE, 2008b) mesclada pelas relações sociais tecnológicas que Meyrowitz (1985) se refere.

Em cada comentário (*post*) presente nos blogs é acionada a tecnologia e o humano. O sentimento humano por meio da tecnologia. A tecnologia híbrida e habitando o mesmo espaço dedicado aos sentimentos compartilhados pelos internautas. Na rede não há apenas um espaço, um único território, mas territórios múltiplos e interligados. Interconectados e hipertextuais, formando o meta-território.

Enquanto 100 anos atrás, no início da imigração japonesa no Brasil, os primeiros imigrantes orientais levavam um mês para chegar à nova terra, hoje o nipo-brasileiro percorre,

de avião, o trajeto inverso em 24 horas. As cartas que atravessam os mares até chegar ao outro continente, hoje já não são tão demoradas. Porém, as mãos que as recebem continuam ansiosas por notícias. Por meio dos blogs, o imediatismo se faz presente. E não apenas a pessoa distante escreve para sua família, mas conquista novos amigos ao publicar na Internet sua impressão perante a realidade deparada. Novas amizades são criadas nos mais distintos territórios geográficos e todas elas unidas graças à afetividade, a identificação pelo interesse comum. Desta forma, toda a partilha existente nos blogs é sincera já que provém de uma iniciativa própria. A partir do momento que o comentário do blogueiro promove a discussão e ela reverbera, sua voz é amplificada unindo-se a vozes semelhantes, mas nem sempre conhecidas. Este é o poder do coletivo e do autêntico na rede.

As fronteiras físicas perdem espaço para o desterritorializado existente e imanente à web. A Internet aproxima seres unidos pelas mesmas afetividades, por identificações que transpõe a territorialidade. Por meio da subjetividade do discurso presente nos blogs, foi possível fazer o percurso também histórico da população dekassegui e da realidade que hoje vivem. Blogueiros acabam ganhando notoriedade e reputação na web formando ao seu redor uma pequena (mas fiel e significativa) audiência sendo a fonte geradora e construtora da informação. A partir da concretização de sua reputação perante os leitores e co-autores das páginas, os blogs passam a atuar como mídia e fonte de notícias, rompendo a hegemonia da atuação da mídia de massa. No caso desta dissertação, tal fato mostrou-se presente na mobilização de blogueiros e seus leitores, os quais repassavam *hiperlinks* sobre passeatas, palestras e agências de emprego durante o período da crise econômica, quando o índice de desemprego principalmente entre os imigrantes se tornou preocupante, tanto para o governo brasileiro, quanto japonês.

Para Chris Anderson (2006) é a união desses pequenos públicos de blogs semelhantes que formam preferências representando uma multidão conectada e que acabam por criar hiperlinks, pulverizando as mesmas referências que se tornam significativas com a tecnologia criada pelos sites de busca (*Search Engine*). A manutenção destes *links*, ganhando status de referência com a comunicação digital, gera a conversação, possibilitando aos indivíduos a formação de seu próprio circuito comunicativo, independente da grande mídia massiva. Com isso, está formada a cauda longa (Chris Anderson, 2006). Pequenos e fiéis públicos unidos (se tornando muitos se forem analisados de uma forma grupal) pelas mesmas preferências específicas, porém comuns.

Debatidas nas redes sociais da Internet, as discussões, no caso dos blogueiros e do grupo dekassegui aqui analisados, propiciaram o encontro presencial dos autores e atores em

rede, ganhando as ruas no formato de passeatas e manifestações pacíficas. Assim, mais uma vez, a situação social tecnológica (Meyrowitz, 1985) também é afirmada atenuando barreiras entre a tecnologia e o homem.

Em *O Japão e eu, meu Japão é muito mais legal*, Ewerthon Tobace comenta, com suas próprias palavras, este caminho de ida que, um dia, fora feito ao contrário: *"Um dia, meu avô resolveu enfrentar o desconhecido. Chegou ao Brasil de mala e cuia, sem falar a língua e lá criou os filhos. Agora faço o caminho inverso e, a cada dia, descubro o fascínio da 'Terra do Sol Nascente'. Para o alto e avante!"* Nele, o blogueiro compartilha fatos trazidos como jornalista, porém interpretados a partir de uma ótica pessoal e particular que o nomeia de blogueiro. É justamente esta ótica que o diferenciou, em seu blog *Janela Dekassegui*, entre os demais repórteres e participantes do projeto da Editora Abril para a comemoração dos 100 anos Brasil-Japão.

A imigração nipo-brasileira também passou por uma reconfiguração tanto baseada no perfil destes migrantes, como ainda no objetivo e tempo de estadia por eles determinados. Herika Miyashiro e Luiza Hidemi, autoras de *Fragmentos* e *Dekasegui*, são exemplos destas mudanças. Por um lado, a primeira chegou ao Japão, no início da década de 1990, quando a mão de obra estrangeira era bem remunerada, as leis de controle de imigração tinham acabado de entrar em vigor fazendo com que os estrangeiros legalizados tivessem um maior amparo social, mas, ao mesmo tempo, sem provir de uma prestação de serviços e atendimento, uma "raiz", voltada especificamente para o seu grupo imigrante. Além disso, após 18 anos, a blogueira já se encontra plenamente estabelecida no Japão. Em suas postagens, a autora de *Fragmentos* registra seu cotidiano e relação com as filhas, a amizade com dekasseguis e muitos japoneses, os hábitos daquele país que já não são mais vistos com estranhamento ou novidade, a eficiência do sistema de educação infantil japonês.

Por outro lado, Luiza Hidemi é a típica representante desta fase mais atual de imigrantes nipo-brasileiros. Jovem, casada com um não-descendente, sem domínio amplo da língua e sem período fixado para retornar (apesar de ansiar pela volta ao Brasil), a autora de *Dekasegui* já encontra comodidades que a blogueira anterior não via quando chegou no Japão. Hoje existe um comércio étnico (PORTES, 2001) e uma ampla presença de brasileiros em cidades como Aichi, Toyohasi, Gifu, entre outras, fazendo com que o próprio governo local use um sistema de sinalização bilíngüe.

Nos 36 posts analisados, em um universo de 360 lidos nos oito blogs escolhidos, percebe-se a comunicação e laço social existente entre eles. As temáticas, dispostas em *tags*, também fortalecem a existência de uma comunidade social digital ao se mobilizarem pelos

mesmos interesses: choque cultural, imigração, cotidiano, leis trabalhistas, universo dekassegui.

Com esta nova situação social tecnológica existente e verificada nos blogs, o distanciamento da relação homem-máquina é menor, assim como as afetividades ganham um novo traço para a sua manutenção. Do *Kasato Maru* ao porto digital, a identidade midiática mantida pelos dekasseguis não necessita de deslocamento físico, já que o deslocamento de informações e conhecimentos é constantemente aprimorado na rede digital. O deslocamento, tanto cognitivo quanto informativo ou até mesmo sensível, é mantido vivo e pulsante porque a Internet traz esta nova forma de aproximação afetiva.

Neste sentido, um importante indicativo verificado em 100% dos blogs analisados é que o trabalhador nipo-brasileiro ali retratado se dirige ao Japão em busca de trabalho (motivação econômica como a principal) e, grande parte, justifica a migração – quando perguntado logo que chega naquele país - pela busca de sua identidade. Ao conviver com a sociedade japonesa, já não é chamado de "japonês", mas de brasileiro, um estrangeiro com características físicas (fenotípicas) semelhantes ao oriental. Entretanto, seus costumes se diferem (e muitas vezes se chocam) já que provém de uma herança cultural distinta e de raiz miscigenada, próprias da cultura brasileira. Assim, percebe-se que o que se encontra em questão não é a sua identidade no sentido sociológico tradicional (e, com isso, a procura pelas raízes étnicas), mas sua identificação (ou não) com a cultura daquele arquipélago. Seguindo este raciocínio não cabe, portanto, dizer "retorno" ao Japão já que a motivação destes imigrantes é predominantemente econômica e haver uma identificação com (alguns) costumes ao serem traduzidos e (re)adaptados à carga cultural acumulada pelo indivíduo.

Porém, se tomarmos como ponto de análise a Comunicação, é possível falar que a relação social tecnológica estabelecida pelo digital proporciona uma mobilização da identidade comunicativa destes dekasseguis em torno de um comum midiático. Tomando como base o conceito de Appadurai (1996), a partir do momento que o movimento migratório transnacional destes trabalhadores está estabelecido (e no caso já existe há mais de vinte anos), uma mídia especifica e voltada para este público gera uma redefinição simbólica trazido pelos contatos interculturais e suas trocas híbridas, caracterizando a existência do *mediascape*.

Primeiro pela mídia massiva, mas principalmente potencializada pelo digital, a identidade midiática torna-se responsável pela manutenção da identidade dekassegui e da cultura traduzida para a nova realidade que habita. No blog, como não há separação entre

emissor e receptor, a construção da identidade midiática está em constante processo de manutenção por meio da tradução (CANCLINI, 2007) e de sua releitura.

Assim, através da (e pela) web 2.0 e suas redes sociais como o blog, estes locais são hoje habitáveis e construídos por todos potencializando a circulação de práticas de reflexão, debate e apropriação dos discursos que transitam nas esferas públicas. Apropriação e adaptação ao ocorrer em função de uma cultura híbrida própria do grupo imigrante e em contexto de transnacionalismo determinado.

Logo, do Brasil seguiram não apenas mão-de-obra para movimentar a economia japonesa (e globalizada), mas principalmente *de cá seguiram* sujeitos que movimentam e produzem narrativas únicas, com todo o cargo de propriedade e autoridade sobre esta nova realidade vivida em nossa contemporaneidade. *De cá seguiram* atores que, na rede e em rede, transpõem diferenças regionais e culturais criando novas perspectivas sobre a própria questão da identidade e suas identificações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRUZZESE, Alberto. **O esplendor da TV:** origem e destino da linguagem audiovisual. São Paulo: Studio Nobel, 2006.

AL-ALI, Nadje; KOSER, Khalid (Ed.). **New approaches to migration:** transnational communities and the transformation of home. London: Routledge, 2001.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

APPADURAI, Arjun. **Modernity at large:** cultural dimensions of globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. (Public Worlds, 1)

ARAI, Jhony; HIRASAKI, César. **100 anos da Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

ARPANET. **Wikipedia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/ARPANET>. Acesso em: 26 mar. 2009

AVANCINI, Atilio. **Entre gueixas e samurais**. São Paulo: Edusp, 2008

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total:** mito-ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 212-247.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEIGUELMAN, Giselle. **Admirável mundo cíbrido.** Disponível em: <http://www.pucsp.br/~gb/texts/cibridismo.pdf>. Acesso em: 27 abril 2009.

BENKLER, Yochai. **The wealth of the networks:** how social production transforms markets and freedom. New Haven: Yale University Press, 2006.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: UFMG. 2005.

BLOGOSFERA. **Wikipédia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/ wiki/Blogosfera>. Acesso em: 28 mar. 2009.

BLOOD, Rebecca. **The weblog handbook**: practical advice on creating and maintaining your blog. Cambridge: Perseus Publishing, 2002.

_____. **Weblogs:** a history and perspective. 2000 Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html>. Acesso em: 26 nov. 2008.

BORNSTEIN, Lisa. From carioca to karaokê: Brazilian guestworkers in Japan. **Berkeley Planning Journal**, v. 4, p. 48-75, 1992.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Coleção Interface).

CANCLINI, Nestor García. **Estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2006.

_____. **A globalização Imaginada.** São Paulo: Iluminuras, 2007.

CARDOSO, Ruth Correa Leite. **Estrutura familiar e mobilidade social:** estudo dos japoneses no Estado de São Paulo. 1972. 199 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1972.

CARIGNATO, Taeco (Org.). **Psicanálise, cultura e migração**. São Paulo: YM Editora & Gráfica, 2002.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; 1).

_____. Communication, power and counter-power in network society. **International journal of communication**, v. 1, p. 238-266, 2007. Disponível em: <http://ijoc.org/ojs/index.php/ijoc/article/view/46/35/>. Acesso em: 23 maio 2007.

_____. **A galáxia da internet:** reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. (Coleção Interface).

_____. **O poder da identidade.** 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, 2).

CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo:** brave modern world. Petrópolis: Vozes, 1995. (Horizontes da globalização).

CONGESTIONAMENTO online: websites sobrecarregados. **Observatório da imprensa.** Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/ter190920019993.htm>. Acesso em: 25 abr. 2009.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social**: visões da lingüística moderna. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface -** comunicação, saúde, educação, v. 9, n. 17, p. 235-248, mar/ago 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v9n17/v9n17a03.pdf/>. Acesso em: 23 maio 2007.

DEBRAY, Regis. **Media manifestos:** on the technological transmission on cultural forms. New York: Verso, 1996.

DE CARVALHO, Daniela**. Migrants and identity in Japan and Brazil:** The Nikkeijin. London: Routledge Curzon, 2003.

DE KERCKHOVE, Derrick. **A pele da cultura:** uma investigação sobre a nova realidade electronica. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

_____. Prefácio. In: GUARNIERI, Giuseppe. **Geração blogue.** Lisboa: Presença, 2006. p. 11-17.

DELEUZE, Guilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção Trans).

DI FELICE, Masimo. Atopias e tecnologias comunicativas do habitar. **Revista de comunicação e cultura**, São Paulo, n. 1, p. 66-70, 2008a.

_____ (Org). **Do público para as redes**. A comunicação digital e as novas formas de participação social. São Paulo: Difusão, 2008b.

_____. **Habitar os consumos:** o caráter comunicativo dos objetos e a crise do antropomorfismo social. São Paulo. 2001. 396 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)– Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

_____. **Paisagens pós-urbanas:** o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2008c. No prelo.

_____. Sociabilidades transorgânicas e sentires além do humano. In PERNIOLA, Mario. **O sex appeal do inorgânico**. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

DIMANTAS, Hernani. **Linkania:** a sociedade da colaboração. 2006. 73 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. **Marketing hacker:** a revolução dos mercados. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

DOI, Takeo. **The anatomy of dependence.** Tokyo: Kodansha International, 1973.

_____. **The anatomy of self:** the individual versus society. Tokyo: Kodansha International, 1986.

DOUGLAS, Mike; ROBERTS, Glenda S. (Ed.). **Japan and global migration:** foreign workers and the advent of a multicultural society. Honolulu: University of Hawaii Press, 2003.

DRUCKREY, Timothy (Ed.). **Electronic culture:** technology and visual representation. New York: Aperture, 1996.

DUUS, Peter (Ed.). **Cambridge history of Japan:** the twentieth century. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. v. 6.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese.** 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FARIA, Marcella Schneider. **As interfaces virtuais do social**: imersão e extensão em ambientes virtuais: *Second Life* e *BarCamp*. 2008. 175 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2008.

FERREIRA, Andréia. **A vida dinâmica dos migrantes entre o Brasil e o Japão:** 1) Perspectivas do Japão. 2008. Disponível em: <http://www.discovernikkei.org/nikkeialbum/pt/node/11952/>. Acesso em: 30 set. 2008.

FREIRE, Juan. Declaración de independencia de la blogosfera: por los ciudadanos hackers. **Nómada:** reflexiones personales e información sobre la sociedad y el conocimiento abiertos, 28 ago. 2006. Disponível em <http://nomada.blogs.com/jfreire/2006/08/declaracin_de_i.htm l>. Acesso em: 24 abril 2009.

FUMERO, Antonio. Un tutorial sobre blogs. El abecé del universo blog. **Telos:** cuadernos de comunicación e innovación, n. 65, Segunda Época, oct-dic. 2005. Disponível em: <http://www.telos.es/articulocuaderno.asp?idarticulo=1&rev=65>. Acesso em: 11 abril 2009.

FUNDAÇÃO JAPÃO, ASSESSORIA CULTURAL DO CONSULADO GERAL DO JAPÃO EM SÃO PAULO (São Paulo). **Estudos japoneses no Brasil.** 4. ed. São Paulo: Fundação Japão, 2007. (Pesquisa, 10).

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil.** 18. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1982. (Biblioteca universitária, 2; Ciências sociais, 23).

GATTAI, Zelia. **Anarquistas graças a Deus**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Unesp, 1991. (Biblioteca básica).

_____. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, John Whitney (Ed.). **Cambridge history of Japan:** early modern Japan. Cambridge: Cambridge University Press, 1990. v. 4.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HANDA, Tomoo. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil.** São Paulo: T.A.Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980. (Coleção Coroa vermelha; Estudos brasileiros, 3).

HARADA, Kiyoshi (Coord.). **O nikkei no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2008.

HAYASHI, Takeshi. **The Japanese experience in technology:** from transfer to self-reliance Tokyo: United Nations University Press, 1990.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem.** São Paulo: Vozes, 2003. (Pensamento Humano).

HIRANO, Sedi. **Formação da sociedade moderna no Brasil:** capitalismo moderno: relações Brasil/Estados Unidos, mercado e migrações internacionais. São Paulo: Humanitas, 2005.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO; Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da comunicação:** conceitos, escolas e tendências. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HISTÓRIA do blog. Disponível em: <http://www.blogger.com/about>. Acesso em: 26 mar. 2009.

INTER-AMERICAN DEVELOPMENT BANK. **Remittances from Japan to Latin America:** study of Latin American immigrants living and working in Japan**.** 2005. Disponível em: <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=546823/>. Acesso em: 21 set. 2007.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo:** a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996. (Cultura e sociedade, 41).

JEUDY, Henri-Pierre. **A ironia da comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2001.

JOHNSON, Steve. **Cultura da interface:** como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Coleção Interface).

JUHMPA Lahiri. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Jhumpa_Lahiri>. Acesso em: 16 maio 2009.

KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros?:** imigrantes brasileiros no Japão. São Paulo: Unicamp, 2002.

KUMON, Shumpei; ROSOVSKY, Henry (Ed.). **The political economy of Japan:** cultural and social dynamics in Japan. California: Stanford University Press, 2001. (The political economy of Japan, 3).

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social:** an introduction to actor-network-theory. New York: Oxford University Press, 2005.

_____. **Jamais fomos modernos.** 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2008. (Coleção Trans).

LAUREL, Brenda (Ed.). **The art of human-computer interface design.** New York: Addison-Wesley, 1990.

LEÃO, Lucia. **O chip e o caleidoscópio:** reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Senac, 2005.

LEMOS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

LESSER, Jeffrey (Ed.). **Searching for home abroad:** Japanese Brazilians and Transnationalism. Durham and London: Duke University Press, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999. (Coleção Trans).

_____. **A conexão planetária:** o mercado, o ciberespaço, a consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **A inteligência coletiva.** 3. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na Era da Informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Coleção Trans).

_____. Todos dizem “eu estou aqui”. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 set. 1997. Caderno Mais, p. 53.

LITVIN, Aaron. **Brazilian Okazaki:** a case study of the Brazilian “return migrant” community in Japan. Massachusetts: Harvard University, 2004.

_____. **A adaptação social e econômica dos migrantes brasileiros no Japão**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **Tempos das tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MALINI, Fabio. **O comunismo das redes:** sistema midiático p2p, colaboração em rede e novas políticas de comunicação em rede. 2007. 350 f. Tese (Doutorado em Comunicação)- Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

MARCHETTI, Marcos Paulo. **Diálogos à distância:** cultura digital e espaços de habitar. 2004. 133 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)- Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004. 2 v.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. v.1.

MATELLART, Armand; MATELLART, Michèle. **História das teorias da comunicação.** 9. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

MATIELO, Daniela. **Processos de apropriação tecnológica e desenvolvimento de competências de informação a partir dos percursos de usuários iniciantes do Programa AcessaSP.** Programa Conexões Científicas, 2007. Disponível em: <http://www.acessasp.sp.gov.br/html/modules/xt_conteudo/index.php?id=35/> Acesso em: 26 out. 2008.

MAYNARD, Senko K. **Japanese communication:** language and thought in context. Honolulu: University of Hawai Press, 1997.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place:** the eletrocnic media on social behavior. London, Oxford University Press, 1985.

MICROBLOGGING. **Wikipédia:** a enciclopédia livre, Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Microblogging>. Acesso em: 23 abr. 2009.

MITCHELL, William. J. **City of bits:** space, place and the infobahn**.** Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.

_____. **ME++:** the cyborg self and the networked city. Cambridge: MIT Press, 2003.

MIZUKO, Ito; OKABE, Daisuke; MATSUDA, Misa. **Personal, portable, pedestrian:** mobile phones in Japanese life. London: MIT Press, 2005.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORIKAWA, Hidemasa. **Zaibatsu:** the rise and fall of family enterprise groups in Japan. Tokyo: University of Tokyo Press, 1992.

MTV (Brasil). **4° Dossiê Universo Jovem MTV**, 2008. Disponível em: <http://www.aartedamarca.com.br/Dossie4_Mtv.pdf />. Acesso em: 28 out. 2008.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2000.

PARENTE, André. (Org.) **Imagem-máquina:** a era das tecnologias do virtual. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Coleção Trans).

_____. **Tramas da Rede**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004.

PERNIOLA, Mario. **O sex appeal do inorgânico.** São Paulo: Studio Nobel, 2005.

_____. **Transiti:** filosofia e perversione. Roma: Castelvecchi, 1998.

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia.** 2. ed. São Paulo: Contraponto, 2005. v. 1.

PORTES, Alejandro and Ruben G. Rumbaut. **Legacies**: The story of the immigrant second generation. Berkeley: University of California Press, 2001.

PRIMO, Alex; SMANIOTTO, Ana Maria Reczek . Comunidades de blogs e espaços conversacionais. Prisma.com, v. 3, p. 1-15, 2006. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/artigos/14_alex_primo_e_ana_smaniotto_prisma.php>. Acesso em: 11 de junho de 2009.

REDAÇÃO TERRA. Entenda a onda de violência contra a policia em SP. **Portal Terra,** 16 maio 2007. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1004769-EI5030,00.html>. Acesso em: 28 mar. 2009.

RECUERO, Raquel. **Comunidades virtuais:** uma abordagem teórica. 2001. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf/>. Acesso em: 11 nov. 2008.

REIS, Maria Edileuza Fontenelle. **Brasileiros no Japão:** o elo humano das relações bilaterais. São Paulo: Kaleidos Primus, 2001.

RHEINGOLD, Howard. **Smart mobs:** the next social revolution. Cambridge: Basic Books, 2002.

_____. **The virtual communities:** homesteading on the electronic frontier. Revised Edition. Cambridge: MIT Press, 2000. Disponível em <http://www.well.com/~hlr/vcbook/> Acesso em: jul. 2008.

ROSSINI, Rosa Ester. O retorno às origens ou a luta pela cidadania. **Revista USP**, São Paulo, n. 27, set./nov., p. 27-31, 1995. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/27/03rosa.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2008

ROTH, Joshua Hotaka. **Brokered homeland:** Japanese Brazilian migrants in Japan. New York: Cornell University Press, 2002. (The anthropology of contemporary issues).

SAITO, Hiroshi. **A presença japonesa no Brasil.** São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros: T.A.Queiroz Editor, 1980.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Primeiros pólos da imigração japonesa no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n. 27, set./nov., p. 32-45, 1995. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/27/SUMARIO-27.htm>. Acesso em: 23 nov. 2008

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. 2. ed. São Paulo: Editora Paulus, 2007.

SALAVERRIA, Ramón. **Redacción periodística em internet.** 2. ed. Navarra: Ediciones Universidad de Navarra, 2006.

SCIENCE COUNCIL OF JAPAN. **The future society envisioned by the Science Community**. Tokyo, Jan. 2007. Disponível em: <http://www.scj.go.jp/ja/info/kohyo/pdf/ kohyo-20-t32e.pdf/>. Acesso em: 27 jan. 2007.

_____. **The Japan Perspective**: the role of scientific information in society. Dez 2002. Disponível em: <http://www.scj.go.jp/ja/info/kohyo/pdf/kohyo-20-t34-2e.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 20. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

SIGURDSON, Jon. **Science and Technology in Japan.** London: Cartermill Publishing, 1994.

SILVA, Victor Hugo Kebbe da**. Um jornal entre Brasil e Japão:** a construção de uma identidade para "japoneses no Brasil" e "brasileiros no Japão". 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

SORENSEN, Ninna Nyberg; OLWIG, Karen Fog. **Work and migration:** life and livelihoods in a globalizing world. London: Routledge, 2002.

STATE of the Blogosphere 2008. **Technorati,** 2008. Disponível em: <http://technorati.com/blogging/state-of-the-blogosphere>. Acesso em: 28 mar. 2009.

SUZUKI, S.; ITO, C. A.; MAEYAMA, J. A study on the basis of field research on the education of Brazilian students. **Tokoha Gakuen University Research Review**, Shizuoka, v. 1, n. 22, p. 1-45, 2001.

TECHNORATI. **Wikipédia:** a enciclopédia livre. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Technorati>. Acesso em: 28 mar. 2009.

THING, Lowell (Ed.). **Dicionário de tecnologia.** São Paulo: Futura, 2003.

TSUDA, Takeyuki. **Strangers in the ethnic homeland:** Japanese Brazilian return migration in transnational perspective. New York: Columbia University Press, 2003.

TURKLE, Sherry. **Life on the screen:** identity in the age of the Internet. New York: Simon & Shuster, 1995.

_____. **Vida no ecrã:** a identidade na era da Internet. Lisboa: Editora Relógio d'Água, 1997. (A sociedade digital).

VIRILIO, Paul. **A bomba informática.** São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

_____. **O espaço crítico.** 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2005. (Coleção Trans).

VIZEU, Alfredo. A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação a enunciação jornalística. **Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE**, p. 1-11, 2004. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/vizeu-alfredo-producao-sentidos-enunciacao.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2009.

WARDRIP-FRUIN, Noah; MONTFORT, Nick (Ed.). **The new media reader.** Cambridge: The MIT Press, 2003.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Moraes, 1987.

WEINBERGER, David. **Everything is miscellaneous:** the power of the new digital disorder. New York: Times Books, 2007.

WIGGERSHAUS, Rolf. **Escola de Frankfurt:** história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: Difeel, 1994.

YOSHIOKA, R**. Por que migramos do e para o Japão:** os exemplos dos bairros das alianças e dos autais dekasseguis. São Paulo: Massao Ohno, 1995.

FILMOGRAFIA

A PARTIDA. Direção: Yojiro Takita. Japão: Paris Filmes, 2008. (130 min), son., color. Título original: Okuribito.

ENCONTROS e Desencontros. Direção: Sofia Coppola. Estados Unidos: Focus Features, 2003. (105 min), son., color.

ENTRE OS MUROS da escola. Direção: Laurent Cantet. França: Sony Pictures Classics/Imovision, 2008. (128 min), son., color. Título original: Entre les Murs.

GAIJIN 1: Caminhos da Liberdade. Direção: Tizuka Yamasaki. Brasil: Embrafilme, 1980. (104 min), son., color.

GAIJIN 2: Ama-me como sou, Brasil. Direção: Tizuka Yamasaki. Brasil: Riofilme/ArtFilms, 2005. (130 min), son., color.

MADADAYO. Direção: Akira Kurosawa. Japão: Versátil Home Video, 1992. (134 min).

MATRIX. Direção: Andy Wachowski; Larry Wachowski. Estados Unidos: Warner Bros, 1999. (136 min), son., color. Título original: The Matrix.

RAPSÓDIA em Agosto. Direção: Akira Kurosawa. Estados Unidos/Japão: Spectra Nova, 1991. (97 min), son., color. Título original: Rhapsody in August.

SEGREDOS Íntimos. Direção: Avi Nesher. França/Israel: Paris Filmes, 2007. (120 min), son., color. Título original: The Secrets/ Ha-Sodot.

NOME de Família. Direção: Mira Nair. Índia/Estados Unidos: 20th Century Fox Film Corporation, 2006. (122 min), son., color. 2006. Título original: The Namesake.

TÚMULO dos vagalumes. Direção: Isao Takahata. Japão: IFC Films/Imovision, 1988. (89 min), son., color. Animação. Título Original: Hotaru no haka

YUBA: Perto da Utopia. Direção: Juliana Kiyomura Moreno; Na Rae Lee. Brasil, 2004. (42 min), son., color. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BLOGS ATIVOS DE DEKASSEGUIS

A viagem de Shigues. Disponível em: <http://shigues.wordpress.com/>

A vida como a vida quer. Disponível em: <http://www.samshiraishi.com/>

Akemi Kawagoe. Disponível em: <http://akemikawagoe.spaces.live.com/>

A Maya viaja. Disponível em: <http://amayaviaja.blogspot.com/>

Angelo, no país das maravilhas. Disponível em: < http://8700048.blogspot.com/>

Armazém 14. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_armazem/>

Aperte o ALT. Disponível em: <http://apertealt.blogspot.com/>

Aprendendo Japonês. Disponível em: < http://www.aprendendojapones.com/>

Arisa. Disponível em: <http://arisana.blogspot.com/>

Arquivo de idéias. Disponível em: <http://testecelly.blogspot.com/>

Bahka Girl. Disponível em: <http://bahgirl.blogspot.com/>

Bela Vida Besta. Disponível em: < http://sampei.blogspot.com/>

Big in Japan. Disponível em: < http://elmainjapan.blogspot.com/>

Blog Vida Verde. Disponível em: <http://colunas.crescer.globo.com/blogvidaverde/>

Blog do Cardoso. Disponível em: <http://www.carloscardoso.com/>

Blog do Darcy. Disponível em: < http://www.darcy.flybysky.net/?p=13>

Blog da Naka. Disponível em: < http://blogdanaka.zip.net/>

Blog Mole. Disponível em: <http://renatodidi.blogspot.com/>

Blog da Redação. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_redacao/>

Blog da Ty. Disponível em: <http://blogdati.caixadepandora.com.br>

Blue Princess in Japan. Disponível em: <http://www.blueprincess.blogger.com.br/>

Boarding Pass Nihon. Disponível em: <http://boardingpass2.wordpress.com/>

Brasil com Z. Disponível em: <http://brasilcomz.wordpress.com/>

Brito-san no Japão. Disponível em: <http://obritonojapao.blogspot.com/>

Burajiru. Disponível em: <http://www.burajiru.blog.br/>

Cipango. Disponível em: <http://novacipango.blogspot.com/>

Como Aprender Japonês. Disponível em: <http://www.comoaprenderjapones.com/>

Ctrl+C,Ctrl+V. Disponível em: <http://ideiabrilhante.blogspot.com/>

Caipirinha de Sakê. Disponível em: < http://caipirinhadesake.blogspot.com/>

Comigo foi assim. Disponível em: < http://comigofoiassim.blogspot.com/>

Conversas (virtuais) de Cozinha. Disponível em: <http://conversasdecozinha.blogspot.com/>

Cultura Pop. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_culturapop/>

Delícia. Disponível em: < http://marisaono.com/delicia/>

Dekassegui. Disponível em: <http://hidemi-dekasegui.blogspot.com/>

De que vale seu cabelo liso. Disponível em: < http://docabeloliso.blogspot.com/>

Desabafo Aki. Disponível em: <http://desabafoaki.blogspot.com/>

Distant Daily. Disponível em: <http://cilenebonfim.com/>

Divulgando no Japão. Disponível em: < http://divulgando.zip.net/>

DNA: mestiça. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_dnamestica/> (Projeto Editora Abril No Centenário)

Eu e mais de mim. Disponível em: < http://euemaismim.blogspot.com/>

Expatriados. Disponível em: <http://expatriados.wordpress.com/>

Fragmentos. Disponível em: <http://herikamiya.blogspot.com/>

Feijões Sinergéticos. Disponível em: < http://fiwasaki.obasoft.com.br/>

Furikake. Disponível em <http://www.japao100.com.br/blog_furikake/> (Projeto Editora Abril No Centenário)

Gaijin Forever. Disponível em: < http://gaijin4ever.blogger.com.br/>

Gueixa e Samurai. Disponível em: < http://www.fofosa.com.br/>

GuraveHaato desu ka?. Disponível em: < http://www.guravehaato.info/>

Hajime no Paulo. Disponível em: < http://hajime.guravehaato.info/>

Há!Yash. Disponível em: < http://ha-yash.blogspot.com>

Histórias do Japão. Disponível em: < http://historiasdojapao.blogspot.com/>

Hiro. Disponível em: <http://shimadahiro.blogspot.com/>

ichi go ichi e. Disponível em: <http://zanucki.blogspot.com/>

ipcdigital.com. Disponível em: < http://www.ipcdigital.com/br>

It's a Wonderful Life. Disponível em: < http://danidoduti.blogspot.com/>

Janela Dekassegui. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_janeladekassegui/> (Projeto Editora Abril No Centenário)

Japão na net. Disponível em: < http://japaonanet2009.blogspot.com/>

Japonês da Pátria Filho. Disponível em: < http://japonesdapatriafilho.blogspot.com/>

J-Look. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_jlook/> (Projeto Editora Abril No Centenário)

Kamikazenauta. Disponível em: < http://kamikazenauta.blogspot.com>

Ken Jiria. Disponível em: <http://www.blogcatalog.com/blog/talk-is-cheap-1/64d13b26e814541ba1d4c290316147b0>

Kuratin Japan Remix. Disponível em: <http://kuratiinjapan.blogspot.com/>

Lord Samurai. Disponível em: <http://teruakinonikki.zip.net/>

Lost in Japan. Disponível em: < mauj77.blogspot.com>

LuBiJu. Disponível em: <http://hidemibiju.blogspot.com/>

Luma Kimura. Disponível em: <http://lumakimura.net/wlog/>

Luori scraps. Disponível em: <http://scrapsluori.blogspot.com/>

Luria e Diogo no Japão. Disponível em: <http://scrapsluori.blogspot.com/>

Mariana Spagnuolo - Direto de Tokyo. Disponível em: <http://madeinjapan.uol.com.br/blogs/>

Marcio Saiki. Disponível em: < http://marciosaiki.blogspot.com/>

Marketing na cozinha. Disponível em: <http://marketingnacozinha.virgula.uol.com.br/>

Materna Japão. Disponível em: <http://maternajapao.blogspot.com/>

Maurício Moraes. Disponível em: < http://www.mauriciomoraes.blogspot.com/>

Meu blog de receitas. Disponível em: <http://blogdereceitasdaemilia.blogspot.com/>

Meu Japão. Disponível em: <http://blogmeujapao.wordpress.com/>

Meu Japão. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_meujapao/> (Projeto Editora Abril No Centenário)

Meu Japao é assim... Disponível em: <http://meujapao.blogspot.com/>

MikTok. Disponível em: < http://miktokyo.blogspot.com/2007/09/okinawa-godmask.html>

Minha casa é o mundo. Disponível em: <http://minhacasaeumaviagem.blogspot.com/>

Moyashis. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/blog_moyashis/> (Projeto Editora Abril No Centenário)

Movimento Dekassegui. Disponível em: <http://movimentodekassegui.blogspot.com/>

Muito Japão II. Disponível em: <http://www.muitojapao2.blogspot.com/>

Mundogeek.jp. Disponível em: <http://mundogeek.jp/>

Na cozinha da dekassegui. Disponível em: <http://www.nacozinhadadekassegui.blogs pot.com/>

Nerdento. Disponível em: <http://nerdento.blogspot.com/>

Nihon Nikkei - Movimento Dekassegui. Disponível em: <http://nihonnikkei.wordpress. com/>

Nihon Nikkei 2. Disponível em: <http://nihon.samshiraishi.com>

No Armário da Ca. Disponível em: <http://www.armariodaca.com/>

No curral da ignorância. Disponível em: <http://thatty-xn.blogspot.com/>

Notícias Japão Dekassegui. Disponível em: < http://magnoliabrasiljapao.blogspot.com/>

Nos quintos do Japão. Disponível em: <http://napqp.blogspot.com/>

Nuno-san no Japão. Disponível em: <http://obritonojapao.blogspot.com/>

Odds and Ends. Disponível em: <http://morwenzzz.blogspot.com/>

O Básico do Nihongo. Disponível em: < http://aprendendonihongo.blogspot.com/>

Okinawa Champloo. Disponível em: <http://aki-eyes.blogspot.com/>

O estranho mundo do Japão. Disponível em: <http://estranhomundojp.blogspot.com/>
O Japão e eu. Disponível em: <http://nihonsugoi.blogspot.com/>

O que der na telha. Disponível em: <http://giselesilvakiwi.blogspot.com/>

Panorama Nihon. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/panoramanihon/>

Papiando. Disponível em: <http://andreia-inoue.blogspot.com/>

Pedacinhos de mim. Disponível em: < http://pedacinhodemim-franzinha.blogspot.com/>

Plurality. Disponível em: <http://myplurality.blogspot.com/>

Positividade. Disponível em:< http://positividadeyeah.blogspot.com/>

Produtos Notáveis. Disponível em: <http://robertomaxwell.com/>

Pronuc: < http://pronuc.com/desemprego-no-japao-leva-a-loucura/>

R. Shimura. Disponível em: <http://rshimura.blogspot.com/>

Rebordão no Japão. Disponível em: < http://rebordao.blogspot.com/>

Samantha Shiraishi. Disponível em: <http://samanthashiraishi.wordpress.com/>

Satoman. Disponível em: <http://satoman.blogspot.com/>

Sashimi com Farofa. Disponível em: < http://sashimicomfarofa.blogspot.com>

Saudades. Disponível em: < http://ruy.blog.ocn.ne.jp/saudades/>

Season Drops. Disponível em: <http://seasondrops.blogspot.com/>

Shigoto Doko. Disponível em:< http://www.shigotodoko.com/>

Sobre o Japão e os Japoneses. Disponível em: <http://japaoejaponeses.blogspot.com/>

Sou dekassegui. Disponível em: < http://dekassegui.zip.net/>

Sweet Denial. Disponível em: <http://www.justlia.com.br/ginolas/>

Takeo in Japan. Disponível em: < http://takeoinjapan.blogspot.com/>

TGK. Disponível em: <http://www.tgkrh.com.br/>

Terra de Barbies. Disponível em: <http://www.terradebarbies.blogspot.com>

Trends in Japan. Disponível em: < http://www.cscoutjapan.com/en/>

To the East. Disponível em: < http://totheeast.wordpress.com/>

Yokohama, the great city!. Disponível em: <http://piggy-sakura.blogspot.com/>

SITES E BLOGS CONSULTADOS

Altavista. Disponível em: <http://www.altavista.com/>

Associação Brasileira dos Dekasseguis. Disponível em: <http://www.abdnet.org.br/default.asp>

Apoio aos Brasileiros no Japão. Disponível em: <http://www.abe.mre.gov.br>

Associação Cultural Beneficente Nipo-Brasileira. Disponível em: <http://www.nikkei.org.br>

Barabási Lab. Disponível em: < http://www.barabasilab.com/pubs-socialnets.php>

Bing. Disponível em: < http://www.bing.com/>

BlogBlogs. Disponível em: < http://blogblogs.com.br/>

Brazilian School in Japan. Disponível em: < http://www.brazilian-school.com>

Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior (CIATE) . Disponível em: <http://www.ciate.org.br/ >

Centro Dekassegui. Disponível em: <http://dekassegui.ourinhos.sp.gov.br>

Centro de Estudos Orientais PUC-SP. Disponível em: <http://www.pucsp.br/pos/cos/ceorientais/>

Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI) . Disponível em: < http://www.cgi.br/>

Comunix.org. Disponível em: < http://comunix.org/>

Consulado-Geral do Brasil em Nagoya. Disponível em: <http://www.consuladonagoya.org>

Consulado-Geral do Brasil em Tóquio. Disponível em: <http://www.consbrasil.org/consulado/>

Conference Doors of Perception. Disponível em: http://www.doorsofperception.com/

Cuil. Disponível em: <http://www.cuil.com/>

Desvirtual. Disponível em: <http://www.desvirtual.com/>

Dossiê Alex Primo. Disponível em: <http://www.interney.net/blogs/alexprimo/>

e-Brazil. Disponível em: <http://www.brazil.ne.jp>

Embaixada do Brazil. Disponível em: <http://www.brasemb.org.jp>

Google Trends. Disponível em: <http://www.google.com/trends>

Guia Nikei. Disponível em: <http://www.guianikei.com>

Imagem Info. Disponível em : <http://www.imagem.info>

International Press. Disponível em: <http://www.ipcdigital.com>

Jornal Tudo Bem. Disponível em: <http://tudobem.uol.com.br/>

Laboratório de Interação mediada por Computador (UFRGS). Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/limc/pesquisa.html>

MIT Media Laboratory. Disponível em: http://www.media.mit.edu/

Opera Browser. Disponível em: <http://www.opera.com/browser/>

Portal Dekassegui. Disponível em: <http://www.portaldekassegui.com/>

Projeto Editora Abril no Centenário da Imigração Japonesa. Disponível em: <http://www.japao100.com.br/>

Rebecca Blood. Disponível em: <http://www.rebeccablood.net/>

Revista Alternativa. Disponível em: <http://www.alternativa.co.jp>

Revista Gambare. Disponível em: <http://gambare.uol.com.br/>

Slashdot. Disponível em: < http://slashdot.org/>

Smart Mobs (Howard Rheingold´s home page) . Disponível em: <http://www.smartmobs.com/>

The Interactive Institute. Disponível em: <http://w3.tii.se/en/>

Technorati. Disponível em: < http://technorati.com/pop/blogs/>

UOL. Disponível em: <http://www.uol.com.br/>

Yahoo. Disponível em: <http://br.yahoo.com/?p=us>

Wikipedia. Disponível em: <http://www.wikipedia.com/>

ANEXOS

ANEXO A - ENTREVISTA COM O BLOGUEIRO: *BAHKA GIRL*

Nome: Romina Sato

Data: 15 de julho de 2009

Olá Juliana,

Obrigada pelo comentário no meu humilde sítio. Terei o imenso prazer em ajudá-la. Estamos ai, até porque tempo agora eu tenho de sobra sendo uma ex-deka já no recomeçando no Brasil, rs.

Kisu!

1. Qual razão te levou a blogar?

Criei o blog há uns 6, 7 anos, quando quase ninguém tinha, quase nenhum brazuca, era mais os gringos que usavam. Usava como um substituto de diários (daqueles dos anos 90 rs onde colávamos coisas do cotidiano e ficava um absurdo de grande). Sempre AMEI escrever e o blog veio pra facilitar a minha vida, afinal, poderia inserir imagens, formatar as letras, cores, etc. Claro que hoje sinto saudades das agendas multicoloridas, mas digo que acompanhei a modernidade rs. Eu deixei de escrever por um tempo e só depois que fui pro Japão que voltei, para contar a vida do outro lado do Brasil.

2. Por não divulgar seu nome, vc vê diferença entre vc e a Bahka Girl?

Eu divulgo meu nome, em um post ou outro, jogo meu nome. Inclusive um dos primeiros posts é um questionário que eu respondi, como aqueles cadernos na época da escola onde todos os colegas respondiam as perguntas com suas próprias letras rs. A BAHka Gaijin veio porque meu nickname desde muito tempo sempre foi bahgirl. Quando fui ao Japão, achei apropriado passar para BAHka Gaijin devido aos micos que paguei quando cheguei e que até a hora de ir embora não deixei de pagar. A Romina é a BAHka Gainjin e a BAHka Burajiru. Meu nome é muito marcante, diferente, qualquer um reconheceria. Não é todo dia que vc conhece uma Romina na rua e preferi deixar como Bah pq não queria uma publicidade enorme para o meu blog, apesar do blog ser muuuito público rs.

3.Quando vc bloga, vc leva em conta as pessoas q vão te ler ou isso não faz diferença?

Hoje em dia eu levo, tenho uma listinha de blogs que me acompanham e na maioria das vezes são as pessoas que estão adicionadas nos meus favoritos. Amigos blogueiros de Japão, em sua maioria. Agora que sei que tem pessoas que lêem, talvez não conte tuuudo do jeito que

gostaria, mas antigamente confesso que não me importava, o importante pra mim era escrever o que vinha e tinha vontade de escrever. Era desabafar. Continuo fazendo isso, mas expondo menos detalhes pessoais.

4. Vc desenvolveu algum tipo de contato (amizade, coleguismo, etc) com os outros blogueiros que visitam sua página e deixam comentários? Ou vcs se "encontram" só na net mesmo?

Uma delas adicionada nos meu favoritos, calhou de ser minha vizinha no Japão. Acabei conhecendo ela através de um comentário em um blog de uma outra pessoa. Descobri mais tarde que eu já havia trabalhado com duas das irmãs dela. Fomos nos aproximar quando estava de data marcada de volta ao Brasil. Uma pena porque foi bem na hora que começamos a fazer uma amizade. E outros são leitores de blogs de meus outros amigos blogueiros. Aqui é assim, um conhece o outro, entra no blog, comenta e todo dia vai assim, comentando e adicionando.

5. O hábito de blogar é comum entre dekasseguis? Sim, não e pq?

A maioria dos dekas são orkuteiros, digo que os mais pacientes e um pouco mais intelectuais que são blogueiros. Tem mais paciência pra postar, alguns já entendem mais de edição de imagens, fica mais fácil. Alguns não gostam de escrever, só de postar fotos, então usam o flickr ou o álbum de fotos do Orkut mesmo. O que tiver escrito em inglês ou japonês os brazucas fogem rs. Os que gostam de escrever, tem paciência pra ler a saga de outro deka como ele. As pessoas se identificam uma com as outras. Eu me identifiquei com muitos deles e acredito que hoje eles tentam ver o futuro deles aqui no Brasil, espelhado no que acontece comigo.

Espero que tenha ajudado, qualquer coisa, pode perguntar de novo, sem problemas. Estamos ai pra ajudar. Muita sorte na sua tese e me conte os resultados, ok? Eu moro em Sampa, na zona sul. Meu marido que é de Floripa e de vez em nunca vamos pra lá e de vez em sempre sonhamos com a nossa casinha na beira da praia rs... Quiser marcar um coffee vamos lá, menos no Starbucks que eu não gosto pq tenho trauma do Japão rs... café é muito ruim e de preferência depois do meu concurso rs.

Kisu!

ANEXO B - ENTREVISTA COM O BLOGUEIRO: *FRAGMENTOS*

Nome: Herika Miyashiro

Data: 15 de julho de 2009

Olá Ju (já fiquei íntima =p)!

Fiquei feliz em saber um pouquinho mais sobre você. É interessante saber que tipo de gente me visita.

Bom, quanto às suas perguntas.

1. Qual razão te levou a blogar?

Queria um diário da minha gravidez, do crescimento e desenvolvimento da minha filha. Era fechado, apenas eu o lia, mas com o tempo acabei abrindo ao público para que a família, que mora longe, poder acompanhar nossa vida. Meus pais e sogros moram no Brasil e meu irmão mora em Aichi (estou em Shizuoka). Devido à distância, achei que seria o modo mais fácil de todos acompanharem o crescimento das crianças.

Na verdade falo um pouco de tudo que me interessa, bem diarinho mesmo, assim os leitores conseguem conhecer melhor a autora dos textos.

2. Por não divulgar seu nome, vc vê diferença entre vc e a Bahka Girl?

Não, não vejo diferença. Apesar do fato de preservar o nome publicamente, ela escreve sobre sua vida como eu. Se conseguir estreitar a amizade ela se identifica sem problemas. Eu troco emails e sei o nome dela.

3.Quando vc bloga, vc leva em conta as pessoas q vão te ler ou isso não faz diferença?

Claro que levo em conta. Tem muita coisa que gostaria de escrever que acaba ficando fora do blog. Alguns desabafos que sei que vai acabar magoando certas pessoas eu não escrevo, evito temas polêmicos porque não quero militantes radiacais ou debates acalorados, exponho minha vida com certos limites. Coloco apenas o que quero dividir, não coloco tudo.

4. Vc desenvolveu algum tipo de contato (amizade, coleguismo, etc) com os outros blogueiros que visitam sua página e deixam comentários? Ou vcs se "encontram" só na net mesmo?

Fiz muitas amizades na net, não apenas através do blog, mas orkut, twitter, facebook e várias outras mídias sociais.

Algumas pessoas conheci pessoalmente, mas como a maioria mora longe, fica difícil consumar encontros pessoais, acaba ficando um relacionamento virtual mesmo.

Muitos blogueiros que acabei fazendo amizade são meus contatos no orkut, twitter etc. A gente acaba se adicionando.

5. O hábito de blogar é comum entre dekasseguis? Sim, não e pq?

Não sei responder isso. Parece que tem muitos dekasseguis blogando e contando um pouco de sua vida nessa terra. Mas muitas pessoas não sabem mexer no pc além do Orkut e Messenger. Leem meu blog e acham sugoi eu ter um "site", algumas pessoas resolvem me imitar e começam a blogar. Postam um monte de fotos e depois de 1 mês já não tem atualização nenhuma =p

Acredito que a maioria dos dekasseguis blogueiros tem o mesmo objetivo que o meu, deixar os parentes e familiares no Brasil a par da nossa vida, além de passar informações que podem ser úteis para outros dekasseguis.

Com certeza quando estiver no Brasil podemos tomar um cafezinho e lhe apresento minhas princesas que foram o motivo da criação e continuação do blog. Também sou de São Paulo ;)

Espero ter ajudado, qualquer dúvida é só escrever. Boa sorte no mestrado.

Beijos!

ANEXO C - ENTREVISTA COM O BLOGUEIRO: *MUNDO GEEK/INSIDE TOKYO*

Nome: Claudio Urayama

Data: 16 de julho de 2009

Olá, Juliana!

Há alguns meses fui procurado por outra jornalista para uma matéria sobre a aplicação de celulares como carteira eletrônica e lembro dela ter comentado que conseguiu o meu contato através de você. Achei Kiyomura diferente e por isso acabei guardando o nome.

Uma breve apresentação:

Sou nissei, tenho 30 anos e vim para o Japão em dezembro de 95 aos 16 anos. Concluí o ensino médio através do supletivo promovido pela Embaixada do Brasil (eu havia parado na metade do segundo ano quando vim pra cá). Desde que cheguei aqui, já trabalhei como atendente em uma loja de produtos brasileiros, peão de construção civil, operário em diversas fábricas, suporte de computadores e conexão com internet, técnico de testes de equipamentos eletrônicos e agora estou trabalhando como lavador de janelas de edifícios altos. Se você já esteve no meu Flickr, deve ter notado que muitas fotos são tiradas de cima. Taí o motivo :) O rolo é bem maior, mas eu disse que apresentação seria breve. rs

Então, vamos lá:

1. Qual razão te levou a blogar?

R. Não exatamente blogar, mas a ideia de escrever começou há alguns anos. Certo dia eu estava trabalhando na minha máquina, numa fábrica de peças automotivas e ouvi dois colegas de trabalho conversando... Um estava contando o que fazia no serviço anterior ao outro "daí, tipo, eu tinha que enfiar uma peça meio assim (gesticulando, tentava mostrar o formato da peça com as mãos) num esquema, tipo uma prensa, tá ligado? Daí a máquina fazia uns esquema e quando terminava, o baguio piscava um botão e eu tinha que tirar a peça e ver se tava tudo certo." Ouvindo a conversa, fiquei pensando até que ponto eu conseguiria descrever o meu próprio trabalho sem o uso de mímicas, nem figuras ou gírias, apenas palavras. Terminei o dia não conseguindo explicar a mim mesmo, de forma clara e coerente o que eu fazia.

Algum tempo depois surgiu a moda do blog, achei que seria uma boa oportunidade de exercitar o cérebro que na fábrica fica parado a maior parte do tempo. Pensei em diversos temas, não poderia ser um relato do meu dia-a-dia porque havia nada de interessante. Então pensei em falar sobre tecnologia e gadgets, um assunto do qual eu não me cansaria. Contudo, percebi que essa área já estava pra lá de explorada - estava difícil ser original quando milhares

de pessoas estavam falando sobre o mesmo produto, o mesmo lançamento. Foi então que pensei em blogar sobre coisas exclusivas do Japão. Mais do que tecnologia, um assunto que me interessa são ideias e soluções. Tento descrever no blog a grande sacada que é determinado produto ou serviço lançado aqui. Para produzir os posts, eu me imagino conversando através do MSN com um amigo que está no Brasil e, portanto, não sabe o que está se passando por aqui. Essa técnica me ajuda a fazer descrições claras sem grandes enrolações ou formalidades.

2. Por que não divulga seu nome em Inside Tokyo?

R. Achei curioso você ter reparado que não assino o meu nome, pelo menos não no Inside Tokyo. Porém, assino no Mundo Geek.

O motivo disso não é segredo, mas você gostaria de dar um palpite antes que eu reponda?? Por que alguém que mantém dois blogs que tratam de assuntos relativamente parecidos, assina o nome em um mas não assina no outro?

3.Quando vc bloga, vc leva em conta as pessoas q vão te ler ou isso não faz diferença?

R. Sim, levo em conta de acordo com o assunto do post. Tem informação que é mais importante para o brasileiro que está no Japão, nesse caso o texto fica um pouco mais detalhado (onde ir, com quem falar, o que fazer exatamente etc.) Quando falo sobre lançamentos, principalmente de serviços, penso nas pessoas que poderiam de alguma forma aplicar a ideia aí no Brasil. É por isso que procuro colocar dados de vendas, lucros e afins . É como dizer sutilmente "por aqui está funcionando horrores e nem foi tão complicado implementar a coisa toda. Se eu fosse você, copiaria."

4. Vc desenvolveu algum tipo de contato (amizade, coleguismo, etc) com os outros blogueiros que visitam sua página e deixam comentários? Ou vcs se "encontram" só na net mesmo?

R. Embora eu não tenha me encontrado pessoalmente, ainda, posso dizer que desenvolvi uma certa amizade com um blogueiro. Até agora um... Conversamos mais pelo twitter e uma vez ou outra pelo orkut. O blog dele The City of Blinding Lights contém algumas informações bacanas sobre a vida no Japão. Ele não é descendente e está no Japão como doutorando na Universidade de Tóquio, na área de ciências da computação..acho. Esse sim vive no verdadeiro Mundo Geek. rs

5. O hábito de blogar é comum entre dekasseguis? Sim, não e pq?

R.Não sei dizer até que ponto isso é comum entre dekasseguis. A maioria dos blogs que visito são de estrangeiros que moram no Japão (não deixam de ser dekasseguis, é verdade). Mas se estamos falando de dekasseguis brasileiros, acho que a maioria prefere os fotologs que são mais fáceis de manter.

Não tenho muito interesse em blogs mantidos pelos brasileiros porque, ou está sendo escrito por alguém que tem pouco tempo de Japão e por isso ainda acha que o assento da privada computadorizada é algo muito incrível ou fala da vida particular que, de uma forma geral, não é muito diferente da minha.

Há ainda um outro o motivo, o principal, que me leva a evitar o blog da maioria dos dekasseguis: a forma estereotipada-pejorativa com que a "cultura dos japas" é tratada. São pouquíssimos os dekasseguis que dominam o idioma japonês e entendem a cultura. Não é a toa que achem tudo tão esquisito e se sintam tão discriminados o tempo todo. Aliás, o meu problema com blog de dekasseguis, é que eles reclamam demais por qualquer coisa em posts enormes. Gente que só reclama, critica e tira sarro é divertido no Twitter, em blog, não dá.

E, sim, quando eu voltar ao Brasil, vamos tomar um café. Mas, se for, no verão é cerveja, né? rs

Abraços,

Claudio Urayama

ANEXO D - ENTREVISTA COM O BLOGUEIRO: *O JAPÃO E EU/JANELA DEKASSEGUI*

Nome: Ewerthon Tobace

Data: 16 de julho de 2009

Ola Juliana!

Claro que posso te ajudar!!

De repente, num futuro proximo, posso pedir ajuda pra vc tbem, se eu comecar meu mestrado!!!rsrs

Vamos as respostas:

1. Qual razão te levou a blogar?

Estava ensaiando ha um tempo um blog. Na verdade, fiquei mais de um ano pensando na ideia do blog. Entao, veio a Karina Almeida (do blog Meu Japao) -- a gente trabalha junto desde que ela chegou aqui no Japao -- e ficamos amadurecendo a ideia de fazer um blog em conjunto. Conversa vai, conversa vem, um dia ela chegou com o blog dela pronto!! Ai, resolvi que era hora de lancar o meu blog. Foi, na verdade, como uma resposta à Karina. Mas nao so isso, porque eu ja tinha a ideia de fazer o blog antes.

Mas voltando um pouco mais na linha do tempo, na minha adolescencia eu costumava me corresponder por carta com pessoas que eu nunca vi na vida. Cheguei a ter 100 amigos por correspondência (uma loucura!).

Entao, acho que o blog foi meio que uma evolucao dessa brincadeira de contar coisas que vi ou que aconteceram comigo para estranhos. Nao que eu seja um exibicionista. Mas gosto de contar historias. Por isso tambem escolhi o jornalismo.

2. Qdo vc relata em seu blog, vê diferença entre vc, entre o indivíduo (filho, pai, marido) Ewerthon (escritor em 1a. pessoa) e o Tobace no papel de jornalista (3a. pessoa e narrador """"""imparcial""""")? Explique, por favor.

O meu blog sofreu por algum tempo de crise de identidade. As vezes eu queria ser eu, as vezes um narrador (o eu jornalista). Por isso, vc encontra posts que parecem materia e tambem posts muito pessoais. Mas de um tempo pra ca eu me resolvi com isso. O blog eh algo pessoal, como se eu estivesse escrevendo cartas para meus amigos. Comento sim coisas da profissao (uma materia legal que fui fazer), mas sem a preocupacao de ser um texto perfeito, jornalístico.

3. Em um de seus posts iniciais (26/02/2006), vc revela a questão do "Ibope" e a preocupação com a receptividade de seu blog. Como vc seleciona os assuntos? De acordo com a sua afetividade com o tema ou visando atingir o interesse de um leitor estando vc no papel de mídia?

No comeco eu me preocupava muito com esse lance de Ibope. Principalmente porque via blogs de colegas decolarem rapidamente e o meu nao saia do lugar. Mas parei com essa doideira. Ai descobri que tem muita gente que le o blog, mas nao comenta. Depois que instalei o tal do medidor de acessos, descobri que ate que ele tinha bastante seguidores. Mas como meu blog ficou inconstante (as atualizacoes), isso fez com a audiencia caisse bastante. Mas nao me preocupo mais com isso mais.

Os assuntos eu escolho aleatoriamente. Tambem atendo pedidos de leitores do blog sobre algum tema especifico. Mas eu posto o que achar mais interessante de acordo com minha visao pessoal (nem o profissional interfere).

E olha que eu ja descobri quais sao os assuntos que dao ibope. Quando estava fazendo o blog da Abril, teve post que bateu recorde de comentarios, como o da discriminacao no Japao.

4. Vc desenvolveu algum tipo de contato (amizade, coleguismo, etc) com os outros blogueiros que visitam sua página e deixam comentários? Ou vcs se "encontram" só na net mesmo?

Sim! Tem alguns blogueiros que se tornaram bastante amigos. Um deles inclusive virou amigo de cafezinho (o Paulo, do blog Plurality). Outros a gente mantem contato so pela net (principalmente por causa da distancia). Tem o Afi e a Maíra (de Portugal) que sempre deram a maior forca para o blog continuar. Os dois tambem tinham blogs, mas pararam. O Afi continua a visitar meu blog e cobrar mais atualizacao. rsrsrs

Mas tem outros (a Herika, por exemplo), que a gente so se encontra no blog mesmo.

E ainda outros (a Karina, o Julio Cesar Caruso, o Shigues) que sao amigos pessoais e que tem blog. A gente se encontra de vez em quando e sempre damos palpites sobre posts antigos ou sugestoes de posts.

5. O hábito de blogar é comum entre dekasseguis? Sim, não e pq?

Entao, o blog eh super popular no Japao. Alias, eh o pais que mais tem blogs (vc ja deve ter achado esses numeros neh?). Mas entre os brasileiros nao. E tenho minha teoria: o brasileiro nao gosta de escrever e aqui menos ainda. A rotina pesada nas fabricas eh um dos fatores de peso. Alem do cansaco/falta de tempo, tem o fato de que a maioria nao gosta/tem o habito de escrever mesmo.

Olha so: temos mais de 300 mil brasileiros aqui. A grande maioria tem acesso a internet, mas acho que nem 1% tem blog. Orkut, Flicker, Facebook e afins sim sao populares na comunidade. Msn tbem. Mas nao blog.

Bom, espero que ter te ajudado. Fui simplista e direto nas respostas. Se precisar de mais detalhes sobre algum ponto me avise.

No mais, depois me conte o resultado dessa tese.

Beijos e boa sorte!

Ewerthon

ANEXO E - ENTREVISTA COM O BLOGUEIRO: *A VIAGEM DE SHIGUES*

Nome: Gabriel Shiguemoto

Data: 21 de julho de 2009

Olá novamente Juliana,

Nossa, fiquei impressionado com o jeito que você escreve. Bem aberto, direto... já me sinto seu amigo. rs

Pelo jeito eu não preciso contar muito de mim, você parece saber praticamente tudo. Mas fique a vontade para perguntar o que quiser.

Vamos lá, às respostas!

1. Qual razão te levou a blogar?

O blog nasceu da fusão de vários objetivos. O primeiro e mais lógico foi o de poder mostrar para meus pais, amigos e familiares como estava sendo minha adaptação em terras estrangeiras. Com o passar do tempo, muitos leitores que eu não conhecia começaram a aparecer e comentar nos meus textos, o que me levou a mostrar outras coisas do Japão que não minhas experiências particulares. Comecei então a postar assuntos que julgava serem interessantes e ao mesmo tempo úteis.

Porém devo confessar que sempre tive um medo enorme de esquecer o português. Todos sabemos como é difícil aprender nossa língua mãe e como é fácil esquecer tantas regras e exceções. Portanto o blog também tem a função de me manter praticando a gramática. Coisa que faço com muito prazer pois gosto de escrever e contar histórias.

Por último e mais importante: o que me motiva a continuar a escrever é a oportunidade de devolver um pouco de informação à internet. Tantas coisas que aprendi em outros blogs, sites e vídeos que me sinto na obrigação de contribuir para aumentar o número de informação, em qualidade espero.

2.Quando vc bloga, vc leva em conta as pessoas q vão te ler ou isso não faz diferença?

No começo não, pois não pensava que um blog estilo "meu diário" fosse atrair atenção de qualquer pessoa que não me conhecesse. Mas depois vi que há muita gente que tem interesse no Japão e que gosta da cultura e dos valores do país. Então eu procuro misturar um pouco de vida privada com cultura geral. Não sou nenhum entendedor de cultura japonesa nem tenho a intenção que as pessoas pensem que eu domino qualquer assunto relacionado ao Japão, mas acho interessante mostrar as peculiariedades de um povo que é tão diferente do nosso. Gosto

de pensam que o blog serve como uma espécie de guia para as pessoas que pensam em viver no exterior como eu e que possa ajudar alguém a não entrar em furada, como eu fiz em algumas ocasiões. Aliás, o blog serve também como ferramenta para propagar ideais, e o meu é de que se deve fazer o possível para aprender o idioma do país onde se vive. Pelo menos é o mínimo que as pessoas deviam fazer no meu ponto de vista.

3. Vc desenvolveu algum tipo de contato (amizade, coleguismo, etc) com os outros blogueiros que visitam sua página e deixam comentários? Ou vcs se "encontram" só na net mesmo?

Pessoalmente eu nunca combinei encontros por causa do blog, a maioria dos meus leitores é do Brasil ou de lugares que dificultam qualquer tipo de entrosamento. Porém já encontrei em mais de uma ocasião pessoas que acompanhavam meus textos. Inclusive um brasileiro que acabara de chegar ao Japão e dizia ler meu blog para poder conhecer mais sobre o lugar onde trabalharia. Também mantenho contato com alguns leitores por posts ou mesmo por e-mail. É muito gratificante.

4. O hábito de blogar é comum entre dekasseguis? Sim, não e pq?

Não me considero um dekassegui, pelo significado que o termo adiquiriu no Japão. Dekassegui geralmente serve para classificar aquela pessoa que vem ao Japão com o intuito claro de ganhar o máximo dinheiro e voltar para a casa o mais rápido possível. Geralmente trabalhores de fábricas ou qualquer outra indústria onde haja linha de produção. Na verdade o considero até perjorativo dependendo do uso. Há muitos brasileiros assim, mas nem todos. Alguns são emigrantes mesmo, vieram para ficar e são pessoas sérias e honestas. Os que são chamados de dekassegui geralmente não possuem boa fama. São em sua maioria jovens de origem humilde, sem estudo e sem preparo. Que quando trabalham, dão duro, mas quando estão de folga causam confusão e algazarra. Ora por não entender o idioma e as leis do país, ora de sacanagem mesmo, já que estão apenas por um curto período de tempo. Mas não é por essas qualidades que eu não me considero dekassegui, é puramente por que eu nunca tive o intuito de fazer dinheiro aqui e nunca enviei um tostão sequer para o Brasil (embora quisesse poder).

Por essa análise diria que não é todo dekassegui que bloga, já que muitos devem ter dificuldades com redação. As pessoas que blogam no Japão comunmente não se enquadram no termo "dekassegui" e é possível ler em seus muito relatos que elas não se sentem parte do grupo e muitas vezes usam o blog para desafogar rancores e mágoas geradas dentro da fábrica. Apesar de trabalhar como um, a maneira de pensar e agir difere dos demais. Talvez meu texto soe um tanto quanto eletista, mas acredite em mim: só quem conviveu com dekasseguis entende o que é ser visto como cidadão de terceira categoria no estrangeiro.

Se pergutasse para mim, diria que as pessoas na condição de dekassegui blogam por que a vida de operário num país rígido como o Japão é estressante e deprimente. O único contato

que a pessoa tem com os amigos e a família muitas vezes se dá pelo blog. E ainda mais importante, através do blog essas pessoas encontram párias no mundo virtual que as apóiam e as entendem. Blogar te faz sentir parte de um todo, mesmo que esse todo seja invisível e imaterial, porém isso não faz com que ele deixe de ser real.

Espero que ajude no seu trabalho de pós-graduação!

Um abraço!

ShigueS